



***O ritmo efervescente da música envolvendo-os numa doce magia!***

Quando cruzou a porta da sala onde seria submetida ao teste, a jovem Toby Wells disse adeus à infância e à certeza de que só deixaria a casa paterna para assumir um casamento. Suas composições a levariam aos palcos de Nova York seria uma estrela do *ragtime*.

Dominando o nervosismo, sentou-se ao piano para executar suas composições, alheia à perturbação que provocava em Michael Sedaine. O famoso empresário lutava para analisar o trabalho com olhos imparciais, para avaliar a artista, não a mulher bonita e audaciosa que havia abalado fortemente seus sentidos.

Porque Toby desejava iniciar uma carreira artística sem permitir que nada, além da arte, a prendesse. Apenas a música deveria expressar seus sentimentos e garantir sua passagem para um outro tipo de vida, independente, sem os laços tiranos do amor.

***Disponibilização: Marisa Helena***

***Digitalização: Marina***

***Revisão: Regina Celi***





Título em português: Ao Som do Ragtime  
Copyright © by Antoinette Bronson & Maureen Woodcock  
Publicado originalmente em 1991 pela  
Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob  
qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos,  
são fictícios. Qualquer outra semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera  
coincidência.

Título original: Ragtime Dawn  
Tradução: Cristina Sangiuliano  
Copyright para a língua portuguesa:  
Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.  
Impressão e acabamento: Gráfico Círculo.

## CAPITULO I

Antes de entrar no edifício, Toby Wells conferiu mais uma vez a imagem refletida na vitrine e deu-se por satisfeita. Apreciou a sobriedade elegante, a maturidade inquestionável e, mais importante, a aparência comum. Embora preferisse vestidos e penteados não convencionais, julgou não ser essa a ocasião apropriada para desafiar as tendências tradicionais.

A moda corrente exigia cabelos presos no topo da cabeça e golas altas. Obedecendo aos ditames da formalidade, Toby abriu mão da fita com que costumava prender os cachos dourados e deixou os vestidos de algodão, simples e leves, pendurados no armário.

Naquele dia, deveria exibir uma aparência elegante, sofisticada e artística, ou seja, o oposto da verdadeira Toby: uma mocinha despretensiosa, de vinte e dois anos, que jamais se aventurara além dos limites de Saint Louis, sua cidade natal no Missouri. As canções que compusera e agora carregava na pasta apertada contra o peito seriam sua passagem para Nova York e uma nova vida.

Ao entrar na loja de artigos musicais, Toby hesitou. A Companhia Musical Sedaine publicara um anúncio convidando: "Compositores e letristas! Marquem o dia de maio de em seus calendários! Tragam suas composições e nós as publicaremos!"

Até o dia anterior, quando leu o anúncio, havia imaginado que fora selecionada, juntamente com alguns poucos compositores, para apresentar-se a Michael Sedaine. A falsa esperança era resultado da resposta pessoal do Sr. Sedaine à carta que ela lhe enviara. Mas depois de ler a convocação, Toby já não sabia o que a esperava na loja de pianos. Suspirou resignada e seguiu as indicações pelo corredor estreito. Quanto mais se aproximava da porta fechada, mais intenso se tornava o ruído de vozes abafadas do outro lado. O burburinho crescia em proporção direta a sua ansiedade.

Ao estender a mão para a maçaneta, percebeu que tremia, mas concluiu que sua hesitação nada tinha a ver com medo, e sim com a excitação causada pela oportunidade que se abria diante de seus olhos. Havia decidido que a partir do momento que passasse por aquela porta, sua vida nunca mais seria a mesma. Este seria seu primeiro passo rumo à independência, e estava preparada para dá-lo com segurança e firmeza. Desde que Michael Sedaine comprasse suas canções...

Embora não tivesse o hábito de planejar os acontecimentos em sua vida, Toby havia se preparado com cuidado para a audição. Depois de estudar piano clássico, composição, ritmo, melodia, harmonia e uma infinidade de outras especialidades da arte musical, compusera três canções com todo esmero. Dedilhando os compassos no teclado e aborrecendo a família com repetidas e intermináveis execuções modificadas, concluiu o que julgava serem canções alegres e animadas. Trabalhou com afinco e, finalmente, chegava o momento da estréia!

Confiante no sucesso iminente, Toby observou com reverência o que acreditava ser "a porta da fama". A possibilidade de fracasso ou rejeição nem sequer passou por sua cabeça. Em silêncio, deu adeus à infância e à certeza sustentada pelo pai de que ela um dia deixaria a casa paterna para assumir o casamento e a maternidade, aos cuidados de

outro homem. Toby surpreendeu-se com a própria hesitação. Não costumava refletir sobre o que ou porque fazia, seguindo sempre adiante em busca de seus objetivos. Quando parava para pensar, fazia-o tardiamente e apenas se um ato resultasse em sofrimento ou pesar.

Enchendo os pulmões, abriu a porta e preparou-se para conhecer Michael Sedaine, proprietário da companhia musical. Tudo correria bem, desde que o Sr. Sedaine não fosse um velho enfadonho, cujo gosto musical variasse do pedante ao piegas.

E Toby entrou no pandemônio. Dezenas de candidatos perambulavam pelo salão, uma vez que os dois bancos encostados a uma das paredes eram insuficientes para acomodar a todos. Como ela, cada um carregava uma pasta debaixo do braço, o que matou-lhe a esperança de ocupar um lugar de destaque entre os demais. Em vez de um sonho transformado em realidade, Toby deparou com um pesadelo vivo.

Em um curto instante, o choque momentâneo deu lugar ao sentimento de solidariedade para com o cavalheiro de meia-idade sentado ao piano. A vítima — única palavra encontrada por Toby para descrever o pobre homem — tentava tocar suas canções, enquanto aqueles que aguardavam a vez conversavam em voz alta, sem qualquer respeito pelos esforços ou sentimentos do compositor, abafando por completo o som do instrumento.

A realidade abateu-se sobre Toby, mostrando-lhe que fora ingênua ao acalantar a ilusão de que seria capaz de cativar Michael Sedaine com suas composições. Sentiu-se desolada e furiosa consigo mesma por haver imaginado que tudo seria fácil, e mais ainda com o tumulto que impedia o senhor ao piano de exhibir seus talentos.

Correu os olhos pelo salão à procura de alguém que demonstrasse autoridade. Tudo o que encontrou foi um homenzinho calvo, usando óculos de lentes grossas, movimentando-se de um lado para outro com um caderno na mão. Os gestos nervosos e agitados faziam-no parecer temeroso de que, a qualquer momento, todos os candidatos se voltassem contra ele. E Toby foi tomada pelo mais completo desânimo diante da última decepção: Michael Sedaine era pior que um velho enfadonho; era um escriturário inseguro e incompetente!

Sem pensar, atravessou o salão e bateu com a pasta no piano. O baque surdo apenas fez com que o compositor interrompesse a canção, enquanto o restante do grupo continuou a tagarelar.

Determinada a pôr um fim à confusão, Toby levou dois dedos aos lábios e soprou, produzindo um assobio estridente e irritante. Como sempre, o recurso produziu o efeito desejado e o silêncio foi absoluto.

— Senhoras e senhores — Toby declarou em alto e bom tom —, agradeço a atenção e aproveito para pedir que mantenham-se calados e mostrem um mínimo de boas maneiras. Não há desculpa para tamanha falta de respeito.

O silêncio repentino não a surpreendeu. Era exatamente o que esperava quando decidiu assumir o controle da situação. Os olhares aturdidos fixados em seu rosto também não a perturbaram. Estava habituada a ser olhada daquela maneira, como se a audiência não compreendesse sua língua. O casal de irmãos gêmeos, Cléo e Mo, de dez anos, costumava reagir do mesmo jeito toda vez que ela encerrava bruscamente uma de suas querelas infantis.

— Agora, eu gostaria de ouvir a adorável canção deste cavalheiro. Por favor, senhor, toque-a desde o início. — Pousou de leve a mão enluvada no ombro do compositor

atordoado. Embora parecesse inseguro, ele lhe dirigiu um sorriso. — Por favor, estamos ansiosos por ouvi-lo! — Toby incentivou.

Michael Sedaine continuava imóvel na porta de entrada. A confusão caótica e barulhenta com que deparara deixara-o momentaneamente paralisado. Reginald, seu assistente, responsável pela organização da audição, perdera o controle da massa outra vez. Michael chegou a considerar a possibilidade de dar meia volta e partir no primeiro trem para Nova York. Saint Louis era a terceira cidade que visitava em sua busca de novos talentos e, graças a Reginald, os prejuízos eram cada vez maiores.

Enquanto ponderava suas opções — suportar mais um dia ouvindo canções enfadonhas e pouco originais, ou demitir Reginald sumariamente — Michael observou a jovem que nunca vira antes, assumir o controle da situação, como se fosse ela a responsável pela companhia. Não pôde concluir se a moça possuía uma autoridade inata ou se era uma ditadora em potencial. De qualquer maneira, provou ser infinitamente mais competente que Reginald no tocante a manter ordem e disciplina.

Mais competente e mais atraente, exceto pelo fato de exibir a mesma aparência comum às demais jovens da época. Por que todas elas estudavam com tanta atenção as revistas de moda e copiavam com exatidão o que viam em suas páginas? Era como se cada mulher que conhecesse partilhasse a mesma mentalidade coletiva, o mesmo gosto comum e a mesma formalidade afetada no vestir.

Sem perceber o que fazia mentalmente Michael despiu a loira franca e autoritária do traje engomado, substituindo-o por um vestido simples do mais puro algodão. Tirou também os grampos que prendiam os cachos cor de mel, deixando-os caírem livres à brisa da primavera. Dando um toque final, acrescentou um chapéu de aba larga, enfeitado de flores naturais.

Essa postura crítica arrefeceu quando a moça levantou o rosto para fitá-lo. Tudo o mais se apagou da mente de Michael, exceto os olhos azuis e cintilantes que o fizeram lembrar das águas de um mar calmo. Mas, pensou chamá-los de azuis não seria justo. Lápis-lazúli seria mais adequado, embora reconhecesse de imediato que nem mesmo a tonalidade profunda da preciosa gema fazia jus ao que via.

Toby não saberia dizer por que ergueu a cabeça, ou como pressentiu que um homem a observava. Todos no salão olhavam fixamente para ela, e mais um par de olhos não deveria fazer diferença. Mas fez.

Se fosse como a irmã Rosie, pensou Toby, teria desmaiado diante da visão do cavalheiro elegante parado na porta. Rosie derreteria como um delicado bombom de chocolate esquecido ao sol. Enquanto Rosamunda primava por perder a cabeça quando se tratava de homens atraentes, Toby orgulhava-se de sua atitude lógica e sensata. Talvez o fato de ter irmãos fortes e robustos a tornassem imune ao sexo oposto, embora fosse obrigada a admitir que sua prudência devia-se a razões mais práticas. Deixar-se atrair por um homem e ser correspondida nessa atração significaria tomar juízo, casar-se, ter bebês, limpar a casa, ter bebês, cozinhar, ter bebês... Ainda assim, o homem que a fitava era atraente, e Toby permitiu-se um breve momento de fantasia imaginando como seria tê-lo como namorado. Rosie ficaria verde de inveja!

Observou-o caminhar com elegância através do salão e, por mais ridículo que pudesse ser a música que estava sendo tocada parecia feita de encomenda para aquele momento, aquele homem. O ritmo era languido, o tom poético e sedutor.

À medida que ele avançava, Toby estudou-o como um pintor teria feito. Apreciou o



queixo quadrado e másculo, o nariz aquilino e os cabelos abundantes, da mesma cor e textura da zibelina. Felizmente fora salvo da perfeição por uma ligeira separação dos dois dentes da frente, que ele expôs quando lhe dirigiu um sorriso.

Perturbada, Toby deu-se conta de que o encarava fixamente e baixou os olhos para o chão. Começou a torcer as mãos, como uma colegial envergonhada. Seu dia havia se desintegrado, assim como o futuro sonhado, e ela rezou para não perder a dignidade, mesmo em face da fria e dura realidade.

A canção terminou, e com ela, os resquícios da autoconfiança de Toby desvaneceram. Ao dirigir-se para o fundo da sala, esforçou-se por parecer agradável e o mais discreta possível. Não planejava intrometer-se nos procedimentos alheios, nem destacar-se pela personalidade forte. Apenas sua música deveria falar... E dominar. Não era da sua conta de que modo a Musical Sedaine conduzia seus negócios, ou se os demais concorrentes eram rudes e grosseiros.

— Obrigado, Sr...? — Michael Sedaine começava a falar com o cavalheiro sentado ao piano, quando se deu conta de que não checara as anotações de Reginald para verificar quem seria o primeiro da lista. Estendeu a mão para o caderno que o assistente lhe entregou de boa vontade. Após uma rápida passada de olhos, voltou a dirigir-se ao candidato: — Obrigado, Sr. Wilson. Trata-se de uma bela composição, mas não estou à procura de canções românticas no momento.

Confusa, Toby parou de olhar fixamente para o assoalho e ergueu a cabeça. O homenzinho retraído e agitado jamais poderia ser dono de uma voz tão profunda e envolvente. Na verdade, esperava que ele guinchasse como um rato assustado em lugar de falar.

Sentindo-se ainda mais desolada, concluiu que Michael Sedaine não era o escriturário tímido e incompetente, mas sim o homem elegante que ela quase devorara com os olhos! Só esperava que não tivesse testemunhado sua entrada e observado a maneira como ela irrompera pelo salão, fazendo papel de tola. Seu pai costumava adverti-la, com plena razão, para que cuidasse da própria vida e não saísse por aí tomando as rédeas e intrometendo-se onde não era chamada.

Como uma criança repreendida, deslizou para o canto mais obscuro da sala, a fim de manter-se incógnita até que chegasse sua vez de tocar. Em seu lugar, uma pessoa com um pouco mais de bom senso e um pouco menos de coragem teria ido embora, mas ela estava determinada a suportar a humilhação e ficar. Havia esperado muito tempo por aquela oportunidade e não deixaria o orgulho estragar tudo.

Michael Sedaine apresentou-se e, enquanto falava, esforçou-se para não olhar na direção da garota intrépida que se retirara para o fundo da sala.

— Este será um dia longo para todos nós. Infelizmente — fez uma pausa, - lançando um olhar rápido para Reginald —, meu assistente publicou um anúncio dando a entender que se tratava de uma audição aberta. Não era essa a minha intenção, mas o leite já foi derramado, por assim dizer.

"Meu Deus, como estou tenso e constrangido!", Michael criticou a própria atitude. Embora detestasse discursos, abominava ainda mais as audições abertas. Não porque fosse obrigado a ouvir canções horríveis, mas por ter de dizer a seus criadores que seu trabalho era ruim. Bem, ele nunca dizia "ruim"... Entretanto, não tinha alternativa senão dispensar a maior parte dos candidatos, e fazer isso sem pulverizar o ego de cada um era quase impossível.

— Vocês podem poupar-se de uma espera longa e infrutífera — continuou —, se eu lhes disser agora o que procuro. Assim, creio que poderão julgar por si mesmos se suas canções são adequadas.

Michael explicou que queria variações do *cakewalk*, o ritmo vivo e animado, criado pelos negros americanos. Um amigo descrevera a nova forma musical como o alegre evangelho da sincopação. Os franceses referiam-se a ela como *Le temps des chiffons*. Mas, os músicos americanos chamavam-na de *ragtime*.

Toby notou que a tensão se dissipou na voz do Sr. Sedaine quando ele começou a falar desse novo tipo de música. Era evidente que aquele homem amava seu trabalho e guardava um lugar especial em seu coração para o *ragtime*. Não estava certa de que suas canções se aproximavam do que ele procurava, uma vez que jamais ouvira um verdadeiro artista do *ragtime* tocar.

Entretanto, sabia que sua música se enquadrava na descrição geral, especialmente a mais recente. Ouvira rumores de que a companhia estabelecida em Nova York vinha visitando diversas cidades à procura de composições para satisfazer o público faminto de inovações. As pianolas, último lançamento na área musical, estavam levando os ritmos populares para um grande número de lares americanos. Embora seu pai jamais permitisse uma pianola em sua casa, denominando o aparelho de "geringonça maluca", Toby conhecia diversas famílias que já haviam adquirido a invenção.

Informada acerca do que acontecia no mundo musical, Toby havia corrigido o ritmo de sua última composição até alterar a acentuação, enfatizando as batidas fracas em lugar das fortes. Seu professor descrevera o *ragtime* em detalhes, e ela tomara nota de cada um com a máxima atenção.

Michael observou algumas pessoas suspirarem desanimadas e deixarem a sala logo após seu discurso. No entanto, a maioria permaneceu onde estava aguardando a vez. Estudou o sem-número de rostos ansiosos e cheios de esperança e tratou de controlar-se para não exibir a contrariedade. À noite, teria outra conversa séria com Reginald.

— Sra. Peterson — Michael chamou e sorriu para a senhora roliça de meia-idade —, comece, por favor.

Sentou-se em uma cadeira de espaldar alto e cerrou os olhos para ouvir a canção. O recurso de manter os olhos fechados servia a dois propósitos: eliminar toda e qualquer distração, permitindo-lhe concentrar os sentidos na música, e mascarar suas verdadeiras reações. Podia controlar a expressão facial, fixando nos lábios um leve sorriso inabalável, mas temia não ser capaz de esconder o horror que as pessoas reconheceriam com facilidade em seu olhar. Eram tantos os compositores que cometiam plágio, que às vezes Michael sentia-se tentado a nomear as canções que apresentavam como suas. Mas nunca o fez, pois tinha convicção de que a maioria não estava consciente de haver copiado o trabalho de outro artista.

— Agradeço por ter vindo, Sra. Peterson — disse ao abrir os olhos. Levantou-se e estendeu a mão para a mulher. — Mas hoje não estou interessado em cantigas de ninar. O próximo, por favor.

Duas vezes Toby observou o Sr. Sedaine pedir a um compositor que tocasse sua canção novamente, mas depois de ouvir pela segunda vez, ele sacudia a cabeça em negativa. Entretanto, o comentário dirigido a essas pessoas foi diferente dos demais: "Você está perto, bem perto. Continue tentando. Aqui está meu endereço em Nova York. Se compuser uma canção que julgue ser o que procuro, envie uma cópia e eu estudarei



com atenção. Boa sorte."

— Srta. Wells — ele chamou, lendo o próximo nome na lista.

No momento em que o Sr. Sedaine pronunciou seu nome, Toby foi tomada pela insegurança. Depois de ouvir dezenas de rejeições, perguntou-se se teria a menor chance de vender alguma de suas composições. Mas não tinha chegado até ali, trabalhando com tanto esforço, para desistir sem ao menos tentar.

Embora a sala fosse por demais abafada, a presença do Sr. Sedaine intimidativa, o clima do estúdio opressivo e a tentação de sair correndo quase irresistível, ela se levantou e encaminhou-se para o piano. A cada passo repetia para si mesma porque aquele momento era tão importante em sua vida. Se conseguisse iniciar uma carreira artística, nada a arrastaria de volta para casa. E nunca mais teria de dar banho nos irmãos mais novos, nem cuidar das roupas, ou preocupar-se com os jantares de domingo.

— Bom dia — disse Toby, sentando-se ao piano.

— Então, é você a Srta. Wells. Agradeço por haver silenciado essa gente e estou pronto para ouvir suas canções com a máxima atenção — Michael Sedaine declarou em tom de respeito mesclado de divertimento.

Toby não deixou de notar a ligeira provocação e fechou os olhos a fim de ocultar o embaraço. Afinal, tinha bons motivos para justificar a atitude impulsiva. Se o assistente do Sr. Sedaine fosse mais competente em seu trabalho, ela não teria se colocado em situação tão desagradável. E, uma vez que o Sr. Sedaine parecia aprovar a maneira como resolvera as coisas, ergueu a cabeça e reabriu os olhos. Não permitiria que seu orgulho atrapalhasse aquela oportunidade. Ao menos, tinha a certeza de que Michael Sedaine não a esqueceria com facilidade. Só precisava convencê-lo de que compunha canções tão bem quanto assobiava.

Ajustou a posição do pequeno banco de madeira e movimentou os dedos com vigor a fim de dissipar a tensão. Tentou ignorar a plateia de candidatos e tocou, hesitante, os primeiros compassos. No momento em que se sentiu familiarizada com o teclado, sua confiança cresceu e ela desviou a concentração depositada nos mecanismos e técnicas, passando a interpretar as notas com emoção.

Embora não fosse uma cantora de qualidades especiais, participara do coro da igreja durante anos. Assim, julgou-se capaz de mostrar ao Sr. Sedaine como a letra se ajustava à melodia. Terminando a primeira canção, passou para a segunda, sem intervalo. Tratava-se de uma composição mais animada, com alguns toques de humor.

Toby havia se dedicado com afinco a esta canção, inspirando-se na história do primeiro encontro de Alexander, seu irmão mais velho. Ele convidara uma jovem senhorita para um piquenique, e uma série de incidentes havia arruinado o dia e qualquer possibilidade de impressionar a garota. Erguendo os olhos, Toby viu o Sr. Sedaine sorrir enquanto a canção descrevia o gambá que provocara o último desastre.

A última canção era somente instrumental, de ritmo complicado e instável. Embora houvesse dedicado semanas ao aperfeiçoamento da partitura, ainda precisava concentrar-se na tradução das notas de sua mente para o teclado. No momento em que tocou o último acorde, ergueu os olhos para avaliar a reação do Sr. Sedaine.

— Sua segunda canção é bastante divertida, e é uma pena que eu tenha comprado outra bem parecida há pouco tempo — ele comentou com simpatia.

Os ombros de Toby vergaram ligeiramente ao peso da decepção.

— E esta última é uma composição singular, a sincopação evidente, mas você precisa

aprofundar seus estudos do ragtime. Trata-se de algo que não posso descrever em palavras, posso apenas ouvir, sentir e identificar.

Michael chegou a considerar a compra da última canção apresentada pela Srta. Wells, por ser um trabalho inovador. Entretanto, devia agir com justiça. Afinal, se qualquer outro candidato tocasse a mesma composição, seria rejeitado após algumas palavras de incentivo. Estava consciente de que seu julgamento sofria a influência da atração pela jovem travessa escondida sob o traje conservador. Seria capaz de apostar um mês de direitos autorais como a Srta. Wells não tinha nada a ver com a imagem que se esforçava em transmitir. Sentiu-se fortemente tentado a descobrir como ela era na realidade. Despertou de súbito, dando-se conta do devaneio fantasioso e absurdo a que se entregara. Assumindo um ar severo, chamou:

— O próximo.

— Obrigada pela atenção — Toby murmurou, mal controlando a decepção. Aquele não seria um dia para anotar no diário com lápis coloridos.

Manteve a cabeça erguida ao passar pelos vinte candidatos que ainda aguardavam a vez. Em lugar de retirar-se de imediato, como os outros haviam feito, Toby esperou. Queria ouvir que tipo de canção o Sr. Sedaine compraria, se o fizesse. Na próxima vez, e haveria sem dúvida uma próxima vez, ela venderia uma canção. Nada no mundo faria com que desistisse depois da primeira rejeição. Afinal, quem havia dito que seria fácil transformar um sonho em realidade?

Estivera tão preocupada com a própria apresentação que sequer prestara atenção aos demais candidatos. Reparou então, em um homem negro e alto, ainda jovem, acompanhado de uma mulher deslumbrante, de pele vários tons mais claros que a dele. Toby considerou-a a mulher mais elegante e altiva que já vira: o vestido de seda azul-marinho enfeitado pelo corpete pregueado, cor de marfim, emprestava-lhe um ar de nobreza.

Poucos minutos depois, quando o músico negro tocou sua canção, Toby teve a certeza de que o dia do Sr. Sedaine fora salvo. Pela primeira vez em sua vida, ela ouviu o verdadeiro ragtime e foi imediatamente cativada pela música alegre, o compasso ousado, os prelúdios excêntricos e o estilo arrojado.

O ragtime nada tinha a ver com o lamento tradicional que a maioria das pessoas associava à música negra. Ao contrário, expressava uma dignidade ausente nas canções dos escravos, além de desafiar as regras clássicas, o que Toby julgou excitante.

— Meus parabéns, Sr. MacRae! — Michael exclamou com entusiasmo ao levantar-se da cadeira para apertar a mão do compositor. — O senhor acaba de vender sua música.

— Obrigado, Sr. Sedaine. Ao usar a palavra "vender" quer dizer que vai publicá-la com meu nome ou de outra pessoa? — o Sr. MacRae perguntou desconfiado.

Michael não se surpreendeu, uma vez que conhecia em detalhes a prática do roubo das obras de compositores desconhecidos e a posterior publicação das mesmas, sob o nome de artistas famosos.

— Receberá todos os créditos, Sr. MacRae, e isto será estipulado em seu contrato.

— Pode me chamar de Caleb — o músico corrigiu, abrindo um sorriso largo.

— E eu sou Michael. Tem outras canções tão boas quanto esta Caleb?

— Na verdade, esta é a que julgo mais fraca. Como não conseguia decidir qual tocar para o senhor, deixei que Chantelle escolhesse sua favorita — explicou, apontando para a acompanhante.

— É dona de incrível bom gosto, Srta... — Michael dirigiu-se à moça sorridente.

— Chantelle Reynard, Sr. Sedaine — ela completou com voz calma e ligeiramente rouca, deixando evidente um leve sotaque estrangeiro.

Toby não pôde identificar a nacionalidade de Chantelle, embora reconhecesse um toque de francês na pronúncia indistinta. Observou Caleb apertar-lhe a mão com carinho.

— Toque as outras canções que trouxe — Michael dirigiu-se a ele.

Caleb obedeceu de pronto. A alegria de ser reconhecido como um músico talentoso animou-o e a excitação refletiu-se em sua maneira de tocar. Entretanto, nem por uma vez perdeu o controle de sua música, executando-a com energia, disciplina e orgulho,

— Deixe-me ver como suas partituras funcionam — pediu Michael. — Estou ansioso para saber como indicou os intervalos e as pausas da última combinação. Foi diferente de tudo o que já ouvi.

Michael sentou-se ao piano e começou a tocar. Embora fosse um excelente pianista, não conseguiu reproduzir a melodia a partir das notas manuscritas na partitura. Duvidando da própria habilidade, tentou pela segunda vez, mas não havia meios de combinar o que lia no papel com a canção que Caleb acabara de tocar. A fim de verificar suas suspeitas, tentou as três canções, concluindo que nenhuma delas fora transcrita de maneira apropriada.

— Temos um pequeno problema, Caleb. As partituras não coincidem com o que ouvi você tocar.

— As canções são minhas, eu as escrevi — Caleb defendeu-se.

— Não o estou acusando de nada — Michael explicou. — Mas não posso publicar isto. Preciso de partituras exatas, composições que outros músicos possam executar.

Tendo agido sem pensar no início da audição, Toby considerou o risco de bancar a tola pela segunda vez diante do Sr. Sedaine. Embora hesitasse em se manifestar, tinha segurança de sua facilidade em transformar o que ouvia em notas escritas. Mesmo sendo o ragtime um tipo complicado de música, não estava disposta a calar-se, permitindo que Caleb MacRae perdesse aquela oportunidade só porque sua habilidade para transcrever canções não se igualava a seu talento para compô-las.

— Sr. Sedaine — ela chamou, observando-o virar-se para encará-la. — Talvez eu possa ajudar. Se der uma olhada em minhas partituras verá que, embora não seja o que o senhor procura, tenho facilidade para transcrever com exatidão aquilo que toco. Eu poderia fazer algumas pequenas correções nas partituras do Sr. MacRae. — Virando-se para o compositor, explicou: — Isso, se o senhor quiser.

— Uma senhorita capaz de domar a multidão deve ser também capaz de domar minha música — Caleb provocou em tom de brincadeira. — Só lhe peço que não ponha a perder o que tenho na cabeça e que sou capaz de executar com minhas mãos.

Michael assumiu o controle da situação:

— Caleb, toque o primeiro compasso. Srta. Wells corrija a partitura.

Em seu entusiasmo pela música de Caleb, Michael esquecera-se completamente de Toby Wells. Entretanto, ela parecia ter uma forte propensão para manifestar-se nos momentos mais incríveis. Perguntou-se se ela seria sempre tão aberta e franca.

Observou Reginald oferecer-lhe um lápis e sentiu-se tentado a espiar por sobre o ombro de Toby para ver se ela era mesmo tão boa quanto dizia. Mas não o fez, contentando-se em aguardar o veredicto.

— Tente de novo, Sr. Sedaine — ela disse, entregando-lhe o papel. — Está perfeita.

— A senhorita está muito confiante, não é mesmo?

— Confiante de que esta é a melhor canção que o senhor já ouviu desde que estabeleceu sua companhia.

— É sempre assim, atrevida e insolente, Srta. Wells?

— Sim, senhor.

A franqueza de Toby agradava Michael. As mulheres de Nova York pareciam flores de estufa se comparadas a ela. Embora sentisse vontade de provocá-la e continuar com a brincadeira jovial, rejeitou a ideia e sentou-se ao piano. Estudou as correções e tocou. Ela tinha razão: estava perfeita.

— E também é uma excelente mecânica musical, Srta. Wells. Ignorando o comentário, Toby propôs:

— Deixe-me trabalhar com o Sr. MacRae e as canções estarão prontas antes do anoitecer. Na verdade, não há muito que fazer apenas alguns toques finais que ele negligenciou.

— Reginald — Michael chamou —, há algum lugar onde eles possam trabalhar?

— Temos uma sala de ensaios ao lado.

Assim que entraram na sala minúscula, Toby pôs um fim às formalidades. Em questão de minutos, todos os integrantes do grupo pequeno, porém diversificado, tratavam-se pelos nomes de batismo.

Depois de examinar o piano velho e mal conservado encostado a uma das paredes, Michael perguntou-se se estaria ao menos afinado.

— Isto é o que tem de melhor a oferecer, Reginald? — perguntou impaciente.

— Não previ a necessidade de dois instrumentos — o assistente respondeu na defensiva.

— Para mim está bom — disse Caleb. — Já toquei em coisas piores. Os proprietários de cabarés chegam a abafar as cordas a fim de obterem um som metálico. — Sentou-se e testou o piano. — Acha que vai dar certo, Toby?

— A magia que você compõe pode ser tocada em qualquer instrumento — ela elogiou com uma pontada de inveja. No momento em que ouviu as criações de Caleb, compreendeu por que Michael Sedaine rejeitara as suas.

Após quatro horas de trabalho árduo mesclado a grande divertimento, Toby e Caleb terminaram as correções. Havia estabelecido, juntamente com Chantelle, uma agradável relação de amizade. Qualquer pessoa que os visse pela primeira vez teria jurado que se conheciam há anos.

Enquanto Toby e Caleb trabalhavam, Michael terminou a audição e dispensou Reginald. Juntou-se ao grupo e agradeceu Toby depois de examinar as partituras rabiscadas e corrigidas. Com um aceno de cabeça, indicou que aprovava o modo como ela alterara cada compasso, sempre que necessário, tornando-o compatível com a música tocada por Caleb.

— Você é muito talentosa.

— Mas pouco original. — Toby não resistiu à oportunidade de alfinetá-lo por não ter comprado uma de suas canções. A formalidade de Michael se dissipara e ela já não se deixava intimidar pelo dono da Musical Sedaine. Agora ele era apenas mais um homem.

Mais um? Num lampejo de compreensão, deu-se conta de que nenhum dos homens que conhecia exalava um odor tão agradável. Identificou o aroma cítrico e suave como sendo limão. Michael também não a tratava como os outros o faziam. Não era vago e

distraído como seu pai, nem dominador e autoritário como o irmão mais velho. E não era atrevido como seu colega de classe na universidade.

— Tenho certeza de que publicará suas canções, Toby — ele assegurou. — Uma outra companhia as teria comprado sem hesitação. Sou sincero quando digo que são realmente boas. Apenas não são o que procuro no momento.

— Está tentando ser benevolente, Sr. Sedaine?

— Eu jamais faria isso, pois seria o mesmo que insultá-la.

— Deixe-me ouvi-las novamente — Caleb sugeriu. — Talvez possa lhe dar algumas ideias sobre como melhorá-las.

Satisfeita com a inesperada inversão de papéis, Toby aceitou de bom grado a orientação de Caleb. Ele ouviu com atenção e apontou diversas alterações possíveis.

— Acho que entendi — disse Toby quando terminaram.

— Obrigada.

Depois de deleitar-se com o entusiasmo de Toby, Michael teve de fazer um esforço para dirigir a conversa de volta aos negócios.

— Estarei de volta a Nova York dentro de três semanas, Caleb. Pode encontrar-se comigo, então?

— Basta nos dar o endereço e a data — Chantelle respondeu pelos dois, parecendo uma empresária experiente.

Uma vez definidos os arranjos comerciais, Toby não pôde evitar a inveja do sucesso de Caleb. Não se tratava de um sentimento negativo, apenas gostaria que Michael lhe estendesse o convite.

— Adeus, Toby — Caleb despediu-se com um forte aperto de mão.

— Espero vê-la de novo — Chantelle falou com sinceridade.

— Eu também — Toby declarou emocionada.

Apesar da relação especial que haviam estabelecido naquela tarde, ela não sabia como ou quando seria possível encontrá-los novamente. Caleb, o vencedor, estava de partida para Nova York, enquanto ela continuaria confinada no Missouri.

Tentando manter a cabeça erguida e não parecer uma perdedora amarga, começou a seguir Caleb e Chantelle em direção à saída.

— Toby — Michael chamou, impedindo que saísse junto com os outros. — Posso falar com você um instante?

— Mudou de ideia a respeito de minhas canções? — ela provocou.

— Não exatamente.

Embora soubesse não ser de bom-tom ficar a sós com um homem que conhecera poucas horas antes, Toby decidiu esperar. Nada a tiraria dali enquanto não ouvisse o que Michael Sedaine tinha para lhe dizer.

## CAPÍTULO II

— Observei você controlar a confusão, hoje pela manhã — disse Michael —, e fiquei impressionado. Tem um jeito especial para lidar com pessoas.

— Tenho bastante experiência no assunto — Toby respondeu, pensando que criar meia dúzia de crianças desenvolveria em qualquer um a capacidade de controlar vinte e poucos adultos mal-educados.

— Estaria disposta a me ajudar nos dois próximos dias?

— Aqui?

— Receberia um salário, é claro — Michael apressou-se em explicar. — Dez dólares por dia. — Imediatamente deu-se conta de que tais honorários seriam altos demais. Entretanto, ponderou dois dias de audições bem organizadas valiam até o dobro.

Toby hesitou, remexendo pensativa o camafeu preso ao corpete. Se fizesse um bom trabalho para Michael, ele se lembraria dela na próxima vez que oferecesse uma canção à companhia, e talvez desse maior atenção às suas composições.

— A que horas devo me apresentar?

— Nove.

Repassando mentalmente todas as suas obrigações, Toby especulou como conseguiria mandar os gêmeos para a escola, arrumar as camas, assar os bolinhos para a reunião da Liga das Senhoras, lavar a roupa e preparar o jantar. Decidiu que daria um jeito e tiraria o máximo proveito daquela chance mínima.

Michael despediu-se do proprietário da loja e acompanhou Toby até a esquina, onde ela pegaria o bonde. Enquanto caminhavam pela avenida ao sol do fim da tarde, ele imaginou como seria a família Wells. Como não a conhecesse o bastante para pedir-lhe uma biografia, contentou-se com a suposição de que ela ainda vivia na casa dos pais.

— Seus pais não vão se opor a que trabalhe para mim? — perguntou.

— Não — Toby respondeu, dando-se conta de que, nem por um momento, considerara a opinião do pai. Robert Wells sempre lhe dera liberdade para conduzir a própria vida, e ela jamais abusara do privilégio. — Meu pai confia em meu julgamento. Mas ainda tenho uma pergunta a respeito do que combinamos.

— Pois não?

— O que me diz de Reginald?

— É um ótimo assistente — Michael explicou —, mas como organizador de audições é um fracasso.

— O que vai fazer quando deixar Saint Louis?

— Ainda não sei com certeza, mas espero obter maior sucesso em minha procura. Reginald é bastante competente na escrituração fiscal e outros encargos tediosos. Na verdade, já se encontra a caminho de Nova York para reassumir a administração de nosso escritório. Ele me advertiu que não seria de grande ajuda nas audições, mas eu o pressionei a vir. Agora sei que devia ter lhe dado ouvidos.

Toby sorriu aliviada.

— Quer dizer que não vai despedi-lo?



Michael sequer suspeitara que ela pudesse temer ser a responsável pelo desemprego de Reginald.

— De jeito nenhum — assegurou.

Tendo superado a última de suas reservas, Toby despediu-se de Michael, subiu no bonde e acenou alegremente.

Quando o veículo dobrou a esquina, ela se afundou no banco e pôs-se a planejar como realizaria as tarefas de um dia inteiro em apenas uma noite. Se incumbisse Charlie e Gwen da lavagem da roupa, ela e Rosie poderiam trabalhar na cozinha. Não hesitaria em impor sua autoridade durante os próximos dias. Seus irmãos tinham plenas condições de lançar mãos à obra e fazer cada um a sua parte.

Ao abrir a porta de casa, foi recebida por um coro:

— Estamos com fome! Quando vamos jantar?

O casal de gêmeos eram crianças de boa natureza e fácil convivência na maior parte do tempo, mas estavam condicionados a fazer suas refeições em horários determinados, e dependiam de Toby para manter a rotina.

— Jantaremos assim que eu tiver preparado a comida — ela garantiu. — Cléo, chame Gwen e Rosie. Mo, encontre Charlie. Preciso da ajuda de todos.

Quando todos se reuniram na cozinha, Toby explicou por que estaria ausente nos dois dias seguintes e distribuiu as tarefas:

— Charlie, você e Gwen lavem a roupa suja. Cléo limpe a sala. Mo, vá buscar lenha e regue as jardineiras da varanda. Rosie me ajudará a preparar o jantar e os bolinhos.

Rosie foi a única a queixar-se, exatamente como Toby havia previsto. Aos dezenove anos, a jovem consumia a maior parte do tempo à procura do homem certo. Não pensava em outra coisa, senão homens, desde que completara treze anos de idade! Toby considerava irritante essa preocupação, e tinha de se esforçar o tempo todo para tratar a irmã de maneira justa e imparcial. Decidiu não dar ouvidos às reclamações, limitando-se a acrescentar com um sorriso irônico:

— Pode escolher: lavar a roupa ou me ajudar na cozinha.

Satisfeita, Toby observou a irmã apressar-se em vestir o avental, sem pronunciar outro comentário. Dentre os demais, ninguém manifestou objeção. Mesmo aos vinte anos, Charlie não se atrevia a desafiar a irmã mais velha.

Era quase meia-noite quando Toby terminou de pendurar a roupa lavada nos varais presos aos caibros baixos do porão. Seu pai havia percebido que ela estava trabalhando até mais tarde do que de costume, mas não fizera perguntas.

Robert Wells percebia poucas coisas além do livro aberto diante de seus olhos ou da expressão nos rostos da congregação nas manhãs de domingo. Ao longo dos anos, Toby se adaptara a sua maneira distraída de amar a família, confiante em que, se algum dia viesse a precisar dele, ele estaria ali. Nunca encontrara necessidade de intrometer-se no mundo particular do pai. Sua mãe havia lhe explicado, e ela transmitira a noção aos irmãos, que Robert era um estudioso da Bíblia, cuja opinião merecia respeito, e cujos livros, embora não lidos com frequência, baseavam-se em pesquisas sérias e profundas. Enfim, ele não podia dedicar-se com exclusividade à família porque devia ao mundo sua assistência espiritual. Era dever da esposa cuidar das necessidades do cotidiano.

E Irina Wells fora uma mãe carinhosa, que enchia a casa de música, alegria, literatura clássica, folclore russo e senso de humor. Amava crianças de todas as idades e pagara o preço máximo por esse amor. Com apenas trinta e sete anos, Irina morreu ao dar à luz o

casal de gêmeos.

Naquela noite, Toby arrastou os berços dos recém-nascidos para seu quarto e, desde então, nunca mais abrandou seu ritmo de trabalho. Nem por um momento considerou a tarefa de assumir o papel da mãe impossível para uma menina de doze anos. E como jamais duvidava de si mesma, ninguém se atreveu a fazê-lo.

Toby só se ressentia da responsabilidade prematura quando se via forçada a defender os nomes dos irmãos, sempre o grande motivo de provocação por parte das outras crianças. Irina fizera escolhas extravagantes, determinadas por sua paixão pela literatura clássica. Embora a filha mais velha compreendesse esse gosto, não apreciava o fato de a mãe batizar os filhos com nomes de personagens históricos e fictícios. Alexandre, o mais velho depois de Toby, recebera o nome em homenagem a *Alexandre, o Grande*. Na primeira gravidez, Irina e Robert esperavam ter um menino. Assim, o marido, em seu único esforço para participar na escolha dos nomes dos filhos, decidiu que o primogênito se chamaria Tobias, que em hebraico significa "bondade de Deus". Ao nascer uma menina, apenas alterou para Toby. E ela seria eternamente grata à interferência paterna. Entretanto, a opinião de Irina prevaleceu no caso dos outros cinco: Carlos Magno, Rosamunda, Guinevere, Cleópatra e Mozart, ou simplesmente Charlie, Rosie, Gwen, Cléo e Mo.

Apesar de ter ido dormir já de madrugada, Toby chegou à loja de música preparada para enfrentar outra multidão. Porém, encontrou Michael sozinho, esperando-a com duas canecas de café e um pacote de pães, biscoitos e bolinhos.

— Não tive tempo de tomar o café da manhã — ele explicou enquanto lhe estendia um pão doce.

— Nem eu. — Toby sorveu um gole do café fumegante. — Tenho uma ideia de como organizar a audição. Eu poderia examinar as partituras antes de mandar os candidatos para você. Se tiver alguma dúvida, deixarei que decida, mas creio que sei o suficiente para eliminar um terço das apresentações.

— Ótimo! Vamos formar uma excelente equipe! Era justamente esse o meu plano!

Espiando por sobre a borda da xícara, Toby observou Michael abocanhar um bolinho, notando mais uma vez a fenda estreita entre os dentes da frente. Não fosse por aquela única falha, as feições dele estariam muito próximas da perfeição. Toby preferia as pessoas reais, com suas pequenas idiossincrasias e fraquezas, em vez de pomposos modelos de beleza e virtude. E, embora Michael fosse elegante e atraente, não se comportava de maneira arrogante ou hipócrita, o que a agradava. Calculou que ele tinha uns trinta anos, não muito velho, porém mais confiante do que os jovens que seus irmãos insistiam em levar para casa a fim de despertar-lhe o interesse.

As últimas vinte e quatro horas haviam passado num turbilhão, e Toby aproveitou o breve momento de inatividade para tecer considerações sobre o tipo de homem que Michael Sedaine poderia ser. Verificara ser ele um empresário respeitado, bom negociante, amável e generoso. Entretanto, tais características não passavam de simples reflexo de uma imagem pública. Quem era ele, afinal, na privacidade? Pela primeira vez, ocorreu-lhe a possibilidade de que ele fosse casado, e que até mesmo tivesse filhos. Imediatamente, olhou para a mão dele à procura de uma aliança. Michael não usava nenhuma, o que não esclarecia sua dúvida, uma vez que a maioria dos homens era avessa a esse hábito.

— Viaja com frequência? — ela perguntou.

— Nem tanto. Raramente passo mais que uns poucos dias longe de casa.

— E quem cuida dos negócios em Nova York durante sua ausência?

— Tenho funcionários competentes, capazes de administrar a companhia sem mim. Já se esqueceu de Reginald?

— Tem algum sócio? — Toby persistiu, ignorando a pergunta.

— Não.

— De quem herdou a paixão pela música? De seu pai? — ela continuou.

— Não! — Michael respondeu com uma risada divertida. — Sabe de uma coisa? Não me importo de falar sobre minha vida, mas gostaria de saber se há algum propósito nesta curiosidade súbita.

Toby corou ao admitir:

— Só quero saber que tipo de homem é o meu patrão. — Tratava-se de apenas metade de suas razões para o interrogatório, pois Toby não perguntaria à queima-roupa se Michael tinha uma esposa.

— Nesse caso, devo dizer que fico satisfeito com seu interesse profissional. Para falar a verdade, meu pai não era capaz de distinguir uma clave de sol de uma notação grave. Era um alfaiate de renome. Sou a ovelha negra da família, o único fanfarrão dedicado ao mundo artístico.

— E seu pai não ficou contrariado por você não se interessar em seguir a carreira dele?

— Por que deveria?

— Apenas lembrei de como meu pai, que é pastor, exultou de alegria quando meu irmão Alex ingressou no seminário. Desde pequeno, Alex sempre seguiu os passos de papai. Comparada a ele, sou uma rebelde!

Michael sorriu.

— É fácil notar sua tendência para zombar do convencional — disse em tom de brincadeira, tocando de leve a renda franzida no punho do vestido de Toby. — Seu vestido apresenta toques masculinos. Seria influência do espírito de George Sand? Ou, quem sabe, anda publicando canções sob algum pseudônimo, como George Eliot?

— Oh, não! — Toby estava se divertindo com o jogo. — Usar roupas ou nomes masculinos é antiquado. Se algum dia ficar famosa, escolherei um pseudônimo bem exótico, como Eloa Cassandra ou Electra Eloa, ou então Cassandra Cellas.

Michael quase derramou o café que levava aos lábios.

— São horríveis! Não combinam com você. — Fitando os olhos magníficos, lembrou-se das flores pequeninas e azuis que vira apenas uma vez. Chamavam-se angélicas. — Eu a chamaria de "Olhos de Anjo" — falou sem pensar, arrependendo-se no mesmo instante. A fascinação que sentia pela beleza de Toby era anormal, e ele começou a juntar os papéis espalhados sobre a mesa a fim de disfarçar o embaraço.

Toby corou não apenas pelo elogio, mas também pelo tom de voz em que Michael o proferiu. Uma nota grave e profunda sugeria que algo de especial estava acontecendo entre os dois. Era como se ele houvesse murmurado um segredo, e um arrepio delicioso percorreu o corpo de Toby.

Entretanto, aquilo assustava Michael, que tratou de desencorajar a continuação da conversa.

A repentina mudança na atitude dele mostrou a Toby que ela deveria ser mais cautelosa e impessoal a partir de então. A tentativa de estabelecer uma relação mais

próxima tornara-o arisco e retraído, e ela esforçou-se para pensar em algum comentário neutro que descontraísse o ambiente. Porém, antes que pudesse pronunciar qualquer palavra, Michael perguntou:

— Você só tem um irmão?

Foi a vez de Toby rir com vontade.

— Errou feio! Tenho três irmãos e três irmãs. Meus pais planejaram um filho para cada dia da semana.

Michael achou graça na colocação e encorajou Toby a falar mais sobre a família. E ela recitou a história por trás de cada nome extravagante.

— Todos soam bastante interessantes — ele afirmou. — Os Sedaine parecem um tanto comuns se comparados aos Wells.

— Às vezes o comum leva uma vantagem sobre o excêntrico. Jamais esquecerei quando Mo pegou catapora, há um ano, e teve de ficar em casa durante algumas semanas. Enquanto isso, seus amigos brincavam ao ar livre, caçando sapos no lago, nadando e aproveitando o verão. Uma vez curado, ele sentiu vergonha da palidez provocada pela doença e pelo confinamento. Sabe o que fez? Passou graxa de sapato no corpo todo, da cabeça aos pés. Tive de esfregá-lo até quase ficar em carne viva para conseguir limpá-lo.

A imagem do garotinho coberto de graxa criou um quadro cômico na mente de Michael, provocando-lhe o riso. Perguntou-se se Paul teria algum dia a coragem para realizar tamanha travessura. Preocupava-se com o filho de oito anos, pois parecia não conseguir aproximar-se do menino o suficiente para descobrir o que havia de errado com ele. Por outro lado, Suzanne, sua filhinha de seis anos, era uma criança alegre e adorável que expressava em voz alta todas as dúvidas e receios que às vezes a incomodavam.

Forçando-se a concentrar a atenção na descrição animada de Toby, Michael afastou as preocupações de ordem pessoal. Assistiu enquanto ela contava, ilustrando com mímicas e trejeitos, os protestos de Mo durante o banho forçado. À medida que avançava na história, Toby mostrava-se mais e mais engraçada, revelando-se dona de um senso de humor afiado que era, ao mesmo tempo, cômico e inteligente.

— E ele sobreviveu? — Michael perguntou quando, finalmente, parou de rir. Era uma pena que sua mãe não aceitasse as travessuras ocasionais de Paul com tanta naturalidade.

— Por pouco!

— Pobre garotinho!

— O que quer dizer com "pobre garotinho"? Quando ele recuperou a cor natural, eu estava coberta de graxa! Minhas mãos ficaram manchadas por duas semanas e tive de usar luvas o tempo todo!

Embora soubesse que não seria sensato tocá-la, Michael tomou-lhe as mãos e examinou-as sem pressa.

— São muito bonitas — declarou à meia-voz.

Os dedos esguios de Toby pareciam minúsculos perto dos dele, e Michael surpreendeu-se ao constatar a delicadeza de suas formas. Como uma jovem podia ser tão ativa e dinâmica e, ao mesmo tempo, tão linda? Desde o momento em que a ouvira falar pela primeira vez, quando calou a multidão, Michael sentira-se intrigado pela personalidade forte e marcante, embora não tivesse deixado de notar-lhe os atrativos físicos. A feminilidade que ela emanava perturbava-lhe os sentidos e o raciocínio,

abalando a frieza e distância usuais com que se portava diante de mulheres bonitas.

Por mais habituada que estivesse ao contato masculino, uma vez que sempre gostara de brincar com os irmãos, Toby não estava preparada para o sobressalto provocado pelo toque dos dedos de Michael nos seus. Para ela, a mão de um homem era igual à de outro. Entretanto, todas as suas noções preconcebidas caíram por terra diante da sensação, ao mesmo tempo agradável e perturbadora, daquele contato. Não sabia se deveria afastar-se de imediato, ou saborear o calor que se espalhava em ondas através de seu corpo.

Gentilmente, Michael soltou-lhe as mãos, pousando-as sobre a mesa. O som de passos no corredor alertaram-no de que o afluxo de candidatos teria início em poucos instantes.

Ao dar-se conta de que ficariam a sós por apenas mais alguns segundos, Toby procurou pensar em um gracejo despreocupado que dissipasse a tensão criada entre eles. Não conseguiu. Seu senso de humor, sempre presente, falhara, e ela se amaldiçoou por permitir que aquele homem alterasse tanto sua disposição natural.

No meio da tarde, a sala ainda estava repleta de candidatos, e Toby abençoou o bom senso que a levava a usar um vestido mais leve que o do dia anterior. Mesmo assim, sentia-se suada e amarrotada. Notou que Michael havia tirado o paletó e a gravata, assim como os punhos engomados, enrolando as mangas da camisa até os cotovelos e deixando à mostra a pele bronzeada. Os pequenos tufo de pelos sedosos que lhe cobriam os braços e se insinuavam pelo colarinho desabotoado, levaram-na a imaginá-lo sem camisa, o peito nu, trabalhando no jardim como Alex costumava fazer. A imagem agradou-a e ela fechou os olhos, enquanto o transportava mentalmente para o jardim dos fundos de sua casa, deitando-o confortavelmente na grama recém-aparada, e aproximando-se com um copo de água fresca para lhe dar.

— Srta. Wells? Srta. Wells?

Toby abriu os olhos num sobressalto, percebendo que Michael a chamara várias vezes antes que ela ouvisse.

— Desculpe. O que disse?

— Com licença, senhora — ele se dirigiu à mulher parada a seu lado. — Voltaremos em um minuto.

Tomando o braço de Toby, levou-a para fora, pela saída de emergência, onde uma leve brisa agitava o ar.

— Tive a impressão de que você estava prestes a desmaiar. Está se sentindo bem?

— Estou bem. Apenas dormi pouco esta noite.

— Se não está exausta, eu estou — ele disse com um sorriso. — Creio que terminaremos a audição em menos de uma hora. Que tal jantar comigo esta noite?

Embora houvesse planejado o convite de maneira diferente, as palavras saíram de sua boca como se tivessem vida própria. Michael justificou a atitude impulsiva dizendo-se que Toby trabalhara duro o dia todo e merecia um jantar tranquilo.

Toby sentiu-se fortemente tentada a dizer sim. Afinal, seria maravilhoso ter alguém que lhe preparasse o jantar e servisse a mesa. E, como sobremesa, poderia saborear o prazer de não ter de lavar os pratos. Mas não podia aceitar. Tinha de providenciar a refeição da família e, se confiasse a Rosie e Charlie a tarefa de alimentar os irmãos, iriam todos dormir com fome.

— Agradeço o convite, Michael, mas não posso aceitar. Tenho obrigações a cumprir.

Michael estava prestes a perguntar o que ela queria dizer com "obrigações", quando concluiu que este era o modo delicado de uma mulher dizer que já havia aceito o convite de outro homem. Deu-se conta, também, de que estivera planejando cada detalhe do jantar até ouvi-la dizer não. Na verdade, estava zangado com a negativa dela, e ainda mais irritado consigo mesmo. Embora a razão lhe dissesse ser natural que uma jovem atraente como Toby tivesse uma fila de apaixonados à sua espera, o ressentimento inesperado dominou-lhe o espírito.

Durante o resto do dia, Michael observou com atenção a jovem excêntrica na tentativa de definir o que o atraía tanto e por que sua atitude usual de desinteresse em relação às mulheres fora abalada. Viu-se diante de um conflito intenso. De um lado, o desejo o impelia a tomá-la nos braços, acariciar-lhe a pele sedosa e beijar-lhe os lábios macios; de outro, o bom senso o advertia para correr na direção oposta. Ponderou que talvez pudesse dissipar ao menos parte dessa fascinação se a estudasse com cuidado e encontrasse alguma falha grave em seu caráter. Afinal, conhecia de perto as consequências de deixar-se levar pelo charme de uma mulher, antes de saber quem ela era na realidade.

Com objetividade fria e calculada, Michael observou a maneira como Toby tratava cada candidato. Constatou que ela era sempre respeitosa e delicada, mesmo que a música apresentada pela pessoa fosse horrível. Dispensava algum tempo com palavras de incentivo, elogios sinceros e críticas construtivas. Ninguém saía da sala sentindo-se rejeitado pela Musical Sedaine. Ao contrário, cada um levava a certeza de que precisava apenas esforçar-se um pouco mais para vender a próxima composição. Toby não era apenas a mulher mais diligente e trabalhadora que Michael conhecera; era também dona de um bom coração. E ele admitiu que se sentiria atraído por ela, mesmo que sua aparência fosse diferente, embora os sedosos cabelos cor de mel e o sorriso franco formassem um conjunto irresistível.

Toby parecia cansada, e Michael preocupou-se com o fato até ocorrer-lhe que a exaustão era consequência de poucas horas de sono depois de um encontro com o namorado.

— Fiz você trabalhar demais? — ele perguntou com irritação assim que ficaram a sós.

Surpresa pela demonstração de contrariedade, Toby apressou-se em negar o cansaço. Não queria que Michael pensasse que ela se encontrava fora de forma.

— De jeito nenhum. Eu poderia trabalhar mais algumas horas, se fosse necessário — mentiu.

O dia chegara ao fim e Michael não comprara uma canção sequer. Deixando-se cair em uma poltrona, comentou com um suspiro:

— Suponho que exista apenas um Caleb MacRae em Saint Louis.

— Se espera encontrar outro compositor talentoso como Caleb, prepare-se para uma longa vigília — Toby declarou.

Michael ergueu os olhos e fitou-a com seriedade.

— Você poderia ser tão boa quanto Caleb, mas sua música é muito rígida. Seja mais solta, menos convencional.

— Sr. Sedaine — ela forjou formalidade —, em toda a minha vida, jamais conheci alguém capaz de acusar um Wells por ser convencional.

O cansaço excessivo do dia de trabalho estafante somado ao comentário inadvertido de Michael levaram Toby a uma explosão de gargalhadas. Se ele tivesse assistido, uma



semana antes, à partida de beisebol na qual ela amarrara a saia acima dos joelhos a fim de desempenhar com sucesso a função de batedor junto a Charlie, Cléo e Mo, não se atreveria a declarar tamanho absurdo. E se a visse escalar uma árvore para ajudar os gêmeos a construir uma casinha de brinquedo seria forçado a mudar de opinião.

Uma vez que Michael nada sabia a seu respeito, ou de sua família, exceto pelas conversas breves e superficiais dos dois últimos dias, só podia julgá-la segundo o padrão comum. E, se Toby tinha certeza de alguma coisa, era de não ser em nada parecida com uma mocinha típica do final do século XIX.

— Importa-se de explicar o que é tão engraçado? — Michael perguntou.

— Você não vai acreditar!

— Prometo que vou.

— Não, não vai. Pensaria que enlouqueci, e nenhum de nós teria tempo agora para que eu fizesse justiça à minha família.

Michael sentiu-se mais que curioso; ficou aborrecido. Toby estava apressada para encontrar o namorado e não podia dispensar-lhe nem mais um minuto de seu tempo. Tratou de disfarçar os sentimentos e desejar-lhe boa noite com simpatia e cordialidade.

O dia seguinte foi igualmente atribulado e cansativo. Em vez de sentir-se aliviada porque o trabalho chegava ao fim, Toby foi tomada de estranha melancolia. As horas passadas ao lado de Michael haviam sido as mais felizes de sua vida, e ela não queria que aquilo terminasse. Como poderia retomar a vida cotidiana e contentar-se com as aulas, o coro da igreja, a Liga das Senhoras e os cuidados com a família?

— Toby — Michael interrompeu-lhe os pensamentos —, gostaria de jantar comigo esta noite? — Rezou para não soar ansioso demais. Aquela seria sua última noite na cidade e estava preparado para qualquer resposta. Era orgulhoso, mas não tão frágil a ponto de não suportar outra recusa.

— Infelizmente, não posso.

— Suponho que esteja ocupada de novo — a despeito do esforço para manter-se impassível, o tom de voz traiu sua irritação. — Por que não diz de uma vez que não gosta da minha companhia, e me poupa de repetidas rejeições?

— Minha família está à minha espera — Toby respondeu com calma.

— Eu compreendo! — ele disse com sarcasmo.

— Não creio que compreenda. Se eu não estiver lá para preparar e servir o jantar, ninguém o fará.

— Sua mãe é uma inválida?

— Não, mas ela acha difícil cuidar dessas tarefas no túmulo! Michael perdeu a voz. A resposta era tão irreverente, especialmente vinda da filha de um pastor, que ele não sabia se devia rir ou desculpar-se.

— Desculpe. — Toby baixou a voz. — Detesto contar às pessoas que minha mãe morreu há dez anos, pois isso sempre gera intermináveis discursos de condolências e demonstrações de piedade. Mamãe tinha um senso de humor maravilhoso e tenho certeza de que compreenderia minha atitude.

— Claro — foi tudo o que Michael conseguiu dizer. Sabia exatamente como ela se sentia. Depois da morte de Lílian, sua esposa, evitava declarar-se viúvo a fim de escapar aos pêsames constrangedores.

— Cuido de meus irmãos desde então — Toby continuou. — Meu pai é muito dedicado ao trabalho e não tem tempo para cuidar de questões domésticas. E com o salário de um

pastor não podemos nos dar o luxo de pagar uma governanta.

Só então Michael deu-se conta de que Toby estivera trabalhando o dia todo para ele e, depois do expediente, limpando, lavando e cozinhando para uma família de oito pessoas. Sentiu-se culpado por ter lhe roubado dois dias do tempo precioso e aliviado por não haver programado uma semana de audições em Saint Louis. Ela não aguentaria aquele ritmo.

— Eu não podia imaginar — ele disse. — Por que não me contou?

— Porque você não teria me contratado, e eu queria este emprego tanto quanto desejava publicar uma canção.

— Seus irmãos não a ajudam nos serviços domésticos?

— Alex viajou em lua de mel, Charlie nunca está por perto, Rosie é egocêntrica e cozinha muito mal, Gwen esforça-se ao máximo, mas ainda precisa de mais experiência e os gêmeos são jovens demais para fazer qualquer coisa sem que alguém os supervisione e oriente. Sou tudo o que eles têm. — Após uma curta pausa, Toby perguntou num impulso: — Gostaria de conhecer a convencional família Wells? Garanto que não vai se aborrecer.

— Adoraria — Michael respondeu sem jeito, sentindo-se tolo por ter se roído de ciúmes de um pretendente que nem sequer existia.

— Depois não diga que não o avisei! — Toby gracejou enquanto Michael a acompanhava para a rua.

### CAPITULO III

Embora Michael não soubesse exatamente o que esperar, surpreendeu-se com o sobrado impecável que avistou quando Toby abriu o portão. As paredes pintadas com esmero, o jardim aparado, a varanda encerada, as jardineiras floridas ao longo da cerca e as cortinas brancas e imaculadas em cada janela, levaram-no a perguntar como uma moça tão jovem conseguia manter uma casa tão adorável. Afinal, Toby era pouco mais que uma criança quando assumiu aquele fardo, e devia ter pago um preço alto pelo compromisso.

Ao entrar na sala de visitas, notou que, embora os tapetes estivessem ligeiramente puídos nas extremidades, o assoalho e a mobília brilhavam cobertos por camadas e camadas de cera de abelha. Em resumo, tudo se encontrava na mais perfeita ordem.

— Toby — gritou um menino de cabelos loiros e faces coradas ao entrar apressado na sala —, você não vai acreditar no que Cléo e eu fizemos hoje!

— Tenha modos, meu jovem — Toby censurou. — Temos visitas.

— Desculpe senhor. Sou Mo Wells — o garoto apresentou-se e estendeu a mão suja para Michael.

— E eu sou Michael Sedaine. Toby já me falou a seu respeito. Apertando a mão do garoto, Michael não pôde deixar de compará-lo a seu filho. Dois anos mais novo que Mo, Paul estava sempre limpo e impecavelmente vestido, parecendo mais um adulto em miniatura do que a criança que deveria ser. Nem Suzanne, sua filha de seis anos, jamais aparecia com um fio de cabelo fora do lugar, ou uma ruga no vestidinho engomado.

— Você é o camarada para quem Toby está trabalhando, não é?

— Sou.

— Por que não gostou das canções dela?

— Já chega — Toby interrompeu a conversa, corando de vergonha. — Vá chamar os outros para eu apresentá-los ao Sr. Sedaine. Ele jantará conosco.

Apesar de Toby ter tentado preparar Michael para a singularidade de sua família, em poucos minutos a cabeça dele girava. Sem qualquer cerimônia, ela o instalou à mesa da cozinha, enquanto supervisionava e ajudava os irmãos em suas tarefas: Cléo e Mo arrumavam a mesa da sala de jantar, Gwen enrolava biscoitos, Rosie, choramingando protestos inúteis, fatiava uma travessa de tomates, enquanto a própria Toby esquentava um caldeirão de ensopado.

Embora o alvoroço parecesse fortuito e caótico, em poucos instantes a mesa se encontrava repleta de pratos tentadores. Enquanto cuidavam dos preparativos finais, cada um dos Wells disputava a atenção da irmã mais velha: contavam anedotas acerca do que lhes acontecera ao longo do dia, buscavam o julgamento de Toby para a solução de pequenas discussões e, claro, tentavam impressionar o convidado com relatos exagerados sobre a atuação destacada da irmã nas peças que ela produzira para a igreja.

Michael ficou fascinado com as francas demonstrações de afeto entre os familiares e percebeu que, a todo momento, Toby afagava o braço de Cléo, acariciava os cabelos de

Mo ou segurava a mão de Gwen. Sem se dar conta, ela os assegurava constantemente de que cada um era amado e tinha um lugar especial em seu coração. O modo como ela o tocara diversas vezes durante os últimos três dias, ora pousando a mão de leve em seu braço, ora apoiando-se em seu ombro para espiar uma partitura, não era nada se comparado à afeição que ela dedicava à família. Se aquele não fosse o último dia de trabalho juntos, Michael certamente não resistiria ao carinho espontâneo que ela lhe dedicava.

Mas, a ternura natural e despreocupada de Toby encontrava seu oposto nas maneiras afetadas de Rosie. A mais nova não perdia uma chance de esbarrar em Michael de propósito, nem se preocupava em esconder o interesse pelo visitante. Sua atitude parecia gritar: "Olhe para mim! Sou muito mais bonita que Toby!"

Sentado à mesa da cozinha, Michael surpreendeu-se com a vivacidade daquela família tão real. Observando as panelas esmaltadas de azul, penduradas em ganchos na parede, deu-se conta de que não fazia a menor ideia da aparência da cozinha na casa de sua mãe. Lá o aposento era domínio dos serviçais, e nenhum membro da família era encorajado a entrar nem, muito menos, sentar e conversar. Ou será que Paul e Suzanne escapavam de vez em quando dos cuidados autoritários da avó Laura, e escondiam-se com a cozinheira para bebericar chocolate quente? Perguntou-se.

Havia muitas coisas que desconhecia a respeito dos próprios filhos e, observando o envolvimento profundo de Toby com a família, sentiu-se como se houvesse abdicado das responsabilidades, privando-se assim da alegria e do prazer.

— Você é sempre quieto assim? — Cléo perguntou-lhe, apoiando os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos. Fitou-o com atenção, à espera da resposta. Michael imitou-lhe a pose.

— Por quê? O silêncio assusta você?

— Que coisa esquisita para se dizer!

— Tenho o pressentimento de que esta casa só fica em silêncio quando todos estão dormindo.

Desviando o olhar das panelas para Michael, Toby sorriu e disse:

— Está enganado. Os Wells são famosos por falarem enquanto dormem.

— Espero que não esteja se referindo a mim — Gwen protestou. — Pelo menos, eu não canto dormindo, como algumas pessoas que conheço!

Michael observou Toby corar e surpreendeu-se com o embaraço dela. A exposição de seus pequenos segredos a perturbava demais.

— Isso é pior que roncar — ele provocou.

— Bem — Toby mudou de assunto —, o jantar está servido. Depois de acomodar todos à mesa, Toby foi buscar o pai, que entrou na cozinha em passos lentos, segurando um grande livro diante dos olhos. Robert Wells era, ao mesmo tempo, bastante similar e contrastante com a imagem que Michael formara dele em sua mente. O pastor era baixo e roliço, quando Michael o imaginara alto e magro. Por outro lado, Toby não havia exagerado ou distorcido sua descrição ao dizer que ele era vago e distraído.

— Boa noite, Sr. Sedaine — Robert Wells cumprimentou. — Nem sempre temos a oportunidade de receber um convidado tão distinto.

Michael já abria a boca para responder; quando o Sr. Wells inclinou a cabeça numa oração de graças e voltou à leitura imediatamente, comendo em silêncio. E foram aquelas as únicas palavras pronunciadas por ele durante todo o jantar.

Observando Toby do outro lado da mesa, Michael notou que a atitude do pai não a perturbava, e nem a seus irmãos. Concluiu que a postura distante e ausente faziam parte da personalidade do pastor.

A despeito da obsessão do reverendo pelo texto abstrato sobre Buda, e do uso que fazia do livro como armadura para evitar o contato social, Michael sentiu-se inteiramente à vontade. Cada um dos irmãos de Toby obteve sucesso em suas tentativas de incluí-lo na conversa incessante. Pediam que emitisse opinião acerca de possíveis dúvidas, que descrevesse Nova York e contasse suas viagens pela Europa quando era estudante.

Em toda sua vida, ele jamais se sentira o centro das atenções como nessa noite. E calculou que, se existissem meios de medir vitalidade, aquela mesa atingiria o grau máximo.

— Foi a minha presença que provocou este alvoroço? — ele sussurrou para Toby, enquanto os outros conversavam, falando todos ao mesmo tempo.

— Para dizer a verdade, estão mais comportados do que em qualquer outra situação — ela respondeu divertida. — As perguntas incessantes o incomodam?

— De jeito nenhum. A sociedade nova-iorquina poderia tomar algumas aulas com os Wells — Michael falou em tom de brincadeira, embora fosse sincero em seu comentário. — Os princípios da etiqueta são frios e tediosos.

Toby não podia acreditar que qualquer coisa em Nova York fosse aborrecida. Afinal, tratava-se da maior metrópole do país, o centro das artes, o berço dos financistas mais ricos, como J. P. Morgan, os Vanderbilt e Andrew Carnegie. Saint Louis era um fim de mundo em comparação.

— Não gosta da vida em Nova York? — ela perguntou.

— Como adulto, sim, mas nunca como criança. Sempre desejei ter uma família como a sua, repleta de crianças em volta da mesa.

— Está falando sério?

Toby imaginara que Michael ficaria chocado com sua família. Ao contrário, ele parecia estar apreciando cada minuto.

— Seríssimo!

Antes que a mesa fosse tirada, Cléo pestanejou para Michael, pedindo cheia de dengos:

— Sr. Sedaine, conhece algum jogo que poderíamos jogar?

— Bem — Michael fingiu hesitar apenas para provocar a garota —, que tal charadas?

— Ah, não — Mo vetou. — Eu nunca consigo adivinhar a resposta certa.

— Então, o que acham de brincar de "quadro vivo"?

— Nunca ouvi falar — reclamou Mo. — Parece nome de livro de escola.

Ignorando a objeção do irmão gêmeo, Cléo pegou Michael pela mão e levou-o para a sala. Seguido pelos demais membros da família, inclusive o reticente Sr. Wells, Michael explicou as regras simples do jogo. Duas pessoas formariam uma equipe e iriam para o hall iluminado. Ali escolheriam um livro para retratar. Enquanto isso, as luzes da sala seriam apagadas, de forma que o hall adquirisse o aspecto de um palco.

Mo e Michael foram sorteados como a primeira equipe, e saíram da sala para decidir que livro encenariam.

— Que tal *Tom, o Botas Negras*? — Michael sugeriu.

— Isso não é justo! Aposto que Toby já deu com a língua nos dentes! — Mo protestou em tom acusatório.

Reprimindo o riso, Michael bancou o inocente:

— O que ela poderia ter contado?

— Sobre a minha catapora.

— Não ouvi nem uma palavra sobre isso, meu amigo.

— Mesmo assim, prefiro *A Roupa Nova do Imperador*.

— Quem vai posar nu? — Michael riu. — Eu não! Trate de se lembrar de outra história, meu jovem. — A malícia infantil de Mo fez Michael deleitar-se.

— Seu desmancha-prazeres — Mo resmungou. — Vamos tentar *Através do Espelho*.

— Boa ideia.

O jogo consistia em fingir-se de estátua, congelado em um movimento; qualquer palavra ou ação era proibida e podia desclassificar a equipe que se utilizasse de algum desses recursos. A escolha de Mo foi perfeita para dar início à brincadeira, e Rosie e Charlie logo adivinharam o título do livro. As representações mais interessantes foram as sugeridas por Robert Wells. Ele indicou diversas passagens bíblicas, cuja encenação tornava-se bastante divertida.

Após o cansaço dos últimos dias, o jogo representava um interlúdio maravilhoso, e Michael abandonou-se ao prazer puro e simples. Agia como se fosse ele mesmo uma criança, inteiramente envolvido na brincadeira. Em geral, durante suas viagens de negócios, nunca sentia saudades dos filhos, pois estava sempre ocupado demais para pensar neles. Nessa noite, porém, desejou que Paul e Suzanne estivessem ali, rindo e brincando com a família de Toby.

Para encerrar a noite, Rosie declarou:

— Gostaria de cantar uma canção para o Sr. Sedaine. Toby poderia me acompanhar ao piano?

— Michael passa o dia inteiro ouvindo amadores, Rosie — Toby objetou. Além do mais, pensou, quero que Rosie fique longe dele.

Assim que se deu conta do que lhe passara pela cabeça, mesmo tendo sido um simples pensamento, Toby ficou chocada. Michael se tornara mais importante do que simplesmente um patrão, ou possível comprador de suas canções. Era o primeiro homem que ela desejava conhecer melhor, na intimidade. Sentiu-se excitada, ao mesmo tempo que assustada, pela constatação.

Em suas maneiras afetadas, Rosie fez beicinho e falou com voz adocicada:

— Mas eu não estou tentando me vender como você, Toby. Michael viu a fúria brilhar nos olhos de Toby. Ouvira falar de irmãs competitivas, mas como não tivera nenhuma, jamais testemunhara tamanha demonstração de rivalidade. A fim de salvar Rosie, uma vez que Toby parecia prestes a estrangular a irmã, ele mentiu:

— Jamais me canso de ouvir uma mulher bonita cantar.

Rosie sorriu triunfante, enquanto Toby sentava-se de má vontade ao piano.

Observando as duas irmãs lado a lado, Michael analisou a semelhança nos traços, verificando que havia algo inteiramente distinto entre elas.

Ambas tinham cabelos loiros, olhos azuis e formas suaves. A beleza de Toby, porém, era natural. Quando se movia, sorria ou falava, não havia nada de artificial ou calculado em seus gestos. Rosie, por outro lado, esforçava-se por ser charmosa e interessante.

Mas os maneirismos afetados de Rosie desapareceram quando ela começou a cantar. Sua voz era forte o bastante para dispensar qualquer fingimento ou preocupação. Quando a canção terminou, Michael estava sinceramente impressionado com o talento da moça.



— Tem uma bela voz, Rosie. Estudou canto alguma vez?

— Não. Alguns de nós já nascem com talento — respondeu com um olhar enviesado para Toby.

Michael sentiu imensa vontade de rir. Conteve-se ao perceber que Toby não estava achando graça nenhuma na atitude da irmã.

— É surpreendente que uma mesma família possua duas mulheres talentosas — ele comentou com diplomacia.

Finalmente, as crianças foram dormir e Robert Wells voltou ao seu estúdio. Toby pretendia passar alguns momentos a sós com Michael, mas, evidentemente, Rosie tinha outros planos.

— Gostaria de conhecer nossa videira? — ela convidou Michael. — Mamãe plantou uma grande variedade e as pessoas costumam achar muito interessante.

— Hoje é sua vez de lavar os pratos — Toby anunciou antes que Michael pudesse responder.

— Sim, mas Gwen ofereceu-se para trocar suas tarefas com as minhas.

— Eu não — Gwen apressou-se em esclarecer.

— Mas, Guinevere, é nossa responsabilidade tratar bem o Sr. Sedaine — Rosie choramingou. — Estou certa de que ninguém deseja que nosso convidado pense que somos grosseiros, não é?

— Não — Toby interferiu, pondo um fim na discussão. — Claro que não queremos que isso aconteça. Por esse motivo, o Sr. Sedaine e eu vamos tomar café na varanda enquanto você lava os pratos, Rosamunda.

Toby chegou a pensar em dar um beliscão no braço de Rosie a fim de enfatizar a advertência muda para que ela deixasse Michael em paz. Rejeitou a ideia ao pensar que ele era adulto e não precisava de sua proteção.

— Uma xícara de café seria bem-vinda, assim como um pouco do ar fresco da noite — disse Michael, agarrando a oferta de Toby como um náufrago agarra-se a uma tora.

— Sente-se no balanço da varanda e fique à vontade — Toby sugeriu antes de se dirigir à cozinha. — Estarei com você em um minuto.

No instante mesmo em que Michael atravessou a soleira da porta, Toby virou-se furiosa para Rosie:

— Se você se atrever a pôr os pés naquela varanda, Rosamunda Annabella Wells, juro que vai se arrepender!

— Qual o problema, Toby? Está com ciúmes?

— O Sr. Sedaine e eu apenas trabalhamos juntos, mas a sua bajulação chega a ser insultante. Comporte-se como uma dama, não como Jezebel!

Rosie deixou a cozinha pisando duro e derrubando uma pilha de panelas sujas em sua passagem. Toby jamais compreendera a atitude maldosa da irmã e havia desistido a muito tempo de eliminar as diferenças entre elas. Rosie era egocêntrica, mas, ao menos, bondosa para com os outros irmãos.

Toby preparou uma bandeja para levar à varanda e, quando se juntou a Michael, ele se balançava preguiçosamente para frente e para trás. No momento em que a viu, levantou-se de pronto.

— Gostaria que desculpasse o comportamento de Rosie. Às vezes ela é inconveniente — declarou, desejando que Michael não tivesse ficado ofendido pelo flerte da irmã.

— Não há do que se desculpar. Rosie é jovem e impressiona-se com facilidade.

— E vive testando minha paciência!

— Fez um excelente trabalho, Toby — disse Michael, tomando-lhe a bandeja das mãos e colocando-a sobre o assento do balanço. — Cada uma destas crianças tem a certeza de ser amada. E isso lhes dá segurança e confiança suficiente para que sejam francos e abertos para o mundo.

— Formamos um grupo peculiar — Toby falou depois de servir-lhe uma xícara de café e sentar-se a seu lado.

— É justamente o que mais gosto em sua família: a diversidade. O que eu tentava lhe explicar a pouco é que famílias pequenas não podem competir com a alegria de uma grande. É simplesmente impossível.

— Creio que tem razão, mas você só nos viu bem comportados. Espere até Cléo e Mo começarem a brigar pelo último biscoito. Então, não estou certa de que ainda vai achar tudo tão interessante e agradável.

— Ora, talvez sim. Existem duas crianças que eu adoraria ver brigando de vez em quando.

— Que crianças não brigam? — Toby não acreditava que poderiam existir tais criaturas sobre a face da terra.

— Paul e Suzanne — Michael respondeu inconsciente de que dava um leve empurrão com o pé no balanço. — Eles são...

O movimento súbito do balanço fez com que Toby virasse a xícara de café sobre o vestido. Ela se levantou de um pulo e começou a sacudir a saia, enquanto Michael apressava-se em alcançar um guardanapo para limpar o assento.

— Sinto muito — ele desculpou-se. — Jamais poderia imaginar que esta coisa se movesse tão facilmente.

— Não faz mal — Toby tranquilizou-o. — Pegue um biscoito, estão todos secos.

— É você quem os faz? — Michael perguntou depois de provar um biscoito de gengibre.

Toby assentiu e voltou a sentar-se.

— São melhores que os biscoitos feitos por nossa cozinheira.

Michael fingiu concentrar-se em cada biscoito que experimentava, enquanto ponderava sobre o que tinha para dizer. Estivera arquitetando um plano desde que Toby começara a trabalhar para ele. Porém, depois do que presenciara ao longo daquela noite, tinha certeza de que ela nem sequer levaria sua proposta em conta. Mesmo assim, decidiu que não partiria sem tentar.

— Toby — ele começou hesitante —, apreciei bastante o trabalho que fizemos juntos. Você é eficiente, tem bom ouvido, é inteligente e bem-educada. Sei que já disse isso antes, mas gostaria de reafirmar que formamos uma excelente equipe.

— Obrigada, Michael. Tenho grande respeito pela sua opinião e aprendi muito trabalhando a seu lado.

— Eu adoraria que fosse comigo para Nova York, mas entendo perfeitamente porque não pode.

Toby firmou os dois pés no chão, interrompendo o vai vem do balanço.

— O que disse?

— Pensei em transformar minha proposta de emprego temporário em permanente, mas agora sei que você jamais deixaria Saint Louis.

— Que tipo de emprego?

— A princípio, continuaria fazendo o que fez aqui, acompanhando-me a Chicago, Detroit, Colúmbia e Richmond. Quando voltássemos a Nova York, eu a encarregaria da revisão das canções, negociação de contratos e entrevistas a candidatos.

— E qual seria o salário? — ela perguntou com cuidado. Embora o coração houvesse disparado, manteve a pose e um ar de desinteresse.

— Cem dólares por mês.

Saltando do balanço, Toby fez com que a bandeja, assim como os biscoitos, se espalhassem pelo chão da varanda. Entretanto, nem tomou conhecimento do fato.

— O que o faz pensar que eu recusaria a oferta? Adoraria trabalhar para Musical Sedaine!

Michael sentiu-se ao mesmo tempo satisfeito e perplexo. Entendera que a família de Toby era totalmente dependente dela, que não seriam capazes de viver sua rotina sem a presença da irmã mais velha. Ainda assim, ela queria se mudar para Nova York! Não fazia sentido!

— E sua família?

— Alex e a esposa, Mary, pretendem morar conosco de qualquer maneira; precisam economizar dinheiro para comprar uma casa e a mobília necessária. Mary pode assumir o meu lugar.

— Não acha que Cléo e Mo são jovens demais para viver sob os cuidados de outra pessoa? — Michael mal podia acreditar que estava tentando dissuadi-la. Precisava desesperadamente de uma assistente competente, e estava ali bancando o advogado do diabo!

Toby parou de andar de um lado para outro e voltou a sentar-se perto de Michael.

— Mudou de ideia? Não quer mais que eu o acompanhe? Não precisa me pagar um salário tão alto.

— Isso não tem nada a ver com dinheiro — ele assegurou, tomando-lhe as mãos nas suas. — Apenas não quero que tome uma decisão precipitada e que venha a se arrepender depois. Quero ter certeza de que será feliz.

Para Toby era difícil pensar com clareza quando Michael sussurrava naquele tom de voz grave e profundo. Não sabia sequer distinguir se era a brisa morna da noite ou o hálito quente que ele exalava que lhe acariciavam a face. A única certeza era que as mãos dele cobrindo as suas despertava a mesma sensação inebriante que sentira na primeira vez que ele a tocara.

Entretanto, Michael não estava discutindo uma relação pessoal, mas tratando de um possível acordo profissional. Assim, Toby forçou-se a prestar atenção nas palavras dele. Além do mais, lembrou-se, não dispunha de tempo para um homem em sua vida — pelo menos por muitos e muitos anos.

— O que vou lhe dizer agora pode parecer egoísta — ela falou em voz baixa —, mas é a pura verdade. Dediquei-me a esta família durante dez anos. Eles são meus irmãos, não meus filhos. Fiz uma promessa à minha mãe em seu leito de morte e cumpri com minha palavra. Agora, chegou minha vez de fazer o que desejo. E quero mais da vida, além de esfregar o assoalho, cuidar do jardim, lavar a roupa e cozinhar. Foi por esse motivo que ainda nem pensei em casar, quando a maior parte de minhas amigas já tem seus filhos. A esta altura, o casamento significaria para mim a escravidão.

— Creio que milhões de mulheres discordariam de você — disse Michael, surpreso pelo alto grau de convicção de Toby. Lillian estivera totalmente satisfeita como Sra.

Michael Sedaine. Satisfeita e entediada.

— Mas eu não quero ser igual a todas as mulheres. Pretendo ser alguém especial.

Michael admirou-lhe os ideais e sentiu-se contente por estar lhe oferecendo a oportunidade que ela merecia. Era evidente que Toby havia sacrificado sua juventude em favor das responsabilidades de uma mulher adulta, e agora se mostrava ansiosa pela liberdade. E se ela estava determinada a deixar Saint Louis, então ele a protegeria em sua saída do ambiente acolhedor da família para o mundo.

— Não precisa partir de imediato. Pense no assunto por quanto tempo for necessário. Vou lhe deixar meu itinerário para que possa telegrafar, informando-me de sua decisão — ele a tranquilizou, afastando com delicadeza uma mecha de cabelo do rosto de Toby.

— Devo esperar o retorno de Alex e Mary. Onde vai estar dentro de quatro dias?

— Chicago.

— Nos encontraremos lá, e tenha certeza de que não vou mudar de ideia.

— Não acha que eu deveria conversar com seu pai? Poderia assegurá-lo...

Toby levantou-se num movimento brusco. Ficar perto de Michael abalava sua segurança.

— Deixe que eu cuide de explicar a situação a meu pai. Embora ele me ame de verdade, não tem a menor ideia de quem eu sou ou o que sinto. Além do mais — ela sorriu —, nunca questionou minhas decisões e é capaz de nem perceber que parti se ninguém lhe contar.

Michael teria duvidado que um pai reagisse dessa forma, caso não conhecesse Robert Wells.

— Se está decidida a me acompanhar, sinto-me na obrigação de assegurá-lo de que você estará bem. Quando chegarmos a Nova York, poderá ficar com minha mãe pelo tempo que desejar. Vou telegrafar para ela antes de deixar Saint Louis.

Embora comovida pela preocupação de Michael, Toby não estava acostumada a ser cuidada, e não sabia como reagir à proposta.

— Não precisa se incomodar com isso. Estarei bem em um hotel.

— Depois de passar três semanas em hotéis e trens, tenho certeza de que vai gostar de ser hóspede de minha mãe.

Ao contrário do que se poderia esperar, a conversa sobre viagens, hotéis, Nova York e uma vida inteiramente nova não impressionou Toby. Estivera esperando por uma oportunidade, a menor que fosse para escapar de Saint Louis e lutar pela carreira que sua família e amigos afirmavam que jamais existiria. Agora que via seu sonho transformando-se em realidade, não permitiria que nada nem ninguém a detivesse.

— Não tenho palavras para descrever o que sua oferta significa para mim — ela declarou emocionada. — Nem sei como agradecer.

Embora se sentisse tentado a tomá-la nos braços e mostrar-lhe exatamente como gostaria que ela agradecesse, Michael se conteve. Era verdade que lhe oferecera um emprego apenas por ela ser a assistente mais competente que ele já tivera. Por outro lado, sua atração por ela o deixava preocupado. Apesar da dificuldade que encontrava em resistir aos encantos de Toby, não esquecera a lição aprendida com Lillian durante seu primeiro casamento: atração física não era uma base sólida para um relacionamento entre homem e mulher.

As regras rígidas para a contratação de Toby estavam claras na mente de Michael. Desenvolveriam uma relação de profunda amizade, trabalhariam juntos, viajarão e

jantariam em companhia um do outro; porém, todas as noites eles se despediriam diante da porta do quarto de Toby. Ele não tinha a menor intenção de valorizar sua atração por ela, ou de investir em um relacionamento mais íntimo. Não fora a Saint Louis com ideias de encontrar uma mulher para complicar sua vida, e não seria tolo a ponto de deixar a cidade com uma!

Toby acordou mais cedo que de costume. Nem mesmo as andorinhas aninhadas sobre o beiral acima da janela de seu quarto haviam piado em saudação ao amanhecer, quando ela se vestiu, arrumou a cama e dirigiu-se à cozinha para preparar o desjejum da família. A decisão de acompanhar Michael despertara-lhe tanto entusiasmo que não era capaz de ficar quieta um segundo.

Transbordando de alegria e ansiedade, Toby preparou duas assadeiras de waffles, uma tigela enorme de ovos mexidos e abriu um vidro de sua tão elogiada compota de morangos. Quando desse a notícia de sua partida à família, queria que suas reações fossem amenizadas pelo clima festivo de um banquete.

O único momento em que todos os Wells encontravam-se reunidos era quando sentavam-se à mesa para as refeições. O ato de comer representava mais que uma necessidade para eles; era um verdadeiro ritual, onde cada um partilhava da vida dos demais. Enquanto as travessas passavam de um lado para o outro, revelavam-se sonhos, discutiam-se ideais, espalhavam-se fofocas inocentes e, algumas vezes, problemas tornavam-se menos sérios pelo simples fato de serem divididos com alguém.

Hum! — Charlie suspirou ao sentir os aromas deliciosos que emanavam do fogão a lenha. — Já é manhã de Natal ou será que estou sonhando? — Beijou o topo da cabeça de Toby, depois apoiou o queixo sobre os cachos loiros, como se ela fosse seu travesseiro, como se ele ainda estivesse cansado e não inteiramente desperto.

Não, não é Natal, mas bem que poderia ser! - Toby declarou com alegria.

— O que a minha grande irmã está tramando?- Charlie perguntou e, segurando os ombros de Toby, virou-a para fitá-la nos olhos. Embora fosse pelo menos trinta centímetros mais alto que ela, sempre veria como “a grande irmã”.

—Tenho notícias maravilhosas, Charlie, mas terá de esperar até que todos estejam em seus lugares para o café. Como Charlie não estava em casa na noite anterior, não conheceu Michael, portanto havia muito o que lhe contar.

Charlie estreitou os olhos e estudou a irmã por alguns instantes, curioso acerca do que estaria se passando.

— Meu Deus! — exclamou de repente, com uma gargalhada. — Não vai me dizer que, finalmente, você se apaixonou!

Colocando as duas mãos no peito dele, Toby afastou-o com bom humor. — Nada disso, Carlos Magno!

— Ah, é verdade — ele disse, fingindo mágoa pelo uso de seu nome de batismo. — Já ia me esquecendo que você está decidida a morrer solteirona!

— Não vou morrer solteira! — Embora Toby relutasse em casar-se, não tinha a intenção de envelhecer sozinha. Um dia encontraria um homem especial, que saberia ser liberal, protetor, romântico e forte.

Alguém como Michael Sedaine, ela pensou e corou. Michael possuía todas aquelas qualidades, mas era apenas seu patrão, o meio pelo qual conquistaria Nova York. E, na cidade de seus sonhos, todos os homens deviam ser como ele: cultos, educados e avançados na atitude em relação às mulheres. Tais características faziam um homem

parecer "romântico" para uma garota do interior.

— Pois se não se cuidar, vai mesmo é acabar solteirona! — Charlie provocou, despertando-a do breve devaneio e correndo para acordar os outros.

— E você, se não se cuidar, vai é levar umas boas palmadas! — ela ameaçou enquanto retomava seus afazeres.

Embora não tivesse favoritos entre os irmãos, Toby desenvolvera uma relação especial com Charlie. Seu jeito maroto sempre lhe provocava o riso, e ele podia insultá-la e agradá-la no mesmo instante.

Um a um, todos os membros da família tomaram seus lugares e atacaram, famintos, a refeição suntuosa. Toby, porém, só se sentou depois que o pai assumiu seu posto à ponta da mesa.

— Papai — ela começou, enquanto colocava uma colherada de creme sobre o waffle de Robert.

— Hã — ele resmungou, sem interromper a leitura do jornal matutino.

— Papai?

— Sim, filha, estou ouvindo.

— Michael ofereceu-me um emprego. Vou encontrá-lo em Chicago. Ele deixará Saint Louis hoje, sozinho, mas eu o alcançarei depois de fazer minhas malas e resolver algumas pendências.

Ao dizer "pendências", pensava nas necessidades familiares. Alex estaria de volta com a esposa, Mary, dentro de quatro dias, e Toby devia fazer uma série de anotações a fim de garantir que a cunhada pudesse cuidar da família sem maiores dificuldades. Havia as aulas de piano de Mo, a festa da escola de Cléo, as meias do pai que precisavam ser cerzidas. Além disso, Charlie estivera atormentando-a com a dúvida de que cursos escolher para o semestre seguinte na universidade, Gwen precisaria usar óculos... Centenas de outros detalhes precisariam ser anotadas antes de partir.

— Teremos audições ao longo de todo o caminho até Nova York — ela continuou. — Chegando lá, a publicação das canções compradas nesse período nos dará um bocado de trabalho.

— Que bom querida — Robert respondeu distraído. — Isso vai lhe fazer bem.

— Oh, papai — Toby quase gritou de alegria —, eu pensei que teria de convencê-lo a me deixar mudar para Nova York! — Inclinou-se e beijou-lhe carinhosamente a face.

— Convencer-me a fazer o quê? — Finalmente ele levantou os olhos do jornal e fitou-a.

— Ora, a me deixar mudar para Nova York. Acabei de contar que recebi uma excelente oferta de emprego.

— Acho formidável — Charlie intrometeu-se com uma piscadela para Toby. — Nova York é o lugar ideal para se fazer nome... Ou mudá-lo.

— Conhecerá a moda parisiense antes que os modelos cheguem a Saint Louis! — exclamou Rosie excitada. — Vou visitá-la e comprar um vestido em uma daquelas lojas luxuosas que só vendem peças da última moda!

— Do que vocês estão falando, afinal? — Robert Wells silenciou os filhos com sua irritação.

— Estamos falando de Nova York — respondeu Mo. — Toby vai se mudar para lá.

— Para quê, em nome de Deus? — o pai inquiriu. — Sua família está aqui!

Toby observou-o mexer na aliança de casamento de Irina, que ele conservava presa à corrente do relógio de bolso. Robert só brincava com o anel de ouro quando estava



aborrecido, nervoso ou meditando acerca de questões muito sérias e profundas. A filha mais velha aprendera ao longo dos anos a adivinhar seu estado de espírito a partir desse hábito.

— Para casar-se com o Sr. Sedaine — Gwen provocou.

— Chega! — Toby a repreendeu. — Ninguém aqui falou em casamento. O Sr. Sedaine é meu patrão, nada mais.

— Ora, o Sr. Rogers era apenas o açougueiro de Beth Carroll até ela se casar com ele! — Gwen retorquiu.

— Se você não o quiser, irmãzinha — Rosie intrometeu-se na conversa —, ficarei com ele!

— Você se casaria até com Dorian Gray — Toby alfinetou-a, referindo-se ao controvertido personagem do livro mais recente de Oscar Wilde. Todos na cidade comentavam o herói atraente, porém mau-caráter.

Robert Wells levantou-se e bateu com a palma da mão na mesa.

— Não quero ouvir nem mais uma palavra de qualquer de vocês! Agora, Toby, pode explicar esse absurdo?

Ela esperava que o pai ficasse surpreso com a notícia, mas ele parecia furioso. A reação violenta só serviu para reforçar sua decisão.

— Michael Sedaine ofereceu-me um emprego em sua companhia musical em Nova York. É minha grande oportunidade de aprender mais sobre composição e, eventualmente, publicar minhas canções.

— E vai abandonar seus irmãos?

A chantagem emocional era uma arma poderosa se usada contra Toby. Geralmente ela recuava diante do sentimento de culpa. Dessa vez, porém, havia jurado resistir ao ataque.

— Mary foi clara quando se declarou ansiosa para ajudar na administração da casa e da família.

— Mary é uma estranha!

— É sua nora, esposa de Alex, portanto, uma Wells. E vai tomar meu lugar aqui.

— Não lhe darei permissão! — Robert afirmou em tom severo. Toby hesitou por um curto instante.

— Não pedi nada, papai. Estou apenas informando minha decisão.

Todos à mesa engoliram em seco. O pai era um homem amável e paciente, mas nenhum deles jamais ousara desafiá-lo. Aquela era a primeira vez que um de seus filhos questionava suas ordens.

— O lugar de uma mulher é junto da família. Você deveria ficar com sua mãe, se ainda estivesse viva, com seu pai, que ainda está aqui, e seus irmãos, que precisam de você. Mais tarde, encontrará um bom marido e, então, terá sua própria casa e filhos.

A irritação de Toby atingiu um grau que ela desconhecia.

— Suponho que deva casar com um daqueles pálidos estudantes da bíblia, e ter uma dúzia de monstros chorões!

— É como vê seus irmãos? Monstros?

Toby olhou rapidamente para Mo, Cléo, Charlie, Rosie e Gwen e, no mesmo instante, arrependeu-se das palavras amargas.

— Claro que não, papai. Eles são uma bênção, como você sempre disse. Mas eu quero ter a minha vida.

"Por que ele tem de começar a interferir justamente agora?", Toby perguntou-se.

Durante anos o pai havia se retirado para seu mundo acadêmico, deixando que ela fizesse as coisas a seu modo. E, quando surgia a melhor oportunidade de sua vida, ele resolvia fazer valer a autoridade paterna.

— Papai, o mundo mudou desde o tempo em que você e mamãe se casaram. Hoje, as mulheres têm escolhas, carreiras.

— Cuidado com o que escolhe — ele advertiu com desdém. — Vai precisar sempre de um pai ou marido para guiá-la e protegê-la.

Toby levantou-se e encarou-o com firmeza.

— Não preciso de ninguém, papai, e *vou* para Nova York. - Fitaram-se nos olhos por um longo momento. Cada um sabia que o outro não voltaria atrás.

— Sentem-se e terminem o desjejum — Charlie tentou abrandar a tensão.

— Perdi a fome — Robert declarou, deixando a cozinha para instalar-se em seu estúdio.

— Eu também. — Soluçando, Toby subiu correndo para seu quarto.

O aposento que dividia com Rosie pareceu, de repente, abafado e infantil. A medalha de primeiro lugar no show de talentos, conquistada no último ano do ginásio, assumira um ar de zombaria. Será que o pai queria realmente que ela provasse, pela última vez, do que era capaz? As bonecas que abandonara quando os gêmeos nasceram, continuavam sentadas no divã sob a janela. Os livros de música, impecavelmente arrumados junto a suas composições.

Olhando para os restos de sua infância, Toby concluiu que se não fosse embora naquele mesmo instante, jamais partiria. Em quatro dias, a culpa devastaria a ambição, o senso de responsabilidade enfraqueceria a necessidade de escapar àquela vida, o amor pelo pai anularia sua determinação.

Enxugando as lágrimas com as costas da mão, abriu o guarda-roupa para pegar sua mala. Michael partiria em menos de uma hora. Se fosse rápida, conseguiria alcançá-lo na plataforma. Foi tirando as roupas dos cabides e jogando-as na valise, sem se preocupar em dobrá-las.

— O que está fazendo, Toby? — Cléo perguntou da porta.

— Vou para Nova York.

— Agora? — Mo acabara de juntar-se à irmã gêmea.

— Sim.

— Quando ganhar bastante dinheiro, você vai comprar um carrinho novo para mim? — o menino perguntou, parecendo não estar nem um pouco abalado pela partida de Toby.

— Será o primeiro presente da minha lista.

— Eu quero um jogo de anagramas — disse Cléo.

Toby imaginara que os gêmeos chorariam e se agarrariam a sua saia. Entretanto, como a maioria das crianças, eles se adaptaram com facilidade à nova situação.

— Quero que sejam bonzinhos com Alex e Mary.

— Ora, isto seria muito chato — gracejou Charlie, entrando no quarto. — Afinal, queremos que Mary se sinta em casa, não é mesmo?

— Quem vai preparar o jantar esta noite? — Rosie abriu caminho a cotoveladas por entre os irmãos.

— Você, Rosamunda querida — Toby respondeu sem se virar. — Ao menos por uns dias, vai se mexer um bocado!

— E nós vamos emagrecer um bocado — Charlie zombou. — Rosie é a pior cozinheira

da cidade.

Quando terminou com a bagagem, Toby dirigiu-se a Charlie:

— Pode me levar até a estação?

— Vou preparar a charrete.

Depois de abraçar e beijar demoradamente os gêmeos, e despedir-se de Rosie e Gwen, Toby secou as lágrimas e foi bater na porta do estúdio do pai.

— Entre — ele resmungou.

Ela depositou a mala no meio do aposento, anunciando assim sua decisão.

— Vejo que não mudou de ideia — Robert concluiu contrariado.

— Não.

— Tem dinheiro para a viagem?

— Venho economizando minha mesada há anos.

Robert levantou-se e começou a andar de um lado para outro.

— Eu poderia impedi-la. Poderia chamar o xerife e dizer-lhe que está desobedecendo minhas ordens.

— Eu sei papai, mas não vai fazer nada disso. — Toby sabia que o pai seria capaz de usar todas as armas que estivessem ao seu alcance, mas nunca apelaria para a autoridade de um estranho para controlar seus filhos.

— Se sua mãe estivesse aqui, certamente conseguiria mostrar-lhe que está errada.

— Se mamãe estivesse aqui — ela respondeu amargurada —, teria mais sete filhos para cuidar e estaria ocupada demais para se preocupar comigo.

Embora soubesse que suas palavras eram cruéis, considerou que o pai também fora cruel ao invocar a memória da esposa falecida. Afinal de contas, ele poderia simplesmente abraçá-la, dar-lhe a bênção e desejar que fosse feliz.

— Foi a vontade de Deus — Robert falou com tristeza em resposta à acusação da filha.

— Eu também tenho uma vontade, papai.

— Pura teimosia, minha filha. Vá, então, e não diga que não avisei. Toby virou-se para a porta sem se aproximar do pai. Pela primeira vez em sua vida, sairia de casa sem dar-lhe um abraço e um beijo.

Charlie tentou animá-la durante o trajeto até a estação. Manteve um monólogo, tentando lhe assegurar que havia tomado a decisão certa. Mesmo assim, quando ele a deixou diante do portão da estação, Toby estava prestes a voltar atrás. Foi a visão de Michael subindo os degraus para o vagão que restabeleceu-lhe as forças. Ele representava seu futuro, o homem que poderia mudar sua vida para sempre.

— Michael — ela acenou com vigor para chamar-lhe a atenção —, espere por mim!

Ele virou-se ao som da voz que agradava seus ouvidos afiados muito mais que qualquer canção.

— Toby? O que está fazendo aqui? Veio se despedir?

Ela abriu caminho por entre os demais passageiros e aproximou-se para fitá-lo. Os raios do sol refletiam-se nas lágrimas que marejavam seus olhos.

— Decidi partir com você agora.

— Mas você disse que tinha uma porção de coisas para resolver antes de partir... — Michael não sabia o que dizer e sentia-se impotente diante das lágrimas silenciosas.

— Está tudo resolvido — Toby murmurou. — Não faria sentido esperar mais.

Embora não se julgasse egoísta, Michael estava contente em vê-la, em tê-la em sua companhia, independente do motivo. E era evidente que o motivo pelo qual ela antecipara

sua partida era doloroso.

— Venha — ele convidou-a a entrar no vagão, estendendo-lhe o braço a fim de ajudá-la com a bagagem.

Gostaria de fazer mais que ajudá-la. Queria puxá-la para si, envolvê-la em seus braços e acalmar o tremor que sentiu quando a tocou. Toby Wells, a mulher dinâmica e corajosa, a mocinha que podia dominar uma multidão, administrar uma casa, transcrever a partitura mais difícil, estava assustada. E isso partia o coração de Michael.

## CAPITULO IV

Após três semanas de audições ininterruptas, Toby lutava contra a tentação de explodir em gargalhadas diante do jovem rapaz que apresentava sua canção. Espiando por sobre o ombro, viu que Michael também chegava à beira da histeria e tentava disfarçar a reação cobrindo o rosto com a mão. A composição não era pior que a maioria, mas depois de ouvir tantas criações escandalosas, a capacidade de manter-se impassível havia se esgotado no patrão e na assistente.

Toby rezou para que ela e Michael pudessem conter o riso por mais cinco minutos. Aquela audição em Richmond era a última que teriam de suportar. Dali partiriam diretamente para Nova York e, uma vez que Michael fizera diversos elogios a sua atuação profissional, não estragaria tudo agindo com irresponsabilidade, justamente quando estava tão perto de atingir seu ideal.

Ao final da apresentação, Michael dispensou o rapaz com palavras gentis e esperou que a porta se fechasse e o som de passos desaparecesse para dar vazão às gargalhadas.

— Um trator teria produzido sons mais harmoniosos!

— Você é muito bonzinho! — Toby zombou entre risos, levantou-se e sacudiu os ombros para dissipar o cansaço dos músculos, enquanto Michael afundava-se na poltrona. — Estou exausta — ela murmurou com um suspiro. — E você, como se sente?

— Sinto-me disposto a comemorar. Que tal irmos a um bom restaurante e pedir champanhe?

Desde que deixara Saint Louis, Toby não fizera nada em seu tempo livre além de jantar em restaurantes luxuosos. Embora jamais tivesse imaginado que isso seria possível, só desejava uma refeição simples e caseira.

— Acho que prefiro dar um longo passeio e relaxar.

— Podemos ir ao parque, uma vez que a noite ainda vai demorar a cair.

— Gostaria de conhecer a Assembléia Legislativa. Ouvi dizer que é um edifício muito bonito.

Ela se sentia leve e livre. Pela primeira vez, desde que saíra de casa, tinha a oportunidade de apreciar algo diferente de salas de audições apinhadas, monótonos quartos de hotel, vagões abafados e barulhentos e quilômetros intermináveis de estradas de ferro.

— Muito bem, então vamos à Assembléia — Michael concordou, levantando-se e apanhando o paletó.

O entusiasmo de Toby contagiava Michael. O riso dela inflamava seu bom humor, a beleza de seus traços influenciava sua visão, e a inocência que ela demonstrava interferia em seu julgamento. Se ela não fosse tão ingênua, ele teria lhe dado um beijo. Mas, como ela interpretaria suas razões? Passaria a vê-lo como um patife, um patrão depravado e aproveitador? Ou aceitaria o gesto como simples manifestação de amizade e afeto? Infelizmente, Michael não podia ler-lhe os pensamentos.

Enquanto abotoava o colarinho e recolocava a gravata, Toby aproximou-se até que as rendas de seu corpete quase se encostassem à camisa dele. Michael inspirou profundamente, como sempre fazia quando Toby chegava tão perto, coisa que ela tinha o hábito enervante de repetir com frequência! A todo instante, debruçava-se sobre seu ombro para espiar uma partitura, os cabelos macios acariciando-lhe a face. Tal proximidade reduzia a determinação de Michael a um amontoado de emoções caóticas. E ele se perguntou: "Por que não?" Afinal, ela possuía pele clara e lisa como porcelana, um perfil estonteante, dominado por incríveis olhos azuis, e tudo isso emoldurado por cabelos que lembravam a seda.

— Você sujou o rosto de tinta — Toby disse enquanto tirava um lençinho da manga do vestido. Colocou-se na ponta dos pés e tentou alcançar a mancha na testa de Michael, mas ele era muito alto. — Incline um pouco a cabeça.

Michael teve medo de inclinar-se. Sentiu que se relaxasse um nervo sequer, perderia o controle e a tomaria nos braços. A luta para resistir à tentação de tocá-la tornava-se mais dura a cada dia, e cada momento que passava a seu lado só servia para alimentar seu desejo.

Em Saint Louis, fizera a si mesmo a promessa de só pensar em Toby Wells como uma funcionária eficiente e organizada. Agora, dava-se conta do quanto fora tolo: firmara um pacto com o diabo, e já começava a pagar por isso.

— Por favor, Michael — ela insistiu, puxando-o gentilmente pela lapela. Michael atendeu ao pedido e Toby pôde sentir o agradável aroma de limão que sempre o acompanhava. Ao contrário da maioria dos homens, que recendiam a fumo e tabaco, ele tinha o hábito de chupar balas de limão, e carregava sempre um pacote no bolso do colete. À medida que limpava a mancha de tinta, ela sentiu a própria respiração misturar-se à dele, envolvendo-os em uma onda de calor excitante. Havia um toque de magia no fato de dividirem o mesmo espaço, o mesmo momento, e um arrepio suave percorreu-lhe o corpo.

— Está com frio? — Michael perguntou num sussurro, quando na verdade, questionava o próprio tremor.

— Não, estou sentindo muito calor — ela respondeu confusa pela súbita sensação de torpor que a envolvia.

Todas as reservas de Michael caíram por terra e ele a tomou num terno abraço. Embora a maneira como ela o tivesse tocado não fosse mais que fraternal, representou para ele a gota d'água que fez transbordar todo o desejo contido. O comportamento impecável e cavalheiresco foi descartado sem sequer um segundo de hesitação e, muito menos, qualquer consideração a respeito das possíveis consequências.

Michael estava confiante de que Toby desejava ser beijada tanto quanto ele queria beijá-la, pois podia ler a expectativa em seu olhar. Toda a racionalização e controle que conquistara a duras penas cederam à emoção. Aquele momento era tudo com o que ele vinha sonhando, desde que deparara pela primeira vez com os olhos angelicais, em Saint Louis.

Quando Michael a beijou, Toby sentiu os lábios abrirem-se para ele. Não estava preparada para a sensação de desabrochar nos braços dele e, embora se sentisse indefesa, aceitou com prazer a intensidade com que ele a tocava. Tinha sido beijada antes, porém, o que Michael estava lhe fazendo encontrava-se fora do reino de sua experiência. Os alunos de seu pai, na igreja, haviam lhe beijado as faces, ou roçado



timidamente os lábios nos seus, mas Michael provocava-lhe um desejo desconhecido que ela estava adorando.

Sentindo a resposta de Toby, Michael aprofundou ainda mais o beijo pelo qual esperara tanto tempo. Percebeu-lhe a leve hesitação inicial, seguida de uma entrega sem resistência. Ela enlaçou-o num abandono apaixonado, levando-o a puxá-la ainda mais para si. E a intensidade da reação de Toby provocou-lhe um choque que o trouxe de volta à razão. Subitamente afastou-se.

Teria Toby reagido a ele, ou ao simples fato de estar sendo beijada pela primeira vez em sua vida? Isso não importava. Michael havia trilhado esse caminho antes, a estrada obscura da paixão que levava à desilusão e desavenças, uma vez dissipado o interesse pela novidade.

Após a morte de Lillian, jurara nunca mais cometer o mesmo erro. O amor era efêmero. Relacionamentos duradouros baseavam-se em interesses comuns, ideais partilhados e respeito mútuo. Tudo o que não existira em seu casamento.

Por que tinha de se sentir tão culpado toda vez que pensava na esposa? Lillian fora uma jovem adorável, intensamente apaixonada pelo amor, e Michael representara apenas o objeto inicial de sua fascinação. Muito antes de sua morte no acidente com o trem, ambos já sabiam que o casamento terminara. Havia vivido um ano de felicidade, seguido por três de tormento e amargura. E o preço que pagaram para manter as aparências fora alto demais em face das recompensas passageiras.

Jamais voltaria a se casar por acreditar estar apaixonado. Se algum dia fizesse tal proposta a uma mulher, seria por razões sólidas e racionais, que poderiam se transformar em amor no futuro. Acreditava que ter uma mulher equilibrada em sua vida seria bem mais sensato do que desfrutar de uma jovem bonita em sua cama. Fora tolo em imaginar que poderia conviver com a beleza de Toby sem querer tocá-la, experimentá-la, tê-la nos braços.

Durante os quatro anos que se seguiram à morte de Lillian, Michael não se absteria das relações com o sexo oposto. Porém, tomara o máximo cuidado para não estabelecer qualquer envolvimento sério e profundo com quem quer que fosse. Toby constituía a primeira ameaça à preciosa independência que ele estava disposto a preservar a todo custo.

— Fiz algo errado? — Toby perguntou magoada pelo afastamento repentino, seguido de um longo silêncio.

— Não, você não fez nada de errado — ele se apressou em assegurar —, mas trabalhar perto de você e, ao mesmo tempo, manter-me distante, tem sido a tarefa mais difícil de que já me encarreguei.

— Eu sei — ela admitiu.

— Não, você não sabe — ele corrigiu com irritação, dirigindo-se para o outro lado da sala. — Assumo inteira responsabilidade por ter ultrapassado os limites do nosso relacionamento.

— Que limites são esses? — Toby inquiriu. Acreditara que Michael a julgava atraente e agora já não estava certa dos motivos que o levaram a beijá-la. Ela havia desejado aquele beijo, mas ele estava agindo como se tivesse cometido um crime.

— Não devemos misturar trabalho com prazer. Formamos uma equipe competente, e seria tolice estragar isso por um caso temporário.

Toby não conseguiu impedir que sua raiva se manifestasse.

— Caso? Você me faz parecer uma prostituta!

— Eu jamais pensaria uma coisa dessas! — Michael ficou chocado com a analogia franca.

— Não? Obrigada, Sr. Sedaine. Fico satisfeita em saber que não é o tipo de homem capaz de, simplesmente, usar uma mulher para esquecê-la em seguida — ela declarou com sarcasmo. Depois de beijá-la com tamanho ardor, queria convencê-la de que só estabelecia relações profissionais com as mulheres!

A acusação de Toby fez Michael sentir-se envergonhado. Prostitutas! Sim, sempre pensara nas mulheres que haviam passado por sua vida nesses termos.

— Isso não é justo. Desde que minha esposa morreu, eu não...

— Esposa?

— Ela se chamava Lillian. Morreu em um acidente de trem há quatro, quase cinco anos.

Toby viu-se dividida: parte dela magoava-se com o fato de Michael nunca ter mencionado a condição de viúvo; por outro lado, tentou racionalizar a omissão, lembrando-se de que ele não lhe devia a história de sua vida só porque trabalhavam juntos. Por mais equilibrada que tentasse se manter, a revelação surpreendente trouxe a sua mente uma dúzia de outras perguntas. Entretanto, aquele não era o lugar nem o momento apropriado para um interrogatório.

— Sinto muito, Michael — ela disse depois de um longo silêncio. — Deve ter sido difícil para você.

— Sim, foi — ele respondeu bruscamente, irritado por ter de, mais uma vez, aceitar as condolências que não merecia.

Toby ficou confusa com a rejeição abrupta de sua demonstração de simpatia. A única explicação para o fato era de que Michael ainda sofria com a perda da esposa.

— Você também ficou ferido? — Embora se odiasse pela pergunta, ela tinha de saber o que acontecera.

— Não. — Michael suspirou. — Eu não estava lá.

Quantas vezes teria de repetir a mesma história? Lembrar e relembrar os detalhes não traziam paz a sua consciência, nem diminuía a culpa por não sentir falta de Lillian. Por outro lado, jamais poderia admitir publicamente que a morte da esposa não causara o sofrimento que todos imaginavam.

— Ela havia passado algum tempo na Bélgica, visitando parentes — continuou. — Estava a caminho de Paris. Felizmente, tinha deixado Paul e Suzanne com a enfermeira, e eles não estavam no trem quando descarrilou.

— Paul e Suzanne? Enfermeira? — Ou Michael estava se referindo a dois velhos inválidos ou, para total consternação de Toby, ele era pai de duas crianças!

— São meus filhos. — Ele sorriu pela primeira vez desde o início da conversa. — Suzanne tem seis anos e Paul, oito.

— Não acha que poderia tê-los mencionado antes? — Toby não estava em condições de racionalizar suas dúvidas, nem seus sentimentos.

Michael não precisava de intérprete para detectar a mágoa de Toby.

— Por quê? É necessário a um patrão apresentar sua biografia quando contrata uma assistente?

— Pensei que fôssemos amigos, não apenas patrão e empregada. Quando visitou minha casa, minha família, poderia ter falado um pouco de você e de sua vida! — Toby

contra-atacou.

— Eu tentei várias vezes, mas sempre que começava a falar, algo ou alguém me interrompia. Você há de convir que não é fácil expor um raciocínio, do início ao fim, quando sua família está toda reunida. Além do mais, estava prestes a entrar no assunto quando derrubei o café em seu vestido enquanto conversávamos no balanço da varanda. Depois disso, nunca mais surgiu uma oportunidade adequada.

Era ridículo ter de defender-se quando não devia a ela qualquer explicação! Devia-lhe apenas um cheque semanal.

— E agora que tem minha atenção exclusiva e sem qualquer interrupção, há mais alguma coisa que gostaria de me contar?

Como podia o primeiro homem por quem se interessara ser pai de dois filhos? Era tão ridículo quanto um abstêmio interessar-se por bebida! Os sonhos de Toby jamais incluíam filhos, nem mesmo os seus próprios, e quase cometera o grave erro de apaixonar-se por um homem que já tinha dois!

— Já que perguntou, há algo que gostaria de dizer — Michael respondeu com frieza. — Gostaria de pedir que não fosse tão informal quando nos encontramos a sós.

— Informal? Tem a coragem de acusar a *mim* pelo que aconteceu aqui?

— Tenho lutado para me comportar como um cavalheiro, a despeito da sua atitude despreocupada.

— E que atitude é essa? Por favor, Sr. Sedaine, explique-a em detalhes para que não haja mais mal-entendidos.

— Tem de admitir que é bastante liberal no que diz respeito a se aproximar e tocar as pessoas. Alguma vez já me debrucei em seu ombro para ler uma partitura, ou ajustei a gola de seu vestido?

— Tem uma mente muito suja, Sr. Sedaine! Como ousa acusar-me de flertar durante o trabalho?

Ninguém jamais criticara sua conduta. Tratava-se de um insulto que sempre fora reservado a Rosie.

— Se é isso o que pensa, talvez seja melhor trocar minha passagem para Nova York por uma de volta ao Missouri.

— Faça o que achar melhor. Se se sente como uma colegial, então aja como tal.

Deixou cair a pilha de papéis que segurava sobre a mesa, produzindo um estrondo que enfatizou sua frustração.

Os papéis se espalharam para todos os lados, e Toby conteve sua fúria. Caminhou rígida até a escrivaninha e juntou-os, restabelecendo a ordem. Jamais daria àquele homem a satisfação de vê-la correr de volta para casa. Partira de Saint Louis com um propósito e deixara-se desviar do caminho. Agora, depois de recuperada a razão, retomaria também a determinação que a levava até ali. Se o patrão não era capaz de controlar-se, se só podia estabelecer relações frias e impessoais, como era esperado de dois adultos que trabalhassem juntos, então ela lhe mostraria que era altamente capacitada para seguir suas ordens.

— Acho que é uma excelente sugestão, Sr. Sedaine. Agradeço por apontar minhas falhas. Da próxima vez, deixarei que passe o dia todo com o rosto manchado de tinta. Evidentemente, entendi mal suas razões para me beijar, mas por favor, não se preocupe com isso. Garanto que não voltará a acontecer.

Michael aproximou-se e tentou acalmá-la.

— Está torcendo minhas palavras — ele murmurou. — Eu não deveria tê-la beijado, mas você precisa entender que um homem e uma mulher que trabalham juntos não podem se comportar como temos feito.

— Suponho que não tenho a metade de sua experiência — ela falou entre os dentes — , e peço desculpas pelas minhas aproximações descuidadas. A que horas parte nosso trem para Nova York, amanhã, Sr. Sedaine?

— Às sete.

— Ótimo. Nos encontraremos na estação.

Michael acompanhou Toby até o hotel sem pronunciar palavra, e deixou-a diante de seu quarto como se fosse um pacote entregue por um mensageiro indiferente.

Apoiando-se na firmeza da porta de carvalho, Toby finalmente deu vazão às lágrimas que ameaçavam cair desde que Michael mencionara Lillian. A alegria antecipada pelo passeio ao longo da cidade desconhecida transformou-se em um sonho distante, quando deixou-se escorregar para o chão, mergulhada em tristeza e decepção. Entretanto, mais dolorosa que a perda daquilo que nem sequer chegara a ter, foi a constatação de que a euforia provocada por sua breve chegada em Nova York fora destruída.

## CAPITULO V

Para Toby, a viagem de trem de Richmond para Nova York transcorreu como se ela estivesse sozinha. Sentia-se abandonada, embora a realidade não fosse exatamente esta. Enquanto anotava os últimos acontecimentos em seu diário, Michael conversava com outros homens no vagão restaurante. Como lamentasse a perda da preciosa amizade, Toby fez algumas tentativas de derreter o gelo entre eles. Michael, porém, insistia em manter-se distante, apesar de rigorosamente cortês.

Se a mãe dele não tivesse telegrafado, dizendo que fazia questão que a nova assistente do filho fosse sua hóspede até que encontrasse acomodações adequadas, Toby se hospedaria de bom grado em um hotel. Entretanto, não ficaria bem mudar os planos de maneira tão súbita, e viu-se forçada a aceitar a hospitalidade da Sra. Sedaine.

Quando deixaram a movimentada estação de Nova York a caminho de casa, Toby aproveitou o tráfego congestionado para tentar mais uma vez convencer Michael de que ela deveria procurar outro lugar para se hospedar.

— Talvez fosse melhor eu procurar um hotel. Sua mãe é uma mulher ocupada, tenho certeza de que uma hóspede será um inconveniente para ela.

— Isso não é problema. Os criados não vão se importar — disse Michael, sem desviar os olhos do movimento das ruas.

— Mas, eu... — Toby gaguejou, sem encontrar uma desculpa educada para sua insistência. Finalmente, curvou-se à determinação de Michael, embora já tivesse decidido que a primeira coisa que faria na manhã seguinte seria procurar uma respeitável pensão para moças. Mais uma noite de cortesia distante e respostas curtas e frias a cada um de seus comentários seria o máximo que ela poderia aguentar.

A fim de evitar que Michael estragasse de vez sua chegada a Nova York, Toby concentrou-se no desfile colorido de carruagens e carroças sobre o pedregulho das ruas, nos estranhos ônibus com seus tetos em arcos puxados por cavalos, e as casinhas de tijolos, uma ao lado da outra, todas com minúsculos gramados verdejantes à frente. Tudo naquela cidade parecia apertado, numa verdadeira luta pelo espaço: as pessoas, as casas, os carros... Definitivamente, Nova York não tinha nada em comum com Saint Louis.

Toby desceu do cabriolé e ficou imóvel, sem acreditar no que via. Os Sedaine não moravam em uma casinha de tijolos como as que vira pelo caminho; possuíam um apartamento fabuloso em um edifício chamado Dakota. Ela jamais vira um prédio tão luxuoso, fosse em sua cidade ou durante sua viagem com Michael.

As paredes amarelas do edifício de oito andares eram orladas de pedras cor de chocolate. O telhado de ardósia apresentava acabamento em cobre e era recortado por centenas de águas-furtadas, empenas e torreões. Grandes chaminés erguiam-se para o céu, balaustradas de ferro batido decoravam as janelas principais, e todo o conjunto situava-se no centro de um imenso jardim, salpicado de espetaculares fontes de bronze.

— É aqui que você mora? — ela perguntou a Michael quando, finalmente, conseguiu falar. — Isto não é um edifício, mais parece uma catedral!

Michael assentiu.

— Vim morar com minha mãe depois que Lillian morreu. Este edifício é imponente demais para o meu gosto. Sentia-me bem melhor em minha modesta casinha do outro lado da cidade, mas Paul e Suzanne precisavam de uma mulher que cuidasse de sua educação.

— Pensei que tinha dito que seu pai era apenas um alfaiate...

— Disse que era um alfaiate de renome. Meu pai transformou seu negócio no maior comércio de roupas e acessórios masculinos. Quando morreu, deixou uma verdadeira fortuna para minha mãe.

— Nesse caso — Toby hesitou, surpresa —, você é um homem rico!

— Não, não sou. Nada tenho a ver com os negócios de minha mãe. Desapontada?

— De jeito nenhum. Comparado à minha família, qualquer um pode ser considerado rico.

O sol caía para o oeste, banhando todo o cenário em uma aura avermelhada. Embora Michael tentasse evitar que sua atenção se fixasse em Toby, não conseguia desviar o olhar. Ela era linda, parada ali, olhando o Dakota com respeito e fascinação. Sempre pensara nela como pequena e delicada, em Nova York, parecia ainda mais frágil e vulnerável.

Sentiu-se culpado por tê-la tirado de perto da família, onde estava protegida de todos os males. Nova York poderia devorá-la num piscar de olhos, caso não houvesse alguém que a guiasse para longe do lado obscuro e mau da cidade. Não havia na América cidade mais sofisticada e perigosa que Nova York.

Toby não tomou consciência do olhar insistente de Michael. Toda a sua atenção concentrava-se na comparação entre os trajes provincianos que usava e os vestidos elegantes das mulheres que entravam e saíam do edifício. Uma jovem, em particular, fez Toby envergonhar-se da simplicidade de sua roupa. A moça usava um adorável chapeuzinho drapeado, adornado de pequenas plumas. A saia, que se abria com suavidade em forma de sino, bem como o casaquinho justo, eram debruados de largos galões coloridos.

Michael tocou-a de leve no braço, fazendo-lhe um sinal para que entrassem. Ela o seguiu para dentro do hall de entrada, aflita com o eco dos saltos de seus sapatos no aposento cavernoso. Esperaram o elevador em silêncio, pois Toby não se atreveu a falar, com medo de que sua voz soasse estridente demais.

— Michael — ela finalmente conseguiu murmurar —, creio que cometi um grande erro. Por favor, podemos ir embora?

— O que aconteceu com a garota destemida de Saint Louis? Vai se deixar intimidar pela pompa de um edifício esnobe?

Antes que Toby pudesse responder, o elevador chegou e o porteiro puxou a grade dobradiça num gesto de reverência. Michael deu início a uma inocente zombaria, tornando o clima menos opressor, fazendo-a sentir-se grata por isso. Pelo olhar crítico do ascensorista, Toby teve certeza de que, se Michael não estivesse com ela, o porteiro a teria confundido com uma criada e a obrigaria a entrar pelos fundos.

Ao saírem do elevador, Michael girou a chave na fechadura de bronze e abriu a porta do apartamento luxuoso. Toby atravessou a soleira e comentou sem pensar:

— É lindo! Quantos cômodos tem?

— Treze ou catorze, eu acho — Michael respondeu com indiferença.



— Para quatro pessoas? — Toby falou mais alto do que pretendia.

— Sim, sem contar os criados — declarou uma senhora de meia-idade e postura majestosa ao entrar na sala e estender-lhe a mão. — Seja bem-vinda, Srta. Wells. Sou Laura Sedaine.

— Foi muita gentileza sua oferecer-me sua casa — Toby respondeu. A semelhança entre mãe e filho era marcante. Foi difícil para Toby desviar o olhar do rosto da Sra. Sedaine, pois Michael exibia a versão masculina das feições da mãe. Era uma mulher impressionante: a linha dura do queixo, o nariz clássico e os abundantes cabelos negros que começavam a tornar-se grisalhos, formavam um conjunto severo e rígido.

— Michael, querido — a Sra. Sedaine dirigiu-se ao filho —, planejei um jantar em comemoração ao seu retorno. Ansel e os Von Feldman estarão aqui às oito horas.

— Em nossa primeira noite? — Michael teve de engolir a irritação. Tinha certeza de que sua mãe arranjara o jantar porque ele trouxera Toby consigo. Laura Sedaine sempre desaprovava as companhias às quais Michael se associava, referindo-se a seus amigos como "ralé". E não media esforços para rodeá-lo do que ela considerava boas relações, o que transformava a vida de Michael num verdadeiro teste de paciência e diplomacia.

— Se quiser se refrescar da viagem, Srta. Wells, mandarei um das criadas mostrar-lhe seus aposentos — Laura ofereceu.

— Já trouxeram minha bagagem? Se não, gostaria de conhecer o restante da casa.

A Sra. Sedaine empalideceu ao ouvir as duas gafes seguidas. Acostumado à etiqueta rígida e pomposa, Michael sabia que somente os criados saberiam se a bagagem já fora levada aos quartos. E certamente sua mãe ficara ofendida com o pedido de Toby para ver a casa. Por outro lado, Michael também sabia que, em Saint Louis, mostrar-se impressionado com a casa do anfitrião era considerado uma demonstração de boas maneiras, enquanto em Nova York, esse interesse representava falta de educação.

— Mamãe — ele interferiu, a fim de salvar a situação —, terei o maior prazer em mostrar o apartamento a Toby enquanto espero Paul e Suzanne voltarem da escola.

— Obrigada, Michael — Laura agradeceu como se ele tivesse se oferecido para fazer algum trabalho sujo. — Mais uma vez, seja bem-vinda a Nova York, Srta. Wells.

Toby observou a mãe de Michael deixar a sala, mas estava muito distraída para notar sua expressão de desdém. Embora se esforçasse para disfarçar o entusiasmo, não conseguia reprimir exclamações de fascinação e surpresa a cada objeto em que deitava os olhos. Quadros maravilhosos enfeitavam as paredes da sala, enquanto a delicada mobília francesa completava a decoração do ambiente. Em todos os cantos, viam-se mesinhas cobertas por toalhas de fina renda europeia, e tapetes persas abafavam os som de seus passos.

Entretanto, o que mais a intrigou foi o telefone. Claro que já utilizara um aparelho como aquele em Saint Louis, mas sempre se servira de telefones públicos. Não conhecia ninguém que tivesse um instalado em sua residência, pois tratava-se de um luxo reservado aos muito ricos. E não apenas por se tratar de um equipamento caro; afinal, apenas homens de negócios, muito atarefados e solicitados, poderiam ter necessidade de um telefone em sua sala de estar!

— Gostaria de conhecer alguém para quem pudesse telefonar! — Toby falou em meio a uma risada travessa.

— Se meu escritório ainda estivesse aberto, poderia ligar para Reginald. — Michael deliciava-se com a espontaneidade de Toby.

A governanta franziu o cenho em reprovação e deixou a sala com ar indignado ao ouvir o comentário da hóspede. Observando-a, Toby perguntou a Michael:

— Fiz algo errado?

— Em Nova York — ele explicou —, as pessoas não costumam externar suas opiniões acerca do que os outros possuem.

— Oh, sinto muito — Toby murmurou sem jeito. — Envergonhei você.

— Não. Adoro sua franqueza. As pessoas compram tudo isso — fez um gesto largo, abrangendo todo o salão —, com a finalidade de impressionar seus convidados, mas todos fingem indiferença, como se estivessem empenhados num jogo para medir forças ou poder.

A despeito da tentativa de Michael em devolver-lhe a segurança, Toby teve a consciência de que dera um passo em falso. A mãe dele, e até os criados, deviam estar cochichando sobre a caipira que ele trouxera para casa. Jurou que seria mais discreta e não faria mais nada que pudesse envergonhar Michael, ou a si mesma.

A promessa de Toby foi quebrada quase que imediatamente, quando a governanta a levou a sua suíte.

— Isto se chama toalete, senhorita — a criada informou com arrogância, apontando para o banheiro. — Se precisar de instruções para usá-lo, terei imenso prazer em ajudá-la.

Ofendida, Toby respondeu num impulso:

— Independente do que esteja pensando, temos banheiros iguais aos seus em Saint Louis. Não vivemos como selvagens, no interior.

— É mesmo? Que pena não terem costureiras tão boas quanto seus encanadores! — a mulher falou com desdém, lançando um olhar de desprezo para o vestido de Toby.

Ela ficou vermelha de raiva. Seria falta de educação mandar uma criada plantar batatas? Provavelmente sim, mas não se importava.

— Nossas costureiras e alfaiates podem não ser tão bons quanto os seus, mas os criados domésticos são muito melhores. Pelo menos, sabem quando manter a boca fechada!

Quando se viu sozinha em seu quarto, Toby arrependeu-se de ter aceito a hospedagem na casa dos Sedaine. Sentou-se na beira da cama enorme e observou a arrumação impecável. Não havia nada fora do lugar, nem era possível encontrar um grão de poeira na mobília, ou nos adornos. Entretanto, nem toda a riqueza ou bugigangas caras e bonitas poderiam substituir o calor humano, ausente naquele lar. Não fosse por Michael, pois não desejava ofendê-lo, nem se daria o trabalho de desfazer a mala.

Ouviu uma leve batida na porta e respondeu de pronto, feliz por ter com que se distrair enquanto esperava a bagagem chegar.

— O Sr. Sedaine pede que a senhorita se junte à família para o chá em seu estúdio — anunciou uma jovem criada.

Toby seguiu a moça e encontrou Michael sozinho, examinando sua correspondência junto à janela. A sala era tão formal que parecia tê-lo contagiado. Havia pouca semelhança entre o homem rígido parado à sua frente e o amigo alegre que brincara com Mo em Saint Louis. Apreciara Michael naquela ocasião, e não estava certa se gostava do via agora.

— Agradeço por ter vindo — ele disse com fria distância. — As crianças devem chegar a qualquer momento — completou, olhando para o relógio de bolso antes de fechá-lo e

guardá-lo.

Toby irritou-se com a maneira distraída com que Michael se referiu aos filhos. Fazia quase um mês que não os via e agia como se tivessem se separado há poucas horas.

— Vi você demonstrar maior entusiasmo pela chegada de um trem do que de seus filhos — ela criticou.

— Nem todas as pessoas gostam de exhibir seus sentimentos.

— É verdade — Toby concordou. — Mas demonstrações de carinho proporcionam alegria. Não creio que alguém possa dar uma risada nesta casa sem permissão prévia.

Michael reprimiu um sorriso. Toby estava mais próxima da verdade do que imaginava. Tudo naquela casa era feito segundo normas, calendários e agendas de compromissos. Quase não havia lugar para atitudes espontâneas, e ele não estava certo de quem era culpado: sua mãe, ele mesmo, ou simplesmente hábitos antigos.

A porta do estúdio se abriu e Laura Sedaine entrou, trazendo os netos pela mão.

— Crianças — ela disse em tom frio e autoritário —, digam alô a seu pai e a sua nova assistente, a Srta. Wells.

Toby observou Michael tomar Suzanne nos braços, embora só afagasse de leve a cabeça de Paul. Com isso, recebeu um olhar reprovador do menino que, imediatamente, passou a mão pelos cabelos para ajeitá-los.

— Tenho um presente para cada um de vocês em minha mala. Comportaram-se direitinho enquanto estive fora?

Toby suspirou ao ouvir a pergunta vazia, ao mesmo tempo em que duvidava que Paul ou Suzanne sequer cogitassem tomar qualquer atitude que não fosse apropriada a um adulto perfeitamente bem educado. Considerou a cena familiar um quadro triste.

— Podem me chamar de Toby — ela disse, sem cerimônias, assim que as crianças encerraram o breve cumprimento ao pai.

Notou que ambos tinham cabelos vermelhos e abundantes, embora os olhos de Paul fossem castanhos, enquanto os de Suzanne eram verdes. Examinando-os com mais atenção, constatou outra diferença além da cor: o olhar de Paul era soturno e arrogante, ao passo que o da irmã era claro e alegre.

— Srta. Wells soa melhor — Paul declarou com indiferença, rejeitando assim a oferta de amizade de Toby.

— Prefiro Toby. É um nome bem engraçado! — Suzanne discordou com seu jeito despreocupado e infantil.

— É verdade — Toby dirigiu-se a ela —, mas minhas irmãs têm nomes ainda mais engraçados: Rosamunda, Cleópatra e Guinevere.

— Nossa, você tem tantas irmãs! — A menina arregalou os olhos.

— E mais três irmãos.

— Bem — Paul entrou na conversa —, fico satisfeito que meus pais tivessem o bom senso de ter só dois filhos.

Toby ficou chocada com a resposta do garoto, e mais ainda pelo fato de que nem o pai nem a avó pareceram incomodar-se com o comportamento inconveniente de Paul.

— Adoro ter uma família grande. Quando jogamos, nos divertimos bastante, pois sempre há gente suficiente.

— Que tipo de jogo vocês costumam jogar? — Suzanne mostrou-se interessada.

— Charadas, damas e beisebol. Seu pai nos ensinou a jogar quadro vivo quando jantou lá em casa.

Paul lançou um olhar crítico a Michael.

— Que ridículo! — falou com desdém. — Deixei de jogar esse jogo bobo quando fiz seis anos.

— O chá vai esfriar — declarou Laura, tomando seu lugar à mesa. Esperou que Toby e as crianças se sentassem. — Tenho certeza de que a Srta. Wells não gosta de recitar a história de sua família para estranhos, Paul. Mudando de assunto, devo avisá-los de que teremos visitas para o jantar desta noite e quero que os dois se comportem muito bem. Nada de risadinhas inconvenientes. E não precisam esperar o anoitecer para praticar suas lições de piano. Assim que terminarmos o chá, Paul deverá treinar as novas escalas, até a hora da aula de Suzanne.

Michael permaneceu calado durante todo o tempo, estudando os filhos e a mãe com atenção. Por que nunca notara que seu filho era um menino pomposo e mal-educado, a filha carente da atenção de uma mulher jovem, e sua mãe uma matrona inflexível? A carência de Suzanne era compreensível, e a atitude de Laura podia ser justificada pelo fato de ter de educar duas crianças, quando deveria estar isenta de responsabilidades desse tipo. Afinal, estava ficando velha e já cumprira com seu dever, cuidando do falecido marido e do filho, agora adulto. O que mais chocou Michael foi o comportamento de Paul. O garoto agia como um adulto hostil e aborrecido. Se Lillian os tivesse criado, poderiam ter se transformado em crianças alegres e expansivas, como Cléo e Mo.

Bebericou o chá sem sentir-lhe o sabor adocicado. A mãe de Toby havia morrido cedo, assim como Lillian. Então, perguntou-se, por que os Wells não sofriam a mesma sina de seus filhos? Deu-se conta de que a resposta a esta pergunta estava bem diante de seus olhos: Toby. Toby que conhecera Suzanne havia poucos minutos e já se inclinava para ela, ouvindo com atenção a história que a menina contava sem dar qualquer mostra de aborrecimento como Laura fazia sempre que a neta começava a tagarelar. E ainda havia garantido a Paul que estaria igualmente interessada em saber como fora seu dia na escola, assim que Suzanne terminasse o seu relato. Não, seus filhos jamais haviam tido alguém que lhes curasse as feridas da perda da mãe, e isso se mostrava no comportamento inadequado que exibiam.

Toby notou o ar pensativo de Michael e adivinhou-lhe os pensamentos pelo modo como ele olhava para Paul. Parecia estar vendo o filho pela primeira vez, e demonstrava imenso desagrado pelo que via. Embora o menino tivesse apenas oito anos, já desenvolvera uma personalidade difícil e desagradável. Algo precisava ser feito, e depressa. Do contrário, Paul Sedaine cresceria para ser um homem amargo e infeliz. Percebendo que preocupava-se com um problema que não lhe dizia respeito, Toby levantou-se e pediu licença para se retirar, como a etiqueta nova-iorquina exigia. Tratava-se da família de Michael, não da sua. Usando a chegada da bagagem como desculpa, retirou-se para seu quarto. Era cedo ainda para vestir-se para o jantar, mas queria ficar um pouco sozinha. Sua cabeça girava com o acúmulo de tantas impressões misturadas. O homem descontraído que conhecera e de quem gostara fora suplantado por um Michael Sedaine contido, para não dizer reprimido e melancólico.

Tudo naquele ambiente a deixava ansiosa. Embora o apartamento dos Sedaine fosse bonito e impecável, não era nada acolhedor. Nada ali possibilitava qualquer sentimento de alegria, ao contrário da tumultuada residência Wells. Sozinha em seu quarto, Toby desfez a mala sem pressa, separando seu melhor vestido para o jantar e pensando como poderia injetar um pouco de vida na rotina daquela família tão rígida.

— Cuide-se, garota! — advertiu para a imagem refletida no espelho pendurado acima da cômoda elegante. — Lembre-se por que deixou Saint Louis: para fugir de seu papel de mãe e dona de casa!

— Com quem você está falando assim tão brava? — perguntou Suzanne, puxando-lhe a manga do vestido.

Toby quase perdeu o fôlego com o susto que levou.

— Você é uma fada? — perguntou, ainda sem ar.

— Ah, não! Vovó diz que eu sou uma tagarela. Por que você acha que sou uma fada?

— Porque apareceu de repente, como se fosse mágica.

— Hum... Eu bati na porta antes de entrar, mas você não ouviu. Então, era com as fadas que estava brigando?

A imaginação da garotinha era tão fácil de se despertar que Toby teve vontade de abraçá-la. Conteve-se na expressão dos sentimentos, embora não se furtasse a dar continuidade à fantasia.

— Não. As fadas são pessoas muito bondosas, e eu jamais brigaria com elas.

Suzanne atravessou o quarto e tocou o vestido de cetim azul que Toby pendurara na porta do armário.

— Vai usar este vestido hoje à noite? É tão bonito!

— Vou, sim. E você, Suzanne, o que vai vestir para o jantar? A menina torceu a bainha do vestidinho engomado que usava.

— As crianças não podem comer na sala de jantar quando temos convidados. Eu e Paul vamos jantar na cozinha, com os criados.

Outra onda de tristeza varreu o coração de Toby. Como Michael podia afastar-se dos filhos com aquela facilidade, depois de tanto tempo longe deles?

— Gostaria de poder jantar com vocês. Acho que me sentiria menos nervosa — confidenciou, afagando os cabelos de Suzanne.

— Você ia gostar da cozinheira. Sempre que temos de jantar na cozinha, ela prepara os nossos pratos prediletos, sem que a vovó e o Michael fiquem sabendo.

— Michael? — Toby quase gritou ao repetir o nome. Como ele permitia que os filhos o chamassem pelo nome de batismo? Seria essa mais uma maneira de distanciar-se deles? — Não o chama de pai?

— Às vezes. Como chama o seu?

— Papai.

Paul bateu duas vezes na porta antes de abri-la.

— Sabia que encontraria você aqui — dirigiu-se à irmã em tom de reprovação. — Está na hora de sua aula de piano.

— Adeus, Toby — Suzanne despediu-se com um sorriso meigo e seguiu o irmão com obediência.

A curta visita de Suzanne fez com que Toby se sentisse um pouco melhor por saber que pelo menos uma pessoa naquela casa gostava dela. Ao mesmo tempo, as dúvidas que sentira a respeito do amor de Michael pelos filhos aumentaram. Ele havia passado quase um mês junto dela e nem sequer mencionara as crianças. E não parecia que fossem criaturas terríveis, das quais ele poderia se envergonhar. Ao contrário, eram crianças bonitas e inteligentes que precisavam de um pai para amá-los e protegê-los do regime autoritário da avó.

Sentada na poltrona junto à janela, Toby pôs-se a imaginar como teria sido a esposa

de Michael. Perguntou-se que tipo de mulher era Lillian. Com certeza, fora uma ruiva bonita, pois Paul e Suzanne não se pareciam em nada com o pai. Mas teria sido carinhosa e atenciosa com os filhos? Ou teria relegado seus cuidados a enfermeiras e babás, enquanto ia de uma festa para outra, de chás beneficentes para o teatro? Como seria a mulher que Michael amara tanto que ainda sofria com sua ausência? Tornava-se cada vez mais difícil para Toby definir o homem que, antes, acreditara conhecer.

Sempre que se sentia confusa ou triste Toby encontrava consolo nas páginas de seu diário. Adquirira o hábito logo após a morte da mãe, quando precisava desabafar sua dor e não tinha com quem falar a respeito. Como estivesse angustiada desde sua chegada a Nova York, decidiu escrever.

Embora as palavras cobrissem o papel com rapidez, sua mente funcionava ainda mais depressa. Era quase impossível registrar os fatos em sequência, uma vez que muita coisa havia acontecido em um curto espaço de tempo. Michael vinha tratando-a como a uma leprosa, desde Richmond. Entretanto, Toby captara lampejos de sua atitude anterior quando chegaram em sua casa. A maneira como ele tentou fazê-la sentir-se bem-vinda e à vontade, a despeito do luxo e pompa que a oprimiam, mostrava que não estava totalmente insensível a ela. Mas, havia os incontáveis momentos em que a rejeitara, distanciando-se o mais que podia, fechando-se em si mesmo. Tudo isso misturava-se na mente de Toby, deixando-a confusa, sem saber que atitude tomar. Com certeza sabia apenas que Michael fora claro e objetivo no que dizia respeito à relação pessoal entre eles: não havia nenhuma.

Já anoitecia quando Toby acabou de preencher a décima primeira página do diário, recuperando assim a clareza de raciocínio que lhe era peculiar. Michael tinha a vida dele, independente da sua. Nada mudara, nem mesmo a determinação de construir sua própria vida em Nova York, livre dos laços do passado.

Através da janela do quarto, observou a escuridão tomar conta da cidade e concluiu que já era hora de começar a se vestir para o jantar. Teria de satisfazer-se com vestido de cetim azul que Suzanne tanto gostara pois, embora o traje não fosse apropriado para a ocasião, era o melhor que possuía.

Tomou um banho demorado. Como seu cabelo fosse muito espesso e demorasse horas para secar, decidiu apenas escová-lo com vigor.

Desejando inutilmente ter algo mais sofisticado para usar naquela noite, olhou-se no espelho depois de vestida. O decote seguia uma linha quase reta, deixando-lhe os ombros à mostra, cobertos apenas por uma delicada renda da mesma cor do cetim. O restante, saia e corpete, era totalmente desprovido de adornos.

Por um momento, considerou a ideia de produzir um penteado elaborado que compensasse a simplicidade do vestido. Desistiu ao constatar que, se demorasse um pouco mais, acabaria se atrasando para o jantar. Assim, prendeu os cachos cor de mel no topo da cabeça, deixando-os cair em uma pequena cascata sobre a nuca. Alguns caracóis soltos enfeitavam-lhe o rosto. Embora não estivesse satisfeita com o resultado final, a última coisa que gostaria de fazer seria aborrecer Laura Sedaine com um atraso.

Ansel Prescott-Moore foi o primeiro a chegar. Sendo irmão da falecida Lillian e único tio de Paul e Suzanne, era sempre incluído nas reuniões familiares. Os Von Feldman eram amigos dos Sedaine havia quase trinta anos, e Hugo fora um excelente conselheiro para Laura na administração dos negócios da família, após a morte do pai de Michael, quinze anos antes. Estavam todos reunidos na sala de visitas quando Toby apareceu.



Com o cunhado colado em seu braço e o gorducho Sr. Von Feldman demonstrando interesse excessivo pelos negócios do afilhado, Michael contava detalhes da viagem que acabara de fazer, sem tirar os olhos da porta, à espera de Toby. Finalmente ela entrou na sala, tentando não chamar a atenção de ninguém sobre si.

Michael interrompeu o discurso em meio a uma frase e permitiu-se um momento de admiração. A beleza de Toby era intocável, independente de onde estivesse ou o que vestisse. Ela era fascinante entre quatro paredes ou ao, ar livre, à luz dos lampiões ou ao sol da primavera, vestida com a simplicidade de uma camponesa ou coberta de brocado... Imediatamente, Michael censurou-se: não podia nem devia se envolver, e menos ainda, demonstrar qualquer de seus sentimentos. Certamente, tratava-se de uma atração passageira que logo desvaneceria, como acontecera todas as vezes que se interessara por uma mulher bonita.

— E então, Michael — Ansel quebrou o silêncio causado pela chegada de Toby —, não vai nos apresentar?

Sobressaltado, Michael despertou do breve devaneio e adiantou-se para receber Toby e apresentá-la aos convidados de Laura.

Ansel não fez o menor esforço para esconder sua atração por Toby, o que deixou Michael bastante irritado. Alto, de cabelos avermelhados, Ansel mudava de atitude cada vez que punha os olhos em uma mulher atraente. Sempre bem vestido, dedicava-se a conquistar qualquer uma que atravessasse seu caminho, usando para isso uma conversa adocicada, elogios e promessas falsas, bem como dinheiro em quantidade suficiente para impressionar. E Michael temia que Toby se tornasse mais um dos troféus do cunhado, caso ninguém o evitasse.

— Este é o sujeito que chamo de cunhado, Toby. Tenha cuidado: não importa o que ele diga, não acredite em uma palavra!

— Ora, não seja hipócrita, Michael — Ansel retrucou com ironia. — Se não estou enganado, Emily Lucas passou um ano inteiro acreditando nas histórias que contou a ela, e eu nunca estraguei o seu joguinho!

Toby observou a cor fugir do rosto de Michael que, recusando-se a continuar com a conversa, virou-se para a Sra. Von Feldman, como se estivesse muito interessado em sua mais recente aquisição de porcelana inglesa.

— Quando Michael finalmente a libertar de seu jugo, Srta. Wells, terei imenso prazer em levá-la a conhecer os lugares mais agradáveis da cidade — Ansel ofereceu.

Assumindo o papel de Michael e cuidando para parecer simpática, Laura insinuou a má reputação de Ansel:

— Duvido que a Srta. Wells esteja interessada em conhecer o interior de casas de jogos ou daqueles horríveis teatros de revista!

— Laura, querida, os palcos daqueles teatros horríveis são enfeitados pelas mulheres mais bonitas da América, com exceção da Srta. Wells, aqui presente.

— Além disso — acrescentou Michael, sentindo-se forçado a participar da conversa —, o teatro de revista é uma forma muito respeitável de diversão. É também o ganha-pão da Musical Sedaine.

Toby sentiu-se invisível. Todos falavam sobre ela e em torno dela como se não estivesse ali.

— Creio que sou inteiramente capaz de decidir onde devo ir e o que desejo conhecer — anunciou.

— Que maravilha! — exclamou Ansel, demonstrando entusiasmo. — Temos aqui uma mulher independente! Diga-me — continuou, dirigindo-se a Toby —, como foi se juntar a esse aborrecido do meu cunhado?

— Ele me ofereceu um emprego e eu aceitei — Toby explicou. — Eu...

— Ansel, querido — Laura interrompeu —, por que não se senta ao lado da Srta. Wells? Assim ela poderá lhe contar toda a história durante o jantar.

— Mamãe! — Foi a vez de Michael interferir. — Creio que devemos manter o arranjo dos lugares à mesa como combinamos anteriormente.

Sem mais uma palavra, tomou o braço de Toby e encaminhou-a para a sala de jantar.

Sentou-se ao lado dela, deixando Ansel ao lado de Myrna Von Feldman, enquanto Hugo Von Feldman e Laura Sedaine ocupavam, cada um, uma ponta da mesa.

Quando a criada serviu a entrada — ostras cruas em suas próprias conchas — Michael notou certa hesitação em Toby. Sabia que, tendo sido criada no interior, ela não devia saber o que era aquilo.

Antes, porém, que tivesse tempo de socorrê-la, Toby perguntou à empregada:

— O que é isto?

Surpresa por um convidado dirigir-se diretamente a ela, a criada não respondeu.

— Sabe que gosto tem? — Toby insistiu.

— Se tem alguma pergunta a fazer, Srta. Wells, dirija-se a mim. Os criados são treinados para se comportar com discrição — Laura Sedaine censurou-a. — *Isto* são deliciosas ostras, apanhadas na baía Chesapeake. Trata-se de um dos pratos mais requintados.

Toby calou-se e provou um dos moluscos sem vontade. Magoada, observou Laura pelo canto do olho. Se a anfitriã tivesse planejado com cuidado uma estratégia para envergonhar um convidado, não teria alcançado maior sucesso.

À medida que o tempo passava, Michael deu-se conta de que Toby permanecia quieta demais e então demorou um segundo apenas para perceber o porquê. Myrna Von Feldman estava falando francês, o que era comum quando as duas famílias se reuniam. Naquela noite, porém, o hábito de tantos anos estava deixando Toby fora da conversa. Os Sedaine eram de descendência francesa, bem como a Sra. Von Feldman. O sobrenome alemão viera com o casamento.

— Por favor, mamãe — Michael falou em inglês —, estamos ignorando Toby.

— Todas as pessoas que frequentam nossa casa compreendem o francês — Laura observou com maldade.

Michael ficou vermelho de raiva pela grosseria da mãe.

— Falar uma língua que qualquer dos presentes não compreenda é uma grande falta de consideração.

Toby sentiu-se grata pela intervenção, concordando em silêncio que o comentário de Laura fora ofensivo. Mais ainda, certificou-se de que a Sra. Sedaine era uma mulher arrogante e prepotente.

— Infelizmente, não sou fluente em nenhuma língua estrangeira. Conheço apenas um pouco de latim — Toby declarou com timidez e citou Horácio a fim de provar sua pequena façanha.

Michael riu da sagacidade de Toby e reconheceu as palavras do filósofo: "As pessoas me dirigem vaias, mas eu me saúdo com aplausos".

— O que disse, Srta. Wells — Laura perguntou intrigada.

— Ora, estou surpresa, Sra. Sedaine. Todos aqui não compreendem latim? — Toby provocou.

Laura se enfureceu ao ver a própria afronta voltar-se contra si, e Michael divertiu-se com a derrota da mãe.

— Suponho que mesmo a filha de um pastor receba instrução rudimentar — ela comentou após um instante de silêncio.

O tom condescendente em sua voz fez com que Toby desistisse de aguentar mais grosserias.

— Sim. E a primeira coisa que meu pai me ensinou foi que devemos guardar nossa cultura como se fosse um relógio valioso que não tiramos do bolso a todo momento, apenas para provar que o temos.

Todos o presentes riram com vontade, exceto Laura.

— Vai se dar bem em Nova York, Toby — Ansel elogiou e ergueu o copo de vinho num arremedo de brinde. — Qualquer um com uma língua afiada como a sua merece ocupar o primeiro lugar em minha lista!

— Nesse caso, devo entender que sua lista é bastante curta, Sr. Prescott-Moore — disse Toby, pondo um fim aos gracejos do cavalheiro metido a engraçadinho. Estava farta de bancar o bobo da corte para um bando de ricos pomposos, donos de nomes compridos e mentalidade tacanha.

Todos à mesa fitaram-na como se ela houvesse cometido um crime. Laura Sedaine permaneceu calada, embora seu rosto estivesse longe de impassível. A expressão do olhar que dirigiu a Toby era de puro desagrado.

Michael estivera irritado com a grosseria de todos ali, mas o comportamento de sua mãe o deixara horrorizado. Jamais presenciara Laura tratar alguém, especialmente um hóspede, com tamanha antipatia. Quando visitara os Wells fora tratado com toda a cortesia, e deixado à vontade como se fosse um membro da família. E tudo o que Toby havia encontrado desde que pusera os pés naquela casa, fora desprezo e censura.

— A família de Toby é maravilhosa — ele declarou num tom de voz que ridicularizava sua própria família. — A noite em que jantei em sua casa foi puro prazer.

— Quantos irmãos você tem? — Myrna Von Feldman dirigiu-se a Toby.

— Seis.

— Meu Deus! — Myrna levou as mãos ao rosto, num gesto teatral de incredulidade. — Como sua mãe dá conta de tantos filhos?

— Suponho que, no interior, as famílias tenham de ser grandes para poder cuidar dos campos — sugeriu o Sr. Von Feldman.

— Nós vivemos na cidade — disse Toby, pondo um fim à especulação. — Meu pai é pastor, não fazendeiro.

— Ora, meu filho, mas que exótico! — Laura interrompeu com ironia. — Deve ter sido bastante divertido comer na casa de um vigário!

Toby se viu em meio a uma situação insustentável. Seria tolice ficar ali, aguentando mais abusos.

— Com licença — disse num sussurro ao se levantar da mesa. Chegou a considerar uma desculpa aceitável para deixar a mesa antes do jantar haver terminado; poderia alegar uma terrível dor de cabeça. Depois de pensar no assunto por não mais que dois segundos, decidiu que não devia àquelas pessoas qualquer explicação, pois eles não mereciam sequer a consideração de uma desculpa social. Sem pronunciar nem mais uma

palavra, deixou a sala e dirigiu-se ao quarto a fim de fazer a mala.

— Que mocinha impertinente! — Laura comentou, assim que Toby passou pela porta.

Michael levantou-se e atirou o guardanapo sobre a mesa.

— Mamãe, você foi inteiramente responsável por este fiasco. É seu dever cuidar para que todos os convidados e hóspedes se sintam bem em sua casa, e você falhou. Sua atitude condescendente permitiu que todos insultassem e ridicularizassem a Srta. Wells.

— Michael — Hugo Von Feldman interferiu —, acho que deve desculpas a sua mãe.

— Desculpar-me por quê? Pela minha honestidade? Você é tão culpado quanto ela... Ficou o tempo todo sentado aí, em silêncio, expressando uma aprovação tácita ao que minha mãe e sua esposa estavam fazendo.

Sem esperar por mais reprimendas, deixou a sala e foi bater à porta de Toby. Não a culparia caso ela se recusasse a abrir.

— Quem é? — ela perguntou, soando insegura.

— Michael. Posso entrar?

— Não se tiver a intenção de me convencer a passar a noite aqui.

— Não se preocupe. Para dizer a verdade, gostaria de partir com você. Toby abriu a porta. Michael parecia um garoto que repetira de ano na escola e não sabia como dar a notícia aos pais. Sentiu-se enternecida com sua expressão de desamparo.

— Acho que envergonhei você mais uma vez.

— Não — ele falou com sinceridade. — Nunca me senti mais orgulhoso de você. Já era tempo de alguém colocar aquele grupinho arrogante em seu devido lugar.

Ela se afastou e deu-lhe passagem. Ao fechar a porta, suspirou desanimada.

— Por que eles me odeiam tanto?

— Não a odeiam. Apenas sentem-se ameaçados por forasteiros.

— Então, é o que sou? Uma forasteira?

— Para eles, até os moradores de Long Island são forasteiros. — Na verdade, Michael não fazia a menor ideia das razões para a hostilidade de Laura, mas não podia admiti-lo para Toby. — Posso ajudar? — ofereceu ao verificar que as roupas dela estavam todas amontoadas sobre a cama, ao lado da valise aberta.

— Pode, sim. Dê-me uma sugestão de onde passar a noite.

— Vou hospedá-la no Hotel Windsor.

Embora fosse esta a única oferta razoável que podia fazer nesse momento, Michael sentia um enorme desejo de compensá-la por todos os insultos que suportara, cobrindo-a de beijos.

— Cansei de dormir em hotéis, Michael. Gostaria de encontrar uma pensão para moças, algum lugar que pudesse transformar em um lar.

— Pensei que ia voltar a Saint Louis.

— Não vim até aqui para me deixar intimidar por uma bruxa amargurada — afirmou, surpresa por Michael pensar que ela desistiria com tanta facilidade.

— Está se referindo à minha doce mãezinha? — ele brincou, passando os dedos de leve no rosto dela. — Nunca mude seu jeito de ser e não dê ouvidos ao que os outros possam dizer. São todos cegos à perfeição.

Michael retirou a mão, receoso de não resistir e fazer mais do que apenas acariciá-la no rosto; receoso pelos sentimentos que ela lhe despertava só por estar perto. A preocupação de que Nova York poderia devorar a mocinha simples do interior não tinha o menor fundamento. Toby Wells jamais seria consumida por ninguém, nem mesmo por

Michael Sedaine.

## CAPITULO VI

Michael ouviu Toby antes mesmo de vê-la, pois ela assobiava uma canção alegre enquanto subia a escada para o escritório. Embora já fosse uma jovem senhorita, conservara ao longo dos anos alguns traços típicos da infância, como subir degraus de dois em dois quando achava que ninguém estava olhando, cantar baixinho quando se sentia animada, e demonstrar sentimentos e emoções, sem qualquer tentativa de disfarçá-los. Tudo isso fazia de um dia normal a seu lado uma verdadeira aventura.

— Ah, Michael — ela anunciou no mesmo instante em que atravessou a soleira da porta —, encontrei um lugar maravilhoso para morar!

Como era seu hábito, desamarrou o chapeuzinho e atirou sobre o mancebo no canto da sala. Errou por uns poucos centímetros e teve de pegá-lo no chão, resmungando de bom humor:

— Um dia ainda vou acertar!

Observando-a, Michael considerou os motivos óbvios para as visitas diárias de Ansel à Musical Sedaine. O cunhado nem sequer tentava esconder o fato de que jamais se cansava de admirar a beleza de Toby. Como ele vinha aparecendo com mais e mais frequência, Michael começou a perguntar-lhe se não deveria estar trabalhando, a fim de que o outro percebesse o incômodo que causava.

— Da próxima vez, tente girar o pulso com maior rapidez — Michael sugeriu, como um treinador experiente.

Embora fosse informal, Toby jamais poderia ser acusada de imaturidade. Era verdade que adorava brincar e jogar e, principalmente, desafiar as convenções. Por outro lado, era responsável em seu trabalho, madura no relacionamento profissional com os colegas, pontual, confiável e esperta.

— Conseguiu falar com o corretor? — Michael perguntou com interesse genuíno.

— Sim. Marcamos um encontro em frente à casa que está para alugar e inspecionamos o lugar.

— E...?

— E... — ela suspirou, deixando-se cair na poltrona que ocupava, juntamente com uma grande escrivaninha —, é perfeita, exceto pelo fato de custar mais do que posso pagar, a menos que encontre alguém para dividir o aluguel.

Dividir o aluguel com Toby! Que maravilha seria, pensou, acordar todas as manhãs e deparar com o rosto lindo e alegre à mesa do café, passar noites e noites lendo para ela em frente à lareira... O sonho fantástico terminou abruptamente quando Michael se deu conta de onde sua fantasia acabaria chegando. De nada adiantava devanear sobre prazeres que nunca experimentaria. Assim, endireitou-se na cadeira e pôs-se a examinar um contrato.

— O que houve, Michael? — Toby perguntou, surpresa pela mudança na expressão do rosto dele. — Esqueceu algum compromisso?

— Não exatamente.



— O que foi, então? Eu disse alguma coisa errada?

— Preciso examinar este contrato antes de assiná-lo. É só isso.

— Mas este é um contrato-padrão. Não tem com o que se preocupar.- Michael não respondeu, e Toby perguntou-se o que teria dito dessa vez.

Estava em Nova York havia três semanas e, ao longo desse tempo, a hostilidade com que ele a tratara durante a viagem desaparecera quase por completo. Entretanto, havia momentos em que ele se tornava distante e taciturno, enterrando o rosto atrás de uma pilha de papéis sem qualquer motivo aparente. O homem era um enigma!

Na maior parte do tempo, Michael se comportava de maneira aberta e amigável. Não hesitava em pedir a opinião de Toby, supervalorizando a reação dela a uma canção nova. Nunca deixava de aceitar seus conselhos e lhe delegava, a cada dia, maior responsabilidade e poder nos negócios da companhia.

Entretanto, mesmo quando se apresentava sorridente e amável, havia em seu olhar um toque de defesa. Michael estava lhe escondendo alguma coisa, Toby pensava com frequência, e ela já estava ficando cansada de lutar para descobrir o que não ia bem, em meio a tantas contradições.

— Michael — decidiu tentar de novo.

— O que é?

— Não está satisfeito com meu trabalho? — Rezou para que a pergunta não soasse tola, e que só servisse para estimulá-lo a conversar. Quem sabe, assim, ela se aproximasse das razões para as bruscas mudanças de atitude da parte dele.

— Claro que estou. Afinal, não despedi você, despedi?

Toby teve vontade de gritar sua frustração, mas aprendera que a armadura de silêncio sob a qual ele se protegia só era atravessada quando ele assim o desejasse. Na verdade, isso não se aplicava somente ao silêncio; tudo era feito segundo os parâmetros de Michael. Toby obedecia os horários que convinham a ele, trabalhava até tarde sempre que necessário, hospedara-se em uma pensão perto do escritório, e até se vestia como achava ser do gosto dele. Tudo em vão. Toda vez que começavam a se divertir juntos, ele se transformava em uma esfinge misteriosa.

Toby não teve tempo de continuar a conversa, pois alguém bateu na porta.

— Chegamos! — anunciou Caleb, espiando para dentro da sala.

O sorriso que ostentava poderia iluminar um palco enorme, e Toby avistou, por sobre o ombro dele, as plumas de um chapéu da última moda.

— Caleb! Chantelle! — Toby gritou eufórica, pulando da cadeira. Sem cerimônia, arrastou-os para dentro da sala.

— O que está fazendo aqui? — Chantelle perguntou, surpresa de encontrá-la em Nova York.

— Caleb não foi o único a receber uma oferta de emprego na cidade grande. Tornei-me funcionária da Musical Sedaine.

— Que maravilha! — Chantelle abraçou-a.

— Ora, e eu quase enlouqueci, imaginando como poderia escrever minhas composições para satisfazer Michael! — Caleb fingiu estar furioso. — Você teria me poupado muitas dores de cabeça se tivesse me contado que Toby trabalharia conosco, aqui, Michael.

Como gostasse de brincadeiras alegres, Toby deu continuidade à conversa:

— Você não leu aquele parágrafo minúsculo no final do seu contrato, dizendo que a

Srta. Toby Wells é a única pessoa capaz de adaptar as partituras de Caleb MacRae?

— Ei, esqueceram de mim? — Michael falou no mesmo tom jocoso, interpondo-se entre Toby e Caleb e estendendo a mão para o compositor. — Fico contente que tenha vindo. Teve alguma dificuldade para encontrar o endereço?

— Nenhuma, exceto pela pilha de malas que Chantelle me fez arrastar até aqui!

— Não exagere! — Chantelle protestou com o leve sotaque que Toby não conseguia identificar. — Eu só trouxe quatro malas.

— Do tamanho de vagões!

— O que trouxe, afinal, Chantelle? Todo o estado do Missouri? — Toby provocou às gargalhadas.

A resposta de Chantelle foi séria:

— Não, trouxe apenas alguns de meus melhores vestidos.

— Trinta e cinco, para ser exato — Caleb esclareceu com um sorriso de zombaria.

Chantelle empertigou-se e retrucou com a mesma dose de sarcasmo:

— Sabe muito bem, Sr. MacRae, que é a minha melhor propaganda. Trata-se do meu meio de vida: costurar trajes completos e vestidos de noite. O que diria se eu lhe pedisse para deixar suas partituras para trás?

Espiando Michael pelo canto do olho, Toby constatou que ele também estava constrangido pela tensão criada entre o casal. Sentiu-se tentada a fazer uma de suas piadas, como sempre fizera quando Cléo e Mo brigavam. Desistiu ao pensar que ali estavam dois adultos, provavelmente, cada um com seus motivos para a hostilidade momentânea que expressavam.

Foi Michael quem dissipou o mal-estar reinante no ambiente, puxando a conversa para o lado dos negócios:

— Está preparado para o trabalho duro, Caleb?

— É bom que mantenha a promessa de me manter ocupado o tempo todo — o outro respondeu, retomando o tom de brincadeira —, pois acabo de deixar o melhor emprego que já pude encontrar em um cabaré de segunda classe.

— Seu tempo de tocar em botequins terminou, meu amigo. Dentro de um ano, os proprietários dos melhores teatros de Nova York estarão implorando por uma apresentação de Caleb MacRae!

— Se não me jogarem ovos! Quando farei minha estreia? Michael tirou o relógio do bolso e abriu-o.

— Daqui a vinte minutos — disse em seguida.

— Sério? — Caleb perguntou pestanejando.

— Claro. Eu não esperava que chegasse hoje. Combinei com Joel Greenpasture que nos encontraríamos no teatro dele para que eu lhe apresentasse as canções que trouxe de Saint Louis — Michael explicou. — Acaba de salvar sua carreira, rapaz!

— Está falando do Teatro Greenpasture?

— E do que mais? — Michael zombou. — Ele certamente vai preferir ouvir a obra-prima tocada pelas mãos de seu próprio criador. Vamos, está na hora de Nova York ser apresentada a Caleb MacRae.

Assim que os dois saíram, Toby e Chantelle puseram-se a tagarelar, contando uma para a outra tudo o que acontecera desde a última vez que haviam estado juntas em Saint Louis. Toby ficou feliz por poder partilhar seus sentimentos com Chantelle, e deu-se conta do quanto estivera ansiosa por uma amiga para conversar. Até poucas semanas antes,

quando aceitara o convite de Michael, passara todo o tempo rodeada pela família e pelos amigos. Agora vinha se sentindo cada dia mais solitária.

— Onde você e Caleb vão ficar hospedados?

— Nós não vamos nos hospedar em lugar nenhum. Caleb ficará na casa de um amigo que mora na Avenida Lenox, e eu vou procurar um lugar para mim.

— Vocês não vão... — Toby interrompeu a frase para iniciar uma outra: — Pensei que vocês fossem... — parou novamente, quando percebeu que não havia uma maneira delicada e suave de abordar o assunto.

— Não precisa ficar constrangida — Chantelle tranquilizou-a com bom humor. — Sei que a maioria das pessoas acredita que Caleb e eu vivemos juntos, mas isso não é verdade. Acontece que não me incomoda em explicar a situação porque não dou a mínima para a opinião alheia.

— Há quanto tempo conhece Caleb? — Toby perguntou, tentando disfarçar a confusão em sua mente.

— Seis anos.

— Você não o ama?

— Muito. E você é tão curiosa quanto Eva, mas trate de desistir, pois não vou lhe oferecer nenhuma maçã! — Chantelle riu. — Chega de falar sobre Caleb. Tem ideia do que seja passar dias e dias trancada em uma cabine de trem com um homem nervoso e irritadiço?

Com a brincadeira Chantelle encerrou o interrogatório de Toby, que não se ofendeu com a recusa da outra em discutir o assunto. Afinal, era mais fácil lidar com pessoas que utilizassem o riso para desviar a conversa, do que com outras que simplesmente declaravam que determinado assunto não era da conta de ninguém.

Embora as duas não se conhecessem há muito tempo, partilhavam problemas semelhantes. Ambas se encontravam em uma cidade estranha, possuíam raízes em Saint Louis, e procuravam um lugar para morar. Toby tinha uma solução para o dilema comum, desde que Chantelle concordasse.

— Ao declarar que ganha a vida como costureira, quis dizer que pretende se estabelecer em Nova York? — Toby arriscou, rezando para que Chantelle não considerasse a pergunta mais uma intromissão.

— Nada me arrastaria para longe daqui. Vou ficar famosa desenhando os trajes mais luxuosos que os teatros desta cidade já viram.

Ouvindo as palavras decididas da amiga, Toby se deu conta de que não era a única a acalantar sonhos de futuro. Chantelle também tinha os seus, embora o tom de sua voz levasse a crer que existia algo mais que pura ambição em seus planos. Fosse quais fossem as razões, Toby achou por bem não fazer perguntas a respeito. Entrou direto no assunto:

— Prefere hospedar-se em um hotel ou pensão, ou gostaria de dividir o aluguel de uma casinha com alguém?

— Não estou entendendo.

— Eu explico. Também estou à procura de um lugar para morar, e encontrei uma casinha adorável hoje de manhã. Acho que você vai gostar. Está toda mobiliada e o atual inquilino vai desocupá-la em breve.

— A cozinha é grande? — Chantelle perguntou enquanto apanhava a bolsa e punha-se de pé. — Adoro cozinhar e gostaria de ter uma cozinha espaçosa e ensolarada.

Toby também se levantou e foi pegar o chapéu no mancebo.

— Tem espaço até para um jardim nos fundos. Estou tão contente que tenha vindo para Nova York com Caleb!

— Eu também. Quando poderemos fazer a mudança? Toby rabiscou um bilhete para Michael e respondeu:

— Assim que Reginald voltar do banco, encontraremos o corretor e pagaremos o sinal. Então, providenciaremos que sua bagagem seja despachada para a nova casa.

Quando voltaram ao escritório, entusiasmadas por terem assinado um contrato de aluguel com validade de um ano, tiveram os ânimos abatidos pelo ar desolado dos dois homens que as esperavam.

— Alguém morreu? — Toby foi a primeira a falar.

— Sim, minha carreira em Nova York — resmungou Caleb.

— Isso não é verdade — Michael objetou. — Joel Greenpasture não é o início e o fim do teatro de revista. É apenas um dos muitos proprietários de casas de espetáculos que podemos visitar.

— Não foi isso o que disse há duas horas — Caleb retrucou mal-humorado.

— Eu me empolguei — Michael explicou, sem se ofender com o comentário do amigo.

— Desculpe se fiz tudo parecer fácil demais. Nos negócios jamais encontramos um caminho sem obstáculos.

Chantelle interferiu:

— Tudo o que Michael prometeu foi publicar suas canções, Caleb. A audição de hoje seria apenas um bônus. Além do mais, não vamos passar fome por isso.

— Se pegarmos o próximo trem de volta para Saint Louis, tenho certeza de que ainda posso recuperar meu emprego no cabaré.

— Há um ano, ouvi você dizer que só se importava comigo e com a publicação de suas canções. O que houve? Vai desistir diante da primeira dificuldade? E, há mais uma coisa — Chantelle acrescentou mais calma —, acabei de assinar, juntamente com Toby, um contrato de locação de uma casa por um ano. Não preciso dizer que não pretendo quebrar o contrato e deixar minha amiga em situação difícil. Até que você se estabeleça, posso vender meus vestidos, o que seria mais que suficiente para nos mantermos por um bom tempo.

Toby percebeu a irritação no olhar de Caleb e falou-lhe em tom animado:

— Pense bem, Caleb, quando atingir o topo, Chantelle poderá dormir até meio-dia, se quiser!

Michael piscou para ela, agradecido pela demonstração de otimismo, e Caleb recompensou-a com um largo sorriso.

— Tem tanta certeza de que meu nome chegará a enfeitar as marquises dos teatros? — ele perguntou, sentindo-se contagiado pela confiança dela.

— Só espero que não passe por mim na rua, fingindo não me conhecer, depois que ficar famoso! — ela respondeu com fingida censura.

— Por que está gastando tanto dinheiro com ela? — Paul perguntou, assim que a carruagem dos Sedaine partiu atrás da carroça de entregas.

— Porque ela é amiga de Michael — Suzanne respondeu antes que o pai pudesse fazê-lo.

Michael afagou os cabelos macios da menina.

— Você gosta de Toby, não é?

— Claro! Ela está sempre rindo e ouve com atenção tudo o que eu digo.

— E você, Paul? O que acha de Toby?

— Preferia estar no parque, brincando com meus soldados.

Todo sábado, contanto que o clima estivesse bom, Paul passava a tarde montando cenas elaboradas de batalhas com seus soldadinhos em miniatura. Jamais havia convidado outros meninos para participarem da brincadeira, e parecia contente em representar sozinho as diversas versões das batalhas mais famosas da história. Nos últimos tempos, Michael vinha se preocupando com a obsessão de Paul por guerras, ao mesmo tempo em que percebia que os amiguinhos do filho já não o incluíam em suas atividades. Talvez Toby tivesse alguma sugestão de como afastar o menino de seu passatempo solitário e encorajá-lo a dedicar-se à vida social, junto aos garotos de sua idade.

Mas deixaria o assunto para outra ocasião. Naquele dia, Michael e as crianças dariam um incentivo bastante original para Toby.

Toby ainda usava seu vestido de trabalho doméstico quando a campainha tocou. Apressada, meteu o pano de pó no bolso do avental e correu para atender a porta. Como Caleb e Chantelle passariam a tarde toda fora, ela havia planejado passar o restante do dia arrumando suas coisas na nova casa.

— Michael! — gritou surpresa, levando a mão ao turbante branco que protegia seus cabelos da poeira. — Paul, Suzanne... Que bom ver vocês!

Michael ficou parado na pequena varanda diante da porta da frente, surpreso mais uma vez. Como podia uma mulher parecer bonita vestida para uma faxina? E a mancha de fuligem na ponta do nariz arrebitado completava a imagem doméstica.

— Eu não esperava ter visitas... — ela falou sem jeito, alisando o vestido sujo.

— Eu disse ao Michael que não seria de bom tom fazermos uma visita sem avisá-la antes — Paul deu um sorriso afetado. — Tenho certeza de que preferia não receber convidados, não é Srta. Wells?

— Os amigos são sempre bem-vindos em minha casa, Paul. Por favor, entrem. — Toby percebeu que Paul preferia estar sendo submetido a um exame de matemática a ter de visitá-la, mas sabia que Michael não bateria em sua porta, acompanhado dos dois filhos, se não tivesse um bom motivo para isso.

— Desculpe-me por um instante, Toby. — Michael tentou disfarçar o riso. — Preciso avisá-los de que você está em casa.

— Avisar quem? Você trouxe Ansel e sua mãe? — Toby perguntou em pânico. Laura já a considerava pior que as criadas; se a visse vestida daquela maneira, nada mais a convenceria do contrário.

— Não — Michael apressou-se em tranquilizá-la, notando a apreensão em seu olhar — , mas você está impedindo que quatro rapazes façam uma entrega.

— Mas não encomendei nada...

— Eu encomendei algo de que vai precisar. Diga-nos onde o quer instalado.

A um sinal de Michael, os carregadores começaram a subir a escada da rua, trazendo para dentro da casa um lindo piano. Toby ficou estarecida. Não conseguia pronunciar palavra, nem sair do caminho.

— Vai deixar um piano no hall de entrada? — Michael perguntou zombeteiro, a fim de despertá-la do susto.

Rapidamente, Toby arrastou um sofá e uma mesinha de centro, abrindo espaço junto à

parede. Deu um passo para trás, dando passagem aos carregadores, e assistiu em silêncio o magnífico instrumento ser colocado com cuidado no lugar indicado.

— Isto é para mim? — ela perguntou incrédula, quando finalmente conseguiu falar.

— Sim, é seu. Esperei a semana toda para que pudesse se instalar, antes que fosse entregue.

— Michael me deixou escolher o banquinho — Suzanne declarou cheia de orgulho. — Ele disse que as mulheres sempre têm mais bom gosto que os homens.

— Você fez um excelente trabalho — disse Toby com a voz embargada pela emoção.

— Todos vocês.

Não existiam palavras para exprimir o que sentia. Assim, abraçou Suzanne com força e disse apenas:

— Obrigada.

— Por que está agradecendo Suzanne? — Paul perguntou irritado. — Não foi ela quem pagou!

— Tem razão — Toby concordou e, prontamente, abraçou Michael.

— Obrigada, Michael. Não mereço presente tão valioso.

Ele segurou seu queixo, forçando-a a levantar os olhos para ele.

— Não, a menos que componha belas canções que eu possa publicar.

O elogio saiu sem querer mas, dessa vez, Michael não se arrependeu do que disse.

Toby ficou perplexa pelas implicações das palavras dele.

— Eu... Não sei o que dizer — murmurou.

— Não diga nada. Toque para nós. — Gentilmente, Michael empurrou-a até o piano, enquanto os carregadores deixavam a casa.

— Escolha uma música bem alegre — Suzanne incentivou. Quando ela terminou a primeira canção, Michael sentou-se a seu lado e, então, revezaram-se no teste das teclas, verificando se o piano precisaria ser afinado. Tratava-se do instrumento de melhor qualidade em que Toby já tocara, e ela nem teve coragem de especular quanto havia custado. Com certeza, a quantia fora exorbitante.

— Eu sei tocar um música muito bonita — Suzanne atreveu-se a informar, apesar de um leve toque de timidez no olhar.

— Então, por que não se senta aqui e me ensina a tocá-la? — Toby sugeriu. Havia esquecido que as crianças também estavam na sala, o que jamais teria acontecido se Cléo e Mo estivessem presentes. As crianças Wells podiam não ser tão bem-comportadas como as Sedaine, mas nunca eram esquecidas ou ignoradas.

— Ela toca como uma criança — Paul informou com desprezo. — Só pratica meia hora por dia. Eu pratico, no mínimo, uma hora diária.

Toby cerrou os olhos e censurou-se por desejar que Paul não estivesse ali para estragar o espírito alegre do momento. Em seguida, falou com simpatia:

— Quando sua irmã terminar, gostaria de ouvi-lo, também, Paul.

— Hoje, não. Não estou com vontade.

Apesar da tentação de criticar o menino pelo comportamento inconveniente, mostrou-se compreensiva e agradável:

— Um outro dia, então.

Michael assistiu à cena em silêncio e imaginou se Toby teria sido tão tolerante com Mo, se ele houvesse falado com ela naquele tom. Achava que não, mas decidiu esquecer o assunto por hora e concentrar-se na apresentação de Suzanne. Quando a filha acabou de



tocar, ele elogiou:

— Muito bem, Suzanne. Tem estudado com afinco.

— Obrigada, Michael.

— Toby, gostaria de ouvir uma de suas composições — Michael encorajou.

— De onde veio esse interesse súbito por minhas canções? Não é você o homem que jamais as compraria? — Toby cuidou de acentuar o tom brincalhão, a fim de assegurar a Michael que se tratava de mera provocação.

Ele quase admitiu que não era. O velho Michael Sedaine mudara para sempre. No momento em que Toby Wells o fitara nos olhos pela primeira vez, em Saint Louis, seu mundo passara a girar em outro sentido.

— Foi a melhor decisão que tomei em toda a minha vida — ele devolveu a provocação.

— Minhas músicas são tão ruins?

Toby pareceu magoada e Michael apressou-se em esclarecer:

— Não, mas se tivesse comprado uma delas, você teria seguido, feliz, o seu caminho e não estaria aqui, agora.

— Então, não comprou minhas canções para que pudesse ter uma assistente. Que natureza maligna! Este piano não passa de uma compensação para aliviar o peso de sua consciência.

— Suzanne — ele sussurrou para a filha —, ela nos pegou.

Toby sentiu os olhos de Michael prenderem os seus por sobre a cabeça de Suzanne. E, o que pôde ler neles era mais do que esperava. Nenhum homem jamais a fitara daquela maneira, com tanto carinho e afeição. Em lugar de assustá-la, a demonstração de sentimentos encheu-a de confiança. Michael confiava nela, acreditava, e nunca faria qualquer coisa para magoá-la. O mal-entendido ocorrido em Richmond fora, finalmente, deixado de lado.

Michael saboreou a doçura da trégua conquistada, consciente da aceitação e do perdão de Toby. Jamais conhecera outra pessoa capaz de entender o que ele queria dizer, sem ter de entrar em longas explicações. Mas, Toby Wells estava sempre em sintonia com os que a cercavam.

Dando-se conta de que se continuassem se olhando daquela maneira por mais tempo as crianças começariam a imaginar o que estaria acontecendo, Michael desviou os olhos e falou:

— Estou faminto. Gostaria de sair conosco para comer?

— O que acha de um bom sanduíche de rosbife, acompanhado de salada? — Toby perguntou. — Não estou disposta a sair, hoje.

— Podemos comer com você? — Suzanne indagou, franzindo a testa em sinal de preocupação.

— Claro, doçura — Toby garantiu.

— Posso tirar a casca do meu pão? — Foi a vez de Paul preocupar-se.

— Pode comer seu pão como preferir — Toby respondeu, contente em ouvir, pela primeira vez, um comentário infantil do menino.

— Você tem bastante mostarda em casa? — Michael perguntou, dirigindo-se para a cozinha.

— Bastante — Toby assegurou e esperou um momento antes de segui-lo. Queria contemplar mais um pouco o belo piano na sala de estar. E, mais uma vez, especulou sobre as razões que teriam levado Michael a comprar-lhe um presente como aquele.

Seguindo a sugestão de Michael, Toby transformou a refeição informal em um piquenique improvisado. Embora os três Sedaine fossem novatos na cozinha, Toby foi logo ensinando Paul a cortar tomates e Suzanne a dobrar os guardanapos, enquanto Michael fatiava a carne. Quando acabaram de preparar a comida, foram sentar-se no alpendre para apreciar o pôr-do-sol.

Alguns casais passeavam pela rua, aproveitando o entardecer, e os homens faziam medidas para os quatro na varanda. A região não era a melhor da cidade, mas era respeitável e tranquila, e Toby deu-se os parabéns mais uma vez por ter encontrado o sobrado para alugar.

— Estou muito mais feliz aqui, do que na pensão — disse em voz baixa. — Chantelle é a companhia perfeita para se dividir uma casa.

A menção do nome de Chantelle fez com que Michael se sentisse envergonhado. Apesar das promessas que fizera a Caleb, não conseguira vender seu talento para nenhum proprietário de teatro. Desde a rejeição de Greenpasture, todos os outros agiram da mesma maneira. Pobre Caleb! Arrastara-o, juntamente com Chantelle, para uma cidade fria e hostil, que ainda não aprendera a apreciar o verdadeiro ragtime.

Recusando-se a permitir que os problemas de negócios arruinassem o clima perfeito que haviam criado naquela tarde, mudou deliberadamente de assunto.

— Já teve a oportunidade de conhecer a vizinhança?

— Ainda não. Vamos empilhar os pratos na pia e, depois, sair para uma caminhada. Gostariam de vir conosco? — Toby dirigiu-se às crianças.

— Que horas são? — Suzanne perguntou ao pai. — Seis e meia.

— Você sabe que não tenho permissão de ficar acordada depois das oito horas.

— Hoje é uma noite especial — Michael afirmou. — Não terá de ir para a cama enquanto eu achar que pode ficar acordada. Não podemos desperdiçar uma noite de verão tão agradável.

Ele se levantou e ofereceu uma das mãos para Paul e a outra, para Suzanne. Paul rejeitou a demonstração de carinho do pai, e saiu à frente de todos. Percebendo a mágoa cobrir o rosto de Michael, Toby rapidamente colocou a própria mão no lugar da do menino.

— Esta é minha primeira excursão pela cidade de Nova York — Toby anunciou assim que se viu na rua. — E não podia desejar companhia melhor!

Enquanto caminhavam calmamente, subindo uma rua e descendo outra, Toby estava atenta aos olhares que os transeuntes lhes lançavam. Certamente, as pessoas concluíam que se tratava de uma família: pai, mãe e seus dois filhos. Uma mulher chegou a encarar Michael com um olhar atrevido, e Toby levantou os olhos a fim de verificar a reação dele.

O rosto de Michael apresentava uma expressão de tranquilidade, e até as linhas duras que costumavam contornar-lhe a boca haviam desaparecido. Sim, era um homem bonito, com o cabelo negro e os traços cinzelados com perfeição. Mas não era isso o que exercia maior poder sobre Toby, e sim a gentileza calma e silenciosa com que a tratava, bem como a certeza de que ele jamais permitiria que alguém lhe fizesse algum mal.

Poderia caminhar quilômetros ao lado dele. As ruas estavam barulhentas com ruídos de cascos dos cavalos que passavam, o ranger de carruagens e carroças, e os gritos das crianças que brincavam nos jardins, aproveitando os últimos raios de sol. Mas Toby não ouvia nada disso. Prestava atenção em Michael, em mais nada.

— Ei, garoto! — gritou um menino da idade de Paul, quando uma bola de borracha caiu

na calçada. — Dá para jogar de volta?

Meia dúzia de crianças jogavam bastão no meio de um beco. Toby recordou as brincadeiras com os irmãos e sentiu-se saudosa

Como Paul não respondesse ao pedido do outro menino, Michael abaixou-se e apanhou a bola. Entretanto, em vez de atirá-la para o grupo, piscou para Toby, dizendo:

— Que tal nos juntarmos a eles?

— Meninas contra meninos — ela desafiou, prendendo a saia com uma das mãos e tomando o pulso delicado de Suzanne na outra

— Nos vamos brincar no beco? — Suzanne perguntou surpresa

— E nosso time vai vencer! — Toby provocou Michael, enquanto se apressava em reunir sua equipe para dar instruções

As crianças da rua ficaram contentes em ter adultos para jogar com eles e, em poucos minutos, todos se entregavam com prazer ao jogo como se a disputa fosse levá-los à vitória mais importante de suas vidas. Até Paul esqueceu a pose e juntou-se aos outros garotos na busca pelos pontos preciosos. Toda vez que Michael segurava o bastão para dar uma tacada Toby tentava quebrar-lhe a concentração, gritando insultos inocentes.

— Você não é capaz de acertar um melão.

— Ah, não? — ele aceitou o desafio. — Pois, então, veja isto! — Bateu com o bastão bem no centro da bola, mandando-a com força e velocidade na direção de Toby.

Toby abaixou-se para apanhar o verdadeiro míssil que vinha em sua direção e, ao dar um passo para a frente com a intenção de amortecer o golpe, tropeçou na bainha do vestido e caiu.

Michael correu para ela enquanto ela se levantava e agitava a saia do vestido para tirar a poeira.

— Você está bem? — perguntou aflito.

— Claro — ela respondeu, sem compreender a preocupação dele. Levava centenas de tombos, jogando no quintal de sua casa em Saint Louis.

Sorrindo diante da naturalidade com que ela encarava os acontecimentos, ele disse.

— Não posso acertar um melão, não é? Pois você não consegue apanhar uma melancia!

Toby abriu a mão e mostrou a bola.

— Está fora, Sr. Sedaine!

Discutiram se o ponto era válido ou não, até as crianças rirem tanto que ninguém mais conseguia levar o jogo a sério.

Cansados, os integrantes dos dois times foram para suas casas, deixando os adultos, mais Paul e Suzanne, suados e mortos de sede.

— Que tal um refrigerante? — Michael perguntou, depois de notar que havia uma sorveteria do outro lado da rua.

— Ótima ideia! — Toby adiantou-se. — Quero dois refrigerantes e um sundae de morango, com bastante chantilly e castanhas.

Ela falava sério.

— Tudo só para você? — Paul perguntou, arregalando os olhos.

— Ela tem um apetite de leão, filho — Michael explicou e passou o braço por sobre o ombro de Paul que, pela primeira vez em anos, não se esquivou.

— Então eu quero um banana-split e um refrigerante, também — anunciou o menino.

— Eu também, eu também — Suzanne gritou animada pela extravagância nunca antes

permitida.

Quando tomaram o caminho de volta para casa, a noite havia caído por completo. O céu estava escuro, salpicado de milhares de estrelas; a lua crescente pendia tão baixa que parecia tocar a torre da igreja. Era um grande final para uma tarde perfeita, e Toby não queria que o encantamento terminasse.

Michael carregava Suzanne meio reclinada em seu ombro, e Toby notou que a menina cabeceava a cada passo do pai. Observou-lhe os sapatinhos imundos e a bainha da saia descosturada.

— Se entrar por alguns instantes, poderei limpar as crianças antes que sua mãe as veja — Toby sugeriu. — Ela é capaz de ter um ataque de nervos se os dois entrarem em casa nas condições em que estão!

— Creio que esta é a primeira vez que Suzanne suja as mãos e o rosto desde o dia em que nasceu. E, deve-se esperar que uma criança se suje de vez em quando, pelo menos — Michael retrucou com um tom de desafio na voz.

— Acho que tem toda razão, mas também creio que você deve se esforçar para manter a paz na família. Portanto, deixe-me corrigir o pequeno estrago!

Toby lavou o rosto e os braços de Paul no tanque e depois esfregou Suzanne com uma toalha molhada. Não podia consertar a bainha do vestido, mas achou que as crianças estavam apresentáveis quando terminou de polir seus sapatos.

— Pai, vamos embora — Paul pediu bocejando. — Estou cansado.

— Deite-se no sofá — Toby sugeriu. — Seu pai estará pronto para ir em poucos minutos.

Michael ficou curioso sobre os motivos de Toby para não deixá-los partir. O tom de voz dela sugeria que tinha algo importante para dizer.

Toby tomou-lhe a mão e puxou-o para a cozinha, onde as crianças não poderiam ouvi-los.

— Obrigada pela tarde adorável — disse num sussurro. — Acho que preciso me beliscar para descobrir se não estou sonhando.

— Não sabia que gostava tanto de sorvete — Michael provocou.

— Gosto de sorvete, pianos bonitos e homens atraentes — ela declarou com um sorriso ao mesmo tempo inocente e atrevido.

Michael compreendeu o pedido de Toby: queria que ele a beijasse. E recebeu o convite como o mais esperado de sua vida. Embora a maioria dos homens não se furtasse a conseguir o que queria, nem que fosse à força, ele preferia esperar até que sua afeição fosse correspondida. Inclinou-se devagar, saboreando o momento, e enlaçou a cintura esbelta de Toby. Automaticamente, ela estendeu os braços em torno dos ombros dele.

Dessa vez, ela não se surpreendeu quando os lábios dele tocaram os seus. Há dias esperava ser beijada por ele, embora não estivesse consciente de tal desejo. Quando sentiu a boca úmida e quente sobre a sua, seus lábios se abriram sem resistência e ela recebeu a carícia, abandonando-se ao delírio intenso que foi crescendo até que já não podia pensar com clareza em nada senão, Michael.

Sem perceber, pressionou o corpo de encontro ao dele, desejando diminuir a distância, embora por mais que fizesse, não poderia aproximar-se tanto quanto seu coração implorava. O mundo parou para ambos, perdidos na paixão.

Michael afastou-se apenas alguns centímetros e tomou o rosto de Toby entre as mãos.

— Se eu aceitar o que você acabou de oferecer, receio que levarei um bofetão.

— Não sei do que está falando — ela murmurou, os olhos ainda fechados. — Foi apenas um beijo inocente.

A negação flagrante foi demais para Michael. Beijou-a novamente, desta vez quase com violência, até que ela mal podia respirar. À medida que o desejo crescia em ambos, ele puxou-a mais para si, escorregando as mãos pelas costas dela, numa carícia indolente e ao mesmo tempo apaixonada.

— Compreende agora? Não quero apenas beijar você — ele murmurou em seu ouvido enquanto mordiscava de leve o pescoço perfumado.

Se seus filhos não estivessem a menos de três metros de distância, Michael tomaria Toby nos braços e a levaria para o quarto. Agradecido à realidade que o impedia de cometer tamanha loucura, acariciou-lhe os cabelos macios e afastou-se com alívio e pesar. Dirigiu-se até a porta da frente e abriu-a.

— É melhor que eu vá agora — disse baixinho, tomando o filho adormecido nos braços e fazendo um sinal de cabeça para que Toby pegasse Suzanne, que também dormia.

Ajeitaram as crianças confortavelmente no banco da carruagem que esperava diante da casa. Em seguida, Michael passou o braço em torno da cintura de Toby e acompanhou-a até a porta.

— Eu me diverti muito, hoje. E sei que meus filhos também gostaram do passeio. Podemos voltar para outro piquenique?

Sem a orientação de Toby, Michael não estava certo de poder divertir-se com os filhos, mas com ela a seu lado, era fácil agir com naturalidade, ao mesmo tempo que dava todo o carinho pelo qual seus filhos pareciam ansiar havia anos.

— Quando quiser — ela assegurou, recostando a cabeça no peito dele.

— Gostaria de poder ficar — ele admitiu, beijando-a na testa com ternura.

— Homens bonitões serão sempre bem-vindos! — anunciou uma voz feminina vinda da calçada.

— Rosie! — Toby quase gritou de susto. — Que diabos está fazendo aqui?

## CAPITULO VII

— Bem, você não é a única que pode fugir de casa — Rosie anunciou.

— Eu não fugi, Rosamunda!

— Não foi o que papai contou ao Alex e à Mary quando chegaram de lua-de-mel, e você não estava lá para ajudar Mary a cuidar da casa.

Toby sentiu o coração disparar ao ouvir a irmã mencionar o pai. Ele deveria estar ainda mais furioso depois da partida de Rosie.

— Você pediu permissão para partir?

Rosie colocou a mala no chão e suspirou antes de responder, como se a pergunta não passasse de um detalhe insignificante e aborrecido.

— Deixei um bilhete.

— Muito corajosa — Michael comentou com ironia.

— Muito esperta — Rosie retrucou. — Ele jamais me deixaria vir, e achei que seria pura perda de tempo gastar argumentos em uma discussão estéril.

Irritado com a insolência da moça, Michael virou-se para Toby, falando como se não houvesse mais ninguém ali.

— Quer que eu passe pelo telégrafo em meu caminho para casa, e mande uma mensagem a seu pai, a fim de que ele saiba que sua irmã está bem?

Toby assentiu em concordância.

— Obrigada. E diga que escreverei amanhã.

Michael pôde sentir o desânimo na voz dela. Pobre Toby, pensou. Será que nunca se libertaria do fardo de arcar com as responsabilidades da família? Apertou a mão dela, tentando reconfortá-la.

— Se for preciso, pode faltar ao trabalho amanhã.

— Agradeço a compreensão — ela disse com um suspiro —, mas estarei no escritório na hora de sempre. — Não permitiria, em hipótese alguma, que a irmã descabeçada interferisse em sua vida.

Quando Michael partiu, Toby virou-se para encarar Rosie, mas descobriu que a irmã já se colocara à vontade na sala de estar. Atirara o chapéu sobre a mesa, pendurara o casaco em uma cadeira e encontrava-se confortavelmente sentada no sofá, como se morasse ali há muito tempo.

Furiosa, Toby explodiu:

— Posso saber como pretende se sustentar, Rosamunda? Pode estar certa de que não receberá nada de mim!

— Continue se agarrando com Michael no alpendre e logo, logo, nem precisará mais trabalhar. — Rosie provocou. — O papel de Sra. Sedaine vai ocupá-la bastante, não sobrá tempo para o seu empreguinho de assistente na Musical Sedaine.

— O que faço da minha vida particular não é da sua conta — Toby falou entre os dentes, sentindo-se humilhada pelo fato de Rosie haver presenciado um momento tão



íntimo — Mas como você pretende ganhar a vida é um problema meu!

— Arranjarei um emprego — Rosie respondeu distraída.

— E vai fazer o quê?

— Qualquer coisa.

— Você nunca se dignou a aprender a fazer nada direito!

— E você nunca aprovou nada que eu fizesse! — Rosie retrucou indignada.

Por um instante, Toby sentiu-se culpada, pois a irmã falava a mais pura verdade. Sempre reprovava tudo o que Rosie fizera, ou tentara fazer. Entretanto, não era o momento propício para discutir um assunto tão delicado.

— Vou arrumar a cama para você no quarto que está vazio.

— Eu falei para o Charlie que você não se importaria que eu viesse morar aqui. Ele insistiu que você jogaria minhas coisas no meio da rua assim que me visse.

— Se não juntar seus pertences imediatamente e os guardar com cuidado em seu quarto, as previsões de Charlie vão se transformar em realidade dentro de poucos minutos — Toby advertiu antes de subir a escada sem dizer mais nada.

Uma hora mais tarde, Toby despiu-se e atirou-se na cama, sentindo-se desolada. A noite começara como um sonho e terminara em pesadelo. Forçou-se a tirar Rosie da cabeça e concentrou o pensamento nas lembranças dos momentos maravilhosos passados junto de Michael. Recordando o calor dos beijos apaixonados, não encontrou dificuldade para pegar no sono.

Toby sentou-se na cama de um pulo. O sonho lhe provocara tamanho sentimento de vergonha que o rubor subia-lhe pelo pescoço, fazendo suas faces arderem. Seria pecado acalantar tais fantasias? Tinha certeza que sim, e não poderia culpar ninguém, senão ela mesma. Afinal, havia gostado de pressionar o corpo contra Michael quando ele a beijara; deleitara-se por ser abraçada por ele, e havia permitido que ele a levasse para a cama — mesmo que apenas em sonho.

Estava furiosa com a traição de seu subconsciente e com a dor insuportável que lhe queimava o estômago. Confusa pelas emoções e sentimentos contraditórios, saiu da cama, desceu para a cozinha e lavou várias vezes o rosto em água fria.

Desesperada para afastar Michael do pensamento, pôs uma chaleira de água para ferver, a fim de preparar um chá, e sentou-se para escrever uma carta ao pai. Teve dificuldade em começar, pois sentia-se tentada a desculpar-se pela atitude impetuosa de Rosie, embora não se julgasse responsável pelo que a irmã fizera. Não? Tinha de admitir que os irmãos sempre a haviam tomado como exemplo e, pensando na natureza perversa de Rosie, foi obrigada a sorrir. Pela primeira vez a irmã a copiara em alguma coisa, quando sempre se esforçara ao máximo para fazer exatamente o oposto.

Depois de pensar um pouco no assunto, decidiu começar a carta contando ao pai tudo o que lhe acontecera de bom desde que deixara o Missouri. Era reconfortante descrever sua nova vida, destacando os aspectos positivos e enterrando os negativos — como a chegada de Rosie e o sonho perturbador — nas camadas mais profundas da memória.

Enquanto preenchia as páginas, sentiu-se saudosa do lar e da família. Em sua mente, desfilavam quadros da vida cotidiana em Saint Louis: os rostinhos meigos e sujos de Cléo e Mo, a risada espalhafatosa de Charlie, e o hábito que o pai adquirira de esquecer-se de trocar os chinelos por sapatos toda vez que saía de casa.

Toby ainda se encontrava curvada sobre o papel, empenhada em fazer com que o pai se sentisse melhor depois do abandono de duas filhas, quando ouviu o ruído da chave de

Chantelle girando na fechadura.

— Pensei que a encontraria dormindo a esta hora — disse Chantelle ao entrar na cozinha.

— Um barulho na rua me acordou — Toby mentiu. Não diria à amiga que fora despertada por fantasias pecaminosas com o patrão!

— Você está bem? Parece agitada.

— Sim, estou bem. Apenas um pouco irritada com minha irmã.

— Recebeu alguma correspondência de sua família?

— Sim, um pacote.

— É mesmo? E o que tinha dentro?

— Rosamunda.

— Rosamunda? É alguma espécie de flor?

— Não, uma irmã; um pacote de problemas, com dezenove anos de idade!

Chantelle sentou-se e apoiou os cotovelos na mesa.

— Ela está aqui? Mas isto é maravilhoso! Eu adoraria ter familiares que viessem me visitar!

— Gostaria de adotar Rosie? — Toby sugeriu com uma risada bem-humorada.

— Seria um prazer.

Chantelle parecia melancólica e Toby especulou o que poderia ter acontecido. Vinham partilhando a mesma casa havia mais de uma semana e, nem uma vez, Chantelle se dispusera a falar de seu passado. O vazio da vida da amiga fez com que Toby reconsiderasse os aborrecimentos que sua família lhe causava de vez em quando.

— Não quer me contar por que está tão aflita? — Chantelle encorajou o desabafo.

Toby resumiu a história da chegada repentina de Rosie e, quando chegava ao fim da narrativa, sentia-se um pouco tola por ter reagido com tanta exasperação. E constatou que era bom ter uma confidente com quem partilhar suas angústias, em vez de ser sempre a mãe confessor.

— Agora me conte o que aconteceu de bom, hoje — Chantelle pediu.

— Ah, aconteceu uma coisa espetacular! — Toby exclamou, levantando-se de um pulo e puxando a amiga pela mão. A conversa lhe fizera bem, e ela quase já não pensava no que a aborrecia minutos antes.

Enquanto Chantelle examinava, cheia de admiração, o presente de Michael, Toby recitava o encantamento da tarde e noite agradáveis. De repente, calou-se e corou.

Mesmo sob a iluminação deficiente da sala, Chantelle pôde notar a reação.

— Ah, se não estou enganada, ele lhe deu um beijo de boa-noite!

— Sim... Creio que sim — Toby gaguejou.

— E? — Chantelle demonstrou uma curiosidade travessa.

— Nada — Toby respondeu com voz estridente e voltou depressa para a cozinha.

— Não respondeu minha pergunta, querida — Chantelle insistiu com um toque de malícia na voz.

— Está bem! Michael me beijou e eu respondi a seu beijo.

— Não está achando que isso é errado, está?

— Não, mas... — Não havia palavras com as quais uma mulher decente pudesse descrever o sonho que a despertara.

— Mas o quê?

— Ah, Chantelle — Toby não pôde mais conter as lágrimas —, o que vou fazer agora?

— Pode conversar comigo a respeito — Chantelle sugeriu com ternura.

— Estou tão confusa. — Toby sentou-se e apoiou a cabeça nas mãos. — Já lhe aconteceu desejar um homem com tanta intensidade que chega a doer e, ao mesmo tempo, querer nunca tê-lo conhecido?

Antes de responder, Chantelle serviu-se de uma xícara de chá. Toby levantou os olhos e notou que a outra misturava o açúcar demoradamente, como se pensasse no que ia dizer. E foi então que percebeu que a amiga tinha mais que um rosto bonito. Seus olhos expressavam força de caráter, sabedoria, inteligência e sensibilidade, o que a tornava ainda mais fascinante.

— Está contando a minha vida, Toby — ela falou devagar, depositando a colher no pires. — O amor que sinto por Caleb é tão grande que, se um dia o perder, não sei se ainda encontrarei motivo para viver.

— Deve ser difícil amar um homem que vive se mudando de um cabaré a outro, sem nunca se estabelecer em lugar algum — Toby concordou solidária.

Chantelle sacudiu a cabeça com uma risada amarga.

— Você não entendeu. Caleb pediu-me em casamento pelo menos mil vezes.

— E você recusou? — Nada mais fazia sentido para Toby. Teria todo o mundo enlouquecido? — Mas, acabou de dizer que o ama...

— Amo, mas já sou casada.

Embora um milhão de perguntas se formassem na mente de Toby, ela estava determinada a se controlar. Aquele não era o momento de tecer comentários tolos. Mas como as perguntas continuassem a martelar-lhe o cérebro, decidiu externar as mais urgentes:

— Onde está o seu marido? O que aconteceu? Ele a abandonou? Caleb sabe sobre ele?

Estendendo o braço através da mesa, Chantelle segurou a mão de Toby.

— Posso ser honesta com você, de mulher para mulher?

— Eu jamais diria uma palavra a quem quer que fosse. Chantelle começou a contar a história mais surpreendente, bem como a mais triste, que Toby já ouvira. No Haiti, sua terra natal, ela se casara com um exportador de madeira, chamado Dominic Reynard. O casamento fora arranjado por seus pais, antes que ela completasse quinze anos. Eles lhe garantiram que Dominic era um bom homem e que ela, sem dúvida, viria a amá-lo com o tempo. Entretanto, seus pais desconheciam a natureza sádica que Dominic escondeu até depois do casamento.

Durante o primeiro ano, Dominic apenas esbofeteava a esposa esporadicamente. Mais tarde, o abuso assumiu uma escalada crescente, culminando na última surra, que quase a matou. Chantelle havia passado várias semanas na cama, recuperando-se e planejando um meio de escapar. Se Dominic desconfiasse de suas intenções de fuga, certamente a teria matado. Em Portau Prince, uma esposa valia tanto quanto uma escrava, e a fortuna de Dominic colocava-o acima da lei.

Chantelle teria procurado abrigo na casa dos pais, se eles não tivessem morrido durante um furacão, uma mês depois de seu casamento. E ela não conhecia ninguém com poder suficiente para protegê-la do marido. Sozinha e sem escolha, finalmente decidiu deixar o Haiti para sempre.

Uma noite, quando Dominic embebedava-se com amigos, ela vestiu os trajes de uma criada, e subornou o neto da governanta para levá-la em seu barco de pesca até Cuba.

Temendo que nem em Havana estaria segura contra a ira do marido, trocou suas jóias por uma passagem para os Estados Unidos.

Desesperada para sobreviver à nova condição de pobreza que enfrentava, estabeleceu-se temporariamente em Nova Orleans, onde aprendeu o ofício de costureira de alto padrão e, assim que foi possível, subiu o rio Mississippi, até Saint Louis, com a finalidade de aumentar a distância entre ela e Dominic.

— Eu costurava trajes para o pessoal do teatro, quando um homem alto entrou na loja, exibindo o sorriso mais encantador que eu já tinha visto. Queria um paletó especial para uma apresentação no Café Peacock, e tinha ouvido dizer que eu era a única na cidade, capaz de fazer lapelas de brocado que não enrugassem — Chantelle terminou com um suspiro.

— Caleb?

— Sim, querida. Tentei esconder meus sentimentos por ele, mas aquele homem jamais aceitaria minha recusa.

A constatação do quanto suas histórias se pareciam atingiu Toby como um golpe inesperado. Ambas haviam encontrado homens dinâmicos, que mudaram o rumo de suas existências. Entretanto, não se tratava simplesmente de incluir Michael e Caleb em suas vidas. A realidade era um emaranhado de amor, rejeição, impossibilidade, desejo, medo, esperança... Enfim, uma lista interminável de conflitos, assim como obstáculos incontáveis.

— Você tentou obter o divórcio? — ela perguntou. Chantelle sorriu com tristeza.

— Querida, gastei centenas de dólares com advogados para forçar meu marido a me libertar... Nada funcionou.

— Por que, então, não se faz passar por esposa de Caleb? Quem poderia saber a verdade? — Ao mesmo tempo em que sugeria a solução, Toby pensava que um mês antes teria considerado a proposta indecente. Agora, porém, era como se uma outra mulher, não aquela que deixara Saint Louis cheia de expectativas ingênuas, formulasse a questão.

Todos os valores que antes utilizara para definir um padrão de moralidade haviam se alterado diante de um princípio muito mais forte: o amor. Era um pecado separar um homem e um mulher que se amavam como Caleb e Chantelle. O silêncio de Dominic Reynard constituía uma agressão ainda maior que as surras que dera na esposa.

— Talvez, Caleb e eu pudéssemos conviver com uma mentira, mas eu não faria isso a nossos filhos. Ele é um bom homem — Chantelle declarou cheia de orgulho —, e quero que seus filhos carreguem seu nome com legitimidade.

Toby não tinha argumentos contra as últimas palavras de Chantelle, nem fazia sentido prolongar a discussão. Afinal, as leis não poderiam ser mudadas para satisfazer a necessidade dos dois caros amigos. Em silêncio, às duas se abraçaram, apagaram a luz, e foram cada uma para seu quarto.

Michael não conseguiu dormir, pois mal podia esperar para reencontrar Toby pela manhã. Ao deixá-la na porta de sua casa, teve a impressão de que só então sabia o que Adão sentira ao deixar o paraíso.

Na manhã seguinte, chegou ao escritório antes de todos os outros funcionários, deixou um bule de café sobre a espiriteira, e saiu novamente para comprar um pote de creme fresco. Toby adorava café com creme, e ele se sentia disposto, para não dizer desejoso, de lhe atender a todas as vontades e caprichos.

Quando retornou, o café fumegava e o aroma convidativo enchia o aposento. Tinha certeza de que Toby ficara acordada até tarde, especulando sobre os motivos da chegada inesperada de Rosie. Sem dúvida, apreciaria o pequeno gesto de Michael. Ela sempre reconhecia as pequenas coisas com gratidão sincera, o que tornava o ato de mimá-la um prazer inigualável.

Quando abriu a porta, Toby deparou com Michael a exibir aquele sorriso que lhe abalava a resistência. Não sabia se devia se atirar nos braços dele, ou sair correndo. Ele parecia tão encantador à luz da manhã, que ela quase esqueceu o sonho vergonhoso e deu-lhe um beijo de bom-dia. O que a impediu foi o medo de que sua rendição ao desejo encorajasse um relacionamento mais profundo, e não sabia se tinha condições de aceitar a afeição de Michael e seus filhos. Afinal, deixara Saint Louis para fugir de responsabilidades, não para lançar-se em outros braços exigentes. Toby devolveu o sorriso, embora tentasse se manter fria e distante.

— Bom dia, Michael. Quais são os compromissos de hoje?

— Não faço ideia. O único compromisso importante de hoje, em minha agenda, é jantar com você.

— Não esta noite, Michael — ela falou com voz incerta. — Pretendo conversar com Rosie e convencê-la a voltar para casa. Além disso, Chantelle e eu combinamos começar a confecção de um vestido novo para mim. Preciso de mais roupas para o trabalho aqui. — Esforçou-se para manter a conversa dirigida aos negócios.

A recusa de Toby frustrou Michael. Na noite anterior havia decidido que ela era a escolha perfeita para sua esposa. Dava atenção e carinho a Suzanne e era compreensiva, embora firme, com Paul. Toby era muito mais que a assistente perfeita, e ele a transformaria em uma esposa perfeita.

Michael estava determinado a dar início à corte naquela manhã, e agora Toby usava a desculpa que ele adotara havia anos. Esconder-se atrás do trabalho fora a melhor maneira encontrada por ele de esquivar-se das questões pessoais, e ela aprendera o jogo com rapidez. Mas, pensou, não permitiria que ela escapasse tão facilmente. Faria tudo o que estivesse a seu alcance para trazê-la a seus braços onde, estava convencido, era o seu lugar.

— Não faça isso, Toby — ele disse, aproximando-se. — Não tente fingir que estamos apenas tratando de negócios, agora que estamos começando a confiar um no outro, a aprender o que nos faz felizes, a descobrir que basta um beijo para que nossos corações disparem loucamente — falou com suavidade. — Não tente enganar a mim ou a si mesma. O que aconteceu ontem à noite foi real.

— Eu sei — ela admitiu —, mas estou assustada com tudo isso. Pode me dar o tempo de que preciso para compreender melhor o curso dos acontecimentos?

— Todo o tempo que quiser — ele prometeu, acariciando-a de leve na face. Em seguida, deu-lhe um beijo rápido e afastou-se. — Vamos ao trabalho.

Tiveram uma manhã atribulada e nem perceberam o tempo passar. Quando se deram conta de que já passava de meio-dia e suas mesas encontravam-se cobertas de pilhas de contratos ainda não examinados, decidiram abrir mão da hora de almoço e permanecer no escritório.

Caleb apareceu com Chantelle, a fim de examinar o novo contrato com a Musical Sedaine. Depois de ler com atenção, brincou:

— É, parece que não está mesmo disposto a me deixar inativo.

— Não tenho a menor intenção de desperdiçar talentos. Quero você sentado ao piano todo o tempo em que estiver disponível.

— Manhã, tarde e noite?

— As noites são minhas! — Chantelle falou em tom de provocação.

— Esta foi a melhor proposta que ela já me fez! — Caleb riu. — Ei, Michael, o que acha de acrescentar ao contrato: "Chantelle Reynard promete amar, respeitar e obedecer Caleb MacRae"?

— Vocês podem assinar um contrato nesses termos se procurarem o juiz de paz na prefeitura da cidade — Michael respondeu com um risinho sugestivo.

— Diga isso a ela — Caleb apontou para Chantelle. Ela sorriu sem jeito antes de responder:

— Marcaremos a data quando os pobres forem gordos e os ricos, esqueléticos. Até lá, não pretendo abrir mão de minha independência.

— Temos aí mais um resultado do trabalho daquela feminista, Susan B. Anthony. — Michael fingiu irritação. — Todas as mulheres modernas decidiram abandonar os ideais de lar e família. — Piscou para Toby.

Toby defendeu a amiga e a si mesma.

— Não temos o direito a sonhos, planos e ambições?

— Claro que têm — Michael respondeu bem-humorado —, mas podem ter tudo isso e muito mais!

— Exatamente o que eu penso — concordou Caleb.

Antes que Toby ou Chantelle pudessem argumentar, a porta se abriu com estrondo. Laura Sedaine, acompanhada de Ansel Prescott-Moore, invadiu o escritório. Laura carregava uma imensa pilha de caixas que quase lhe impedia a visão, e Ansel também trazia uma infinidade de pacotes nos braços.

— Mamãe! — Michael surpreendeu-se por vê-la em seu escritório. — O que é isso?

— Nossos trajes para a festa — ela declarou enquanto depositava os pacotes sobre a escrivaninha do filho.

— Do que está falando? — ele perguntou, sem entender nada do que estava acontecendo.

— Da festa beneficente no próximo sábado.

Michael havia esquecido. Laura tivera a ideia de convidar todas as pessoas ilustres e eminentes da cidade para um baile à fantasia, destinado a angariar fundos para Fundação Arthur Sedaine de Bolsas de Estudo. Desde a morte do marido, ela estabelecera a instituição que patrocinava estudantes que desejavam dar continuidade a sua instrução, mas que não dispunham de recursos para continuar os estudos.

— Nossos trajes? — ele quase gritou. Decidiu mudar o tom de voz quando pensou em todo o trabalho que a mãe tivera para organizar a festa em prol de uma causa tão nobre. — Sei que se trata de um evento importante para você, mas eu também terei de me fantasiar?

— Filho — Laura falou condescendente —, onde anda com a cabeça? Já lhe disse uma porção de vezes que vou fazer desse acontecimento o evento social mais comentado do ano! E você sabe quanto gosto de fantasiar-me com trajes típicos de períodos históricos importantes.

Michael conteve um suspiro de desânimo. Sua mãe, assim como as demais mulheres da sociedade nova-iorquina, adorava exhibir o que considerava um profundo conhecimento



da história da humanidade.

Depois de Laura tê-lo informado acerca de suas ideias originais para a festa beneficente, Michael não pensara mais no assunto. Seu silêncio fora interpretado pela mãe como total concordância e disposição para participar do evento.

— Sorria — disse Laura com jovialidade afetada. — Cuidei de tudo para você. Ansel fez a gentileza de indicar um alfaiate especializado na criação de trajes desse tipo. — Dirigindo-se ao outro, pediu: — Ansel, querido, por favor, coloque estas caixas na mesa de Michael para que eu possa mostrar-lhe o que vai vestir.

— Pobre infeliz — Ansel murmurou ao depositar os pacotes. — Estava achando humilhante apresentar-me como Henrique VIII para agradar sua mãe, até saber o que ela havia reservado para você!

— Ora, Ansel, com seus cabelos vermelhos, vai ficar idêntico a Henrique VIII assim que pusermos um travesseiro por baixo da túnica — Laura disse risonha ao dar um tapinha amigável no estômago de Ansel.

Toby sentiu vontade de rir da expressão de horror no rosto de Michael, quando Laura desembalou a fantasia: uma calça justa de algodão, uma túnica que lhe chegaria ao meio das coxas, um cinto de corda trançada e sapatilhas de camurça que lhe seriam atadas às pernas por longas tiras de couro.

— Meu Deus, mamãe! O que é isto?

— Você será MacBeth.

Toby não resistiu à tentação e alfinetou-o:

— Vista, Michael. Tenho certeza de que ficará deslumbrante!

— Obrigada, Srta. Wells — Laura agradeceu, compreendendo mal o comentário maldoso de Toby. — Está vendo, Michael? Até sua assistentezinha aprova minha escolha.

O insulto enfureceu Toby, e ela teve de lutar contra o desejo de responder à altura. "Um dia, pensou com determinação, pisaria na arrogância da Sra. Sedaine, como se faz com um toco de charuto no chão.

— Ora, Laura — Ansel quebrou a tensão do momento —, já que insiste tanto na autenticidade das fantasias, creio que está se esquecendo de um detalhe muito importante: nosso querido Henrique VIII jamais se apresentou sem a companhia de uma consorte. — Virando-se para Toby, convidou: — Gostaria de ser minha Ana Bolena, Srta. Wells?

— Excelente sugestão! — Laura aplaudiu. — Ansel e Toby formarão um par encantador!

— Infelizmente, isso não vai ser possível — Michael falou bruscamente, sem se preocupar em esconder seus sentimentos. — Acontece que já convidei Toby para ser minha acompanhante. Lamento, Ansel.

— Nesse caso, receio que Toby será a beldade causadora de um duelo entre Macbeth e Henrique VIII! — Ansel provocou Michael, sem tirar os olhos de Toby.

— Sinto-me lisonjeada — ela disse, lançando um olhar furioso a Michael por tê-la incluído em sua mentira —, mas receio que não poderei aceitar o convite, pois não tenho um traje apropriado.

Michael sentia-se tentado a esmurrar Ansel. Como se atrevia a convidar Toby para acompanhá-lo àquela festa infernal? Assim que surgisse a oportunidade, teria uma conversa particular com o cunhado e o avisaria para manter-se longe de Toby.

— Além do mais — disse estreitando os olhos —, não acho que Toby lembre em nada Ana Bolena. Está mais para Helena de Tróia.

— Tem razão, meu velho — Ansel concordou com satisfação. — A beleza de Ana conquistou um coração, enquanto Helena lançou ao mar centenas de navios!

— Lançou ao mar ou afundou? — Laura intrometeu-se.

A paciência de Michael para com a mãe e o cunhado estava se esgotando rapidamente. Em vez de criticar Laura diante de terceiros, o que lhe provocaria uma crise de nervos, decidiu colocá-la com firmeza em seu devido lugar.

— Dê esta fantasia indecente a Hugo Von Feldman — ordenou, apontando o traje de Macbeth, com sua calça clara e justa. — Chantelle desenhará fantasias mais apropriadas para mim e para Toby.

Laura Sedaine empertigou-se e perguntou com desdém:

— Quem é essa tal de Chantelle? Virei a cidade de ponta cabeça à procura de uma costureira talentosa no feitio de fantasias, antes de me decidir pelo alfaiate de Ansel.

— Oh, desculpe — Michael deu-se conta de sua falha. — Não a apresentei a meus amigos — disse, virando-se para Caleb e Chantelle, que haviam permanecido quietos e imóveis em um canto da sala durante toda a discussão.

— Seus amigos? — Laura questionou com voz estridente, expressando pura incredulidade.

A postura da Sra. Sedaine acabou de uma vez com a paciência de Toby. Era evidente que a mulher estava furiosa por Michael declarar-se amigo de negros. E Toby poderia apostar que Laura sequer contrataria serviçais que não fossem brancos!

— Sim — respondeu, imitando a arrogância da outra. — Aliás, Chantelle e eu moramos juntas.

— Ora, mas quanta liberação! — Laura alfinetou.

Até aquele momento, Michael não havia se dado conta da extensão dos preconceitos de sua mãe. Embaraçá-lo podia ser perdoável mas, ofender três pessoas que ele respeitava e gostava já era demais.

— Chega, mamãe — falou com voz dura e seca. — Já tive... Antes que pudesse concluir, Chantelle declarou:

— Terei o maior prazer em desenhar uma fantasia especial para você Michael.

Toby olhou primeiro para Laura, emudecida pela interrupção de Chantelle, depois para Michael, que ainda erguia o indicador para a mãe, em posição ameaçadora. Então atravessou a sala depressa e tomou o braço dele.

— Tenho uma ideia maravilhosa! — disse com animação. — Por que não vamos *todos* à festa? Assim, Caleb poderá tocar suas canções para os convidados e Chantelle terá uma excelente oportunidade de exibir seus talentos como costureira e modista!

Michael teve de fazer um esforço para não rir alto. Toby era deliciosamente diabólica, e ele aprovava por completo a justa retribuição ao esnobismo de Laura. Sua mãe já estava irritada pelo fato de Toby ter sido convidada, e ferveria de raiva se tivesse de acrescentar em sua lista seleta os nomes de pessoas que considerava membros da escória! Abraçando Toby, imitou-lhe o entusiasmo:

— Genial, Toby! Estava mesmo tentando imaginar um jeito de apresentar Caleb a Nova York!

Espiando por sobre o ombro de Toby, divertiu-se com a expressão petrificada de Laura.

— Mas não planejei tantos convidados! — ela argumentou nervosa. Piscando para

Toby, Chantelle entrou na conversa.

— Ora, Sra. Sedaine, estou surpresa pela maneira como as damas de Nova York preparam suas festas! Quando eu oferecia grandes recepções em minha casa no Haiti, sempre providenciava que a criadagem se preparasse para atender, pelo menos, vinte convidados inesperados.

Caleb quase engasgou de surpresa. Era a primeira vez que Chantelle fazia qualquer referência em público a sua vida passada no Haiti, e isso fez com que se sentisse satisfeito pela mudança na atitude da amada. O fato de sua presença não ser desejada na tal festa não significava nada perto do desejo de apoiar Chantelle na tentativa de conciliar presente, passado e, quem sabe, até futuro.

— Acha que pode criar uma fantasia para mim também? — perguntou e abraçou-a num gesto protetor.

Como um tufão, Laura virou-se e saiu da sala, batendo a porta atrás de si com tanta força que o vidro se quebrou. Enquanto os cacos ainda caíam no chão com um ruído ensurdecedor, ela gritou para Michael por cima do ombro:

— Nada disso teria acontecido se você não tivesse trazido essa sujeitinha de Saint Louis para viver aqui! Ela está jogando você contra sua própria mãe!

Quando a silhueta de Laura desapareceu no corredor, Ansel deu de ombros e tranquilizou Toby:

— Não se preocupe. Ela é mesmo dada a ataques como esse. Um pouco de água fria em seu rosto, e logo estará calma de novo.

Antes de seguir Laura, ele piscou e soprou um beijo para Toby.

— Farei questão de ser seu par na primeira dança. — Acenou em seguida e saiu, sem se dar ao trabalho de fechar a porta danificada pela ira de Laura.

— Será um prazer — Toby respondeu com simplicidade.

Pela segunda vez naquela manhã, Michael sentiu a forte tentação de esmurrar Ansel. Quase todos os dias, o cunhado fanfarrão encontrava uma desculpa para visitar o escritório e cobrir Toby de atenções indesejadas, o que irritava Michael profundamente. Afinal, sabia que Ansel encarava toda e qualquer mulher como um desafio, e Toby não passaria de mais um de seus troféus. Frustrado, segurou a porta pela moldura do que fora um belo vidro fosco e bateu-a com força, mandando para o chão os últimos cacos. Um pedaço de vidro quebrado voou contra seus dedos, que começaram a sangrar.

— Tome — Toby ofereceu-lhe uma das xícaras em que haviam tomado café pela manhã. — Pode quebrar isto para aplacar sua crise de fúria! Sua mãe não deixou nada da porta que ainda possa ser destruído.

Michael recolocou a xícara na bandeja com cuidado e tirou o lenço do bolso a fim de estancar o sangue da mão.

— Não seja presunçosa, Srta. Wells — disse com irritação, transferindo a raiva que sentia pela mãe para Toby.

Ela ignorou o ataque mal dirigido e perguntou com voz calma:

— Acha que estraguei de vez a festa de sábado?

Tentando conter o nervosismo que o fazia tremer, Michael inspirou profundamente. Como não obtivesse sucesso em acalmar-se, respondeu com maneiras rudes:

— Não. Ela preferia morrer antes de cancelar o baile depois de ter enviado todos convites! Apenas provocamos algumas mudanças indesejáveis em seus planos.

— Michael — Chantelle falou com cuidado —, é claro que não pretendemos ir à tal

festa. É evidente que não seremos bem-vindos.

— Então, também não vou — Toby declarou com firmeza.

— Genial! — Michael rugiu. — Você me põe nesta encrenca — dirigiu-se a Toby —, e agora, *todos* vocês me abandonam — completou, estendo o olhar aos amigos. — Como posso agradecer tamanho apoio?

Cruzando os braços sobre o peito, como se estudasse Michael com a maior atenção, Toby dirigiu-se a Caleb e Chantelle:

— Vocês haviam tido a mesma impressão que eu tive, de que os cidadãos de Nova York eram pessoas educadas e gentis?

— Sim — Caleb respondeu de pronto, compreendendo onde ela queria chegar.

— Minhas ilusões também se desfizeram, meus amigos. Não creio que seja possível fazer com que os nova-iorquinos se comportem como adultos civilizados — jogou a isca, que Michael mordeu no mesmo instante.

— Toby, você fez tudo o que estava ao seu alcance para nos tirar do sério!

— Querido — ela falou com voz melosa —, você ainda nem me viu tentar. Vocês, os Sedaine, são mesmo um bando de fracotes!

— Quer me parecer que vi você sair do sério por causa da *sua* família, ontem à noite — Michael contra-atacou.

— Lamento informá-lo de que não vai conseguir ganhar esta parada, amigo — Caleb dirigiu-se a ele. — Mas posso garantir que está dando um show melhor que qualquer coisa que esteja em cartaz no Greenpasture! — Dito isto, Caleb começou a bater palmas.

Michael e Toby viraram-se para o corredor, onde uma pequena multidão de curiosos se juntara. Com certeza, as batidas da porta, o barulho do vidro se quebrando e a discussão que se seguiu atraíram a atenção de funcionários de outros escritórios instalados no edifício.

— O show terminou, camaradas — Chantelle anunciou enquanto tomava o braço de Caleb. Ao saírem, trataram de dispersar o ajuntamento.

Quando se viu finalmente sozinho com Toby, Michael relaxou um pouco e conseguiu admitir:

— Senti mais raiva nesta última hora do que durante toda a minha vida. E ainda fiz um papel tão tolo, que estou prestes a morrer de vergonha.

Toby abriu seu sorriso travesso.

— Gostaria de poder dizer o mesmo, mas já fiz papel de tola tantas vezes na vida, que já desisti de contar!

Michael aproximou-se e tomou-lhe a mão entre as suas.

— É por isso que quero que se case comigo. Acho que, todo esse tempo, estive esperando por uma mulher atrevida, insolente e corajosa, que enfrentasse minha mãe.

Toby arregalou os olhos.

— Casar?

— Sim — Michael assentiu e puxou-a para si. — Desde o primeiro momento em que a vi, tive a certeza de formaríamos uma excelente equipe. Você concordou, lembra-se?

Fitando-o direto nos olhos, Toby deu-se conta por que vinha se sentindo presa em uma armadilha nas últimas vinte e quatro horas: tentara negar, em vão, que estava perdidamente apaixonada por Michael Sedaine. E ainda não sabia se poderia aceitar a proposta que tanto queria ouvir.

## CAPÍTULO VIII

Enquanto Michael lutava para compreender o choque evidente no olhar de Toby, ela se lançou frenética a uma sequência de atividades. Ele a segurou pelo braço, forçando-a a interromper o ritmo louco e impedindo-a de apanhar a bolsa e o chapéu.

— Não acha que devemos conversar? — ele perguntou confuso.

— Agora não posso — Toby respondeu apressada. — Tenho de correr para casa e me certificar de que Rosie já providenciou o necessário para partir. Se permitir que fique por mais um dia sequer, ela jamais voltará para casa de papai.

Michael percebeu de imediato que Toby estava usando as obrigações familiares como desculpa para afastar-se. Embora reconhecesse suas responsabilidades para com o pai e os irmãos, percebera também uma forte tendência a fazer uso da situação de forma que qualquer argumento parecesse banal diante de suas alegações. Determinado a provar que a união dos dois seria a decisão mais sábia para ambos, Michael deixou o escritório aos cuidados de Reginald e acompanhou Toby até sua casa.

Nenhum dos dois estava preparado para a recepção que os aguardava. Rosie esperava por Toby sentada nos degraus do alpendre. Levantou-se de um pulo assim que avistou a irmã.

— Chantelle me contou sobre o baile! — falou quase aos gritos, sem conseguir conter a excitação. — Mal posso esperar pelo próximo sábado!

— Trate de se acalmar — Toby advertiu com voz controlada. — No próximo sábado você deverá estar de volta a Saint Louis. Além do mais, seu nome não está na lista de convidados.

— Isto poderia ser resolvido — Michael adiantou-se, diluindo a força da argumentação de Toby.

Ignorando o comentário indesejado, ela continuou falando com Rosie:

— Você não vai.

— Toby! — Rosie empalideceu com a negativa. — Não pode estar falando sério. Toda a minha vida sonhei com um grande baile a fantasia...

— Estou falando sério e você não vai a baile algum. O próximo trem para Saint Louis parte esta noite. — Toby ficou impassível.

Os ombros de Rosie vergaram ao peso da decepção e seu rosto se transfigurou enquanto as lágrimas corriam pelas faces.

— Como pode ser tão egoísta? — perguntou sem esconder a mágoa e a raiva.

Michael teve pena da menina.

— Por que ela não fica só mais alguns dias? Não creio que isso possa acarretar mal maior.

Toby suspirou profundamente. Não lhe agradava o fato de Michael usurpar daquela maneira a sua autoridade, mas era obrigada a admitir que não seria justo negar a Rosie aquela oportunidade única de realizar um sonho de juventude. Se estivesse no lugar da irmã, certamente se sentiria mais do que infeliz.

— Vá descascar algumas batatas para o jantar, enquanto Michael e eu discutimos o assunto — ordenou com frieza, não querendo criar qualquer expectativa que não pudesse atender mais tarde.

Sabendo que venceria, graças à intervenção de Michael, Rosie abraçou-o num impulso infantil.

— Obrigada! Muito obrigada! — Obediente, correu para a cozinha.

— Acaba de conquistar uma admiradora — Toby alfinetou-o com sarcasmo, deixando evidente seu desagrado pelo rumo que as coisas haviam tomado.

— Talvez você tenha sido mãe por tanto tempo — Michael explicou, enquanto seguia Toby para a sala —, que já se esqueceu como é ser uma garotinha.

Ela se virou para ele abruptamente.

— Em primeiro lugar, creio que não olhou direito para Rosie, pois ela não é uma garotinha, mas uma jovem bastante crescida. Em segundo lugar... — fez uma pausa, como se precisasse sufocar as lágrimas ameaçavam cair —, acho que nunca fui uma garotinha.

Michael sentiu-se comovido com a confissão. Então era aquele o motivo de Toby ser sempre tão alegre e jovial: precisava libertar a criança reprimida por todos aqueles anos. Beijou-a de leve na testa e apertou-a contra o peito.

— Se é assim, já está na hora de parar de agir como se fosse mãe de Rosie. Deixe que ela viva a própria vida, e trate de cuidar da sua.

— Não sei o que fazer da minha vida — Toby confessou, enterrando o rosto no ombro de Michael.

— Fique junto de mim e eu lhe mostrarei o que fazer, *OlhosdeAnjo*. O tom de voz de Michael tentava-a a desistir de lutar contra o amor que ele lhe oferecia. De súbito, sentiu um aperto no coração, lembrando-se de que em momento algum ele mencionara a palavra amor. Michael apenas lhe propusera casamento. Mas, pensou, que homem faria um pedido desses a uma mulher, se não a amasse? E ela se esquivara, com sucesso, de dar-lhe uma resposta direta! Chantelle entrou na sala, interrompendo-lhe os pensamentos.

— Está zangada comigo, Toby? Afastando-se de Michael, Toby encarou a amiga.

— Claro que não. Rosie teria descoberto, de um jeito ou de outro.

— Devo providenciar quatro ou cinco fantasias?

— Você é quem sabe, Chantelle — Toby respondeu distraída, deixando o destino da irmã nas mãos da amiga.

O piano pareceu adquirir vida própria, e Michael reconheceu o estilo de Caleb. A despeito da recepção fria que encontrara em Nova York, o compositor continuava a criar suas obras maravilhosas, disposto a despertar a cidade grande para os encantos do ragtime.

Toby e Chantelle deixaram Michael e Caleb conversando sobre negócios e foram para a cozinha a fim de dar as boas notícias a Rosie. Encontraram-na descascando batatas diligentemente, disposta a qualquer coisa para cair nas graças da irmã.

— Então, Rosie, que tipo de fantasia você tem em mente? — Toby perguntou à queima-roupa.

— Maria Antonieta. Metros e metros de rendas e brocados — Rosie respondeu com a voz estridente de uma menina ainda não crescida.

Toby não pôde deixar de rir diante do entusiasmo exagerado e do desejo caríssimo da



irmã mais nova.

— Acho que seria melhor pensar em alguma coisa como Cinderela em trapos.

— Minha fada-madrinha jamais faria isso comigo — Rosie afirmou dengosa, abraçando Chantelle.

— Esta fada não terá tempo de preparar cinco fantasias elaboradas. Vamos todos usar trajes simples, porém originais — Chantelle prometeu. — Rosie, se Toby puder dispensá-la da cozinha, pedirei que me ajude a começar a confecção das fantasias.

— Vão em frente — Toby concordou, olhando desanimada para a batata que Rosie estivera descascando. Não sobrara quase nada para se comer. — Dos cinco quilos de batatas que compramos, teríamos sorte se comêssemos quinhentos gramas! — Toby gritou para a irmã, que corria escada acima.

A familiaridade com a tarefa doméstica tranquila de cozinhar, devolveu a Toby a capacidade de ordenar os sentimentos caóticos. A música alegre na sala ao lado, a voz de Michael incentivando Caleb, os cochichos e risinhos de Chantelle e Rosie no andar de cima, trouxeram-lhe de volta a paz de espírito. Era como se nunca tivesse deixado a casa do pai, em Saint Louis... O pensamento provocou-lhe um choque.

Durante anos acreditara que seu maior desejo era fugir das responsabilidades familiares — os irmãos para cuidar e alimentar, a casa para limpar e arrumar. Parada diante do fogão, Toby se deu conta de que em menos de um mês, recriara aquele lar aconchegante e descontraído em Nova York. Só não sabia o porquê.

Com relutância, Toby reconheceu como característica integrante de sua personalidade o gosto pelo barulho de crianças, pela casa cheia e pelo senso de responsabilidade pelo bem estar das pessoas que amava. Assim, a única razão que restava para justificar sua fuga para Nova York era a ambição. Corou ao constatar que tentava enganar-se. Fora para lá por causa de Michael. Se qualquer outro homem lhe tivesse oferecido aquele emprego, ela teria recusado sem ter de pensar no assunto. Michael exercia um forte poder sobre ela, e isso a assustava.

Na véspera do baile, Toby dava voltas diante do espelho, admirando o traje grego que Chantelle desenhara e costurara. A maneira como o delicado tecido branco de linho puro contornava o corpo de Toby era quase pecaminosa. Chantelle explicara tratar-se de uma túnica, embora Toby achasse a palavra sofisticada demais para descrever dois retângulos de tecido, costurados apenas nos lados do corpo e na linha sobre os ombros.

Dois dias antes, quando Chantelle a fizera vestir a túnica pela primeira vez, o traje mais parecia um saco de farinha cortado ao meio, sem vida ou atrativos. Toby chegou a pensar que Chantelle havia cometido um erro. Mas a amiga provou saber o que fazia. Com uma trança de fios dourados, Chantelle criou detalhes e pregas que tornaram o vestido simplesmente maravilhoso.

Naquela primeira prova, Toby ficara impressionada pela maneira como o modelo lhe realçava e valorizava as formas. Para aumentar sua incerteza sobre se devia ou não usá-lo, Chantelle comentou:

— Você está um encanto, e muito sedutora!

Toby suspirou, sentindo-se quase nua. O que Michael iria pensar? Não desejava fazer nada que pudesse mudar o relacionamento entre eles, pois a única palavra que descreveria seus sentimentos nos dias anteriores era felicidade.

Depois que Toby descobrira e admitira que estava apaixonada por Michael, eles haviam passado todas as noites juntos. Algumas vezes, ele trazia Paul e Suzanne

consigo e os quatro iam passear às margens do rio Hudson, ou brincar no parque. Outras vinha sozinho e, então, os dois jantavam em restaurantes sossegados e românticos e conversavam calmamente durante horas a fio. Havia partilhado segredos e trocado elogios e carícias, mas as palavras que Toby mais esperava ouvir, não haviam sido pronunciadas nem uma única vez.

Uma noite, quando se aproximavam do sobrado, Toby falou sem jeito:

— Michael, tenho uma pergunta que está me atormentando.

— Já devia saber que pode me perguntar o que quiser.

— Em toda a sua pressa para que eu decida a data do nosso casamento, você não me disse a razão pela qual deseja fazer-me sua esposa.

Esperou que a insinuação fosse bastante clara, uma vez que não se sentia à vontade para formular a pergunta de maneira direta.

— Compreendo sua hesitação em assumir um compromisso para toda a vida — Michael respondeu —, portanto tentarei ser mais paciente e lhe dar mais tempo para se adaptar ao nosso novo relacionamento.

Agora, olhando-se no espelho, fantasiada de grega, Toby perguntou-se por que Michael resistia tanto em pronunciar as palavras *eu te amo, Toby*. Talvez, ele ainda fosse apaixonado por Lillian, e julgasse uma traição à falecida esposa sentir amor por outra mulher. Se ele persistisse na omissão, Toby teria de confrontá-lo. Por enquanto, estava satisfeita com a maneira como ele lhe demonstrava amor e podia viver sem a declaração desejada.

Além do mais, Toby tinha receios que ainda não era capaz de dividir com Michael. Toda vez que pensava em falar com ele sobre o pavor que a ideia de um parto lhe provocava, sentia-se tensa. Ele declarara várias vezes, sempre cheio de animação, que um de seus maiores sonhos era ter uma família grande, com muitas crianças em volta da mesa. E Toby duvidava que ele pudesse compreender seu medo e aceitar uma escolha diferente de vida para o futuro. Um dia, ela teria de contar-lhe, mas não via necessidade de apressar esse confronto. Afinal, não estavam exatamente a caminho do altar, e teriam tempo para discutir e encontrar soluções satisfatórias para ambos. Forçando o pensamento a concentrar-se nas preocupações mais imediatas, virou-se para Chantelle e falou com um sorriso maroto:

— Eu me sentiria bem melhor se estivesse usando a capa de Chapeuzinho Vermelho que você fez para Rosie.

— Abaixе os braços e pare de esconder o que tem de melhor! — Chantelle fingiu-se zangada.

Corando, Toby abaixou os braços que, até então, mantinha cruzados sobre o peito, num gesto de proteção e decoro.

— Não sei até onde vou conseguir levar esta história.

— Bem — Chantelle murmurou pensativa, ignorando a ansiedade de Toby —, terei de fazer roupas de baixo, simples e lisas, para você usar com esta fantasia. Laços e rendas vão arruinar as linhas retas e o tecido fino da túnica. E os sapatos? Temos de pensar no que vai calçar.

Na manhã de sábado, o problema já fora resolvido. Chantelle costurou uma combinação inteiriça da cambráia mais fina que encontrou à venda, assim como comprou um par de sandálias brancas baixas, de tirinhas finas.

Só restava a Toby cuidar do cabelo, que ela prendeu no topo da cabeça, deixando os

cachos caírem em cascata sobre a nuca. O toque final foi dado pelo excedente da trança dourada que adornava o vestido. O resultado do conjunto era irrepreensível, e as últimas dúvidas de Toby desvaneceram.

Pela última vez, rodopiou em frente ao espelho, no momento que a campainha da porta soava.

— Boa sorte — desejou para o próprio reflexo e desceu a escada. Quando Michael ergueu os olhos e deparou com Toby, perdeu a voz.

Estudou-a com tamanha intensidade que ela chegou a pensar que ele não gostara da roupa. Todos seus medos voltaram à carga.

Buscando um modo de disfarçar seus temores, ela começou a falar assim que atingiu o último degrau.

— Michael, você está esplêndido!

E não se tratava de uma mentira. Ele encarnara um belo romano em uma túnica semelhante à sua, exceto pelas linhas mais masculinas.

— E você está muito mais bonita que Helena de Tróia. O elogio fez com que ela relaxasse.

— Obrigada, Michael. Eu estava me sentindo um pouco tola nestes trajes.

— Deixe de bobagem! Você está linda!

Toby estendeu a mão para apanhar uma capa a fim de cobrir o vestido, mas Michael a impediu.

— A noite está bastante quente. Não vejo motivo para esconder o que é perfeito.

— Se prefere assim... — ela capitulou, tomando-lhe o braço e acompanhando-o até a carruagem.

Caleb vestia-se como jogador de beisebol e Chantelle havia modificado um de seus vestidos, prendendo um xale sobre o ombro, de maneira que se parecia com uma dama da nobreza parisiense do início do século. O casal havia se juntado a Rosie na calçada, à espera de Toby e Michael.

A caminho do baile, Michael perguntou:

— Você compreendeu exatamente o que foi planejado para a festa?

— Sua mãe mandou um bilhete explicando que cada um de nós devia preparar um número para ser apresentado. Escreveremos o nome de um convidado e a quantia que desejamos doar à fundação em um pedaço de papel e o colocaremos dentro de um grande chapéu — Toby recitou as instruções. — Está correto?

— Sim. E os dez mais votados serão os responsáveis pelo entretenimento da noite.

— Que tipo de número preparou? — Caleb perguntou a Michael.

— Algo bastante simples. Vou declamar um poema de Homero. Assim que tiver recitado as palavras tediosas, todos quererão me ver longe do palco. Assim, não correrei riscos. E você, Toby?

— Preparei uma de minhas canções, mas como ninguém me conhece, não creio que vá fazer uso dela.

Toby estava certa de que as horas gastas na composição da paródia cômica da história de Helena de Tróia haviam sido tempo perdido. Entretanto, a última coisa que desejava era fazer papel de tola diante de todos os amigos de Michael.

— De quem foi a ideia de um concurso como este? — Rosie perguntou.

— Já ouviram falar de "Beije o Porco"?

— Felizmente, não — Chantelle respondeu, torcendo o nariz. Michael contou-lhes

como conhecera a brincadeira:

— Quando eu ainda era garoto, fui com minha mãe passar um verão na França. Ficamos hospedados na casa de meus avôs, em um pequeno vilarejo. Todos os anos, a cidade fazia uma feira, e a brincadeira constituía a principal fonte de renda para a compra dos livros necessários à escola local. Todos os presentes doavam quantias diversas, juntamente com um pedaço de papel, contendo o nome do prefeito, do reitor, ou do padre. Aquele que fosse mais votado era obrigado a beijar o porco destinado ao primeiro prêmio dos jogos no final do dia.

Era uma história interessante e Toby podia imaginar Michael correndo por ruelas de cascalho, brincando com crianças de sua idade, e divertindo-se ao ver um adulto abrir mão de sua dignidade para beijar um leitão.

— Chega de histórias de família. Afinal, temos uma grande festa pela frente.

Despertando do devaneio que a levava ao interior da França, Toby surpreendeu-se de estarem chegando ao hotel. Era raro Michael contar casos referentes a seu passado, e cada vez que o fazia, ela se deleitava em ouvir. Queria saber tudo sobre o homem que não poderia deixar de amar, por mais que viesse a tentar.

Quando entraram no salão de baile, Toby teve de concentrar-se para não estampar no rosto a fascinação que tudo ali lhe causava. O brilho das fantasias era fabuloso e o número de convidados a impressionou. No mínimo cem pessoas passeavam pelo salão, num desfile luxuoso de cowboys, peregrinos, Napoleões e Josefinas, e mais uma porção de outros personagens que Toby não reconhecia. Todos pareciam divertir-se com seus copos de champanhe e ponche.

— Ainda bem que você me convenceu a desistir de Maria Antonieta — Rosie sussurrou-lhe ao ouvido. — Já contei três até agora.

— Você está linda, querida — Toby assegurou. — Espero que se divirta.

Avaliando um grupo de homens jovens e atraentes, Rosie sorriu.

— Gostaria de saber se algum deles é rico e solteiro.

— Rosie! — Toby censurou. — Será que não pode pensar em outra coisa, se não homens?

— Não. — Sem esperar pela próxima bronca, Rosie convenceu Michael a apresentá-la a alguns de seus amigos, deixando Toby sozinha no meio do salão.

Tendo perdido os dois de vista, pôs-se a procurá-los. Encontrou Michael um instante depois. Embora ele estivesse de costas, ela o reconheceria em qualquer lugar. Ninguém tinha cabelos como os dele, negros e abundantes, e seus ombros sempre lhe pareciam mais largos que os de qualquer outro homem.

Toby tentou abrir caminho entre os convidados a fim chegar até onde ele estava, mas Ansel segurou-a pelo braço.

— A primeira dança é minha — ele disse em voz baixa, porém firme, — Depois que os outros tiverem visto você, posso não ter outra chance.

Embora não sentisse a menor vontade de dançar com Ansel, Toby assentiu e sorriu-lhe com simpatia. Não podia correr qualquer risco de desentendimentos naquela noite.

A orquestra mal acabara de tocar uma valsa e já dava início a outra. Ansel era um excelente parceiro de dança, surpreendentemente leve para um homem de seu tamanho. Toby não encontrou dificuldade para acompanhá-lo, embora não se sentisse à vontade em seus braços. Ele tentava puxá-la mais para si, enquanto ela fazia questão de manter uma distância respeitável.

Michael conversava com Joel Greenpasture, quando este pareceu deixar de ouvi-lo. O olhar de Joel estava preso ao centro da pista de dança, como se ele estivesse enfeitiçado. Michael nunca o vira tão empolgado e ficou curioso ao notar o brilho naqueles olhos sempre frios e desconfiados.

— Quem é a beldade? — Joel perguntou, sem desviar os olhos.

Seguindo o olhar do amigo, Michael avistou Toby nos braços de Ansel, deslizando ao som da valsa. Foi tomado por sentimentos de orgulho e ciúmes ao mesmo tempo. Os outros casais na pista haviam aberto espaço para os dois, que formavam um par perfeito. Ansel parecia não caber em si de contentamento por ter sido transformado no centro das atenções, graças à mulher que levava nos braços. E Toby, pareceu a Michael mais encantadora do que nunca.

A luz do candelabro brincava em seus cachos dourados, a brisa suave vinda do terraço, pressionava o vestido diáfano contra as formas perfeitas, e sua pele mostrava-se ainda mais branca e imaculada. A beleza de Toby, que sempre cativara Michael, fora realçada pelo traje encantador.

Sem pronunciar as palavras em voz alta, Michael amaldiçoou Ansel enquanto observava a luta de Toby para evitar o aperto do parceiro. Afinal, só ele, Michael, tinha o direito de tocá-la! Furioso pela atitude vulgar do cunhado, deixou Joel Greenpasture sem resposta e dirigiu-se ao centro da pista de dança.

Com um tapinha no ombro de Ansel, Michael falou entre os dentes:

— Tenho certeza de que não se importa que lhe tome a dama.

— Ah, sim, garanto que me importo — o outro respondeu sem qualquer indício de simpatia. — Cada um por si, amigo.

Ansel tentou rodopiar, a fim de afastar-se. Porém, Michael beliscou-o com força no músculo logo abaixo do pescoço. Sabia que estava lhe provocando uma dor intensa, mas não se importou.

— Aja como o cavalheiro que você não é — ordenou em voz baixa.

— Deixe a moça escolher — Ansel desafiou.

— Ela já escolheu a mim.

Toby sentiu que todos a observavam e corou como uma garotinha. Embora se sentisse grata pela interferência de Michael, perguntou-se por que toda vez que se encontravam junto à família ou aos amigos dele tinham de enfrentar uma cena constrangedora. Mas, pensou, adorava a possessividade feroz que ele demonstrava sentir por ela, e achou que jamais se cansaria disso.

— Por favor — ela pediu em voz baixa, dirigindo-se aos dois —, só quero sentar um pouco e tomar um copo de ponche.

Michael e Ansel escoltaram-na até uma mesa desocupada e, em poucos instantes, Toby encontrava-se cercada de admiradores. Michael decidiu tratar a todos com simpatia, aceitando a popularidade da mulher amada com naturalidade. Afinal, não poderia brigar com todos os homens presentes na festa, e ela merecia a atenção que lhe era dispensada. Nenhuma mulher ali presente sequer se comparava a ela em beleza e charme.

A mesa diante da qual Toby se sentara estava agora repleta de copos de ponche, todos trazidos por cavalheiros ansiosos para serem apresentados a ela. O interesse exagerado deixou-a tonta e, a todo instante, ela levantava os olhos à procura de Michael, a fim de se certificar de que ele continuava a seu lado.

Sentiu-se aliviada quando Michael a libertou da multidão, arrastando-a para a pista de dança. A sensação de estar mais uma vez nos braços dele era reconfortante, e fazia com que se sentisse protegida contra o mundo.

— Estou me sentindo como uma princesa — ela falou com um risinho nervoso.

— É melhor que eu seja o seu príncipe.

— Senão?

— Senão serei obrigado a cortar a cabeça de todos os impostores.

— Ansel será o primeiro?

— Com toda certeza!

Toby abraçou-o com força, esquecendo-se dos olhares curiosos.

— Não precisa machucar ninguém. Você é o meu príncipe. Embora a conversa fosse infantil e banal, Michael sentiu o peito estufar ao ouvir a declaração. A festa, as fantasias, todo aquele aparato, enfim, podia ser uma grande farsa. O sentimento que os unia, porém, era mais real que a própria vida.

— Poderíamos fazer com que este clima durasse para sempre — Michael sussurrou em seu ouvido.

— Ah, seria maravilhoso! — ela concordou com um suspiro. — Passar a vida dançando em meio a flores e alegria. Você acha que, com o tempo, ficaríamos entediados?

— Não acho que precisamos nos preocupar com o tédio. O simples fato de sentar a seu lado já faz meu coração acelerar o ritmo.

Toby não sabia o que dizer. Ouvir tais palavras pronunciadas por Michael deixava-a embevecida. Receosa de expressar a verdadeira reação partiu para a brincadeira.

— Isso quer dizer que o deixo furioso ou satisfeito?

— Chegue mais perto e vou provar-lhe o quanto me agrada.

Michael puxou Toby para si e, ao sentir seu corpo colar no dela, percebeu que ela não usava os espartilhos e anáguas habituais. Deu-se conta, também, de que a própria fantasia era feita de um tecido tão fino que seus corpos pareciam estar separados apenas por um lençol. O pensamento, assim como o contato próximo, encheram-no de desejo.

Por mais que se esforçasse, Michael não conseguia pensar em outra coisa, senão no desejo que sentia por Toby. Se aquela festa fosse a de seu casamento, ele a arrastaria dali e se dedicaria exclusivamente ao prazer de despi-la das poucas camadas de tecido fino. De súbito, sorriu ao pensar que seria eternamente grato a Chantelle por ter criado as fantasias que agora o transportavam para um mundo de sonho e prazer.

— Michael, estive à sua procura por toda parte — Laura Sedaine pôs um fim ao interlúdio erótico. — Deve cumprimentar nossos convidados mais eminentes.

Ele ficou rígido ao ouvir a voz da mãe e olhou para Toby com um pedido de desculpas silencioso.

— Voltarei assim que puder. Vai dançar comigo, então?

— Claro — Toby assegurou. — Estarei esperando por você. Afinal, não pode ignorar os convidados que estão aqui em sinal de apoio à fundação que leva o nome de seu pai.

Com um sorriso agradecido, Michael apertou-lhe a mão e virou-se para a mãe. Laura envergava um vestido pesado de brocado escuro, um traje típico do século XI, e um véu austero lhe cobria a cabeça. O conjunto dava-lhe mais o aspecto de uma freira do que de rainha.

— Tratemos de cumprir logo esta tarefa — Michael falou com impaciência.

— As companhias com que tem andado ultimamente estão acabando com suas boas



maneiras — Laura censurou. — Vamos, sorria!

A forma como Laura ignorara Toby constituía insulto maior do que se a tivesse esbofeteado. Naquele círculo social restrito, o ostracismo imposto por Laura Sedaine representava a morte de qualquer esperança de aceitação para Toby. Não era de se estranhar que Toby se sentisse diante de um perigoso predador cada vez que Laura se encontrava por perto. Enquanto observava, furioso, a mãe atravessar o salão com ar de vitória, Michael vislumbrou um plano para vingar aquele comportamento esnobe e, ao mesmo tempo, apresentar Toby à sociedade nova-iorquina.

O ponto alto da festa, a apresentação dos números de entretenimento, demoraria pelo menos uma hora para ter início, e Michael aproveitou para tomar as providências necessárias ao sucesso de seu plano. Cada vez que parava para conversar com um amigo, pedia que votasse em Toby. A maioria concordava de boa vontade, pois todos queriam vê-la no palco. Entretanto, para sua surpresa, vários conhecidos informaram que Ansel havia feito o mesmo pedido. Bem, pensou, com dois patrocinadores tão empenhados, não havia dúvida de que Toby subiria ao palco. Embora fizesse força para se convencer de que o atrevimento de Ansel o ajudaria a atingir seus objetivos, Michael ficava cada vez mais irritado com o cunhado. Na primeira oportunidade, falaria com Ansel em particular e poria um fim à competição sem sentido. Ia se casar com Toby e não admitiria mais qualquer interferência daquele tipo. Apesar de duvidar que valesse a pena manter seu relacionamento com Ansel, Laura sempre o lembrava de que Paul e Suzanne já não contavam com muitos parentes, e que não seria justo privar as crianças do único tio que possuíam na América. Por vezes, Michael perguntava-se se esta não seria a maneira encontrada por sua mãe de impedir a entrada de outra mulher em seu território.

Às dez horas, Michael fez um sinal para que a orquestra parasse de tocar. Seis meninos vestidos de pajens subiram ao palco e tocaram cornetas medievais. A cacofonia foi ensurdecadora, e Michael teve de se esforçar para conter o riso. A imaginação fértil de Laura transformara o baile beneficente em uma verdadeira monstruosidade.

— Senhoras e senhores — Michael anunciou, percebendo que, mais uma vez, soava tenso e formal, como acontecia sempre que era obrigado a dirigir-se a uma grande audiência —, chegou a hora mais esperada da festa. Enquanto contamos os votos para conhecer os dez escolhidos, terão o prazer de ouvir o Sr. Caleb MacRae, que apresentará suas composições originais.

Michael fez uma pausa, concentrando-se para relaxar um pouco. Como poderia fazer com que seus amigos levassem Caleb a sério, quando ele mesmo não parecia confiante?

— Sei que pareço formal — desculpou-se —, mas venham conversar comigo depois da apresentação do Sr. MacRae, e garanto que estarei tão leve e solto como a fantasia que estou vestindo. — Sacudiu as dobras da túnica e riu junto com a platéia, que pareceu gostar da brincadeira. Em seguida, deixou o palco livre para a apresentação do amigo, e foi tomar seu lugar ao lado de Toby.

Quando os convidados mais jovens começaram a demonstrar que não conseguiam ficar parados, movimentando-se ao som do ragtime, Michael teve a certeza de que Caleb já era um sucesso. De início, podia notar alguns movimentos aqui e ali, mas o salão logo se encheu de casais que improvisavam e inventavam passos novos a fim de acompanhar a batida original. Em poucos minutos, até os mais velhos juntaram-se à dança animada.

— Aposto que Joel Greenpasture já se arrependeu por ter perdido a oportunidade de ser o primeiro a apresentar Caleb — Michael confidenciou a Toby.

— Ele está aqui?

— Sim, logo ali. Veja, é aquele com olhar ligeiramente doentio. Toby seguiu o olhar de Michael e divisou o homem corpulento que batia o pé no chão. Percebendo que ele estava fora do ritmo, ela se deu conta de que o gesto exprimia pura frustração, e não o prazer que provocava os movimentos espontâneos dos demais convidados.

— Ele parece estar se odiando — Toby comentou com um risinho malicioso. — Não podemos esquecer-nos de contar isto a Caleb.

A boa sorte de Caleb fez com que Toby e Michael se sentissem totalmente relaxados. Depois das canções do compositor de Saint Louis, a platéia distraiu-se com as apresentações dos vencedores da votação. Alguns cantaram, outros declamaram e tiveram até a apresentação de uma pequena peça teatral. Não houve nenhum talento marcante, mas a audiência, levando tudo na brincadeira, aplaudia de boa vontade cada número apresentado. Assim, todos deixavam o palco satisfeitos com a própria atuação.

À medida que o tempo passava, Michael podia perceber pelo olhar arrogante de sua mãe, que ela estava certa de que um de seus amigos seria o primeiro mais votado. Rezou para que sua conspiração desse certo e sua mãe recebesse o que merecia. Mas, teria de esperar, como o restante da platéia. Para aumentar o suspense, cada um dos escolhidos era anunciado por um apresentador imparcial, de maneira que, nem Michael nem Laura sabiam quem seria o próximo sacrifício à frivolidade da noite.

Os pajens precederam o anúncio do primeiro colocado com suas cornetas ensurdecedoras. Em seguida, um homem com jeito dramático subiu ao palco para a esperada apresentação.

— Senhoras e senhores, é chegado o momento mais esperado da noite. A pessoa que obteve doações no valor de cinco mil dólares para a Fundação Arthur Sedaine é... a Srta. Toby Wells!

Michel recuou um passo a fim de observar a reação de Toby. Por um momento, ela permaneceu imóvel, então, ficou vermelha de vergonha.

— Deve haver algum engano, Michael — gaguejou.

— Está questionando o bom gosto dos meus amigos? Eles reconhecem a perfeição no momento em que a vêem! — ele garantiu, empurrando-a gentilmente em direção ao palco.

Em poucos segundos, Toby superou a timidez inicial e caminhou graciosamente para o palco. Falou ao maestro por um instante e, em seguida, sentou-se ao piano e começou a tocar.

Michael não esperava tanto da apresentação dela. Toby havia composto uma canção alegre, que não falava simplesmente sobre Helena de Tróia, mas parodiava a famosa história. De acordo com a interpretação de Toby acerca dos fatos conhecidos, Helena jamais fora rainha, tendo sido mera representante da classe trabalhadora. Michael reconheceu que Toby zombava do esnobismo de Laura quando reescreveu o passado, dizendo que a mulher mais bela de todos os tempos não pertencera à elite, e sim ao povo.

O mito sobre a linhagem de Helena, segundo Toby, fora criado por mulheres invejosas que não podiam suportar a ideia de que uma criada fosse capaz de fazer dois reinos inteiros ajoelharem-se a seus pés. Fazendo pleno uso de sua maravilhosa habilidade musical, Toby mesclou tons de dramaticidade e humor na melodia cuidadosamente estudada, e sua apresentação esteve à altura dos melhores números do teatro de revista.

A platéia vibrou em aplausos e pediu bis. Quando Toby entoou o último verso, atendendo aos pedidos, todos acompanharam, batendo palmas. Michael observou-a ganhar a admiração dos presentes, como se fosse uma comediante e cantora profissional. O sucesso de Toby assustou-o, pois se viu obrigado a concluir que não a conhecia tão bem quanto havia julgado.

Joel Greenpasture não era o único proprietário de teatro presente ao baile. Juntamente com os demais competidores, correu para Toby assim que ela deixou o palco. À distância, Michael podia vê-los dobrarem-se em mesuras, ao mesmo tempo em que gritavam, como em um leilão, ofertas de trabalho em suas casas noturnas.

Michael, de súbito, tomou consciência de que fora ele quem providenciara a oportunidade de Toby entrar para o teatro por seus próprios meios, se assim o desejasse. Amaldiçoou o impulso de levá-la à festa. Embora dedicasse sua vida à descoberta e aprimoramento de talentos musicais, a última coisa que desejava era ver Toby trabalhando para outro. Queria que ela ficasse a seu lado, cuidando de seus filhos. Mas, perguntou-se sombrio, seria esse o desejo dela?

Tentou abrir caminho pela multidão de admiradores que cercava Toby, mas era impedido a todo instante pelos amigos.

— Onde conseguiu encontrar duas pessoas com tanto talento? — alguns perguntavam.

— Já pensou em abrir o seu próprio teatro? — outros sugeriam.

— Se abrisse uma casa noturna com os entretenimentos que nos ofereceu esta noite, Joel Greenpasture perderia muitas noites de sono, à procura de números que pudessem rivalizar os seus! — um amigo brincou.

Quando finalmente conseguiu se aproximar de Toby, Michael ouviu uma proposta que lhe gelou o sangue nas veias. Embora estivesse acostumado às altas somas oferecidas a talentos originais, a oferta que Joel Greenpasture acabara de fazer a Toby era exorbitante.

Em vez de falar com Toby, Michael permaneceu em silêncio, à margem dos acontecimentos. Como poderia competir com a fama, o dinheiro e a carreira excitante com que Greenpasture acenava? Uma mocinha do Missouri que saía de casa para escapar ao fardo de cuidar de crianças, lavar, passar e cozinhar todo o tempo, não abriria mão da oportunidade de se tornar uma estrela do show business por um marido e mais crianças para cuidar.

Ou poderia ele dar-lhe tudo o que ela sonhava ter? Quantos de seus amigos, todos bem sucedidos nos negócios, não tinham dado a mesma sugestão havia poucos instantes? Não era possível que estivessem todos errados! Além do mais, aquela seria a única maneira de ter Toby a seu lado. Calculou rapidamente o que lhe seria necessário para colocar a ideia em prática. Embora questionasse a própria sanidade, não tinha escolha. Era lançar-se adiante ou arriscar-se a perder Toby para sempre.

Toby percebeu-o a seu lado e agarrou-lhe o braço com entusiasmo febril.

— Ah, Michael, não é maravilhoso? O Sr. Greenpasture acredita que posso ser um sucesso no teatro!

— Posso fazer dela uma estrela em seis meses, ou menos — Greenpasture declarou com firmeza. — Olhe só para ela, Michael. Veja o brilho natural.

Todas as dúvidas de Michael a respeito de seu plano irracional evaporaram quando ele olhou no fundo dos olhos azuis que reluziam de felicidade. Toby estava prestes a aceitar a proposta milionária de Greenpasture e, antes que pudesse pronunciar uma palavra,

Michael tomou conta da cena.

— Precisamos discutir isto Toby — ele sussurrou ao seu ouvido. — Há uma porção de detalhes na assinatura de um contrato, e você precisa considerar alguns pontos importantes.

Toby assentiu e desculpou-se:

— Darei uma resposta amanhã, Sr. Greenpasture.

— Estarei aguardando, a Srta. Wells. Tenho contrato para um show em Boston, e o elenco deve estar lá na próxima semana. Há muito que fazer até então. Ensaios, trajes e contratos são apenas pequenos detalhes.

— Boston? — Toby repetiu incrédula. A ideia de apresentar-se em Boston era maravilhosa.

— Então, estamos de acordo? — Greenpasture pressionou. Era esperto nos negócios, e sabia quando tirar vantagem da excitação de um principiante.

— Não, Sr. Greenpasture — Toby respondeu, balançando a cabeça com vigor. — Devo pensar a respeito.

— Obrigado, Joel — Michael pôs um fim à conversa. Queria ficar a sós com Toby antes que ela tomasse alguma decisão impulsiva, como estivera prestes a fazer quando ele se aproximara. Segurando-a pela mão, abriu caminho por entre os admiradores e arrastou-a para o terraço deserto.

— Não é maravilhoso? — Toby insistiu com ar infantil. — Sonhei com isto desde criança!

— Não acho que trabalhar para Joel Greenpasture seja uma boa ideia — Michael falou, esforçando-se para esconder o próprio entusiasmo.

— Por quê? Acha que não tenho bastante talento? — Toby reagiu na defensiva.

Irritado pelo ataque, Michael soltou-lhe a mão e falou com frieza:

— Não foi o que eu disse. Aprenda a escutar Toby.

— Escutar o quê? Alguém jogar um balde de água fria na minha alegria e boa sorte?

— Você age como uma criança! Está na hora de acordar para a realidade.

As palavras tiveram o efeito de um tapa no rosto de Toby.

— Não está contente por mim? — ela perguntou chocada pela veemência de Michael.

— Não, sim... Droga! — Ele parecia fora de si.

— Não compreendo por que está tão nervoso.

— O que aconteceu com nossos planos de casamento? — Michael não podia expor suas ideias, antes de conhecer o terreno em que estava pisando. — Esqueceu que trabalha para mim?

De fato, ela havia esquecido.

— Para dizer a verdade, esqueci. Trabalhar com você tem me dado tanto prazer e alegria que nem parece trabalho.

Michael suspirou, dando vazão à frustração que ela causava.

— Então, por que estragar isso agora? Case comigo e garanto que será feliz.

— Michael, toda vez que discutimos nosso casamento, você deixa a parte mais importante de fora da conversa. Por que nunca disse que me ama?

Michael vinha torcendo para não ter de explicar as razões por trás de sua proposta, pois a explicação soava fria e calculista. Mas sabia que, desta vez, Toby não se contentaria com evasivas.

— Você é uma mulher bonita, Toby e meus filhos precisam de alguém como você junto

deles. Temos muitas coisas em comum, nossos gostos e valores são compatíveis, e estamos definitivamente atraídos um pelo outro. Não acha suficiente para que duas pessoas se casem?

— Não.

— Mas eu preciso de você!

— Precisa? — Toby tomou a palavra como a maior das ofensas. — Qual é a sua preocupação, afinal? Teme perder uma funcionária eficiente? Ou receia ainda mais não encontrar uma boa mãe para seus filhos, dona de casa dedicada, para não falar de um corpo quente em sua cama? Você não quer alguém para amar, quer um meio de encurtar sua folha de pagamento!

— Você não está encarando os fatos de frente. O amor só complica um relacionamento.

— Nesse caso, suponho que *eu* gosto de relações complicadas — Toby respondeu entre os dentes. Você não quer uma esposa; quer uma égua reprodutora e uma escrava.

— Se é assim que interpreta minha proposta, creio que não somos tão compatíveis quanto imaginei — a resposta de Michael foi seca.

— Você é um homem egoísta, Michael Sedaine! Durante as últimas semanas fez tudo para que eu acreditasse que apoiava meus sonhos e ideais. Para que me deu aquele piano? Para me enganar e me fazer pensar que, se dependesse de você, eu seria uma mulher realizada, enquanto você tramava um meio de me afastar de tudo o que realmente importa para mim?

— Por Deus, Toby, sua imaginação fértil está passando dos limites!

— Quero apenas a verdade!

— Pois vou lhe dizer a verdade. Se trabalhar para Greenpasture...

— Não é se, é quando — Toby interrompeu.

— Quando trabalhar para ele vai começar às nove e meia da manhã e continuar até no mínimo dez e meia da noite. Pense nisso, querida: vai repetir a mesma rotina quatro ou cinco vezes por dia, sete dias por semana. Às vezes, vai passar uma semana em uma cidade, fazer as malas, dormir no trem e desfazer a mala na manhã seguinte. Terá de dividir um camarim com dezenas de dançarinas de segunda classe, será uma escrava do diretor de espetáculos, e não terá tempo sequer para escrever uma carta, quanto mais para uma vida privada.

Toby engoliu seco ao visualizar o quadro negro que Michael pintava da carreira no teatro, mas não morderia a isca.

— Não acredito em uma palavra do que está dizendo. Não pode se conformar com o fato de meu talento ser bastante para que eu não precise depender de você para nada.

— Isso é o que veremos.

Furiosa com o tom ofensivo de Michael, Toby foi se virando para salão enquanto falava:

— Não sou obrigada a ouvir suas tolices. Encontrarei Ansel e ficarei na companhia de alguém que aprecie meu talento.

Quando dava o primeiro passo, Michael deu-lhe um leve tapinha nas nádegas.

— Este é o único talento que Ansel aprecia,

Toby virou-se e, por um momento, pareceu que ia esbofeteá-lo.

— Se se atrever a me tocar novamente, Sr. Sedaine, nunca mais vai ter sequer vontade de gerar outros filhos! — A fim de mostrar que a ameaça era real, Toby olhou

fixamente para a região logo abaixo do cinto que prendia a túnica de Michael.

Então ali estava a mocinha ingênua e frágil que ele acreditara precisar de sua proteção! Se não tivesse conhecido a família Wells, teria duvidado ser Toby filha de um pastor, criada em uma cidade pequena do interior. Enquanto se recuperava do choque causado pela petulância destemida com que ela o desafiara, ouviu a voz fria e impessoal:

— Boa noite, Sr. Sedaine. Agradeço por ter me acompanhado nesta festa. E agradeço por ser tão franco e esclarecedor.

Sem olhar para trás, ela marchou para o salão onde logo se perdeu em meio ao brilho das fantasias.



## CAPÍTULO IX

Duas horas depois, quando se viu sozinha na carruagem de Ansel, Toby se arrependeu de ter saído da festa sem Michael, e de ter aceitado que Ansel a acompanhasse até sua casa. Por mais que ela e Michael discordassem, ou até brigassem, ao menos eram honestos um com o outro. Já com Ansel, via-se obrigada a lutar contra as investidas de um homem atrevido e inconveniente, que se julgava irresistível a todas as mulheres.

— O seu brilho apaga as estrelas e o luar — ele disse com voz engrolada assim que o cocheiro fechou a porta da carruagem.

— Será que não pode ser mais original? — Toby criticou.

Ansel não parara de entornar taças e taças de champanhe, desde o momento que Toby procurara sua companhia, assim como não parara de recitar cumprimentos e elogios falsos e exagerados.

— Mas eu estou apaixonado!

— Nesse caso, vá beijar um espelho — Toby falou com impaciência. — Você só é capaz de amar a si mesmo.

Ignorando o comentário maldoso, ele continuou a murmurar tolices sobre sua devoção eterna ao longo de todo o trajeto. Quando a carruagem parou diante da casa de Toby, ela saltou rapidamente. Se ficasse mais uns poucos minutos na companhia de Ansel, passaria mal. Não só os elogios melosos, mas também o hálito forte de bebida, a estavam deixando nauseada.

Ansel correu atrás dela, alcançando-a na porta do sobrado.

— Você se enganou quando pensou que podia me fazer de tolo — ele falou em tom ameaçador. — A única razão pela qual aceitou minha companhia foi a briga que teve com Michael. Mas não ligo para isso. Afinal, a esta hora ele deve estar nos braços de Emily. Ela também estava na festa, sabia?

— Do que está falando? — Toby perguntou, alerta para o nome pronunciado. Em sua primeira noite em Nova York, Ansel havia insinuado que Michael devotava atenção especial a uma mulher chamada Emily.

— Emily Lucas é apaixonada por Michael — Ansel afirmou. Toby observou-o lutar para manter-se ereto e sentiu pena da figura patética parada à sua frente.

— Não estou interessada em saber com quem Michael passa o tempo.

— É melhor assim. — Eu não gostaria de ver Michael arruinar a sua vida, também. Lillian era perfeita para ele, não se importava com nada que ele fazia.

Por mais que desejasse ignorar o comentário de Ansel, Toby mordeu a isca.

— Não entendo onde está querendo chegar, Ansel. Michael amava a esposa.

— Sim, isso mesmo — ele concordou e se apoiou na parede a fim de parar de oscilar. — Ele a enchia de dinheiro, e ela passava o tempo todo gastando o dinheiro dele. Minha irmã era especialista em gastar fortunas em compras.

— Muitas mulheres têm prazer em comprar belos vestidos.

— Ah, mas Lillian gostava mais que as outras. Essa foi a razão de sua viagem para a

Europa. Ela me disse que estava enjoada das lojas daqui. Minha irmã quase arruinou Michael, mas ele jamais lhe diria não.

Ansel calou-se e Toby virou-se para abrir a porta. Nesse instante, ele lhe deu tapinha no ombro.

— Sabe de uma coisa? Ele me disse que enterrou seu coração com ela. Todos os comentários de Michael a respeito da esposa, bem como a postura fria diante de um segundo casamento, passaram a fazer sentido. Ele só era capaz de amar uma mulher, e Toby seria a substituta, uma conveniência para preencher o vazio deixado pela outra. Sempre a segunda, pensou Toby. Michael adorava Lillian, assim como Robert Wells ainda amava Irina. Toby estava condenada a passar a vida competindo com fantasmas! Com um longo suspiro, virou-se mais uma vez para a porta e tentou destrancá-la.

— Deixe que eu abra — Ansel se ofereceu, tentando tirar a chave da mão de Toby.

— Não, obrigada e boa noite, Ansel.

Ele oscilou de novo quando deu um passo para trás. Toby sacudiu a cabeça, demonstrando desagrado pelo comportamento de Ansel, completamente embriagado.

— Tenha cuidado para não cair — advertiu.

Dando-lhe as costas, ela abriu a porta, mas foi agarrada pelos ombros e forçada a virar-se.

— Ainda não me deu um beijo de boa-noite. Esqueça Michael. Ele não a ama.

Ofegante, Ansel tomou-a nos braços desajeitadamente.

— Pare com isso! — Toby ordenou, embora ele ignorasse o protesto. Ansel era grande e pesado demais para que Toby pudesse empurrá-lo.

Além do que, ele a mantinha presa contra a parede, à espera de que seu pedido fosse atendido.

— Se for embora agora, não contarei a Michael que agiu como um cafajeste esta noite — ela ameaçou, tratando de dar um tom firme à voz trêmula. Ansel, porém, não parecia preocupado.

— Só um beijinho — ele pediu. — Não vou contar a ninguém.

Enquanto Toby lutava para se desvencilhar de Ansel, Rosie oferecia-se desavergonhadamente para Michael na carruagem dos Sedaine. Ele fingia ignorar o comportamento leviano da menina, uma vez que já se encontrava de péssimo humor, sem conseguir pensar em mais nada, senão em Toby. Não só fora obrigado a assistir ao seu flerte descarado com Ansel, como ainda fora humilhado quando ela se recusou a ir para casa em sua companhia, preferindo que o outro a acompanhasse, e deixando a irmã a seus cuidados.

— Minha irmã simplesmente não sabe tratar um homem como você — Rosie estava dizendo. — Não sou igual a Toby.

-- Isso eu sei — Michael respondeu de má vontade, afastando-se de Rosie o mais que podia.

Queria ter saído da festa mais cedo, mas sendo o anfitrião, teve de esperar que os convidados se retirassem. Distribuindo sorrisos aos amigos, todos desejosos de fazer donativos à fundação, Michael se roia pelas críticas infundadas de Toby. Como ela podia destruir uma relação agradável e respeitável com aquelas acusações? Definitivamente, jamais compreenderia as mulheres. O que havia de errado em querer que ela se casasse com ele, fosse mãe de seus filhos, e se dedicasse às composições de que tanto gostava nas horas vagas? Era uma questão de lógica, e Michael tinha certeza de que seriam

felizes dessa maneira.

Rosie apontou para os lampiões que iluminavam a rua.

— Até as luzes de Nova York são românticas — disse sonhadora.

Michael não viu as luzes. Só divisou Ansel agarrando Toby no alpendre do sobrado. Ela tentava livrar-se dele, mas não tinha a força necessária para tanto. A túnica romana estava rasgada no ombro e seus gritos eram abafados pela boca de Ansel que capturara a dela, a despeito de todas as tentativas para evitá-lo.

Ordenando que Rosie esperasse na carruagem, Michael subiu os degraus para a varanda, de dois em dois, pegou Ansel pelos ombros e arremessou-o contra a grade de ferro que cercava o jardim.

— O que está... — Ansel gaguejou confuso pelo ataque inesperado.

— Seu canalha imundo - Michael vociferou.

— Estava apenas me divertindo um pouco — Ansel respondeu, aparentemente sem compreender por que o outro se mostrava tão irado. — Você ficou com Emily e eu fiquei com Toby. O que há de errado nisso?

Em lugar de perder tempo com uma discussão estéril, Michael desferiu um forte murro no queixo de Ansel, que desabou no pequeno gramado diante do alpendre. Rosie correu para Toby, enquanto Michael arrastava o corpo inerte do cunhado para a carruagem.

— Você está bem? — Rosie perguntou, tentando, em vão, prender as tiras rasgadas da túnica de Toby.

— Sim, estou bem — Toby respondeu grata por Rosie a poupar de seus comentários irônicos. — Onde estão Caleb e Chantelle? — Rezou para que os dois não tivessem feito parte da platéia que assistira àquele espetáculo grotesco.

— Foram visitar uns amigos. Caleb não cabia em si de felicidade pelas propostas de trabalho que recebeu e disse que precisava contar as novidades a alguns de seus camaradas — Rosie explicou.

— Pode entrar, agora, Rosie — disse Michael ao voltar para o alpendre. — Preciso conversar com Toby em particular.

A voz dele era tão calma e doce, que Toby sentiu-se envergonhada, tendo preferido que ele gritasse com ela. Simulou um sorriso e ergueu os olhos para ele. O sorriso se desfez assim que deparou com o brilho de acusação nos olhos dele.

— Ansel é apenas uma amostra do tipo de pretendentes que você vai encontrar no show business — Michael falou em voz baixa, porém cheia de fúria.

— Eu estava dando conta dele.

— Não está se parecendo com uma vencedora — Michael concluiu, tomando as pontas rasgadas da túnica entre os dedos.

— Não preciso que você tome conta de mim. Se eu quisesse apenas ter um homem em minha vida, não teria saído de casa — ela declarou, mostrando que ainda estava furiosa com ele. — Recebi quatro pedidos de casamento, antes mesmo de deixar Saint Louis. — Era mentira, mas isso não tinha importância no momento. — Onde está Emily Lucas? Abandonou-a no baile, também?

— Emily? O que ela tem a ver com tudo isso?

— Então, admite que esteve com ela esta noite!

— Você continua distorcendo minhas palavras — Michael criticou zangado, embora estivesse confuso pela menção do nome da amiga. — Eu cumprimentei Emily, nada mais. Ou você espera que eu seja grosseiro com meus velhos amigos?

Toby empertigou-se e deu um passo à frente.

— É assim que vai se referir a mim daqui um ano? Uma velha amiga?

— Não — Michael quase gritou, metendo as mãos nos bolsos para não ceder à tentação de sacudir Toby. — Impertinente, teimosa, infantil, mas nunca velha amiga!

— Ninguém, absolutamente ninguém consegue me irritar tanto quanto você, Michael Sedaine. Estou começando a achar que passa as noites em claro, planejando a melhor maneira de me fazer perder a calma!

Michael suspirou desanimado diante da mudança de rumo da discussão. Era verdade que eles discordavam e discutiam mais do que qualquer pessoa que conhecesse, mas mesmo quando brigavam, ele admirava a força e a convicção de Toby. Invejava o senso de honra, que ela não deixava abalar pela opinião alheia, e ainda se sentia fascinado pela imaginação fértil com que ela transformava o possível em provável.

— Não posso acreditar que ainda estamos discutindo, depois de tudo o que aconteceu! Pela segunda vez esta noite, Toby, por favor, estou pedindo que ouça o que tenho a dizer.

Toby sentiu as forças se esgotarem de uma vez. Fora atacada verbalmente por Michael, depois fisicamente por Ansel e, agora, Michael vinha em nova investida. Sentou-se nos degraus do alpendre e afundou a cabeça nas mãos.

— Ouvi você dizer que não sou boa o bastante para atuar num palco, que estou vivendo em um mundo irreal, que sirvo apenas para trabalhos de escritório, e que meu talento se resume em um corpo bonito. Depois, veio até aqui, com mais uma porção de nomes para me dar. O que falta ainda dizer? Que tenho mau-hálito?

Michael reprimiu o riso e sentou-se a seu lado. Tomou-lhe a mão e beijou-a de leve.

— Não, você não tem mau-hálito, nem eu disse que você não é talentosa. Apenas disse que trabalhar para Greenpasture não era uma boa ideia, mas você não me deixou terminar.

— Terminar o quê? Só pedi que dissesse que me amava, e nem isso você pôde fazer. O que mais há entre nós? Vamos redigir um contrato, dizendo quais os meus direitos e deveres, assim como você faz com os seus compositores?

— Se você tivesse esperado que eu terminasse de falar, eu teria lhe contado que desejava que você fosse a estrela do *meu* teatro! — Tomou a decisão final sob a pressão do desespero. Como fosse covarde demais para comprometer o coração, decidiu arriscar a segurança financeira para não perder Toby.

Ela arregalou os olhos e, quando recuperou o fôlego, perguntou:

— Seu teatro?

— Sim. — Michael fez uma pausa, escolhendo com cuidado as palavras, pois não queria que pensasse que ele estava se atirando em uma nova aventura, apenas para evitar que ela fosse trabalhar para Greenpasture. Embora isso fosse em parte verdadeiro, ele também acreditava que poderia expandir seus negócios, investindo em um teatro pequeno. Assumiria riscos ao apresentar artistas desconhecidos, mas as perspectivas não eram de todo más. — Fiquei muito orgulhoso de você e Caleb esta noite, e achei que não seria justo entregar os dois a Greenpasture de mão beijada.

Tomada de sentimentos de culpa e alegria, Toby deixou que as lágrimas rolassem de seus olhos.

— Acredita realmente que somos capazes? Não vai assumir um risco muito grande?

— Não. Você viu a reação da platéia esta noite. Trata-se do grupo mais crítico e

exigente de Nova York, e creio que reagirão da mesma forma todas as vezes que você e Caleb se apresentem. Portanto, somos sucesso garantido!

Toby já ia lançar-se nos braços de Michael, quando parou e olhou-o nos olhos.

— Você ainda não respondeu minha pergunta. Não podemos fingir que nada aconteceu esta noite.

Esperou que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa, mas tudo o que Michael fez foi fitá-la com um olhar triste.

— Você não me ama, não é?

— Não tenho certeza sequer se conheço o significado de tal palavra. Se amar quer dizer gostar de estar sempre ao seu lado, a resposta é sim. Se significa sentir o coração disparar cada vez que olho para você, a resposta também é sim. Mas, se isso quer dizer que vamos sentir sempre o que sentimos hoje, que os momentos de paixão não vão desvanecer com o tempo e convivência, então não sei responder.

Toby suspirou e levantou-se. Michael estava apaixonado por ela, mas não a amava. Era evidente que ele havia amado a esposa de maneira tão profunda que jamais existiria outra mulher capaz de lhe despertar o coração. E Toby não poderia passar o resto de sua vida com um homem que admitia querê-la para mãe de seus filhos.

— Agradeço por estar sendo, finalmente, honesto comigo. Banquei a tola, não foi? Suponho que esteja acostumado a mulheres que se entregam a você sem questionar esse tipo de coisa, pois supõem que as ame.

Michael deixou a agressão sutil passar despercebida. Toby tivera o orgulho ferido, e ele compreendia sua necessidade de desabafar.

— Creio que voltamos ao início de tudo. Não posso lhe dar o que precisa, mas posso oferecer-lhe a oportunidade de realizar um sonho. Isso basta?

— Terá de bastar — ela respondeu em voz baixa, lutando contra as lágrimas.

A decisão de Michael em abrir o teatro Pantheon virou a vida de todos os envolvidos de ponta-cabeça. Caleb recrutou diversos amigos para preencher os números de ragtime no programa, enquanto Chantelle quase enlouqueceu, desenhando e costurando trajes para todo o elenco.

Toby dividiu-se entre ajudar Michael com novas audições e assumir uma carga de trabalho ainda maior na Musical Sedaine. Entre uma atividade e outra, ela ensaiava e compunha novos números. Rosie conseguiu escapar ao destino de voltar para Saint Louis, transformando-se em uma valiosa assistente para todos. Ajudava Chantelle na costura, de volta para a gráfica e diga-lhes para providenciarem as correções necessárias — Michael ordenou, entregando a Rosie um panfleto. — Na volta, pare no açougue e datilografava contratos para Michael, e até envergava um avental, sem reclamar, para ajudar Toby com as refeições. O sobrado transformou-se no quartel general de toda essa atividade, assemelhando-se a um hospício.

— Leve isto compre o que Toby precisar.

— Algum pedido especial?

— Se não tiver tempo para o açougue, não tem importância — Toby avisou da cozinha.

— Não há problema — Rosie respondeu sorridente. — Adoro fazer tudo o que Michael pede.

Toby deu as costas a Michael e Rosie e fez uma careta.

— Toby — Chantelle chamou do topo da escada —, preciso de sua ajuda.

Fechando os olhos, ela rezou para que a amiga não tivesse testemunhado sua atitude

infantil.

— Creio ter ouvido de sua boca que você e Michael eram apenas bons amigos — Chantelle censurou assim que ficaram sozinhas. — Pode me explicar o motivo dos ciúmes?

— Já notou como Rosie se abala a cada pedido de Michael? Nenhuma tarefa é insignificante ou pesada demais para a minha irmãzinha, mas só se for solicitada por ele!

— Rosie não faz nada de especial para ele — Chantelle falou apaziguadora. — Ela faz um bom trabalho, e é sua irmã. O que você esperava? Que Michael lhe desse broncas terríveis, apenas para provar que ela é uma simples funcionária?

— Claro que não.

— Então, trate de deixar suas intrigas infantis de lado. Eu não poderia passar sem a ajuda dela estes dias, e acho que você também não.

— Espere e verá. Um dia, todos vocês descobrirão que eu não exagerei meus temores em relação a Rosamunda. Ela só se importa consigo mesma.

— Toby! — Michael gritou da sala. — Pode vir aqui um instante?

Chantelle suspirou e sacudiu a cabeça enquanto observava Toby descer a escada correndo. Desde o dia seguinte ao baile, Michael estivera trabalhando sem parar para que o teatro pudesse ser inaugurado o quanto antes. Mas, Chantelle pensou, de nada adiantava atirar-se ao trabalho com tanta devoção, pois, por mais que tentasse, ele não conseguiria fugir à realidade. Michael amava Toby, embora por razões que Chantelle desconhecia, não era capaz de admiti-lo. *Com* um sorriso amargo, pensou na ironia que unia os quatro em uma amizade profunda: ela e Caleb queriam se casar e não podiam; Michael e Toby, que podiam não se casariam.

Mais tarde, naquela mesma noite, Toby revisava a letra de uma nova canção, quando Michael sentou-se ao seu lado, diante do piano. Era a primeira vez que ficavam a sós desde quando haviam redefinido seu relacionamento.

— Quando os outros estarão de volta? — ele perguntou incomodado pelo silêncio reinante na casa quase vazia.

— Não tão cedo. Foram ao teatro de Greenpasture para ver o que o concorrente está oferecendo à platéia.

— Por melhor que seja, ele não tem você.

— Está mesmo fazendo tudo isso por mim?

— E Caleb.

— E se eu for um fracasso?

— Não acho que seja possível, mas sempre poderemos contar com Caleb para animar multidões.

— Então, por que arriscar-se em usar meus números? — ela perguntou, procurando nos olhos de Michael a verdade.

— Estamos abrindo um teatro de revista, senhorita, o que significa variedade. Por melhor que seja o programa, a platéia não ficará sentada durante horas, assistindo a um mesmo estilo de espetáculo.

Toby sentiu-se tentada a perguntar o que Michael estava realmente pensando, mas não se atreveu. Ele nunca se desviava do tópico neutro de interesse comum: trabalho. Era como se ele tivesse dedicado cada parte de sua mente àquele projeto, embora a construção se assemelhasse a um castelo de areia. Se Toby pressionasse, desse um pequeno empurrão, tudo desabaria num piscar de olhos.



— Temos números suficientes para a estréia? — ela perguntou, mantendo-se dentro dos limites estipulados por Michael.

— Quase. Amanhã teremos nossa última chance de preencher as falhas antes da estréia, na próxima semana,

Na próxima semana! A constatação de que dentro de sete dias a sua reputação, o futuro de Caleb e o dinheiro de Michael seriam lançados nas mãos do destino, Toby sentiu um aperto no estômago.

— O que acontecerá se não for ninguém?

— Quanto a isso, não precisa se preocupar. Tomei providências para que não aconteça. Sua tarefa é garantir que o público volte para vê-la pela segunda vez — Michael determinou e voltou à lista de convidados para a noite de estréia.

Sem saber quando poderiam ficar sozinhos de novo, Toby aproveitou a oportunidade para tocar em um assunto delicado, relacionado a trabalho, embora muito mais pessoal do que a lista de convidados para a inauguração do Pantheon.

— Você já perdoou Ansel? — perguntou, lembrando a última vez em que vira os dois juntos, na fatídica noite do baile à fantasia.

— De certa forma — Michael respondeu sem levantar a cabeça.

— Sabe que ele me enviou um bilhete de desculpas, junto com uma dúzia de rosas?

— Só uma dúzia?

— O bilhete demonstrava arrependimento sincero. Ele prometeu controlar-se em festas daqui por diante — Toby explicou surpresa por estar defendendo o comportamento de Ansel.

— Ele não presta; Tive uma longa conversa com Ansel no dia seguinte ao baile, e disse-lhe que se ouvisse qualquer rumor, por menor que fosse sobre ele forçar uma mulher a fazer o que não queria, eu lhe mostraria o que é ser submetido à força.

— Então, ele só me pediu desculpas porque você o ameaçou... E eu já estava prestes a perdoá-lo!

Michael colocou o bloco de anotações no chão e apoiou os cotovelos sobre os joelhos.

— Ele já tinha escrito o bilhete e encomendado as flores. Não tive de coagi-lo. Apenas acrescentei um pouco de incentivo ao gesto.

— Falando de membros da família, por que não trouxe mais Paul e Suzanne com você? São crianças comportadas e tenho certeza de que não atrapalhariam nosso trabalho. Afinal de contas, se tem trabalhado aqui todas as noites até tarde, não deve estar passando muito tempo com eles.

Ela se preocupava sinceramente com a menininha carente e com o garoto problemático que Michael estava negligenciando.

— Eles têm minha mãe, e compreendem que preciso trabalhar — Michael respondeu, ainda sem levantar a cabeça.

— Tenho certeza de que compreendem. Compreendem que o pai prefere fazer qualquer coisa a passar algumas horas com eles, e que se não se comportarem como adultos, receberão os castigos da avó repressora.

— Você é sempre a dona da verdade, não é? — Michael falou com irritação e chutou o bloco para o outro lado da sala, antes de começar a andar de um lado para o outro diante de Toby. — Apostei minha carreira e todo o meu dinheiro no projeto do teatro. E você acha que devo largar tudo e correr para casa às cinco horas da tarde!

Ele parou diante dela como se fosse atacá-la, ou algo parecido.

— Se acha que não trato meus filhos como deveria, por que não se candidata ao lugar de mãe deles? Garanto um bom salário e excelentes benefícios!

Toby estava chocada por sua sugestão haver desencadeado uma reação tão amarga em Michael. Era evidente que ele estava se sentindo culpado, e ela tocara o ponto mais dolorido da ferida, mas isso não lhe dava o direito de descarregar sua hostilidade sobre ela. Seu papel não era de mãe das crianças de Michael, e não sacrificaria seu orgulho para servir de bode expiatório para as falhas dele.

— Quando me apresentou Ansel, disse que ele era seu irmão ou cunhado? Os dois têm tantos traços de personalidade em comum, que talvez eu tenha confundido o parentesco.

Em seguida, Toby girou nos calcanhares e correu escada acima, batendo a porta do quarto atrás de si. Não podia ficar a sós com Michael mais que cinco minutos sem que tivessem uma briga. Estava mais furiosa consigo mesma do que com ele. Paul e Suzanne não eram responsabilidade sua e, além do mais, nem sequer morria de amores pelo menino. Então, por que gastava tanto tempo a preocupar-se com os dois? Será que jamais conseguiria se livrar de crianças? Teria de ir para algum lugar mais distante de Saint Louis para libertar-se?

Ouviu a porta da frente fechar-se e foi espiar pela janela. Michael caminhava pela calçada, a cabeça baixa, os passos lentos como se tivesse de fazer um tremendo esforço para carregar o próprio corpo. Embora a lua iluminasse os cabelos negros e abundantes, seu rosto estava escondido nas sombras.

Michael encontrava-se sobrecarregado por obrigações e preocupações, e Toby sentiu-se culpada por lembrá-lo de que estava negligenciando os filhos. Afinal, ele havia posto a carreira e muito dinheiro em jogo, só para lhe dar uma chance de realização. Daquele momento em diante, Toby prometeu, não faria ou diria qualquer coisa que pudesse aumentar o peso do fardo que ele carregava. Morderia a língua cada vez que uma crítica lhe passasse pela cabeça, e trataria de não pensar mais em Paul e Suzanne.

— Droga! — praguejou e atirou o sapato na parede! Por mais que tentasse, não conseguia apagar da memória o sorriso radiante de Suzanne, ou o olhar atormentado no rostinho de Paul. E ficava furiosa consigo mesma por importar-se.

Determinada a ser a atriz que Michael esperava que fosse, Toby entrou no teatro na manhã seguinte e foi sentar-se a seu lado, quando ele chamava o primeiro número da audição.

— Patrick Casey! — Michael chamou em voz alta. Virando-se para Toby, sussurrou-lhe ao ouvido: — É o mordomo de minha mãe. Se eu lhe der um emprego aqui, ela vai me deserdar!

— Posso ensiná-lo a viver como plebeu — Toby provocou.

— Engraçadinha!

— Insolente, lembra-se?

— Você nunca vai me deixar esquecer.

Patrick Casey revelou-se um tenor surpreendente. Tinha um imenso repertório de baladas irlandesas e Toby estava certa de que ele seria um sucesso.

— Seria um desperdício deixá-lo continuar incógnito, trabalhando como mordomo.

Michael soltou um gemido.

— Mamãe vai ter um ataque.

Ela os tem de qualquer maneira, Toby pensou, embora em voz alta, dissesse apenas:

— Ela vai se recuperar.

Ao final da tarde, haviam acrescentado ao programa um número de malabarismo, um cão treinado capaz de mil estripulias, e um ventríloquo. Estavam cansados de assistir um sem-número de apresentações, sendo apenas umas poucas aproveitáveis no espetáculo, mas era uma tarefa necessária.

— Por hoje é só — Michael anunciou para o elenco reunido. — Como amanhã é domingo, aproveitem para descansar. Os ensaios terão início na segunda-feira, às dez horas. Quem chegar atrasado será despedido.

Conhecia os horários peculiares que faziam a rotina daquelas pessoas, e decidiu acabar com os maus hábitos de sua equipe, antes que comesçassem a achar que podiam entrar e sair quando bem entendessem. O sucesso do Pantheon dependia tanto da responsabilidade dos componentes do elenco, quanto de seu talento.

— Que tal polir o chão esta noite? — Caleb perguntou, aproximando-se de Michael e Toby.

— Está louco? — Toby perguntou, levantando-se num gesto de protesto. — A última coisa que pretendo fazer hoje é ir para casa e trabalhar!

Chantelle saiu de trás de Caleb e riu.

— Ele não está falando em irmos para casa. Esse é o seu jeito de convidá-los para dançar.

— Parece uma ótima ideia. Michael, o que acha?

Havia semanas que os quatro não faziam outra coisa senão trabalhar, e um convite paia dançar era tentador demais para ser recusado.

Embora soubesse que seria loucura expor-se ao charme de Toby e entregar-se de livre e espontânea vontade a uma noite inteira de tortura, Michael não resistiu.

— Acho excelente. Mostre o caminho e nós o seguiremos com obediência Sr. MacRae.

Caleb levou-os à casa em que morava com um amigo, onde uma festa animada se desenrolava. A música produzida pelos amigos de Caleb que tinham ido para Nova York a fim de trabalhar no teatro de Michael era contagiante e impossível de ignorar. Michael puxou Toby até o centro da sala. O tapete havia sido retirado para dar espaço para os casais dançarem.

Tentaram imitar os demais, embora os anos de danças formais dos bailes os levassem a errar o passo e a pisar, um no pé do outro.

— Meu Deus — Michael falou meio sem fôlego. — Se eu continuar assim, você vai precisar de muletas para subir ao palco!

Toby desistiu de tentar acompanhar o ritmo e comentou ofegante:

— Aprender a andar deve ter sido mais fácil que isto!

Olhou para os outros casais e ficou envergonhada de ver como os amigos de Caleb seguiam os passos da dança com leveza e harmonia. Foi Chantelle quem os salvou.

— Vamos trocar os pares — ela disse para Caleb —, assim poderemos ensinar a estas crianças como se dança o verdadeiro cakewalk.

Com um gesto, Michael indicou a Toby que não custaria nada tentar.

— Bravo! — falou para Chantelle, tomando-a nos braços.

— Primeiro — Chantelle orientou —, enrosque seu braço no meu. Não vamos dançar uma valsa.

Caleb também ensinou a Toby a complicada sequência de passos e, em poucos minutos, ela já podia imitá-lo de maneira satisfatória.

— Ora, mas isto não é muito diferente de uma boa e velha polca — ela admitiu.

— Acha mesmo? — Caleb perguntou com uma piscadela. — Então, tente isto. — Girou-a como a uma boneca, e deu início a uma sequência mais rápida que deixou Toby sem fôlego por tentar acompanhá-lo.

— Minha avó ficaria chocada se me visse agora! — ela declarou, por fim.

— E você, está chocada? — Caleb inquiriu em tom de provocação.

— De jeito nenhum — Toby gabou-se orgulhosa. — Estou me divertindo como nunca. Esta dança faz as outras todas parecerem sem graça.

A canção terminou e ela se abanou com vigor. O casaquinho que usava era muito quente e ela decidiu tirá-lo, deixando-o sobre uma cadeira. Procurou Michael e encontrou-o tirando também o paletó, bem como o colarinho engomado. Era esplêndida a sensação da liberdade de deixar de lado as convenções e normas, tanto físicas quanto sociais. A sala estava repleta de alegria, risos e pessoas que não viam nada de errado em esbarrar em outro convidado, ou em abandonar-se ao prazer da dança nos braços de alguém que lhes era caro.

Após não mais que trinta segundos, a próxima música começou e Toby chamou Michael.

— Está pronto para tentar de novo? — perguntou.

— Com você, enfrento qualquer desafio. Afinal, é a minha estrela da sorte e não falharemos!

Dançar com Toby era o mesmo que retornar à infância. Quando criança, Michael nunca se furtara ao prazer do contato físico com os entes amados. Era natural andar de mãos dadas, ou mesmo rolar na grama nas brincadeiras com os primos. Isso se perdera com a chegada da vida adulta, e até então, ele não havia se dado conta de que sentia falta daquela liberdade. E Toby tinha sempre aquele jeito infantil de brincar com o corpo sem malícia, e não fazia a menor ideia do efeito que seu comportamento exercia sobre ele quando moldava o corpo ao dele, acompanhando o ritmo da música.

Ela não estava tentando ser provocante e, mesmo assim, obtinha sucesso indiscutível em despertar-lhe o desejo. Mulheres que costumavam planejar seus movimentos, premeditando um clima romântico, sempre o deixavam frio, e até irritado. Precisou conhecer a autêntica e natural Toby Wells para descobrir que a verdadeira felicidade jamais poderia ser forçada. Entretanto, a lição que aprendera com Lillian fora também muito marcante e, mais uma vez, ele se lembrou do desastre em que se transformou seu casamento.

Ainda podia ouvi-la dizer: "Você é um homem bastante agradável e generoso, Michael. Pena que seja tão desinteressante". O tempo o abençoara com uma boa dose de imparcialidade, e ele admitia que não poderia jogar toda a culpa em Lillian. Ele também se desencantara com ela. Era bonita, da mesma classe social que sua família, falava três línguas fluentemente, e organizava festas maravilhosas com estilo. E após um ano de casamento, Michael pensou que ia enlouquecer. A perspectiva de uma vida inteira preso a um relacionamento com Lillian era o mesmo que encarar o próprio inferno.

— Precisa de prática, cavalheiro — Toby provocou-o e colocou as mãos em seus quadris. — Solte-se e deixe-se balançar. — Os polegares pressionavam-lhe o osso do quadril, enquanto os outros dedos guiavam-lhe os movimentos das nádegas. Tendo diminuído a rigidez dos músculos de Michael, Toby riu. — Assim está melhor.

— Minha vez — Michael declarou, segurando os quadris de Toby com firmeza e

gentileza ao mesmo tempo, e aplicando-lhe em dobro a massagem agradável que ela lhe fizera. — Você leva uma grande vantagem — resmungou ao sentir as diversas camadas de tecido que a protegiam de suas mãos.

— Do que está falando?

— Está usando anáguas, saíotes, uma saia e quem sabe o que mais. Corando, ela o sentiu apalpar suas roupas, tentando senti-la através do tecido.

— O que gostaria que eu estivesse usando?

— Nada — ele sussurrou ao seu ouvido.

Toby não poderia dar-lhe uma resposta, sem admitir que também adoraria vê-lo despido.

— Bons amigos não deviam falar dessas coisas. Reconhecendo o desejo nos olhos de Toby, Michael guiou-a para fora da sala abafada, até o pequeno quintal deserto.

— Venha cá, Olhos de Anjo — ele murmurou numa voz carregada de desejo. Beijou-a com impaciência e ela respondeu igualmente sedenta dos carinhos dele. Sentindo que não poderia resistir muito mais, afastou-se. — Meu Deus, mulher, por quanto tempo vamos nos torturar desse jeito?

Toby sabia a que Michael se referia e não se atreveu a falar. Suas pernas pareciam querer ceder sob o peso de seu corpo, e o menor contato com Michael provocava-lhe estremecimentos de prazer.

— Ah, Toby — ele falou com tanto carinho que a deixou lânguida —, o que vou fazer com você?

— Que tal ser meu amigo? — Toby queria dizer "me ame, leve-me com você e nunca me deixe", mas não podia. Além de ter dois filhos, Michael fora honesto ao expor seus sentimentos. E ela não estava pronta para assumir outra família, por mais que o pai lhe fosse caro.

— Se isso bastasse... Quanto tempo acha que poderemos suportar esta relação distante?

No momento em que os lábios de Michael voltavam a cobrir os de Toby, vozes familiares quebraram o silêncio da noite. Caleb e Chantelle haviam saído para o quintal.

— Será que é tão difícil me amar? — Caleb inquiriu furioso.

— Claro que não, mas não é o que está me pedindo — a voz de Chantelle soou embargada pelas lágrimas. — Quer que eu vá viver com você.

— Exato. Devíamos ter nossa própria casa, um lar, e não este arranjo estúpido que você fez!

— Você sabe que não posso.

— Não quer! — Caleb quase gritou. — Estou cansado de esperar que consiga o divórcio.

— Eu já fiz tudo o que podia para obrigar Dominic a me libertar!

— Então, esqueça-o e viva comigo como se fosse minha esposa.

— Isto seria uma mentira.

— O que é mais hipócrita? Honrar um casamento que não existe, ou fingir que não somos amantes?

Chantelle tomou o rosto de Caleb entre as mãos e falou, olhando-o diretamente nos olhos:

— O que quer que eu faça?

— Escolha agora: ou fica definitivamente comigo, ou está tudo acabado — Caleb

pronunciou o ultimato com frieza.

— E se eu não puder escolher agora?

— Nesse caso, tomarei a decisão por você.

Ele esperou que ela dissesse alguma coisa, mas Chantelle permaneceu em silêncio. Furioso, Caleb voltou para dentro da casa, deixando-a só com suas lágrimas.

Toby já se adiantava em direção à amiga, a fim de consolá-la, quando Michael a impediu, sacudindo a cabeça. Ele estava certo. Deixar que Chantelle soubesse que os dois haviam involuntariamente escutado a discussão, só poderia trazer-lhe dor maior.

Enquanto esperavam nas sombras que Chantelle recuperasse o controle, Michael apertou Toby em seus braços. Estava correndo o mesmo risco que Chantelle assumira, e temia sofrer como ela sofria agora.

Após alguns minutos, ouviram os passos de Chantelle ecoarem pelo corredor lateral que levava à rua.

— Não tenho coragem de ir para casa e encará-la. Não saberia o que dizer — Toby confessou com tristeza.

— Você conseguiu entender o que se passou entre eles? — Michael perguntou.

— Sim. Trata-se de uma história longa e triste, além de muito particular... Michael perdi o entusiasmo pela festa, mas não gostaria de voltar para casa.

— Pegarei nossas coisas e encontrarei você na frente da casa. Conheço o lugar ideal para irmos agora.

O palco encontrava-se às escuras, sem cortinas, e os corredores estavam repletos de latas de tinta, restos de tecido e escadas. Mesmo assim, Toby sentiu-se totalmente à vontade quando entraram no Pantheon.

— Adoro este lugar — ela disse, envolvendo com os braços uma pilastra. — Tem personalidade e vida própria como nenhum outro edifício em que já entrei.

— Sinto o mesmo — Michael concordou.

— Talvez seja a magia criada pelo espírito de todos os artistas que já se apresentaram neste palco antes.

Michael riu da fantasia quase infantil.

— Ou, quem sabe, o fantasma do banqueiro que me emprestou o dinheiro!

— Voltarei em um instante — disse Toby, acendendo as luzes e dirigindo-se ao seu camarim, onde mantinha um pequeno estoque de alimentos para lanches rápidos quando não tinham tempo de sair para almoçar.

Enquanto esperava, Michael analisou sua inegável atração por Toby. O que aconteceria se ignorasse o bom senso e a pedisse em casamento de novo? Lillian poderia estar errada quando afirmou que ele não era capaz de fazer uma mulher feliz. Se o amor pudesse sobreviver ao tempo e ao término da paixão, então Michael estava se arriscando a perder a grande oportunidade de viver uma vida feliz ao lado de Toby.

Ela voltou com um pacote de bolachas, uma lata de carne defumada e duas maçãs.

— Um banquete digno do nosso talento para a dança! — disse em tom festivo.

Michael riu do fato dela sempre ter comida à disposição.

— Para uma mocinha tão delicada, você tem um apetite de leão!

— Isto é consequência de ter um chefe que me obriga a trabalhar dobrado — Toby justificou, enquanto espalhava a comida sobre a toalha estendida no chão do palco. — E, se começar a me insultar, não vou lhe dar nem um pedacinho desta carne maravilhosa — ela ameaçou, balançando um pedaço diante dos lábios de Michael.



— Desse jeito, vai me conquistar pelo estômago. Depois de saciarem a fome, Michael falou com seriedade:

— Toby, você acredita que duas pessoas podem continuar se amando depois de passarem anos juntos?

— Claro! Mamãe e papai estavam tão apaixonados no dia em que ela morreu quanto no dia em que se casaram. Talvez, até mais.

— Mas, ele viviam felizes, ou haviam apenas se conformado com as circunstâncias?

Toby estremeceu, como sempre acontecia quando pensava no alto preço que Irina pagara por seu amor. Sacrificara a própria vida. Sua mãe havia amado o marido e os filhos a tal ponto, que morreu ao dar à luz aos gêmeos. O médico da família fora claro quanto ao risco de uma nova gravidez, depois do nascimento de Gwen. Irina, porém, preferira seguir os mandos do coração, em lugar dos conselhos médicos. Na noite em que Toby deu o último beijo na mãe, já morta, jurou nunca amar alguém com tanta intensidade.

— Mamãe amava cada dia em sua vida como se fosse uma bênção, e papai amava sua esposa. Por que me faz tantas perguntas a respeito de meus pais? Você entende muito mais das coisas do amor do que eu!

— Não, não entendo.

— Mas, esteve casado durante quatro anos.

— O fato de se estar casado com uma mulher não significa amá-la. Toby perturbou-se com a admissão de Michael.

— Acredita realmente nessa tolice de escolha lógica para o casamento? Mesmo depois de Lillian ter morrido e lhe dado dois filhos adoráveis, a barreira de pedra que você construiu entre o coração e a mente continua intata.

— Não fui o único culpado pelo fracasso de nosso casamento. Lillian me amava tanto quanto eu a amava. Nosso casamento acabou muito antes de sua morte.

— Não duvido. Sua atitude deve ter destruído todo e qualquer sentimento terno que ela nutria por você!

— Por que não fica calada e me ouve, em vez de se apressar em tirar conclusões erradas? Eu estava apaixonado por Lillian quando a pedi em casamento, e presumi erradamente que seria sempre assim. Acontece que ela passou a me atormentar no momento mesmo em que pus a aliança em seu dedo. Lillian nunca fez nada verdadeiramente errado; ela simplesmente não se importava com mais ninguém, senão consigo mesma.

— Michael, já lhe ocorreu que eu não quero ouvir toda a sua história com Lillian? Converse com Caleb a respeito, ou explique seus sentimentos a Chantelle, mas me poupe de suas confissões amarguradas. Não sou capaz de aceitar um relacionamento nos termos que você impõe, e culpar sua esposa pelo que deu errado não justifica sua atitude. E não tenho o menor interesse em saber o que houve entre vocês, nem muito menos os detalhes íntimos de sua vida particular com sua primeira esposa.

Michael tentou com uma brincadeira recuperar o bom humor de Toby.

— Pensei que todas as mulheres tivessem curiosidade de saber sobre as outras que passaram pela vida de um homem.

— Pois se enganou — ela retrucou, sem achar graça nenhuma no comentário. — Pensa que sou igual às mulheres com quem está acostumado a passar suas noites. Volte para Emily Lucas, ou encoraje Rosie um pouquinho mais. Tenho certeza de que ela

ouvirá suas lamentações de boa vontade. Mas não venha reclamar de Lillian para mim, pois não ligo a mínima!

Michael segurou-lhe os pulsos e aproximou-se tanto que Toby podia sentir-lhe o hálito quente na pele.

— Será que estou diante da mesma mocinha que ficou chocada por ter me beijado na varanda? O mesmo coração terno?

— Eu mudei — ela afirmou, forçando-se a olhá-lo nos olhos.

— Não, você não mudou.

Michael inclinou-se mais para beijá-la nos lábios, prendendo o olhar de Toby no seu, derrotando-a em sua recusa momentânea.

— Você gosta disso tanto quanto eu — ele murmurou, sem descolar os lábios dos dela.

— E você só me quer porque não me pode ter — ela resmungou de volta.

— Pode ser que esteja certa, ou talvez esteja errada. De qualquer forma, vou satisfazer minha curiosidade.

— Sobre o meu cadáver!

— Sou um homem paciente, mas não estou disposto a esperar tanto, Olhos de Anjo.

— Como você é romântico! — Toby falou com ironia, libertando-se de Michael e tomando o rumo da porta da frente. — Acredita que sua lógica é cativante? Até mesmo seu filho seria capaz de demonstrar mais afeto do que você com sua cena patética! No fundo, não passa de um garotinho mimado, capaz de fazer ou dizer qualquer coisa para atingir um objetivo!

## CAPITULO X

Toby abotoou o casaco, protegendo-se contra o vento frio da noite de outono. Embora a distância do teatro até sua casa não fosse curta, decidiu caminhar, uma vez que precisava de tempo para colocar os pensamentos em ordem. Preferia chegar em casa depois que a amiga e a irmã estivessem dormindo. Não gostaria de encontrar Chantelle depois de ter testemunhado sua discussão com Caleb, e não seria capaz de controlar-se caso Rosie comesse a tecer elogios intermináveis a Michael. Nos últimos tempos, a menina adquirira o hábito irritante de desmanchar-se diante de cada atitude dele, como se fossem feitos heróicos.

Chutou uma pedrinha e observou-a rolar pela calçada até desaparecer por um bueiro. Era uma pena que não pudesse tirar Michael de sua vida com a mesma facilidade. Que homem intolerável! Chegou a questionar a própria sanidade por ter considerado a ideia de casar-se com aquele insensível.

Quando dobrou a esquina, avistou uma pequena praça, com alguns bancos de madeira. Atravessou a rua e foi sentar-se em um deles. Embora já fosse tarde e tudo se encontrasse silencioso e deserto, não teve medo, pois a vizinhança era segura e respeitável. Recostou-se no banco e lançou a cabeça para trás, a fim de observar as estrelas. O outono já chegara e, logo, as ruas estariam cobertas de folhas. Pensou em Cléo e Mo, que adoravam limpar as folhas do jardim, fazendo montes enormes e macios sobre os quais podiam atirar-se em suas brincadeiras inocentes. A lembrança das faces sorridentes dos gêmeos trouxe-lhe lágrimas que ela não foi capaz de conter. Toda vez que acreditava ter encontrado, finalmente, o seu verdadeiro caminho, algo acontecia para mudar o rumo das coisas, deixando-a sem saber o que fazer ou para onde ir. Mais uma vez, encontrava-se em território desconhecido e hostil sem ninguém para lhe apontar a direção a seguir.

Michael queria tomá-la como esposa, mas não a amava. Chantelle, embora amasse Caleb, não podia casar-se com ele por ainda estar legalmente presa a Dominic. Paul e Suzanne precisavam desesperadamente de uma mulher que lhes desse amor e carinho, mas Toby não podia aceitar tamanha responsabilidade. O último item de sua lista de pensamentos desordenados era o fato de que, mesmo que Michael estivesse apaixonado, ela não poderia aceitá-lo em casamento, uma vez que era covarde demais para dar-lhe a família numerosa que ele tanto sonhava ter. Quando a lembrança de Rosie e Ansel cruzou-lhe a mente, Toby teve a impressão de que enlouqueceria a qualquer momento.

— Isso não é justo! — reclamou para as estrelas. — Por que tudo tem de ser tão complicado?

Lembrou-se de ter feito a mesma pergunta à mãe, quando tinha nove anos e não compreendia os problemas de divisão propostos pela professora de matemática. Irina explicara que nada de real valor poderia ser obtido com facilidade e que uma pessoa não sentiria orgulho na solução de um problema, se não houvesse uma dificuldade envolvida.

Bem, Toby esgotara todas as forças na tentativa de resolver aquele dilema, e ainda não encontrara solução. Não podia fazer com que Michael a amasse, não tinha meios de obter o divórcio para Chantelle e não conseguia superar o medo do parto.

Repetidas vezes, Toby revivera os últimos meses de vida da mãe, chegando sempre à mesma conclusão. O corpo de Irina havia esgotado suas energias com o nascimento de sete crianças, e ela morreu três horas depois de Cléo e Mo terem vindo ao mundo. Dez anos mais tarde, Toby carregava a mesma determinação que a acompanhara ao funeral: não seguiria o mesmo destino de sua mãe.

Paul e Suzanne eram exemplos perfeitos do que acontecia a crianças órfãs. Na melhor das hipóteses, eram criados por uma mulher que se ressentia de sua presença. Toby havia poupado os irmãos de tal sofrimento, mas não podia aceitar a obrigação de criar mais filhos que nem eram seus. Sabia tratar-se de um sentimento egoísta, mas Paul não era exatamente o tipo de garoto adorável que lhe despertasse os instintos maternos. O cenário era árido e desesperador, aumentando assim suas dúvidas sobre um possível casamento com Michael. Não havia relacionamento que pudesse resistir, uma vez calcado sobre bases tão inconsistentes, principalmente quando o noivo declarava com tanta franqueza não amar a sua eleita. Sim, Toby pensou, havia tomado a decisão correta ao afastar-se de Michael. Mas, perguntou-se, quanto tempo passaria antes que seu coração aceitasse o que a razão lhe dizia?

Gelada por ter ficado tanto tempo ao relento, Toby caminhou até a próxima esquina e verificou o relógio de uma loja. Constatou que havia passado mais de uma hora sentada no banco da praça e já era muito tarde.

Rezou para que Chantelle e Rosie estivessem dormindo, de maneira que ela pudesse entrar sorrateiramente, sem que ninguém soubesse a que horas havia chegado. Suas esperanças morreram no momento em que abriu a porta.

De mãos na cintura, Rosie inquiriu com autoridade:

— Por onde andou até esta hora? Já estava ficando doente de preocupação! Pensei até em chamar a polícia! Chantelle chegou há horas!

A inversão de papéis — Rosie, a mãe cuidadosa, e Toby, a filha mal-comportada, fizeram-na sentir-se envergonhada, e ela desviou o olhar de Rosie.

— Não pude vir antes. Tive um problema particular — respondeu de cabeça baixa.

— Que tipo de problema poderia impedi-la de vir para casa a esta hora da madrugada? Embora não tivesse o hábito de mentir, Toby se viu obrigada a esconder a verdade.

— Fui até o teatro porque precisava ficar sozinha e pensar.

— E quer que eu acredite que estive todo esse tempo no teatro?

Aturdida, tentando encontrar uma maneira delicada de escapar ao interrogatório indesejado, Toby gaguejou:

— Eu... Fui...

— Rosie — Chantelle interrompeu, descendo a escada —, por que não nos prepara um chá?

— Só depois que Toby tiver respondido minha pergunta — ela declarou com firmeza.

Toby ergueu os olhos para Chantelle, num silencioso pedido de ajuda. Com um sorriso triste, Chantelle abraçou Rosie.

— Querida, nós mulheres temos nossos segredos. Respeite o de Toby hoje e, um dia, respeitaremos o seu.

O fato de ser tratada pela primeira vez como igual tornou Rosie mais sensível.

— Está bem, mas tenho uma pergunta. Toby, já que você e Michael brigaram isso significa que ele está disponível?

— Como sabe que tivemos uma briga?

— Ele esteve aqui procurando por você, sua tola! Eu lhe disse que você gosta mesmo de fazer cenas e que teria esquecido tudo pela manhã. Mas acho que você devia ter mais consideração pelos sentimentos dele. Procure ser mais compreensiva. No seu lugar, eu...

— Rosie — Chantelle interrompeu —, boa noite.

O interesse predatório de Rosie por Michael nunca fora tão evidente. Toby sempre suspeitara daquela atração, mas jamais a considerara ameaçadora.

— Acha que pode transformar todo homem bonito e solteiro em peças de um joguinho de sedução? — Toby inquiriu irritada.

— Claro! — Rosie respondeu do topo da escada, sem sequer virar-se para a irmã. — Conhece maneira melhor de uma mulher jovem e bonita se divertir?

A presunção de Rosie era exasperante.

— Escute, aqui, miss Vaidade, esta sua auto-estima exacerbada pode satisfazê-la agora, mas não vai dar suporte a um relacionamento real com um homem de carne e osso.

— O que você sabe de relacionamentos reais? — Rosie contra-atacou. — Tem tanto medo dos homens que chega a fabricar motivos para fugir deles.

Chantelle interferiu imediatamente.

— Já chega! Calem-se antes que se magoem ainda mais. Afinal, ninguém é perfeito.

Quando viu Rosie dar de ombros, Toby sabia o que lhe passava pela cabeça. Para a irmã mais nova, qualquer discussão não passava de um jogo: ganha-se alguns, perde-se outros e, nos demais, bate-se em retirada.

Esgotada pela tensão das últimas semanas, Toby subiu a escada correndo, passou por Rosie e foi para seu quarto. Depois de bater a porta atrás de si, atirou-se na cama, deixando os soluços sacudirem seu corpo cansado.

Ouviu uma batida leve na porta e a voz suave de Chantelle:

— Posso entrar?

Levantando a cabeça dos travesseiros, Toby gritou:

— Só se for uma santa e puder operar milagres!

— Não sou santa — Chantelle respondeu paciente enquanto abria a porta —, mas sou boa ouvinte. Sente-se e enxugue as lágrimas. Então poderá me contar o que está atormentando você.

Toby desandou a falar entre soluços:

— Tudo está me atormentando. Pensei estar apaixonada por Michael e, então, descobri que ele tem dois filhos.

Cerrou os olhos com força a fim de impedir que mais lágrimas caíssem.

— Desde os doze anos de idade, só fiz cuidar de crianças... Não quero mais nenhuma em minha vida.

— Há semanas venho observando você resistir e não sabia o motivo. Agora faz sentido, seus motivos são lógicos — Chantelle falou pensativa, sem perceber a nova torrente de lágrimas que suas palavras provocaram.

— Esteve conversando com Michael?

— Não.

— Foi exatamente essa palavra que ele usou para definir nossa relação. Michael não

me ama, mas eu sou a "escolha lógica" para sua esposa. Tudo o que sempre sonhei! Sinto-me como um cavalo que ele esteja comprando, escolhendo entre diversos animais, até encontrar uma égua saudável e domada, que satisfaça suas necessidades.

— Michael tem medo de você. Medo do poder que exercerá sobre ele, caso permita que você se aproxime demais.

— Então, por que ele não volta a me tratar como antes? Eu ficaria satisfeita em ser apenas sua assistente.

— Meu Deus, mas você está muito confusa! — Chantelle exclamou, sacudindo a cabeça.

— Não estou.

— Ora, está falando como uma louca. Primeiro, admite estar apaixonada por Michael e, em seguida, diz que não se importaria em manter uma relação estritamente profissional com ele. Ou você desconhece o significado da palavra amor, ou está tentando mentir para si mesma!

— O que posso fazer? Correr de volta para casa? Abandonar Michael e o Pantheon?

— Toby afastou os cabelos das faces molhadas e encarou Chantelle. — Isto não se faz com ninguém.

— Fugir não é solução — Chantelle respondeu com sua calma habitual. — Alguns problemas só se resolvem com tempo e paciência.

Por um momento, Toby esqueceu as próprias dificuldades para pensar no sofrimento da amiga. Desejou poder ajudá-la. Admirava-lhe o controle, mas perguntou-se o que aconteceria a partir de então, já que Caleb tomara sua decisão. Talvez cumprisse a palavra por uma questão de orgulho ou, quem sabe, continuasse a aceitar o amor de Chantelle como ela podia dá-lo, até conquistar sua liberdade. Toby não podia expressar solidariedade sem admitir que estava no quintal no momento da discussão, e não queria tornar Chantelle mais infeliz por saber que Toby e Michael haviam testemunhado a triste separação.

Sentindo como se tivesse invadido a privacidade da amiga, e sem saber como se desculpar, ela disse:

— Desculpe-me por sobrecarregá-la com meus problemas. Acho que Michael e eu estávamos apenas cansados e irritados.

— É melhor desistir de jogar — Chantelle sacudiu a cabeça. — Você não nasceu para mentir.

— Não sei o que posso fazer além de pintar um falso sorriso nos lábios e seguir adiante. Tem alguma sugestão?

— Quisera ser sábia o bastante para lhe oferecer uma resposta, querida, mas não sou capaz sequer de cuidar de minha própria vida. Esse teatro representa uma jogada muito alta, tanto para Michael quanto para Caleb. Quando as cortinas se abrirem na noite de estréia, você conquistará o público nova-iorquino, enquanto eu tratarei de cuidar que tudo corra bem nos bastidores. Acho que é tudo o que podemos fazer por nossos homens agora.

Antes que Toby pudesse corrigi-la, lembrando-a de que Michael não lhe pertencia, Chantelle apagou a luz e deixou o quarto sem mais nenhuma palavra. Será que ninguém, além de Rosie, acreditava quando dizia que não ia dar certo? Michael Sedaine e Toby Wells jamais seriam marido e mulher. Quem sabe, se publicasse um anúncio de primeira página no jornal matutino, as pessoas a levassem a sério! Um leve sorriso atravessou a



barreira de sua amargura quando imaginou a expressão no rosto de Laura Sedaine abrindo o jornal à mesa do café, deparando com tal declaração pública. Emocionalmente exausta, Toby enrolou-se na cama abraçada ao travesseiro e escondida sob os cobertores. Não tardou a cair em um sono profundo e sem sonhos.

A primeira hora de ensaios foi um desastre. Michael amaldiçoou-se pela infeliz ideia de abrir um teatro de revista. Estava certo de que em uma semana seria alvo de riso para toda Nova York.

Como se não bastasse metade do elenco ter chegado atrasada, Caleb não aparecera até então. Michael não tivera notícias dele desde a noite de sexta-feira, e temia que o amigo tivesse deixado a cidade depois da briga com Chantelle. Se seu número principal desaparecesse, seria melhor fechar as portas antes da estréia.

Toby, por outro lado, tinha chegado cedo e mostrava-se o máximo da eficiência. Michael não poderia tecer a menor crítica sobre seu profissionalismo, atenção a detalhes, paciência para com o restante do elenco, prontidão em atender suas necessidades ou sua inabalável cortesia. E era exatamente a cortesia condescendente que o enfurecia. Toby a utilizava como uma arma para mantê-lo à distância.

— Toby — ele chamou. — Pode me dar um minuto do seu tempo?

— Pois não, Sr. Sedaine?

Michael teve de lutar contra o impulso de gritar para que ela não fosse tão formal.

— Gostaria de repassar o terceiro número com você — ele falou com voz controlada.

— Está bem. Chamarei Chantelle e pedirei que nos auxilie. Ela sabe mais sobre os malabaristas do que eu.

— Pode deixar — Michael disse entre os dentes, frustrado por não conseguir ficar a sós com Toby nem por um momento. — Farei isso sozinho.

— Como desejar, Sr. Sedaine.

— O que desejo é que você acabe logo com esta palhaçada de "Sr. Sedaine"!

Toby permaneceu impassível.

— A única coisa a que pretendo pôr um fim imediatamente, Sr. Sedaine, é a confusão criada pelos integrantes do elenco.

— Com a sua atitude, Srta. Wells, não há meios de obter o menor sucesso nessa empreitada. Não tem ideia do que seja trabalho de equipe.

— Está enganado. Sou a primeira a defender o trabalho de equipe, mas não acredito no sucesso de parcerias.

Michael sentiu a dupla mensagem arder mais do que um tapa em seu rosto. Consciente de que estava prestes a explodir e perder a calma de uma vez, virou-se para sair do palco e deu de encontro com Ansel, que quase o derrubou. O cunhado ocupava-se mais em dar atenção a Rosie do que em cumprir com as tarefas que Michael lhe designara.

— Onde estão as provas do programa que pedi para você ir buscar na gráfica? — Michael inquiriu em tom autoritário.

— Ainda não ficaram prontas, garotão — Ansel respondeu insolente, sem tirar os olhos de Rosie.

— E os ingressos? Já fez a encomenda? — Michael insistiu.

— Sim.

— Encomendou as flores?

— Claro — Ansel acenou com a mão, num gesto de desdém.

A atitude insolente do cunhado levou Michael a perder o controle e falar aos berros:

— Então encontre algo para fazer que não seja ficar rodeando e perseguindo Rosie!

— Pegue isto, Ansel — Rosie deu uma risada enquanto estendia um pano manchado de tinta que usava para limpar um dos cenários. — Limpe o queixo. Você está babando!

Michael afastou-se, deixando-os entregues às brincadeiras e provocações mútuas. Estava consciente de que suas reprimendas não diminuía em nada o ardor do flerte de Ansel e Rosie. Precisava ficar algum tempo sozinho. Assim, dirigiu-se a seu escritório, próximo à entrada do palco. Cinco minutos de paz lhe devolveriam a calma e a compostura.

Entretanto, nem um momento de sossego lhe foi permitido. Caleb atravessou a porta com passos incertos e terno amarrotado, trazendo pelo braço uma mulher vestida em trajes vulgares. A criatura era um insulto à dignidade de Chantelle e uma caricatura do tipo de mulher que vive rondando cabarés baratos e bastidores de teatro.

— É por isso que está atrasado? — Michael perguntou, apontando com grosseria para a acompanhante de Caleb.

— Estive ocupado — Caleb respondeu com indiferença.

— Vamos esclarecer uma coisa — Michael ordenou, o dedo em riste.

— Você assumiu um compromisso comigo, exijo que cumpra com sua palavra.

— Ora, não amole!

Michael aproximou-se, até quase tocá-lo. O cheiro de álcool que o outro exalava era insuportável. Observando de perto, notou o cansaço nos olhos injetados do amigo. Quase sucumbiu ao sentimento de solidariedade, concluindo que Caleb passara o fim de semana em amargo sofrimento por causa de Chantelle. Porém, não permitiria que problemas pessoais interferissem no trabalho — fossem os de Caleb ou os seus.

— Vamos esquecer isto por enquanto — Michael falou em voz baixa.

— Arranje um lugar para deixar a sua bonequinha e comece a trabalhar. Conversaremos mais tarde.

A moça sentiu-se ofendida.

— Vai deixar que ele fale assim com você, benzinho?

Falou em voz alta e estridente demais, e Caleb largou-a no mesmo instante.

— Este homem é meu amigo, além de ser dono do teatro. Portanto, tem o direito de exigir que eu faça meu trabalho.

Michael sentiu-se aliviado ao perceber que Caleb não havia perdido completamente a cabeça.

— Vamos lá, companheiro. Temos de fazer este show funcionar — Michael encorajou, sentindo-se melhor do que em toda aquela manhã.

— Michael! — Laura Sedaine gritou na porta do escritório.

Ele nunca ouvira sua mãe elevar a voz num tom tão alto e estridente. Virou-se devagar, preparando-se para mais um problema.

— O que é mamãe?

— Esta sua ideia ridícula já foi longe demais! Logo que acordei, esta manhã descobri que você contratou o *meu* mordomo para trabalhar neste teatro vulgar. Quando cheguei aqui para exigir que você o demita, encontrei a sua assistentezinha dando ordens, como se fosse a dona de tudo aqui, além de Ansel bancando o bobo aos pés de uma colegial assanhada. — Fez uma pausa, apenas para recuperar o fôlego e, então, continuou: — Está desestruturando toda a sua vida, apenas para associar-se a essa ralé! — Laura

cuspiu as palavras, dirigindo-se ostensivamente a Caleb e sua acompanhante.

Chantelle e Toby haviam seguido a Sra. Sedaine, e ouviam tudo do lado de fora, uma vez que a porta estava aberta e Laura não fizesse a menor questão de ser discreta. O comentário de Laura fez Chantelle corar de vergonha, ao mesmo tempo em que avistava a companheira vulgar de Caleb. Sem tirar os olhos da moça, atravessou o escritório e, segurando-a pela gola do vestido, como se pegasse em um pano sujo, arrastou-a até o corredor.

— Aquele homem — disse, apontando para Caleb —, precisa trabalhar tanto quanto você deve ir já para casa, e esfregar o rosto para ver se consegue tirar toda essa maquiagem ridícula.

Toby não sabia que a raiva, quando controlada, pudesse produzir tanta força. A voz da amiga continha um tom de ameaça velada, que até Laura Sedaine pareceu intimidada.

— E você — ela se dirigiu a Caleb —, não passa de um idiota. Se pensou que eu sentiria ciúmes por você ter rolado na lama com um verme como aquela mulher, enganou-se. Conseguiu apenas insultar-me e ofender-me.

— Sinto muito — Caleb desculpou-se, abaixando a cabeça.

— Não quero ouvir desculpas. Suba naquele palco e prove que é um homem responsável, já que não é confiável.

Michael observou Caleb seguir Chantelle, ainda de olhos fixos no chão. Então, pensou, se sua mãe e Toby fizessem o favor de desaparecer, ele ficaria feliz.

— A culpa é toda sua Srta. Wells. — Laura virou-se para Toby. — Antes de conhecê-la, Michael era um homem de negócios racional. Agora, transformou-se em um bufão aos olhos de toda Nova York.

— Não seja injusta — Michael se lançou na defesa de Toby. Laura dirigiu seu ataque ao filho.

— Envolvendo-se com essa gente baixa, você está destruindo sua própria família. Como pensa que Paul e Suzanne se sentem, sabendo que o pai é dono de um teatro de revista?

— Mamãe, faça-me um favor: cale a boca.

Ele não esperou pela resposta. Fechou a porta do escritório, sem se importar se era grosseria fazê-lo, quando duas pessoas encontravam-se paradas na soleira. Afundou o rosto nas mãos e perguntou-se se, afinal, sua mãe teria razão. Seria tudo aquilo uma loucura?

Laura permaneceu alguns segundos olhando fixamente para a porta que quase lhe batera no nariz, tentando recuperar a compostura. Um instante depois se voltou para Toby, a ira renovada.

— A senhorita é mesmo notável! Conseguiu arruinar a carreira de Michael, provavelmente levá-lo à falência, afastá-lo de seu meio social e aliená-lo do seio de sua família.

Depois que Laura Sedaine realizou sua saída triunfal, Toby ficou parada diante da porta do escritório, pensando no que poderia oferecer a Michael. Talvez, se voltasse para Saint Louis, ele pudesse recuperar as perdas e recomeçar sua vida. Inspirou profundamente e entrou.

— Sinto muito, Michael.

— Quando foi que desistiu do *Sr. Sedaine*?

— Mereci ouvir as ofensas de sua mãe. Se voltar para o Missouri, estarei ajudando

você?

Michael levantou-se de um pulo.

— Ah, não! Você não vai a lugar nenhum. Queria um emprego, eu lhe dei. Queria subir num palco, comprei um teatro. Se partir, irei atrás de você e a trarei de volta nem que tenha de amarrá-la para isto!

— Não tive a intenção de ameaçá-lo — Toby tentou explicar a oferta. — Sua mãe se acalmaria um pouco se eu deixasse Nova York. Ela me odeia e vai continuar fazendo da sua vida um inferno enquanto eu trabalhar para você.

— Isso é problema meu não seu. Não preciso que se meta nos meus casos de família. Tudo o que quero de você é a melhor apresentação de sua vida.

Toby nunca ouvira a voz de Michael soar tão amarga e vingativa, e não sabia o que dizer.

— Desculpe — murmurou. — Foi um erro ter entrado aqui, agora. Michael saltou à sua frente, fechando a porta antes que ela pudesse sair. Manteve a mão sobre a fechadura, a fim de impedir sua fuga.

— Você só sabe fugir. Toda vez que discutimos, bate em retirada, atropelando tudo e todos que estiverem em seu caminho, deixando um rastro de destruição atrás de você. Não desta vez, senhorita. Vamos resolver de uma vez por todas as nossas diferenças, pois não posso mais tolerar a sua atitude.

Todas as promessas de Toby em manter sua postura evaporaram quando ela se virou e deparou com o olhar determinado de Michael. O brilho que reconheceu nos olhos dele era ameaçador.

— Escute aqui, Michael Joseph Sedaine — ela o enfrentou. — Nada me prende aqui, senão o meu senso de honra. Nenhuma chantagem ou jogo de culpa vai me impedir de partir se eu assim quiser. Você tentou me comprar com este teatro, e não deu certo. O Pantheon não passou de uma manobra para me afastar de Joel Greenpasture. E a menos que tenha reescrito a história, a fim de atender a seus interesses pessoais, você me ofereceu um emprego em Saint Louis. Nunca lhe pedi nada.

— Acha mesmo que eu me meteria nesse negócio apenas para mantê-la em Nova York? — Michael estava irado. — Não seja tão presunçosa, menina. Trata-se de um investimento. As mulheres com quem costumo me relacionar não exigem pagamento.

Toby chegou a erguer a mão para esbofetear Michael pelo comentário vulgar. Entretanto, conteve-se.

— Fico surpresa em saber. Ouvi dizer que gastou quase cada centavo que possuía para fazer Lillian feliz.

Antes que Michael pudesse replicar, Toby saiu calmamente do escritório, como se estivesse indo às compras.

Michael teve o impulso de correr atrás de Toby e exigir-lhe uma explicação, mas seu orgulho não permitiu que desse crédito à acusação que acabara de ouvir. Além do mais, de onde ela poderia ter tirado uma conclusão tão errada? Teria Ansel enchido sua cabeça com mentiras sobre o casamento de Michael e Lillian? Nada fazia sentido, mas Michael encontraria a fonte de tais rumores e ficaria satisfeito em fazer o mentiroso, ou mentirosa, engolir suas fofocas. Então, teria ainda mais satisfação em assistir às desculpas desajeitadas e envergonhadas de Toby, por ter repetido boatos infundados.

Abriu a porta e gritou a plenos pulmões:

— Ansel!

Toby ouviu-o gritar o nome do cunhado e, pelo tom de voz com que o fez, e pelo que ela acabara de lhe dizer, achou por bem ficar o mais longe possível de ambos. Dirigiu-se para os bastidores, à procura de uma ocupação, até que encontrou Caleb.

— Precisa de ajuda? — perguntou.

Caleb ergueu os olhos do papel que segurava e sorriu.

— Quer dizer que ainda fala comigo?

— Se todos nós não deixarmos nossas diferenças de lado, este show será um verdadeiro desastre.

— E isso seria tão ruim?

— O que está querendo dizer?

Caleb puxou uma cadeira e fez um sinal para que Toby se sentasse a seu lado.

— Sua discussão com Michael não foi mais particular do que a minha com Chantelle. Metade do elenco está fazendo apostas se você vai embora ou fica. A fofoca corre solta nos bastidores.

— Que maravilha! — disse Toby com um suspiro desanimado. — A palavra privacidade não faz parte do vocabulário dos artistas?

— Não, não faz. E então?

— Então, o quê?

— Vai ficar?

— Claro! Trabalho para Michael e não vou deixá-lo poucos dias antes da estréia.

— Michael é um bom homem. Você não devia dar ouvido a tudo o que ouve por aí.

— Michael Sedaine é um bom empresário — Toby falou devagar, — Nossa relação começa e termina nesses termos.

— Pode ser, mas nunca conheci um homem capaz de fazer isto por quem quer que fosse, mãe, pai ou esposa. — Enquanto falava, Caleb esticou o pescoço, apontando o palco com um gesto de cabeça.

— Michael não comprou este teatro por minha causa. Você é tão terrível quanto ele, tentando me fazer sentir presa a ele por uma decisão profissional que ele tomou por si mesmo. E você é tão responsável por todo esse negócio quanto eu — ela disse, desafiando-o. — Por que ninguém tenta culpá-lo?

— Espere um instante. Não a culpo por coisa alguma. Michael é um homem adulto, dono da própria vida, e esta foi uma decisão dele. Apenas acho que você ainda não se deu conta de que nós dois fomos as molas propulsoras para este investimento. Devemos a ele muito mais que uma lista de reclamações.

Toby abaixou-se e pegou um prego torto, deixado no chão pelos carpinteiros. Por alguns momentos, girou-o entre os dedos, pensativa.

— Está vendo este prego? — Mostrou-o a Caleb. — É como Michael. Forte e de boa qualidade, capaz de muito mais do que poderíamos esperar dele. Mas alguém esteve aqui antes de mim, martelou-o de maneira descuidada e entortou-o. Não posso endireitá-lo sem quebrá-lo, embora ele ainda tenha valor e serventia para outras pessoas. Acontece que não tem qualquer valor para mim.

— Você pode enganar Michael com esse seu discurso, mas não a mim — Caleb falou e começou a rir. — Nunca pensei que viveria para conhecer uma mulher mais louca do que Chantelle. — Seus olhos se tornaram sérios, então. — Seja honesta consigo mesma, Toby. É só isso o que realmente interessa.

Com estas palavras, levantou-se e afastou-se devagar. A conversa deixou Toby

furiosa, e ela foi à procura de Chantelle. Sabia que sua ajuda seria bem-vinda na sala de costura e, pelo resto do dia, escondeu-se ali de todos os homens do mundo, costurando com Chantelle, até terminarem o último traje para o espetáculo. O teatro estava em silêncio e às escuras quando Toby finalmente deixou seu santuário improvisado e escapou pela saída dos fundos.

Michael não conseguiu encontrar Ansel, e também não pôs mais os olhos em Toby. Sabia que ela o estava evitando e, em vez de sentir-se aliviado, ficou perturbado com sua ausência. Embora Rosie se esforçasse para cumprir suas ordens à risca, ela não tinha a experiência da irmã. E por mais que Toby o provocasse e irritasse, ele ainda a queria a seu lado. Preferia brigar o tempo todo com ela a ter de suportar o vazio que preenchia sua vida quando ela se afastava.

Caminhando lentamente para casa, Michael considerou parar em um bar e tomar uma bebida. Logo rejeitou a ideia, pensando que o álcool não o ajudaria a conciliar o sono, nem a amargura que sentia todas as noites ao deitar na cama que Toby nunca partilharia. Era igualmente devastadora a constatação de que iniciara o projeto do teatro apenas para manter Toby junto de si, e tudo o que conseguira fora sua presença distante e indiferente. Existiria algum outro homem tão infeliz ou que tivesse se colocado em situação tão desesperadora? Só conhecia um e decidiu procurá-lo.

O amigo que dividia a casa com Caleb instalou Michael na sala enquanto subia para chamar o outro em seu quarto. Sem os músicos e dançarinos presentes na noite da festa, o aposento parecia frio, como sua vida sem Toby.

— Michael? — Caleb entrou na sala prendendo os suspensórios. — Veio se certificar que estou seguro, dormindo sozinho?

— Para falar a verdade, não sei por que vim até aqui — Michael confessou, torcendo o chapéu nervosamente.

Ouvindo o barulho infernal provocado pelo amigo que tentava preparar um jantar na cozinha, Caleb convidou:

— Gostaria de sair para um passeio?

— Sim. Você tem tempo?

— O resto de minha vida — Caleb respondeu sem muita animação. Caminharam em silêncio até o Central Park. Lá, as alamedas serpenteavam por entre as árvores, e a brisa da noite soava melancólica quando balançava as folhas.

— Você compreende as mulheres? — Michael perguntou.

— Tanto quanto compreendo química.

— Que pena. Esperava que pudesse me dizer por que Toby age de forma tão inconstante.

Caleb soltou uma risada amarga.

— Toby te deu o fora?

— Deu.

— Se aquelas duas viverem juntas por muito tempo, vão acabar abrindo um convento.

Michael apenas assentiu, parecendo não perceber a brincadeira.

— Sei que você e Chantelle se separaram. Toby e eu estávamos no quintal quando vocês brigaram. Não tínhamos para onde ir, e não queríamos embaracá-los.

— Não faz diferença.

— Nem sentido. Nunca vi par mais perfeito que você e Chantelle. Pode-se ver o brilho nos olhos dos dois quando estão juntos. Seria muito atrevimento se eu perguntasse qual



é o problema de vocês? — Michael queria ajudar, já que não podia fazer nada em relação a Toby. Caleb e ele haviam sido privados das mulheres que amavam por razões que lhes fugiam ao controle. Ambas, mulheres obstinadas, orgulhosas e irresistíveis.

— Não. Na verdade, preciso conversar com alguém a respeito. — Caleb dirigiu-se à ponte em arco, apoiou os cotovelos na amurada e baixou os olhos para a água. — Você sabia que Chantelle é casada?

— Imaginei algo assim.

— Não se trata de um casamento de verdade. O homem com quem ela se casou no Haiti a espancava e ela fugiu. Chantelle gastou cada centavo que conseguiu economizar tentando obter o divórcio que Reynard se nega a lhe dar.

— E ela não concorda em viver com você sem que se casem.

— Exato. Não preciso de papel para ser o marido de Chantelle. Em meu coração, ela tem sido minha esposa durante todos esses anos. Quero apenas viver com ela, como acho que devíamos.

Michael sentiu simpatia pelos sentimentos de Caleb, mas também compreendia Chantelle. Conhecendo-a, sabia que ela era uma dama, e faria questão de um casamento legal antes de assumir uma vida marital ao lado do homem que amava.

— Arquitetei aquele plano maravilhoso para deixá-la com ciúmes, e você viu como funcionou. Quero que me desculpe por ter carregado meus problemas para o teatro esta manhã. Não estava raciocinando com clareza.

— Esqueça — Michael fez um gesto demonstrando indiferença em relação ao incidente. — Foi estúpido de sua parte, mas eu também estava em meio a problemas com Toby e acabei descontando em você. Caleb assentiu, mostrando que compreendia o amigo.

— Eu pensava que a música era tudo em minha vida, até que conheci Chantelle. Agora já não significa tanto.

— Genial! — Michael suspirou e caminhou para o gramado em torno do lago, seguido de perto por Caleb. Sem olhar para trás, falou: — Primeiro Toby me diz que quer ir embora. Agora, você me conta que já não liga para o ragtime.

— Existe uma grande diferença entre ir embora e manter-se distante. E eu sei que Toby estava blefando.

— Assim espero. Conto com vocês dois para apresentar o melhor show a que Nova York já assistiu.

— É o que terá — Caleb assegurou. — Há algo mais que eu possa fazer?

— Servir de exemplo para o pessoal que trouxe de Saint Louis — Michael pediu com seriedade. — Preciso de você, Caleb. Não só do seu talento, mas também dos seus contatos. O que acha de dez por cento do lucro líquido como incentivo?

Caleb interrompeu a caminhada.

— Não há necessidade de me subornar, Michael. Farei um bom trabalho e serei sempre pontual.

Suborno? A palavra provocou uma sensação de alarme em Michael, pois duas pessoas queridas o haviam acusado do mesmo tipo de corrupção. Seria mesmo culpado por comprar as pessoas? Com certeza. Seu trabalho consistia em pagar mais que os competidores pela melhor música. Por outro lado, as coisas materiais significavam pouco para ele, talvez porque sempre houvesse tido dinheiro. Jamais considerara o pagamento de um salário exorbitante a Toby como tentativa de suborno; acreditava com sinceridade

que pagava a quantia justa pela qualidade do desempenho dela. Nem investira a maior parte de seu dinheiro no teatro para conquistá-la. Estava convencido de que Toby e Caleb tinham talento para arrastar multidões para a platéia todas as noites. Ganhar dinheiro, para ele, era um jogo, não uma necessidade.

— Estava apenas tentando mostrar-lhe quanto aprecio e respeito você e seu trabalho, Caleb.

— Então trate de encontrar outro meio de demonstrar seus sentimentos. Ganho o suficiente para viver a vida como gosto. Além do mais, dinheiro não pode comprar a liberdade de Chantelle.

— Tem razão. Com tudo o que tenho, não consigo manter Toby a meu lado.

Enquanto caminhavam de volta para a Avenida Lenox, Michael deu-se conta do quanto ele e Caleb eram parecidos. Sua mãe discordaria, apontando as diferenças de raça, cultura e classe social. Entretanto, ela estava errada. Caleb era mais do que um empregado; era um dos poucos homens com quem Michael se sentia verdadeiramente à vontade.

Quando alcançaram a casa onde Caleb morava, Michael apertou sua mão.

— Obrigado pelo passeio e pela conversa.

— Acha que resolvemos alguma coisa?

— Não, mas pelo menos, já não me sinto sozinho em minha infelicidade.

Caleb deu um de seus maravilhosos sorrisos.

— No show business, camarada, nunca se está sozinho. A propósito, qualquer dia desses terá de perguntar a Toby se você é um prego de oito ou de dezesseis centavos. Vou entrar agora e descansar um pouco. Tenha uma boa noite.

Michael não compreendeu o comentário esquisito de Caleb, embora não pedisse explicações por saber que o amigo não lhe diria mais nada. Pensou no assunto durante todo o trajeto até sua casa. A única explicação plausível era de que Caleb tentara ser engraçado e insinuar que os quatro — Michael, Toby, Chantelle e ele mesmo não passavam de um bando de loucos.

Já era quase de manhã, quando Michael ajeitou o travesseiro pela última vez e, em paz consigo mesmo e com a decisão tomada, fechou os olhos. Não permitiria que Toby lhe fizesse falsas acusações e fugisse de sua vida. Era ela a mulher perfeita para preencher todas as lacunas, e seria uma batalha gratificante provar-lhe que cometera um grande erro.

A véspera da estréia foi uma loucura, e Toby rezou para que o velho adágio fosse verdadeiro: "Se a prova do guarda-roupa é uma tragédia, o sucesso do show está garantido". Chantelle encontrava-se à beira das lágrimas e Toby tentou ajudar. A assistente do mágico engordara cinco quilos e o vestido não abotoava. Uma das dançarinas, certa de que faria um grande favor a Chantelle se passasse ela mesma o seu traje, enrugou todo o corpete.

— Diga-me o que fazer — Toby ofereceu-se, segurando o vestido arruinado.

— Nada. Você já está ocupada demais. Rosie é bastante competente para confeccionar um ramallete de rosas de seda para esconder a parte estragada. Sua irmã é uma bênção em uma hora como esta — Chantelle garantiu, enquanto aplicava galões coloridos nas costuras do vestido da gorducha. — Vá para o seu camarim e cuide de seu cabelo.

Sozinha em seu cubículo, Toby pôs-se a imaginar como Rosie, que era incapaz de

cerzir um pé de meia até pouco tempo, tornara-se indispensável a todos. Sentiu-se irritada e concluiu que analisava a situação com postura crítica, porque sua vida mudara de forma dramática. Antes, todos dependiam dela para tudo, enquanto agora, estava sendo substituída por uma equipe eficiente. Chantelle era melhor cozinheira e costureira do que Toby jamais seria. Rosie transformara-se no braço direito de Michael, libertando-a de detalhes pequenos e tediosos em seu trabalho. E, finalmente, Caleb encarregara-se de providenciar artistas talentosos para complementar o elenco.

Pensando em sua contribuição, Toby considerou que era importante, porém, não indispensável. Havia apenas uma coisa em que ninguém poderia substituí-la: seu número. Tratava-se de uma canção cômica, que ela mesma criara, aperfeiçoara e adaptara a sua voz, senso de humor e personalidade. Mesmo com suas diferenças, Michael a cumprimentara:

— Você tem a maravilhosa capacidade de colocar um selo com sua marca registrada em tudo o que faz.

Michael expressou sua aprovação de diversas maneiras, verbal e fisicamente. Toby sentia-se impedida de protestar, uma vez que ele fazia cada incidente parecer mais inocente do que o anterior. Se ela dissesse alguma coisa para recriminá-lo, seria o mesmo que criticar um amigo por ser amável. Entretanto, Toby o conhecia o bastante para duvidar da ingenuidade que ele se esforçava por aparentar.

Durante toda a semana, Michael havia ficado sempre muito perto, usando qualquer pretexto para afagá-la no ombro, afastar uma mecha de cabelo de seu rosto, ou dar um tapinha amistoso em seu joelho quando assistiam a um ensaio que o deixava satisfeito. Cada vez que ele a tocava, Toby cerrava os dentes, buscando controle para o tremor que se apoderava de seu corpo, fazendo suas faces corarem e seus olhos brilharem. E a cada dia tornava-se mais difícil fingir indiferença. Sempre que sentia o aroma de limão no hálito quente de Michael, lembrava-se de imediato dos dias em que podia atirar-se em seus braços sem pensar em mais nada.

Toby fechou os olhos e deu vazão à lembrança dos beijos trocados em sua casa, naquela primeira noite em que haviam partilhado seus sentimentos. Desejou poder recuperar o clima daquele momento, a sensação dos lábios de Michael pressionados contra os seus, o modo como seus corpos se moldavam um ao outro, a maneira provocante como ele se insinuava para ela...

— Toby. Está vestida?

Ela nem tinha começado a se trocar, e levantou-se de um salto de sua poltrona estofada ao ouvir a voz de Michael à porta.

— Sim — ela gritou em resposta, temendo que algum problema de última hora exigisse sua presença no palco. Assim que Michael entrou, ela perguntou: — Precisa de mim lá fora?

Michael queria dizer que sim, precisava dela em seus braços. Em vez disso, tentou aparentar alguma frieza.

— Não. Acontece que não tive a oportunidade de ver seu traje depois de pronto, e queria dar uma olhada antes do último ensaio.

— Não acha que é um pouco tarde, caso haja algo errado com meu vestido?

— Pare de brincar. Gosto de verificar cada detalhe antes da estréia. Toby finalmente rendeu-se à vontade de Michael. Afinal, ele era o patrão.

— Está bem. Saia um instante para que eu possa vesti-lo.

— Vou esperar aqui — Michael declarou, sentando-se na poltrona estofada. Embora percebesse que ela corava não se moveu. — Estou acostumado a trabalhar com profissionais. Não há lugar para pudores quando se tem apenas poucos minutos para trocar de roupa. Mas se tem vergonha, pode se trocar ali atrás — disse, apontando para o biombo no canto do camarim.

Toby sabia que ele a estava desafiando com aquele fingimento de ter por ela um interesse apenas profissional. Por outro lado, sentiu-se insegura, uma vez que nos últimos dias, vinha constatando que seu autocontrole encontrava-se por um fio. Aceitando o desafio, por fim começou a desabotoar a blusa, mas, quando viu que ele não desviara os olhos como ela esperava, perdeu a coragem e escorregou rapidamente para trás do biombo.

Como um patife escolado teria feito, Michael sorriu sordidamente para si mesmo. Pouco a pouco, estava vencendo a batalha da força de vontade. Toby levava a melhor em confrontações diretas, mas hesitava diante das táticas diabólicas que ele vinha utilizando. Ela não sabia como agir quando ele invertia o jogo. Toby não era capaz de lidar com o clima sensual que se criava entre eles. Michael perguntou-se por quanto tempo ela ainda conseguiria ignorar a tensão em seus encontros.

— Precisa de ajuda com os botões? — ele perguntou fingindo naturalidade.

— Não, não é necessário — Toby respondeu nervosa. — Estou quase pronta.

Embora viessem se relacionando com distância desde a última discussão, Toby podia sentir o olhar de Michael, como se tentasse rasgar o tecido que se interpunha entre os dois. Despir-se no mesmo aposento onde ele se encontrava fazia seu coração bater tão forte que parecia querer saltar para fora do peito, pois, por mais que jurasse não desejá-lo, seu corpo vivia traindo tal juramento.

Michael soltou uma gargalhada quando viu Toby sair detrás do biombo, vestindo uma capa espalhafatosa de plumas amarelas que combinava com o chapéu, não mais discreto. O efeito produzido era exatamente o que haviam planejado. O número de abertura de Toby consistia de uma paródia cômica de *O Patinho Feio* e, naqueles trajes, ela parecia mesmo uma ave gorda e desajeitada.

— Pare de rir — ela ordenou, certa de que ele zombava dela, e não do traje.

— Por quê? Minha reação é a mesma que você espera provocar na platéia.

Toby não sabia ao certo o que esperava. Queria a aprovação de Michael e, por menos que quisesse admitir, ela o desejava. Num gesto de desafio e provocação, deixou cair a capa e jogou o chapéu para o lado, sabendo que sua atitude encerraria de vez as gargalhadas.

Sua beleza sempre deixava Michael boquiaberto. O vestido branco, simples e justo realçavam-lhe as curvas, acentuando seu pescoço longo e gracioso. Mesmo sem a canção, Toby transformara-se no que realmente era — um cisne de inigualável beleza.

Limpando a garganta, forçando-se a controlar a onda de desejo que o invadiu, ele disse:

— Acho que devia tirar essas tiras de brocado. Seus ombros são bastante bonitos sem tanto brilho. Deixe-me ver.

Ele fez as largas alças reluzentes escorregarem pelos braços de Toby e afagou-lhe a pele macia.

Toby teve vontade de gritar de prazer. Como podiam os dedos dele provocar sensações tão embriagantes? Temeu que, se falasse, pediria a ele que a tomasse nos

braços em vez de suplicar que pusesse um fim àquela tortura.

— As formas são perfeitas — ele falou enquanto deslizava as mãos quentes pelos braços dela, até alcançar-lhe a cintura delgada. Enlaçando-a, reclamou: — Tem de usar esse espartilho?

Toby apenas assentiu em resposta, enquanto tentava afastar-se.

— Por quê? — ele insistiu, puxando-a para si.

— Porque... Porque — ela gaguejou. — Porque mantém o vestido armado.

— Bem, creio que não podemos deixar que caia — Michael comentou em voz lânguida. Com a ponta dos dedos, acompanhou a linha do pescoço de Toby, descendo pelo colo, evitando cuidadosamente o contorno dos seios.

— Por que está fazendo isso? — ela perguntou com dificuldade.

— Fazendo o quê? — Michael escorregou os dedos de volta pelo pescoço de Toby, até alcançar-lhe o queixo. Delicadamente, ergueu-o e beijou-a.

Toby desejou com todas as forças que seu estômago parasse de se contrair, que seu coração parasse de saltar dentro do peito, que seus braços pendessem frouxos e indiferentes. Porém, seu corpo recusava-se a obedecê-la.

Michael sentiu a resistência de Toby relaxar e, em vez de aproveitar-se disso, soltou-a e afastou-se.

— Você pretende levar esta farsa adiante?

— Não — ela disse com voz trêmula, suspirando profundamente. — Eu não posso.

— Até que enfim. — Michael sorriu, apanhou a capa de plumas e o chapéu largados no chão e disse: — Conversaremos depois do ensaio.

## CAPITULO XI

Era tarde da noite, o ensaio havia terminado, e as últimas alterações estavam anotadas. Michael correu para seu escritório a fim de arrumar a escrivaninha antes que Toby se juntasse a ele. Depois de estudar a sala, suspirou desapontado. Teria preferido um lugar mais aconchegante, menos formal, mas não tivera escolha. O escritório tornara-se a única alternativa de local para encontrar-se a sós com Toby. Durante o expediente, estavam sempre rodeados de pessoas. No sobrado de Toby, Rosie não os deixava em paz nem por um segundo, e seria ridículo sugerir que se encontrassem no apartamento de Laura.

Parado ao lado da estante de livros, Michael enfiou as duas mãos nos bolsos, receoso de que se não as mantivesse aprisionadas, ele agarraria Toby e a tomaria nos braços no mesmo instante em que ela passasse pela porta. A decisão de provocar e atormentá-la com suas atenções físicas haviam colocado sua própria resistência em teste. E, por tentadora que fosse a ideia de abraçá-la, eles precisavam conversar, antes de qualquer outra coisa. Não havia como negar a atração intensa que os unia. Entretanto, Michael queria mais que uma gratificação física; queria um compromisso.

Toby lhe fizera acusações duras e cruéis, tentando afastá-lo com palavras amargas e agressivas, mas ele sabia que ela o fazia da boca para fora. Os lábios dela diziam uma coisa, enquanto os claros olhos azuis contavam uma história completamente diferente. E aqueles olhos não eram capazes de mentir. Depois que fizessem as pazes, ele resolveria todos os conflitos que os impediam de serem felizes de maneira calma e adulta. Naquele momento, enquanto esperava por ela, Michael sentia-se excitado só de saber que ela viria falar com ele.

— Michael? — Toby chamou e bateu na porta. — Está aí dentro?

— Estou.

Ela ajeitou o vestido com gestos nervosos, desejando ter um vestido melhor que seu velho traje simples de algodão azul-marinho. Não sabia exatamente o que Michael queria com ela, mas se sentiria mais segura se sua aparência estivesse mais a seu gosto.

Michael percebeu que ela estava nervosa pelo modo como mantinha o queixo empinado e pelo andar determinado com que cruzou a sala. Parecia uma garota de escola, chamada à presença do diretor depois de ter sido apanhada infringindo alguma regra em sala de aula. Ele tentou dissipar a tensão:

— Você tem feito um excelente trabalho e quero dizer-lhe que seus esforços extraordinários não passaram despercebidos.

— Obrigada — ela agradeceu. Tinha a certeza de que Michael não marcara aquele encontro para discutir trabalho ou negócios, e não teve paciência para esperar que ele desperdiçasse tempo com trivialidades, antes de entrar logo no assunto. — Pensei que íamos conversar, e não trocar elogios.

— Acredita que somos capazes de conversar sem terminar em uma discussão amarga? — ele perguntou.



Toby foi até a escrivaninha e fingiu distrair-se com o peso que Michael usava para prender papéis. A pergunta direta a deixara ainda mais nervosa.

— Não quero brigar, mas você me faz sentir tão frustrada, Michael.

— Por que não tenta? Algumas pessoas dizem que sou um bom ouvinte.

— O problema não é você — ela começou, virando-se para encará-lo. — Não há nada de errado com você. É minha culpa. Eu planejei, passo a passo, como queria que minha vida acontecesse, e casamento não fazia parte desses planos. Pelo menos, não por enquanto.

— Desculpe se fui inconveniente. O tom sarcástico irritou-a demais.

— Vai começar com a guerra fria? Nesse caso, vou-me embora agora mesmo e poupá-lo da inevitável discussão!

Ele afrouxou o nó da gravata e desabotoou o colarinho com gestos nervosos e suspirou profundamente, como se tentasse manter o controle a todo custo.

— O que espera que eu diga? Que voltarei mais tarde, quando você tiver tempo para mim? Que mandarei um telegrama daqui a dez anos? Ou será que eu deveria persegui-la, implorando seus favores, como um cão sem dono?

— Por que está preocupado sobre o que fazer agora? Ao longo de toda esta semana, não me pareceu hesitante em momento algum!

— Escute senhorita — ele falou entre os dentes —, não fiz nada contra a sua vontade. Você não expressou qualquer objeção. Sinto-me atraído por você e não vejo nada de errado em admitir que sou um homem, e tenho necessidades e desejos. Está zangada porque, na verdade, aprecia cada minuto passado a meu lado. Mal pode esperar que a abrace, ou beije ou, simplesmente, a toque. Qual é o problema, afinal? Por que se esforça tanto em negar o que está bem debaixo do seu nariz?

Michael enfatizou seu argumento, passando de leve os dedos pelo rosto de Toby, explorando cada detalhe dos olhos, da boca. Notou que ela arfava a cada toque, que suas mãos tremiam.

— Diga que não quer que eu a beije.

— Eu... — Toby gaguejou, procurando algo para dizer, mas não concluiu a frase. O desejo de sentir os lábios de Michael colados aos seus suplantava sua capacidade de raciocinar.

Ela se colocou na ponta dos pés, aproximando-se do corpo dele. O colarinho aberto deixava à mostra um pequeno triângulo nu, logo abaixo do pescoço de Michael. Toby tocou-o de leve com os lábios, aspirando o aroma de limão, já muito familiar. Deslizou o rosto pelo peito dele e, sem pensar, seguindo apenas os impulsos da paixão, enlaçou-o pela cintura e começou a puxar-lhe a camisa para fora da calça, ansiosa por afagar-lhe os músculos rijos das costas.

Depois de travar uma batalha cerrada consigo mesmo para resistir à demonstração de afeto de Toby, Michael não se envergonhou da derrota. Para ela, era mais fácil mostrar-lhe como se sentia, do que admitir que estivera errada. Ele já reprimira demais os sentimentos e desejos por aquela mulher, e concluiu que não faria sentido desgastar-se ainda mais com palavras desnecessárias.

— Você é a mulher mais linda que já conheci — Michael murmurou, enquanto retirava os grampos do cabelo dela, permitindo-se sentir a maciez dos cachos quase dourados.

Sentou-se na beirada da escrivaninha, puxou-a para si, enlaçando-a entre seus braços e pernas.

— Nunca mais vou deixar você sair de perto de mim — declarou.

— Promete?

Toby encontrou a resposta no brilho apaixonado dos olhos escuros que a fitavam e sentiu-se imensamente feliz por ver-se aprisionada no abraço de Michael. Acariciou-lhe os cabelos, a nuca e o pescoço, deleitando-se com cada nuance das reações que o contato lhe despertava. Saboreou, também, cheia de prazer, as demonstrações que ele lhe dava do quanto essas carícias o agradavam.

Quando Michael inclinou-se, tomando-lhe o rosto entre as mãos, Toby se entregou ao beijo sem restrições, quase pedindo que ele lhe mostrasse mais e mais dos caminhos que um homem e uma mulher que se amassem podiam trilhar juntos. A recompensa pelo gesto destemido foi a sensação mais alucinante e embriagadora que já experimentara. Em meio aos pensamentos enevoados, ocorreu-lhe a pergunta: onde estava com a cabeça ao pretender negar seu amor por Michael?

Momentos depois, quando Michael tentou afastar-se, ela o prendeu junto a si. Ele podia sentir-lhe o corpo trêmulo todo colado ao seu, e teve vontade de beijá-la inteira, não apenas seus lábios. Entretanto, ao tentar afastar-se pela segunda vez, ela gemeu baixinho em sinal de protesto.

Sem descolar os lábios dos dela, Michael sussurrou:

— Há tantas outras coisas que podemos fazer com nosso amor, Olhos de Anjo... Deixe-me mostrar.

Toby deixou-se guiar pela experiência dele. Jogou a cabeça para trás, num misto de embriaguez e despertar, enquanto Michael desabotoava sua blusa. Sobressaltou-se quando ele enterrou o rosto entre seus seios, mas o prazer de sentir-lhe os lábios a roçar sua pele suplantou a hesitação inicial. O coração parecia querer saltar para fora do peito, e as pernas estavam prestes a se dobrar ao peso de seu corpo, quando Michael ergueu-se abruptamente.

— Vou trancar a porta. Não quero ser perturbado por ninguém.

Toby observou-o atravessar a sala e sorriu da boa sorte de estar apaixonada por um homem tão atraente e excitante. Michael era o sonho de toda mulher, e era seu, todo seu. Ao vê-lo virar-se e dirigir-se para ela, não se conteve e declarou:

— Amo você, Michael. Ele sorriu.

— E eu sou capaz de qualquer coisa por você. Sei que posso fazê-la feliz.

Toby esperou pelas palavras, as únicas três palavras de que precisava para ter sua vida completa e feliz, porém Michael não disse mais nada. Ele parecia não compreender o quanto era importante para ela saber que seu amor era correspondido na mesma intensidade.

— Você já fez um verdadeiro discurso, dizendo que casar-se comigo seria a decisão mais sensata de sua vida, mas que não acredita no amor — Toby falou com medo crescente das consequências daquele confronto. — Está disposto a admitir que estava errado?

— Meu maior erro é permitir que as palavras atrapalhem nosso relacionamento. Toda vez que conversamos, acabamos discutindo e nos afastando. Portanto, não diga mais nada, minha querida.

— Não, Michael. Não vou me calar. — Toby sabia que sua voz soava mais alta e estridente e que suas palavras eram frias. Mesmo assim, não foi capaz de recuperar o controle. — Você não mudou nada, e eu fiz papel de tola mais uma vez!

Michael abraçou-a, rezando para que ela o escutasse.

— Meu anjo — ele começou com humildade —, você é tudo o que sempre procurei em uma mulher. Quero que seja minha esposa e mãe dos meus filhos. Não consigo pensar em motivos mais sérios e nobres para um homem desejar uma mulher!

— Preciso ouvi-lo dizer que me ama. Acredito no amor como única razão para um casamento. Pretendo casar-me por amor, e só por amor. E, é claro, espero ser amada da mesma forma. Será que estou querendo demais?

— Está pedindo a única coisa que não posso lhe dar, ao passo que despreza todo o resto. Podemos ser felizes juntos, Toby. Quero mostrar-lhe que a relação entre um homem e uma mulher pode ser inteiramente gratificante. Quero acordar todas as manhãs e deparar com seus cabelos espalhados sobre o meu travesseiro. E meus filhos precisam de alguém como você em suas vidas.

Toby afastou-se de um pulo e não tentou sufocar as lágrimas que lhe banharam as faces. Abotoou a blusa e ajeitou-a dentro da saia.

— Não compreende Michael, que por toda a minha vida as pessoas sempre precisaram de mim? Quero ser amada não porque eu posso ser boa mãe, ou porque tenho boa aparência, nem mesmo porque convide um homem para a minha cama. Quero escolher para marido alguém que não consiga sequer imaginar a vida sem mim.

Michael cobriu o rosto com as mãos por um instante, à procura das palavras certas.

— Sei que isso machuca, mas está me pedindo o impossível. Não acredito no amor, pois acho que ele acaba, morre. Mas o que temos é algo que pode durar para sempre.

— Você não me ama, mas quer casar comigo. Não faz o menor sentido! Ele segurou-a pelos ombros com firmeza.

— Toby, por favor, acredite: o que existe entre nós dois é muito mais forte que amor. Confie em mim. Tudo o que quero na vida é casar com você e ter uma família grande e feliz. Paul e Suzanne precisam de mais irmãos...

— Claro! — Toby o interrompeu consciente de que Michael desejava exatamente o que ela não tinha coragem para lhe dar. Oferecera-lhe seu amor, mas não podia oferecer a própria vida. — Você quer uma casa cheia de crianças, não é, Michael? E acha que seria maravilhoso se eu deixasse o teatro, antes mesmo de ter começado minha carreira, para ir viver com você e sua mãe, para criar nossos bebês.

Entusiasmado por Toby finalmente concordar com suas ideias, Michael nem percebeu o tom amargo na voz dela.

— Ah, não iríamos morar com minha mãe. Posso não ser rico, mas tenho condições de comprar uma casa para viver com minha esposa e filhos — ele se apressou em explicar com um largo sorriso.

— Mas eu não pretendo deixar o teatro, Michael. Gosto do que estou fazendo e não quero ter filhos. Pelo menos por enquanto.

— Acho que nunca vou entender o que se passa nessa sua cabeça. O que quer, afinal? Não posso acreditar que se contentaria em viver como minha amante!

— Oh, sim — ela falou sarcástica. — Sr. Von Feldman — imitou com afetação —, quero apresentar-lhe minha amante, a filha do reverendo Robert Wells, e a famosa estrela do teatro, Toby Wells. — Fez uma mesura e, em seguida, empertigou-se e endureceu a expressão. — Não, obrigada.

— Diga, então, o que quer. — Michael sentia-se cada vez mais confuso e impotente diante do dilema criado entre eles.

— Em Nova York, as pessoas não têm o hábito de ficarem noivas? — ela perguntou com inspiração súbita. Se conseguisse adiar a decisão por tempo suficiente, tinha certeza de que acabariam resolvendo todos os problemas que impediam um entendimento satisfatório. Encontrara a solução perfeita para ambos. — Dessa forma, podemos encontrar um ponto de equilíbrio entre nossas diferenças.

— Ficaré satisfeita com isso? Um pequeno diamante em seu dedo vai fazer com que fique a meu lado?

— Sim! — ela respondeu, surpresa de que Michael não parecesse contrariado por sua proposta.

— E o que faremos quanto a isto? — Ele a tomou nos braços num beijo arrebatador, cobrindo-a de carícias cada vez mais ousadas.

Mais uma vez, Toby viu-se impedida de resistir ao desejo intenso de entregar-se a Michael. À medida que as mãos dele percorriam seu corpo, a boca explorava a sua mais e mais profundamente, ela se viu ansiosa por despir-se e eliminar assim todo e qualquer obstáculo para um contato verdadeiramente íntimo.

— Se ficarmos noivos, estaremos negando a Natureza. Todos os seres vivos obedecem às leis da Natureza e, mais cedo ou mais tarde, nós também teremos de nos submeter a elas — Michael argumentou. — Você foi criada dentro de princípios cristãos, e eu duvido que vá se sentir bem em assumir uma relação não legalizada. Vamos casar amanhã.

— Amanhã? Mas, amanhã será a nossa estréia! — Todo o esquema de Toby caía por terra.

— Então, casaremos na próxima segunda-feira, nosso primeiro dia de folga.

— Mas... — Toby parou de falar. Afinal, o que estava questionando? Encontrava-se em beco sem saída, mas nem sabia ao certo se queria encontrar a saída. — Muitas providências seriam necessárias. Não tenho tempo de planejar um casamento, agora.

— De quanto tempo precisa? — Michael pressionou, alerta de que Toby tentava, de propósito, adiar a decisão.

— O bastante para que sua mãe e eu nos tornemos amigas, para que as crianças se acostumem comigo e o teatro adquira alguma estabilidade. Então vou querer uma grande festa de casamento, com a presença de minha família.

Michael resignou-se ao adiamento, conhecendo Toby o suficiente para saber que, se a pressionasse, ela não hesitaria em afastar-se novamente.

— Está bem. Creio que será interessante misturar os Wells e os Sedaine. Toby ficou radiante com o acordo.

— Interessante ou arriscado?

— Acho que vai ser a combinação perfeita. Você tem Rosie, e eu tenho Ansel. Cléo poderá mimar Suzanne quanto quiser, e Mo terá de ensinar Paul a jogar.

Ao pensar em informar Rosie que Ansel passaria a ser seu parente, Toby começou a rir. Os dois vinham se provocando e flertando o tempo todo, desde o dia em que haviam se conhecido.

Como fizesse muito tempo que Michael não a ouvia rir com vontade, o som provocou-lhe imensa alegria. Abraçou-a com ternura.

— Devo me ajoelhar a seus pés e pronunciar um pedido formal? — ele perguntou num sussurro.

— Tudo o que deve fazer é ser sempre meu — Toby murmurou em resposta e beijou-o

da maneira que ele a ensinara a fazer.

A estréia aconteceu em um lindo dia do outono, tornado perfeito pela comunicação de Michael ao elenco de que ele e Toby estavam noivos. A notícia foi dada a todos quando se encontravam reunidos no palco para instruções de última hora.

— Ora, mas isso é sinal de boa sorte — Chantelle falou ao abraçar e beijar Toby. — Uma novidade como esta no dia da estréia só pode significar sucesso para nosso show.

Toby se dirigiu para o camarim, como se andasse sobre nuvens. Antes que pudesse fechar a porta, Rosie entrou para ajudá-la a vestir-se, maquiar-se e pentear-se.

— Tem muita gente na porta do teatro? — Toby perguntou nervosa.

— O bastante para lotar a platéia. Ansel pode ser um fanfarrão, mas sabe fazer propaganda.

Toby sorriu.

— Bem, vejo que melhorou.

— O quê?

— Ontem você se referiu a ele como cretino.

— Melhor que chamá-lo de cafajeste.

— Rosie! Veja como fala! — Toby censurou. — Ansel logo fará parte da família.

— Quando será "logo"? — Rosie perguntou com cinismo.

— Ainda não marcamos a data.

— E nunca marcarão.

— De onde tirou essa ideia? — Toby começava a irritar-se com a irmã desmancha-prazeres.

— Conheço você melhor do que imagina. Depois de bancar ama-seca para todos nós durante dez anos, não vai se atirar nos braços de um marido, especialmente um que já tenha filhos.

A verdade exposta daquela maneira crua enfureceu Toby.

— Será que você nunca tem nada de bom para dizer, Rosamunda?

— Estou apenas sendo honesta. Mas, não entenda mal. Não estou criticando sua atitude; ao contrário, acho que pela primeira vez agiu com inteligência.

— Está me acusando de alguma coisa?

— Sim, de manipular Michael. Conseguiu que ele abrisse este teatro para que você pudesse realizar seu grande sonho.

Toby levantou-se abruptamente da cadeira em que se sentara para arrumar os cabelos. Virou-se furiosa para a irmã.

— Acredita que seria capaz de fazer uma coisa dessas?

— Não se sinta ofendida, querida irmã. Como já disse, não estou criticando. Na verdade, admiro sua coragem e esperteza.

— O que chama de esperteza, considero falta de caráter, e jamais usaria Michael dessa forma. Deixe-me sozinha. Não preciso de sua ajuda — Toby a expulsou com frieza.

Rosie deu de ombros num gesto insolente.

— Como quiser Toby. — Dito isso, saiu do camarim e bateu a porta atrás de si.

Nos bastidores, Caleb cumprimentava Michael.

— Parabéns, camarada! Algum de nós tenho sorte, enquanto o resto continua esperando.

Michael tinha um segredo, um plano com o qual esperava ajudar os amigos, mas não queria partilhá-lo com Caleb por enquanto. Conversara com um advogado, antigo colega

de escola, especializado em leis internacionais. Se fosse possível, Michael pressionaria Dominic Reynard a conceder o divórcio a Chantelle. Entretanto, ainda não tinha dados seguros sobre as possibilidades de sucesso. Enquanto não dispusesse de informações confiáveis a respeito do assunto, não arriscaria despertar falsas esperanças em Caleb.

— Como vão as coisas entre você e Chantelle? — perguntou com ar casual. Interessava-se pela situação dos dois, mas não queria parecia intrometido.

— Mais ou menos como a atuação da Espanha em Cuba — Caleb brincou, referindo-se à notícia recente de que a Espanha havia se rendido aos Estados Unidos.

— Devo entender que declararam uma trégua?

— Eu diria que suspendemos as hostilidades, mas não reatamos relações amigáveis.

Michael riu da maneira como Caleb fazia um paralelo entre sua relação amorosa e a política internacional.

— Acho que estão precisando de um mediador imparcial.

— Conhece algum?

— Se conhecesse, já o teria contratado. — Michael deu de ombros. O burburinho do outro lado da cortina alertou-os de que já era quase hora de começar o show. Caleb segurou Michael pelos ombros, como se quisesse assegurá-lo de que tudo correria bem.

— Posso não ser capaz de conquistar Chantelle definitivamente, mas tenha certeza de que conquistarei esta multidão aí fora.

— Nunca duvidei disso — Michael confessou, devolvendo o gesto de confiança do amigo. — Arrase-os!

— Onde você vai estar? Aqui atrás?

— Não. Chegou a hora de deixar que vocês, artistas, tomem conta do espetáculo. Assistirei ao show da última fileira.

Embora tivesse transmitido calma e segurança a Caleb, Michael suava frio quando tomou seu lugar segundos antes da cortina subir. Mesmo tendo sido informado por Ansel de que não haviam deixado de vender um único ingresso, suas preocupações cresciam em escalada. Não se tratava só do receio de um fracasso financeiro, apesar do risco ser considerável. Sete mil dólares por semana, apenas para manter as portas abertas, não era uma quantia desprezível. Os salários de duzentas pessoas, contando artistas, apresentadores, equipe de bastidores e músicos haviam provocado um grande rombo em seu orçamento.

Entretanto, receios de outra ordem suplantavam o risco financeiro. E se ele tivesse subestimado o público nova-iorquino e, assim sujeitado seus amigos a críticas arrasadoras? Preocupava-se mais com Toby, Caleb, Patrick Casey e os demais integrantes do elenco do que com seu saldo bancário.

O primeiro número tinha a função de descontrair o público e, aos olhos de Michael, o malabarista que equilibrava um jogo completo de móveis de sala na ponta do nariz atingiu seu objetivo. A platéia aplaudiu sua façanha e riu às gargalhadas quando o malabarista mostrou-se incapaz de deixar o palco, sem tropeçar nos próprios pés.

No teatro de revista, risada era sinônimo de dinheiro. Cada número apresentado representava uma batalha com vistas na conquista e animação do público. Se a reação se mostrava fraca em relação ao esperado, o artista encorajava a audiência a participar do número, fosse com um simples estalar de dedos, ou cantando e acompanhando o ritmo animadamente em suas poltronas.

Após o oitavo número, Caleb tomou seu lugar ao piano, e houve uma mudança



imediate no clima reinante. As pessoas não sabiam bem o que esperar. Um pianista sozinho era, geralmente, sinônimo de um recital clássico enfadonho. A audiência emitiu um audível suspiro de desapontamento.

Caleb precisou de apenas uns poucos acordes para tranquilizar a platéia. Poucos instantes depois, todos acompanhavam, cheios de entusiasmo, o que o programa apresentava como ragtime. Uns batiam os pés no chão, seguindo o ritmo da música, outro se balançavam animados, e outros ainda batiam palmas.

Caleb explorou a aprovação, dando seguimento à sequência de canções programadas. Ao final dos trinta minutos de apresentação, a platéia aplaudiu de pé, gritando "Caleb, Caleb, Caleb", até que ele ergueu as mãos pedindo que se acalmassem e permitissem a apresentação do número seguinte.

Michael não cabia em si de satisfação. Todos os seus temores desvaneceram, e ele se permitiu sair para o saguão a fim de saborear a sós a vitória de Caleb. Desde que o conheceu em Saint Louis, tivera a certeza de que o compositor fora abençoado com um talento raro. Ainda assim, era animador saber que toda a cidade de Nova York concordava com sua opinião. Agora, só restava esperar que Toby alcançasse o mesmo sucesso.

Decidiu esperar a vez dela para voltar a seu lugar, julgando os outros números pela reação da platéia, que ele podia ouvir com nitidez de onde estava. Atento, não ouviu nenhuma vaia, e sim muitos aplausos e pedidos de bis. Se as críticas nos jornais do dia seguinte não considerassem o Pantheon o teatro com o melhor espetáculo em cartaz na temporada, ao menos não destruiriam sua reputação.

Depois de semanas de ensaio, Michael sabia exatamente em que momento Toby faria sua entrada. Assim, quando a orquestra tocou a introdução, ele voltou sorrateiramente para sua poltrona. A ansiedade que o consumira até a apresentação de Caleb agigantou-se. Sabia o que aquele momento significava para ela, por quanto tempo ela acalentara o sonho através da infância e adolescência, de exibir seu talento ao público. O sonho havia mudado, passando do caminho de compositora para o de cantora. De qualquer modo, todas as esperanças de Toby estavam depositadas naquela apresentação. Qualquer que fosse o veredicto, Michael ficaria a seu lado, fosse para enxugar-lhe as lágrimas, ou para dar o beijo da vitória.

Não conseguiu dominar a tensão por mais que três segundos. Sufocado pela ansiedade, saiu para o saguão e dirigiu-se para a saída do teatro. Não havia nada que ele pudesse fazer àquela altura, senão esperar por Toby nos bastidores. Tomou a entrada lateral a fim de alcançar a porta dos fundos, onde deu de encontro com Chantelle, que saía apressada.

— Também se sente aflita? — ele perguntou.

— Ela não vai aguentar o peso da decepção, caso o público não reaja com o máximo entusiasmo.

— Talvez eu tenha cometido um grande erro ao encorajá-la — Michael murmurou.

— Tentar impedir Toby seria o mesmo que tentar parar uma locomotiva —. Chantelle confortou-o.

— Também pensa assim?

Chantelle soltou sua risada contagiante.

— Pessoas como Toby provocam tempestades onde quer que vão. Nada continua a ser como antes depois de sua passagem.

— Senti isso na pele.

— É verdade. Você não é o mesmo sujeito formal e empolado que conheci em Saint Louis — Chantelle concordou, recordando o discurso de Michael na abertura da audição.

— Por outro lado, Toby não é mais uma garotinha do Missouri.

— E foi, algum dia? Desde o primeiro dia, sempre a vi como uma mulher cheia de autoconfiança.

— Não se deixe enganar — Chantelle advertiu. — Por trás da aparência de coragem, existe uma mocinha apavorada.

— Quando a trouxe para Nova York, fiquei sinceramente preocupado que algo de ruim pudesse lhe acontecer — Michael insistiu. — Mas, acredite aquela mocinha não se deixa intimidar por nada, nem ninguém.

— Posso estar errada, mas não concordo. Acho que você não devia acreditar em tudo o que ela diz. Nem ela mesma compreende boa parte do que se passa em seu íntimo.

— E você compreende? — Michael ficou confuso com as palavras de Chantelle. Primeiro Caleb fizera o comentário incompreensível sobre pregos; agora, Chantelle parecia falar através de enigmas.

— Compreendo o bastante para não acreditar que ela seja tão forte quanto faz parecer. A mulher destemida e insolente esconde uma jovem muito frágil.

— Creio que conheço e entendo os medos de Toby — Michael garantiu —, mas nosso noivado é a solução para todos eles.

— Assim espero — Chantelle desejou com sinceridade, embora duvidasse que a proposta de Michael tivesse dissipado os temores que Toby manifestara em relação aos filhos dele. — Fico contente que ela tenha finalmente lhe falado sobre seus receios.

— O que mais ela lhe disse? — Michael questionou ao mesmo tempo em que se perguntava se ela tinha realmente dito alguma coisa a respeito de receios e temores.

— Nada em especial — Chantelle afirmou, percebendo que Michael se sentia ansioso. — Lembre-se de que Toby não teve uma mãe com quem pudesse se aconselhar, como a maioria das garotas tem. Assim, ela às vezes desabafa suas dúvidas comigo. Não é diferente de quando você e Caleb saíram para o passeio no parque, tarde da noite, e conversaram sobre algumas coisas que os preocupavam.

— Ele mencionou nossa conversa?

— Sim, e não fiquei nem um pouco ofendida.

A menção de Caleb proporcionou a Michael a oportunidade perfeita para sugerir sua ideia:

— Chantelle, você consideraria um insulto se eu tentasse ajudá-la a obter o seu divórcio?

— Insulto? Não, mas não há nada que você possa fazer. Tentei todos os meios de convencer Dominic a legalizar nossa separação, mas ele se recusa a assinar os papéis.

— Um amigo meu é um excelente advogado especializado em leis internacionais. Ele me deve alguns favores, e pensei em cobrá-lo, pedindo ajuda para o seu caso. Esse homem pode ser bastante persuasivo, se necessário.

A ênfase dada por Michael à palavra "persuasivo" chocou Chantelle.

— Está falando de alguém poderoso o suficiente para falar uma língua que Dominic Reynard seja obrigado a compreender?

— Exatamente — Michael garantiu e deu uma risada.

Mesmo que ele falhasse, aquela era a melhor coisa que alguém já se oferecera a fazer

por ela, e Chantelle ficou alguns segundos olhando para Michael, boquiaberta, sem pronunciar palavra. Recuperando-se da surpresa, falou num murmúrio:

— Faria isso por mim?

— Por você e por Caleb.

Lágrimas encheram os olhos de Chantelle, e ela lhe deu um beijo agradecido no rosto.

— Obrigada.

— Não diga nada a Caleb — Michael pediu. — Não vejo por que alimentar suas esperanças por enquanto. Será um segredo só nosso.

— Não vai contar a Toby?

— Não.

Michael não gostava de espalhar seus planos, especialmente antes de saber se poderia levá-los a cabo. Nesse instante, Caleb pôs a cabeça no vão da porta.

— Toby acaba de encerrar seu número. Entrem e ouçam o resultado.

Assim que Michael atravessou a soleira da porta, pôde ouvir os aplausos e pedidos de bis que lhe asseguravam que Toby havia conquistado o sucesso. Abriu caminho por entre os funcionários instalados nos bastidores e correu para cumprimentar Toby assim que ela desceu do palco.

— Eles gostaram de mim, Michael! — ela gritou, saltitando como uma criança.

— Eles adoraram você — Michael disse com uma risada, contagiado pelo entusiasmo dela. Gentilmente, empurrou-a de volta para o palco. — Volte para curvar-se aos aplausos mais uma vez, Srta. Wells.

Observando Toby fazer uma medida graciosa, ele sentiu alguém segurar seu braço. Olhando por cima do ombro, viu que Rosie também observava a irmã.

— Ela é ótima, não é? — ele perguntou, sem tirar os olhos de Toby.

— Sim, ela é boa — Rosie concordou com certo desdém. — Mas, minha irmã sempre foi boa em conseguir o que quer.

Toby havia comentado com Michael que Rosie tinha uma língua ferina, mas era a primeira vez que ele a ouvia pronunciar um comentário cáustico.

— Estou enganado ou você está amargurada?

— Se quer pensar assim — ela respondeu dando de ombros. — Ou, se quiser, pode aceitar o conselho de uma amiga. Você acaba de perder a noiva. Toby encontrou um amante muito mais satisfatório esta noite, o palco.

Indignado, Michael segurou-lhe o pulso com força.

— Não se atreva a repetir isso, ou qualquer coisa parecida. Do contrário, será despedida.

— Está bem. Mas, um dia, vai se lembrar de que eu o avisei.

Michael observou-a afastar-se e, por alguns instantes, deixou-se atingir pelo comentário maligno, perguntando-se por que razão ela diria tal coisa. Então, decidiu que não permitiria que uma garotinha mimada lhe pusesse minhocas na cabeça e estragasse a noite que fora um sucesso completo.

Enquanto os componentes do elenco trocavam de roupa, Michael telefonou para o hotel Buckingham e falou com o maítre. Pediu que reservassem mesas no restaurante para uma festa. Era comum no teatro comemorar a noite de estréia, e ele não negaria a sua equipe o prazer de celebrar seu sucesso, mesmo que não se tratassem de artistas do teatro tradicional, mas do teatro de revista.

Esperou que estivessem todos reunidos para anunciar a surpresa. Quando viu que não

faltava ninguém no palco, falou:

— Quero agradecê-los pela dedicação ao trabalho e convidá-los para um jantar no Buckingham esta noite.

Toby beijou-o de leve no rosto.

— É uma ideia maravilhosa, Michael.

Enquanto Michael a enlaçava num abraço inocente, Rosie aproximou-se.

— Posso ir na sua carruagem? — perguntou a Michael.

— Terminou a checagem dos trajes e verificou se estão todos em ordem para o show de amanhã? — Michael inquiriu com frieza.

— Michael? — Toby interferiu.

— Quando Rosie foi contratada, ficou acertado que uma de suas funções seria cuidar do guarda-roupa após cada espetáculo. Ela pode se juntar a nós quando tiver cumprido suas tarefas.

Michael estava consciente de que não poderia excluir Rosie da comemoração, mas podia adiar seu divertimento.

— Ele tem todo o direito, Toby — Rosie declarou com calma e afastou-se.

Quando subia na carruagem, Toby interrogou Michael sobre o incidente.

— Pode explicar sua atitude absurda em relação a Rosie?

— Estou apenas tentando ensinar a sua irmã a ter um pouco de respeito. Ela precisa aprender a se comportar como se deve.

O tom rude com que Michael falou do assunto não era usual. Toby sentiu-se tentada a perguntar mais. Entretanto, algo na voz dele alertou-a de que deveria encerrar o assunto como estava. Estava evidente que os dois haviam tido algum tipo de desentendimento — nada para se estranhar, em se tratando de Rosie.

Michael e Toby foram para o hotel juntamente com Caleb e Chantelle. Os quatro falavam sem parar sobre o espetáculo, interrompendo um ao outro, tecendo elogios mútuos e rindo dos pequenos erros cometidos.

— Vocês viram aquele dançarino que perdeu o sapato no meio do número? — perguntou às gargalhadas. — Ele continuou a dançar até o fim, como se nada tivesse acontecido!

— E o adestrador de cães? — Toby acrescentou, sem conseguir parar de rir. — Quando o vira-lata preto recusou-se a parar de latir, pensei que o homem ia desmaiar!

— Mas a platéia pensou que aquilo fazia parte do show — Chantelle explicou. — Vão esperar pela mesma coisa na matinê de amanhã.

Os quatro foram os primeiros a chegar ao Buckingham, seguidos pelo restante do elenco e da equipe de produção. Durante toda a festa, Michael não teve a oportunidade de passar nem um minuto a sós com Toby. Sua mãe, que o surpreendera ao aparecer para a estréia, tomou-lhe todo o tempo com elogios e congratulações.

— Michael, querido — Laura declarou assim que chegou —, o show foi espetacular. Eu sempre disse que você tinha perfeita noção do que o público espera.

— Você tem um jeito estranho de demonstrar confiança, mamãe — Michael falou com ironia. — Da última vez que conversamos a respeito, disse que eu estava prestes a me transformar no maior motivo de riso de toda a Nova York.

— Ora, aquilo foi preocupação de mãe.

— Então, confia na minha capacidade de julgamento?

— Claro!

— Então vai dar sua bênção quando eu lhe disser que eu e Toby estamos noivos?

Michael estudou a reação de Laura. Ela empalideceu, parecendo prestes a desmaiar. Mas Hugo Von Feldman e sua esposa que acompanhavam a conversa de perto, sorriram.

— Uma mulher e tanto, garoto — Hugo cumprimentou, apertando a mão de Michael. — Desejo que sejam felizes.

— Mamãe — Michael pressionou —, não tem nada a dizer?

Antes que Laura pudesse responder, Toby interrompeu, sem querer, a conversa particular:

— Michael, Joel Greenpasture acabou de chegar. Parece estar morrendo de ciúmes!

— Cuidado! A velha raposa vai lhe oferecer o dobro do salário atual para me deixar.

— Impossível — Toby garantiu e pôs-se na ponta dos pés para lhe dar um beijo no rosto.

— Acabei de dar a mamãe as boas novas — Michael falou, pegando a mão de Toby.

— E, como não consigo pensar em um momento mais apropriado, vou também dar-lhe seu anel de noivado agora mesmo.

Ele havia planejado colocar o anel no dedo de Toby em uma situação mais íntima, mas o olhar irado de sua mãe levou-o a decidir-se por uma apresentação pública e imediata.

Quando Toby abriu a caixinha de veludo azul e viu o diamante reluzente dentro dela, perdeu a voz. Havia lido que algumas mulheres ganhavam um anel de brilhante como presente de noivado, mas nenhuma de suas amigas tivera tanta sorte. Prendendo a respiração, movimentou a pedra, observando os diversos reflexos produzidos pelo efeito da luz que incidia sobre a gema.

— É lindo — falou num murmúrio, ainda hipnotizada pelo tamanho e pela beleza do anel.

— Experimente — Michael pediu e colocou o solitário no dedo de Toby, para depois beijar-lhe a mão. — Tenho certeza de que seremos felizes juntos; você, eu, Paul e Suzanne.

Retirando a mão das de Michael, ela virou-se para Laura a fim de mostrar-lhe o anel. Embora sorrisse, estava furiosa. Por que Michael tinha de estragar o que deveria ser o momento mais bonito de sua vida, lembrando-a de que não se casaria apenas com ele, mas com mais dois Sedaine?

— Não é bonito? — dirigiu-se a Laura, estendendo a mão para uma inspeção detalhada.

— Muito bonito. Michael, você mandou colocar o diamante de Lillian em um novo engaste para dá-lo a Toby? Parece a mesma pedra.

Michael fechou a caixinha azul com força bastante para quebrá-la.

— Suzanne terá o anel da mãe, assim que tenha idade para usá-lo. Está guardado no cofre.

— Tem razão. Como sou distraída. A pedra de Lillian era bem maior. Toby olhou primeiro para Michael, depois para Laura. Mãe e filho empenhavam-se em uma batalha cruel, e ela era a arma com que se agrediam mutuamente.

— Acho que precisamos conversar Michael. Em particular.

Começou a afastar-se, mas Michael colocou o braço em torno de seu ombro e puxou-a de volta.

— Não há nada a dizer, Toby. Mamãe ficou tão surpresa e entusiasmada com a notícia de nosso noivado que se expressou mal. Na verdade, ela está muito contente. Não é,

mamãe?

Laura sabia quando lutar e quando bater em retirada.

— Ora, mas é claro! Toby há tantas providências a tomar, que você e eu teremos de começar a planejar as coisas imediatamente. Em primeiro lugar, devemos escolher uma boa costureira e modista para cuidar de seu vestido de noiva e do novo guarda-roupa. Tenho certeza de que Michael vai levá-la a uma excursão por todo o continente em sua lua-de-mel.

Num piscar de olhos, Laura havia humilhado Toby, planejado o casamento, insultado sua maneira de vestir e decidido sua lua-de-mel. Se Toby permitisse que ela interferisse em sua vida por um segundo sequer, nada mais poderia detê-la.

— Chantelle cuidará de meu vestido, meu pai realizará a cerimônia e ainda não sabemos se teremos condições de deixar Nova York para uma viagem mais longa.

— Por que não? — Laura perguntou, referindo-se ao último comentário de Toby.

— Sra. Sedaine, Michael precisa de mim no palco. Devo apresentar doze shows por semana. Não podemos deixar a cidade.

Até aquele momento, Michael não se dera conta do quanto Toby estaria ocupada. Perguntou-se como arranjariam tempo para estarem juntos e, pior, para construírem uma vida comum.

— Não será possível você continuar com esse seu hobby depois de se tornar esposa de meu filho — Laura declarou. — Não seria apropriado.

— Mamãe — Michael interrompeu, pondo um fim antecipado à discussão que Laura pretendia criar —, Toby e eu ainda não discutimos nosso futuro.

— É verdade — Toby concordou. — Mas, Michael sempre incentivou minha carreira. Estou certa de que não fará qualquer objeção ao fato de sua esposa se apresentar em seu próprio teatro.

Com isso, afastaram-se de Laura e deram as devidas atenções aos demais convidados. Pouco depois, Michael sussurrou no ouvido de Toby:

— Está pronta para sairmos?

— Ainda não.

— Ora, pensei que voltaríamos ao teatro e faríamos nossa festinha particular — ele disse, enquanto abria o paletó e mostrava a garrafa de champanhe escondida.

Toby hesitou. Embora a ideia de passar a noite com Michael fosse tentadora, ela temia as consequências. Se passassem horas e horas juntos, sem a companhia de mais ninguém, nenhum dos dois resistiria ao desejo que crescia cada vez que se viam nos braços um do outro. Se ela aceitasse que ele lhe fizesse amor, haveria a possibilidade de uma gravidez. E Toby não se atreveria a jogar com a sorte, arriscando-se a transformar seu pesadelo em realidade.

— Ah, Michael. Estou exausta.

Michael sabia que Toby mentia. Era fácil perceber que ela estava agitada e animada com o sucesso do show e não iria para cama muito antes do amanhecer.

— Não deixe mamãe estragar nossa festa de noivado. Ela sempre tem dificuldade para se adaptar a mudanças e situações novas. Quando tiver a oportunidade de conhecer você melhor, vai tratá-la como a uma filha.

— Deus me livre de uma coisa dessas! — Toby não pôde se conter. — Michael, por que não explicou a sua mãe que não vamos nos casar tão cedo? Do modo como o assunto foi tratado, pareceu que vamos nos casar na semana que vem, e não no ano que



vem.

— Ano que vem? Quem falou sobre o ano que vem?

— Apenas pensei que você queria esperar que o Pantheon começasse a dar algum lucro e...

— Não dou a mínima para dinheiro!

Olhando através do salão, Michael viu que Rosie chegava em companhia de Ansel. Ela ria às gargalhadas de alguma piada que ele não pudera ouvir. Ou seria ele, Michael, o grande motivo dos risos. Odiou Rosie por ter-lhe plantado a semente da dúvida a respeito de Toby. Por outro lado, não podia deixar de especular se ela havia falado a verdade.

## CAPITULO XII

— Papai — Suzanne perguntou —, você acha que Toby vai ficar contente de ver a gente?

— Vai ficar desapontada — Paul respondeu antes que o pai pudesse falar.

— Toby gosta muito de vocês dois — Michael falou em tom de crítica ao comentário do filho. — Ela pergunta por vocês todos os dias.

Michael esperava que o primeiro dia de folga do teatro lhe desse uma oportunidade de ficar a sós com Toby. Entretanto, sua mãe destruíra seus planos por completo. Diante das crianças, Laura havia criticado a atitude do filho de passar quase todas as noites fora de casa, o que o afastava da convivência com a família. Assim, não restou alternativa senão incluir Paul e Suzanne no passeio na praia.

Havia, porém, uma maneira mais inteligente de avaliar os resultados da sugestão de Laura. Toby importava-se bastante com as necessidades e carências das pessoas em geral e, tanto Paul quanto Suzanne precisam dela. Que outro método seria mais eficaz para provar tal necessidade do que levar as crianças? O conhecimento levava à afeição que, por sua vez, levava ao sentimento de ternura. E este era o ingrediente essencial para o desenvolvimento de um amor maternal.

— Se não fizerem barulho, podemos surpreendê-la — Michael falou, enquanto ajudava Suzanne a descer da carruagem. — Toby! — chamou, empurrando as crianças para o alpendre. — Está pronta?

O som da voz de Michael fez com que Toby se sentisse como um pássaro engaiolado, que acabara de ser posto em liberdade. Ela desceu a escada correndo, planejando recebê-lo com um beijo. Até providenciou uma saída teatral, girando a sombrinha rendada como as dançarinas faziam em certo número do Pantheon.

— Búú! — Suzanne gritou, saindo de trás do pai. — Surpresa! Toby vinha evitando o contato com Paul e Suzanne por ser incapaz de conviver com as crianças sem desenvolver um vínculo afetivo profundo. Mas ao ver o rostinho sardento e o nariz arrebitado da menina não resistiu e tomou-a num forte abraço.

— Foi uma excelente ideia convidar Paul e Suzanne para o piquenique — ela disse. Quando soltou Suzanne, afagou carinhosamente o ombro de Paul. — Senti saudades de vocês.

— Eu disse que ela ia ficar contente de ver a gente! — Suzanne falou em tom acusatório dirigindo-se ao irmão. — Toby não odeia você.

Antes que Toby pudesse intervir, Paul beliscou o braço da irmã, como Mo teria punido Cléo por revelar seus segredos.

— Ai! — Suzanne gemeu e enterrou o rosto na saia de Toby, buscando proteção.

— As irmãs mais novas têm o dom de humilhar a gente, não é Paul? — Toby demonstrou compreensão pelo gesto do menino, ao mesmo tempo em que afagava os cabelos de Suzanne. — Tenho uma irmã que adora me fazer passar vergonha, mas não acho que você deveria machucar Suzanne.

— Ela é burra — Paul desabafou.

— Ela não é burra — Toby explicou —, mas está errada em contar aos outros o que você diz. Por outro lado, Suzanne tem razão quando diz que eu não odeio você. Para falar a verdade, acho você um jovem muito agradável, exceto quando belisca sua irmã. — Ela piscou para Paul, adicionando um toque de humor na censura.

— Aqui estão os Sedaine — Michael anunciou tardiamente. Até aquele momento, não se dera conta de que Toby era tão boa atriz. Notara o desapontamento que fizera seus ombros caírem por um curto instante quando ela viu as crianças, e ficou contente em constatar que ela desejava passar o dia a sós com ele. Por outro lado, sentia-se orgulhoso em saber que ela era capaz de contornar a situação e esconder suas emoções quando necessário.

— Paul, pode fazer o favor de pegar a cesta de piquenique na cozinha? Suzanne, você pode trazer o cobertor. Está tudo sobre a mesa — Toby distribuiu as tarefas rapidamente.

Michael puxou-a para si, no momento em que as crianças os deixaram a sós. Há dias não sentia o perfume de seus cabelos e a maciez de seu corpo, e estava faminto do prazer que o contato lhe proporcionava.

— Senti saudades! Como posso trabalhar com você o dia todo e parte da noite e ter a impressão de que nunca consigo estar com você? — ele falou num sussurro entrecortado, afastando-se com relutância.

— Para citar um de nossos melhores amigos, "não há segredos nos bastidores". Creio que devemos manter nossa vida profissional separada de nossa vida particular.

— Senti medo de que tivesse mudado de ideia de novo — Michael confessou, tocando no anel de noivado no dedo de Toby.

— Acho que vai apreciar meu pedido de desculpas por ter tratado você como patrão a semana inteira — ela falou com voz lânguida, mordendo-lhe a orelha em seguida e deslizando os lábios pelo rosto de Michael, até beijar-lhe a boca com intensidade. Ouviu Paul e Suzanne discutirem sobre quem levaria a cesta e o cobertor. Assim, interrompeu o beijo antes que Michael pudesse corresponder.

— Minha vez — ele disse e puxou-a de volta.

— Sua vez chegará esta noite, quando estivermos sozinhos. Surpreso, Michael observou os olhos azuis de Toby cintilarem com um brilho sugestivo.

— O que tem em mente, menina? — ele perguntou com suavidade.

— Senhoritas de respeito — ela falou em tom de zombaria —, não falam dessas coisas em plena luz do dia.

Sem que Michael tivesse tempo de compreender o que ela queria dizer, Toby passou a ponta da língua pelo pescoço dele até alcançar-lhe o lóbulo da orelha, onde parou para murmurar: — Elas simplesmente fazem!

O bom humor e o jeito brincalhão de Toby afastaram todas as suspeitas que Rosie havia levantado. Naquele momento, Michael estava mais fascinado pela mulher atrevida a sua frente do que estivera por qualquer outra mulher que tivesse conhecido. Até mesmo Lillian. A comparação era impossível e indesejada, mas serviu para lembrá-lo de que não precisava ser tão cuidadoso e lógico. Afinal, podia entregar-se ao prazer de estar ao lado de alguém que só lhe trazia alegria e descontração.

— Vamos parar com isso ou passaremos o dia aqui, olhando um para o outro, e sabe Deus o que mais! — Afastando-o, gritou para dentro: — Paul, Suzanne, estão prontos?

— Se não nos apressarmos, perderemos o último dia ensolarado antes da chegada do inverno! — Michael reforçou o chamado.

Não pôde deixar de sorrir quando viu as pernas curtas e finas de Suzanne apressadas a fim de poder acompanhar o passo mais firme e largo de Paul, a cesta de piquenique equilibrada entre os dois, com o cobertor ajeitado sobre a tampa.

— Michael — Paul chamou —, eu lhe disse que Toby não desejava nossa companhia hoje. Esta cesta tem duas porções de cada coisa. Ou será que planejaram comer na nossa frente, sem nos oferecer nem um pedacinho?

— Não passou por sua cabeça que eu queria deixar espaço para o caso de comprarmos uns doces gostosos? Ou você não gosta de doces? — Toby provocou.

Não era à toa que o menino não conseguia ganhar uma discussão ou levar a melhor com Toby quando os dois se empenhavam em alguma disputa. Ela era dona de uma língua afiada e rápida, sempre pronta para respostas imprevisíveis.

Toby estendeu a mão para Suzanne e deixou que Michael cuidasse de Paul. Mais um pouco e daria um belo puxão de orelha no menino mal-educado. Se Mo falasse com ela naquele tom, ela o obrigaria a recolher pedregulhos para a entrada do jardim, até que tivesse pedrinhas suficientes para construir um muro.

Parando em frente à confeitaria, Toby perguntou: — Algum pedido especial? Suzanne, o que vai querer?

— Bolo de chocolate.

— Paul?

Toby teve de apertar os dentes a fim de conservar o sorriso enquanto Paul dava uma demonstração elaborada de seu processo de escolha. Ela o assistiu cocar a cabeça, morder a ponta do dedo, caminhar até a vitrine e espiar o que havia em exposição, antes de lhe perguntar:

— Acha que eles vendem pêssegos ou morangos frescos?

— É claro que não — Michael respondeu irritado.

Embora não pronunciasse nem uma palavra, Toby entrou na loja e pediu uma grande variedade de doces, bolos e tortas, aproveitando para comprar uma porção de salgadinhos, também. No quarteirão seguinte, ganhou a cooperação de Paul, quando deixou que ele e a irmã escolhessem os refrigerantes. Mais adiante, em uma banca de jornal, avistou seu periódico favorito e comprou um exemplar.

— Esta revista sempre traz as melhores histórias — ela comentou enquanto folheava as páginas, distraída. — Quando estivermos na praia e as crianças forem brincar, pode deitar a cabeça no meu colo e ouvir-me ler em voz alta.

Toby recusava-se a permitir que as tentativas de Paul em estragar o dia alcançassem sucesso. Ao mesmo tempo, sua espontaneidade era contagiante. Na esquina, havia uma garota vendendo flores, e Michael parou para admirá-las.

— Tem lilases? — ele perguntou, querendo comprar o tipo de flor que sempre associava a Toby.

A menina fitou-o como se ele fosse louco.

— Não, senhor. Lilases só florescem em maio. Terá de esperar até a próxima primavera. Mas tenho margaridas selvagens, e estão lindas. Veja.

— Perfeitas para uma mulher indomável! — Ele escolheu um grande buquê de margaridas para Toby e um pequeno arranjo de violetas para Suzanne. — Para as duas mulheres da minha vida.

— Ah, são lindas! Mas vão murchar com este calor. — Toby preocupou-se.

— Deixe de ser tão prática, ao menos por um dia — Michael reclamou.

— Nunca ganhei flores antes — Suzanne declarou, chamando a atenção de Toby.

Ela olhou para a garotinha e se surpreendeu a expressão mais feliz que já pudera observar em Suzanne. Seus olhinhos brilhavam e um sorriso radiante iluminava-lhe as feições enquanto ela enterrava o nariz no pequeno buquê. Se tivesse talento para a pintura, Toby teria immortalizado a cena em uma tela.

— Obrigada, Michael — Suzanne agradeceu.

Uma sombra passou pelos olhos de Michael e Toby estava alerta para motivo: ele não gostava que seus filhos o chamassem pelo nome de BATISMO; apenas tolerava o hábito.

— Suzanne, poucas meninas chamam seus pais pelo nome — Toby falou com suavidade. — Por que não chama Michael simplesmente de papai? Sempre chamei meu pai assim.

- Obrigada, papai — Suzanne falou com hesitação, antes de estender a mãozinha para Michael.

Todos os ingredientes para um dia perfeito estavam presentes: o clima agradável, o dia de folga, boa companhia e comidas deliciosas. Entretanto, Toby sabia que Paul estava prestes a pronunciar um daqueles seus comentários capazes de arruinar o humor de todos. Antecipando-lhe as más intenções, evitou o comentário, dizendo:

— A balsa já vai partir. O último a chegar lavará os pratos! Michael tomou Suzanne em um braço e a cesta de piquenique no outro enquanto Toby agarrava a mão de Paul, e os quatro saíram correndo pela plataforma. Os demais passageiros riram com vontade quando eles embarcaram.

Toby suplantou Michael, quando suspendeu a saía e saltou o espaço entre o ancoradouro e a balsa.

— Vamos, é fácil — ela garantiu. — É o mesmo que saltar um riacho. Suzanne escapou do braço do pai e imitou Toby com facilidade.

— Somos garotos da cidade, não temos muita prática em saltar riachos — Michael explicou, embora saltasse em seguida, aterrissando ao lado das duas e quase derrubando a cesta. — Pode rir à vontade, foi você quem me deu o peso para carregar. Vamos Paul. Você consegue.

Paul deu um pulo, atirando-se contra Suzanne e derrubando-a no chão.

— Muito fácil — ele falou com um sorriso irônico para Toby.

— Paul, não havia necessidade de derrubar Suzanne — Toby respondeu contrariada, enquanto erguia a menina do chão e limpava a sujeira de seu vestido.

— Mas foi fácil como disse que seria, Srta. Wells.

Toby cerrou os olhos e contou até dez. Quando os reabriu, Paul estava distraído, olhando os outros barcos vizinhos. Ela decidiu não estender o assunto.

Suzanne juntou-se ao irmão na amurada e Toby correu na direção deles, temerosa de que Paul atirasse a irmã para fora da balsa. Enlaçou a menina num gesto protetor.

— Ele não teve a intenção de derrubá-la — Michael assegurou, quando Paul se afastou para sentar-se em dos bancos.

Em breve, Toby teria de conversar seriamente com Michael e insistir que ele impusesse maior disciplina sobre o comportamento cruel do filho, mas aquele não era o momento adequado para repreender Michael por permitir que o filho fizesse o que bem entendesse. Toby estava determinada a não deixar que um garotinho mimado de oito anos lhe estragasse o dia.

— Vamos comer assim que chegarmos à praia. Estou faminta — ela disse.

Dando-lhe um rápido beijo no rosto, Michael falou em tom de provocação:

— Não perca esse apetite.

— Isto é apenas a entrada — ela assegurou, apontando para a cesta. — Você é o prato principal — acrescentou em um tom sedutor.

— Sedaine ao vinagrete?

— Espero que seja Sedaine sem qualquer cobertura.

— Está ficando cada dia mais espertinha!

A tarde transcorreu sem incidentes, com o sol cálido e uma leve brisa fresca. Paul decidiu suspender, ao menos temporariamente, seu comportamento agressivo, e Suzanne, parecendo reconhecer a atitude amigável do irmão, concordou em ajudá-lo a construir um castelo de areia depois do almoço. Observando-os esforçarem-se em transformar um amontoado de areia úmida em uma forma definida, Toby deu-se conta de que havia esquecido o prazer que crianças podiam acrescentar a um passeio.

Mais tarde, Michael e Suzanne pegaram no sono, enquanto Toby lia para eles. Ela observou Paul brincando sozinho, lutando uma batalha imaginária em torno de seu castelo. Ele atirava pedras nas torres e reproduzia os sons apropriados de tiros, explosões e gritos. Com cuidado, Toby ajeitou a cabeça de Michael sobre seu xale e juntou-se a Paul.

— Quem está ganhando? — perguntou, inclinando-se sobre o castelo.

— Ninguém.

Ele apanhou um graveto no chão e bateu contra as torres do castelo, destruindo-o parcialmente. Toda vez que Toby tentava aproximar-se de Paul, ele reagia com irritação e ela se perguntou por que ele a detestava tanto. Pelo bem de Michael, teria de fazer o possível para se entender com Paul de maneira satisfatória. Assim, resolveu tentar uma estratégia diferente.

— Meu irmão, Mo, tem um saco cheio de cowboys. Ele tem muito orgulho de seus atiradores especiais.

— Hã...

— Gosta de alguma coisa além de jogos de guerra?

— Não.

— Nem de beisebol? Tenho certeza de que seria um excelente batedor — ela disse, calculando que um elogio quebrasse o gelo do garoto.

— Não gosto de jogos de equipe. A gente tem de depender dos outros — ele respondeu. — E sempre tem alguém que erra a jogada ou manda a bola para fora.

— Mas não se joga sempre pela competição — Toby explicou. — Já experimentou jogar apenas por brincadeira?

— Para quê?

Toby teve de pensar antes de responder.

— Bem, acho que vai se sentir bem por estar ao ar livre, num dia bonito como o de hoje, principalmente se puder se divertir com os amigos.

— Não tenho amigos.

— Você gosta de ler? — Toby insistiu. — Qual o seu autor favorito?

— Cumpro minha tarefa de leitura toda noite. Michael falou o contrário? — Paul se colocou na defensiva.

Determinada a não aceitar a derrota, Toby voltou ao único assunto que parecia interessar ao menino.



— Seu pai me disse que você tem um exército completo de soldados de brinquedo. Disse, também, que sua coleção é a maior de Nova York. Você me mostraria, um dia?

— Não são de brinquedo, são miniaturas. Na verdade, trata-se de réplicas perfeitas. E por que lhe mostraria? Não me parece que esteja realmente interessada. Por favor, Srta. Wells pare de fingir que gosta de mim. Suzanne acredita que se importa com ela, pois é uma criança, mas eu sei que só quer se casar com Michael.

Toby agarrou Paul pelo braço, forçando-o a virar-se e encará-la.

— Não é verdade que apenas tolero vocês. Suzanne é uma menininha adorável, e você, um jovem inteligente que pode ser agradável se parar de tecer comentários amargos o tempo todo.

Observou Paul levantar-se e espalmar a areia da roupa.

— Não está na hora de acordar Suzanne e Michael? — ele perguntou antes de dar-lhe as costas e caminhar em direção à água.

— Não se atreva... — Toby desistiu de falar, uma vez que seria pura perda de tempo. Ao longo dos anos, cuidara de muitas crianças: seus irmãos, os amigos deles, os filhos dos paroquianos. Entretanto, jamais conhecera uma delas que fosse tão resistente ao relacionamento quanto Paul. Embora não o compreendesse, estava certa de que havia algo errado com sua obsessão por guerras e soldados. Mas não era mãe de Paul, e era Michael quem deveria cuidar da educação e desenvolvimento do garoto.

A lembrança de Michael fez com que se virasse à procura do guarda-sol sob o qual ele e Suzanne dormiam despreocupados. Os dois formavam um quadro bonito e tranquilo, mas já estava ficando tarde e Toby não podia deixá-los dormir mais. Andando na ponta dos pés, foi até ele e passou-lhe uma margarida pelo nariz a fim de despertá-lo.

— Acorde bicho-preguiça — ela cantarolou. — Está na hora de começar a se mexer.

Michael esfregou os olhos e viu que Suzanne ainda dormia, e Paul não se encontrava à vista. Sentindo-se livre para dar vazão aos desejos contidos durante o dia inteiro, segurou Toby pelos punhos e lutou, até dominá-la e tê-la presa sob seu corpo. Ela parecia um anjo com os cabelos soltos parecendo um halo iluminado.

— Quando vai se casar comigo? — ele sussurrou.

Fazendo beicinho, ela falou como se fosse uma criança prestes a chorar:

— Só respondo se você me soltar.

— Por favor, diga quando poderemos nos casar. Você decide a data.

— Adivinhe! — ela provocou.

Aprisionada sob o peso do corpo de Michael, Toby viu-se forçada a assisti-lo no ritual de tirar pétala por pétala da margarida, recitando: novembro, dezembro, janeiro, até chegar ao veredicto: outubro.

— Ah, assim não vale! — ela protestou.

— Então, marque o dia — Michael insistiu e abaixou-se para beijar-lhe as faces, o pescoço, os lábios. Sentia-se fortemente tentado a devorá-la em sua paixão, mas deixou-a afastar-se.

— Você não presta Michael — ela fingiu contrariedade e levantou-se para ajeitar a saia amarrotada.

— Não machuque Toby, papai — Suzanne pediu, sentando-se e esfregando os olhos sonolentos. — Os meninos não devem lutar com as meninas.

— Isso mesmo, Michael. Ouça sua filha — Toby aproveitou a deixa. Michael segurou o dedão do pé de Suzanne, fingindo que ia arrancá-lo caso não obtivesse a resposta

desejada.

— Vai sempre defender a Toby? Será que as mulheres são assim tão unidas?

— Formamos uma equipe mais que unida. Não é, mascote? — Toby perguntou à menina sorridente.

— Toby e eu — Suzanne fez uma mímica afetada, deliciando-se com tanta atenção.

Michael deixou-as brincando e foi juntar-se a Paul na beira da água.

— Achou algo interessante, filho? — perguntou ao ver que o menino inspecionava a areia encharcada.

— Não muito. Só algumas pedrinhas.

— Posso ver?

Paul entregou-lhe as pedras e perguntou com ar pensativo:

— Gosta mesmo de Toby?

— Sim, gosto.

— Eu não. Ela é muito comum.

Michael reconheceu de imediato nas palavras do filho o tom de sua mãe. Amaldiçoou Laura por envenenar o espírito da criança.

— Você mal a conhece para julgá-la. Trata-se de uma boa moça, e quero que seja educado e gentil. Compreendeu Paul?

— Sim, senhor.

— Amo você, Paul — Michael declarou, dando-se conta de que a última vez que externara seus sentimentos ao filho acontecera havia anos. Inclinou-se e segurou o menino pelos ombros com firmeza. — O fato de eu gostar de Toby não quer dizer que não ame você. Sei que tenho andado ocupado demais e não tenho passado muito tempo com você e sua irmã. Mas isso vem acontecendo por causa do meu trabalho, e não por culpa de Toby.

— Os outros pais voltam para casa depois do trabalho.

— Eu também vou voltar, prometo. Muita coisa vai mudar. — Michael ergueu os olhos para onde Toby sentava-se com Suzanne em seu colo e penteava-lhe os cachinhos vermelhos. — Muito em breve.

Os quatro passearam a beira-mar até as estrelas encherem o céu com seu brilho de diamantes. Na travessia de volta, Toby ajeitou as duas crianças adormecidas no cobertor em um dos bancos e pediu a Michael que a acompanhasse ao deque.

— Senti saudades de um céu estrelado como esse. No Missouri, costumava passar horas e horas deitada no quintal, estudando as estrelas. — Toby suspirou. — A iluminação intensa de Nova York torna difícil reconhecer as constelações. Fico imaginando quantas crianças não estão crescendo nesta cidade, sem nunca terem ouvido falar dessas coisas.

Michael posicionou-se atrás de Toby, enlaçou-a pela cintura, puxando-a para bem perto, e encorajou-a a recostar a cabeça em seu peito.

— Ninguém sente falta do que nunca viu — ele afirmou. — Eu não saberia do que você está falando, se não tivesse viajado pelo interior. — O que realmente lhe passava pela cabeça era o teria sido de sua vida, se não tivesse parado em Saint Louis.

— Que constelação é aquela? — ele perguntou, apontando um grupo de estrelas próximo ao horizonte.

— Não sei. Acho que não conheço — Toby afirmou, depois de localizar as estrelas que Michael apontava.

— Então, de hoje em diante, será a nossa constelação.

— Que nome lhe daremos? Algo em grego, ou latim? Michael ponderou sobre a resposta por um instante, então falou:

— Não. Preste atenção na forma. Não parece uma festa de casamento? — Apontou novamente. — Olhe, lá estão os convidados, e ali, o noivo. Ele é meio apagado, se comparado à noiva, pois ela é a estrela mais brilhante de toda a constelação. Acho que devemos escolher o nome de acordo com ela. Vai se chamar "A Noiva". Nunca imaginei que teria a sorte de conhecer alguém como você.

Toby virou-se para encarar o rosto másculo e atraente. Sentiu vontade de chorar. Mesmo quando se mostrava terno e romântico, Michael não confiava nela o bastante para dizer que a amava. Entretanto, ela não tinha o direito de criticá-lo. Concordara em casar com ele, embora estivesse consciente das razões para aquela união. As vezes, perguntava-se se toda a relação não passava de uma fantasia. Talvez um dia, acordasse e descobrisse que tudo se fora, como num passe de mágica. Seria o anel em seu dedo, apenas um meio de evitar a dor e o sofrimento que a verdade traria? Michael a queria e precisava dela, mas não a amava. E ela jamais conseguiria ser a esposa que ele procurava. No final, o desapontaria tanto quanto Lillian. Esta, ao menos, havia sido mulher o bastante para dar-lhe filhos.

Quando setembro chegou ao fim, Toby descobriu que suas reservas de energia estavam se esgotando. Dois shows por dia, seis dias por semana, a estavam esgotando física e emocionalmente. Os dias em Saint Louis em que havia cuidado da família, bem como todos os afazeres domésticos, e ainda trabalhado para Michael o dia todo, pareciam brincadeira de criança se comparados ao seu ritmo atual.

E não era apenas o corre-corre do teatro que a deixava naquele estado. O sentimento de culpa a corroía por dentro. Toda vez que começava a dizer a Michael que não sabia quando estaria pronta para marcar a data do casamento acabava encontrando uma desculpa plausível para mais um adiamento. Seu segredo, quanto mais tempo permanecia guardado, mais monstruoso e assustador se tornava. Vivia atormentada por perguntas sem resposta que a impediam de conciliar o sono. Como podia amar Michael e não querer casar-se com ele?

Sozinha em seu camarim, Toby suspirou profundamente. Michael tornava-se mais insistente a cada dia e ela não seria capaz de continuar adiando a decisão por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, teria de confessar que não estava pronta para assumir o risco de constituir uma família e, pior, talvez jamais estivesse.

Procurando na bolsa, encontrou a última carta escrita por Gwen e a releu. Estava repleta de notícias e novidades sobre a família, e sobre as conquistas de seu pai nos sermões de domingo. Se tivesse tido o bom senso de ficar em Saint Louis, pensou, não estaria diante de uma decisão tão difícil. Se...

Apanhou o sapato e atirou-o contra a parede. Durante a vida inteira encaminhara suas ações segundo as necessidades alheias, e ela se sentia cansada de acomodar as coisas para todos, isso começara antes de sua mãe morrer, e continuava independente de onde ela estivesse.

Bebês de verdade haviam substituído suas bonecas quando ela ainda era uma criança. Vivia trocando fraldas e ninando bebês, quando suas amigas reclamavam dos bordados e das aulas de piano. Nunca tivera a chance de tomar o caminho mais longo para casa, quando um colega de escola se oferecia para carregar seus livros, pois tinha apressar-se

para preparar o jantar. Os trabalhos de escola vinham sempre em último LUGAR depois que a louça fosse lavada, as roupas estendidas e o chão encerado. Não era justo!

Atirando o outro sapato na parede, Toby começou a chorar. O medo de repelir o destino da mãe era tão intenso que não havia nada que ela pudesse fazer para afastá-lo. Sentia-se impotente enquanto as palavras do médico pouco antes de Irina falecer ecoavam em sua mente. O Dr. Harris dissera que sua mãe não teria forças para dar à luz aos gêmeos. Então, afagando os cabelos de Toby, comentara o quanto ela era parecida com Irina.

Exausta, ela apoiou a cabeça na armação do biombo. Havia mais um temor, a dura realidade. Qualquer caminho que decidisse trilhar levaria à perda de Michael. Se casasse com ele e evitasse a gravidez pelos métodos modernos, ele ficaria desconfiado e acabaria descobrindo a verdade. Sua mentira destruiria seu casamento e Michael teria tanta mágoa dela quanto tinha de Lillian.

Por outro lado, se dominasse o medo e enfrentasse uma gravidez, apenas para cumprir a profecia do Dr. Harris, então estaria traindo suas convicções mais profundas. Toda criança tinha o direito de ter pai e mãe que cuidassem de seu desenvolvimento e educação, até que pudesse cuidar de si mesma, quando a idade certa chegasse. Qualquer escolha que fizesse a levaria à traição de alguém a quem amava.

Michael entrou sorrateiramente no camarim, pensando que Toby estaria tirando um cochilo antes do show. Em vez de adormecida em sua poltrona, ela estava apoiada no biombo, de costas para a porta, vestindo apenas seu fino robe de seda. Michael ficou chocado por constatar como ela estava magra, os ossos dos ombros quase ferindo o tecido delicado.

— Toby? — ele chamou baixinho. — Está tudo bem? Ela se virou e fitou-o como se fosse um fantasma.

— Estou bem.

— Parece um trapo!

— Obrigada, Sr. Sedaine — ela agradeceu com ironia. — Se não tem nada de bom a dizer, por favor, vá embora.

— Por que está fazendo isto consigo mesma? — Michael agarrou-a pelos pulsos finos, forçando-a a olhar-se no espelho. Toby emagrecera mais de cinco quilos e parecia doente.

— Caso não tenha percebido, tenho trabalhado muito.

— Demais! Por que está agindo dessa forma? — Ele não compreendia seu fanatismo, quando ela poderia deixar o palco, ao menos temporariamente.

— Sonhei com isto desde que era criança — ela respondeu com voz fraca, perguntando-se quando alterara seus planos, deixando de querer tornar-se uma compositora de sucesso para transformar-se em estrelado teatro de revista.

— Bem, a carreira está transformando sua vida em um pesadelo — Michael declarou com frieza;

— Você é o criador e eu, a criatura. A ideia de abrir um teatro foi sua.

Michael não tinha argumentos contra essa afirmação. Ao providenciar que Toby tivesse um palco para realizar seu sonho e ao mesmo tempo permanecer a seu lado, ele havia construído uma prisão para ela.

— Desista, Toby. O Pantheon não precisa de você. Encontraremos outro número para substituir o seu. Além disso, Caleb está aumentando sua apresentação com mais e mais

ragtime, a pedido do público.

— Está querendo dizer que sou dispensável?

— Não. Estou dizendo que é valiosa demais. Desista desta loucura e pare de adiar nosso casamento. Vamos marcar a data e cuidar de viver uma vida tranquila. Podemos ter um filho, ou dois, se quiser... — ele implorou.

Descontrolada, Toby avançou para ele, esmurrando-o no peito, com a pouca força que lhe restava.

— Vai me substituir, não é? Então, vai me transformar em uma égua reprodutora! E se eu não cooperar? Vai arranjar outra esposa? Ou, quem sabe, saia por aí com uma nova estrela a tiracolo!

Michael segurou-lhe os punhos com força.

— O que deu em você, afinal?

— Gosto de ser estrela. Adoro o palco e minha carreira. E você quer que eu jogue tudo fora! — ela gritou.

— Está esgotada. Este trabalho está acabando com você.

Em vez de se acalmar com a compaixão que ele demonstrava, Toby continuou no ataque:

— Uma vez você disse que eu poderia fazer tudo o que quisesse, que não devia permitir que nada nem ninguém me impedisse a realização. Estava falando sério?

— Sim — ele respondeu, recordando a conversa que tiveram com Caleb e Chantelle, logo depois de Toby ter se mudado para Nova York. Fora sincero na ocasião, embora não fizesse ideia do preço que ambos pagariam pelo encorajamento. — Eu disse que toda mulher devia ter o direito à ambição, além da família. Acontece que você escolheu só a ambição.

— E o que significa o nosso noivado?

— Uma farsa que vem servindo de desculpa para você adiar o casamento e fazer tudo o que tem vontade, exceto deitar-se em minha cama.

Ela tentou esbofeteá-lo, mas ele a impediu.

— A verdade dói, não é? — Michael falou com amargura. — Onde está a doce filha do pastor que sentia vergonha de me beijar?

Toby jamais sentira vergonha de seu amor por Michael. Deixara que ele pusesse palavras em sua boca, apenas para evitar os temores que ela não conseguia superar nem admitir.

— Ah, Michael — ela falou por entre as lágrimas que lhe banhavam as faces —, vou me casar com você. Por favor, seja paciente. Assumi um compromisso com este teatro e não vou mudar de ideia só porque estou cansada.

— Mas o proprietário lhe deu permissão para isso. Seu patrão quer uma esposa, não uma cantora desgastada.

— Por favor, entenda que não há nada de errado em relação a você. Se eu desistir agora, vou me sentir como se estivesse fugindo, e passarei o resto de minha vida imaginando como teria sido se tivesse continuado.

Michael procurou a verdade nos olhos de Toby, e não pôde forçá-la a escolher entre o palco e ele. Muitas mulheres, quando colocadas diante de uma decisão como aquela, tornavam-se amargas em relação a suas vidas e a seus maridos. Ele servira como bode expiatório para Lillian, e não permitiria que a situação se repetisse com Toby. Queria uma mulher que o amasse, uma esposa que se deitasse a seu lado de livre e espontânea

vontade.

Espiando o relógio sobre o aparador, Toby anunciou:

— Meu número é o próximo. Dê-me um beijo de boa sorte. Depois que ela se vestiu e foi para o palco, Michael demorou-se no camarim, brincando com os objetos de Toby espalhados por todo o aposento. Então, deu uma risada amarga. Caleb havia demonstrado ciúmes de sua relação com Toby, inveja pelo noivado. Ah, se ele soubesse! Depois de todo o festejo do noivado, Michael descobrira-se impotente diante da determinação de Toby em continuar com as apresentações, sentia como se estivesse vivendo no inferno.

Seus instintos gritavam, avisando-o de que Toby estava lhe escondendo alguma coisa, e quanto mais que ele tentava forçá-la a revelar seu segredo, mais ela se afastava dele. Michael vinha lutando contra a tentação de acreditar nas insinuações maldosas de Rosie, mas a cada dia tornava-se mais difícil para ele ignorar a maledicência da outra.

Pela primeira vez, notou a grande quantidade de flores que enfeitavam o camarim. Eram presentes de admiradores, homens que sonhavam em conquistar os favores de Toby, mandando-lhe buquês caros. Michael havia se acostumado com o excesso de atenção que ela recebia e nunca se sentira ameaçado pelos fãs de Toby. Mas naquela noite, sentia-se diferente.

Jogou todas as flores no lixo, certificando-se de que não deixara sequer um botão ali dentro. Sabia que sua atitude era infantil, mas estava cansado de dividir a mulher que amava com o mundo. Cada dia se tornava mais difícil conseguirem passar alguns momentos a sós. Michael não aguentava mais ser o último contemplado, sempre preterido por uma porção de homens que só precisavam comprar um ingresso e sentar-se confortavelmente para desfrutar dos encantos de Toby. Decidiu que não seria mais paciente nem continuaria a alimentar aquela obsessão ilícita que apenas podia ser satisfeita entre uma apresentação e outra.

Tendo extravasado a raiva através da atitude infantil de livrar-se de meros símbolos de admiração, Michael foi procurar Chantelle. Já que não podia resolver a própria vida, ao menos poderia fazer algo de bom pelos amigos de quem tanto gostava. Graças ao advogado contratado por Michael, Caleb e Chantelle logo se tornariam marido e mulher. E ele lhes daria a boa notícia naquela noite.

Satisfeito em saber que ainda existiam eventos que ele era capaz de controlar, Michael procurou pelos bastidores até encontrar Chantelle. Como ela estivesse ocupada, ele falou rapidamente, marcando um encontro no sobrado para depois do show. Embora se recusasse a contar as razões para esse encontro, percebeu pelo brilho nos olhos da amiga, que ela adivinhara a verdade.

Assim que os quatro entraram no sobrado, depois do show, Toby desabou no sofá e, mais que depressa, tirou os sapatos.

— Não está cansada, Chantelle? — perguntou intrigada pela vitalidade contagiante da amiga.

— Não, e tenho o pressentimento de que você também vai se sentir melhor, depois que Michael contar o motivo desta reunião.

Toby olhou para Chantelle, depois para Michael e Caleb, curiosa para saber o que se passava.

— Michael? Do que ela está falando? — inquiriu, sem conseguir esconder a ansiedade.

— Primeiro, vamos tomar um drinque. Temos motivos de sobra para brindar ao futuro



— ele falou devagar, passando o braço em torno dos ombros de Toby. Estivera rezando para que as notícias sobre Caleb e Chantelle a inspirassem a tomar uma decisão.

— Toby, você e eu somos os únicos a não saber o que se passa. Tem ideia do que o seu noivo anda aprontando? — Caleb questionou bem-humorado, embora também curioso.

— Quietos — Chantelle silenciou-o com um sorriso. — Saberá na hora certa. — Serviu quatro copos de conhaque e sentou-se ao lado de Caleb. — Michael, será que Caleb e eu poderíamos passar um fim-de-semana fora? Acha que o teatro pode funcionar em nossa ausência?

— Ficou louca, mulher? — Caleb protestou. — Não podemos nos dar esse luxo!

— Que fim-de-semana prefere? — Michael perguntou, piscando para Chantelle.

— Você decide — ela respondeu, tomando a mão de Caleb nas suas. — Nós nos acomodaremos em função das suas possibilidades.

— Daria para você dois pararem de brincar de gato e rato conosco? — Toby reclamou, começando a irritar-se por sentir-se de fora da conversa.

— Acho que meados de novembro está bem — Michael respondeu à pergunta de Chantelle, ignorando de propósito a frustração de Toby.

— Você dois ficaram loucos de vez! — Caleb objetou.

— Será que estou louca por querer me casar com você? — Chantelle desafiou. — Louca por te amar tanto, que não posso esperar mais?

Caleb perdeu a voz. Durante anos antecipara a alegria daquele momento e passara inúmeras noites em claro, tentando imaginar um meio de libertar Chantelle. Agora que o sonho se tornava realidade era difícil acreditar que finalmente teria sua chance de ser feliz.

— Quer se casar comigo, Caleb MacRae? — Chantelle fingiu um pedido formal.

Toby sentiu as lágrimas umedecerem-lhe os olhos quando Caleb puxou Chantelle para um terno abraço. Ela e Michael deixaram a sala, sem produzir qualquer ruído. Ao chegarem à cozinha, ela procurou a confirmação nos olhos de Michael, e encontrou a resposta silenciosa: sim, Chantelle estaria livre em novembro.

— Você é o homem mais maravilhoso do mundo — ela disse, enquanto se atirava nos braços dele. — Como conseguiu tamanho milagre?

— Apenas conversei com um amigo especializado em leis internacionais. Dominic Reynard não tinha motivação verdadeira para libertar Chantelle até que encontramos o tipo de pressão adequado. Fazia bem à natureza perversa daquele homem interpor-se entre a ex-mulher e uma vida feliz que ela pudesse ter.

— E que tipo de pressão utilizaram?

— Financeira, é claro. Alguns de seus principais compradores nos Estados Unidos convenceram-no de que seu volume de exportação de madeira cairia drasticamente caso ele insistisse em negar o divórcio a Chantelle.

— Quando começou a tratar do assunto?

— Há várias semanas. Chantelle não queria que Caleb soubesse, pois temia que eu não obtivesse sucesso.

Ouviram a porta de a frente bater, e Toby espiou para verificar se Rosie chegara. A sala estava vazia. Ela olhou para Michael e sorriu.

— Acabo de perder uma boa companheira.

— Podemos começar a procurar uma casa para nós?

Toby recuou. Michael não perdia uma oportunidade de pressioná-la. Por quanto tempo ainda ela conseguiria evitar o momento decisivo? A alegria pela felicidade de Caleb e Chantelle só serviu para evidenciar seu impasse. Ressentiu-se porque o poder de Michael, ou seu dinheiro, não eram suficientes para acabar com seus temores.

— Não acho que este seja o momento certo — ela começou, procurando as palavras certas para transmitir as ideias que vinham amadurecendo havia dias em sua mente. — Você tinha razão quando disse que eu devia deixar o Pantheon. Creio que o teatro precisa de novidades. O público já está cansado do meu número. Michael ergueu-a do chão, fazendo-a girar no ar.

— Fantástico! Podemos começar a tomar as providências para o nosso casamento?

— Ponha-me no chão, Michael — ela ordenou, batendo-lhe nos ombros. — Não me deixou terminar.

Ao ouvir a nota grave na voz de Toby, colocou-a no chão devagar.

— Terminar o quê?

— Achei que seria proveitoso para você e para Greenpasture, se fizessem uma troca. Eu iria para a estrada com a companhia dele, enquanto você teria um número inteiramente novo no Pantheon.

Se Toby tivesse lhe dado um murro no estômago, Michael não teria ficado tão surpreso ou ferido.

— Pode repetir o que disse? — ele pediu em tom de exigência, sentindo a necessidade de certificar-se das intenções dela.

— Quero ir para a estrada com Joel Greenpasture — Toby repetiu devagar e com cuidado.

— Há quanto tempo vem planejando isso? — ele acusou. — Já assinou um novo contrato? — Estava surpreso com o próprio controle. Interrogava Toby quando seu desejo era de esganá-la.

— Tenho pensado muito no assunto ultimamente. Achei que você poderia cuidar do meu contrato.

Michael encarou-a, incrédulo. Ela pedia que ele a liberasse de suas obrigações profissionais, desistisse de tê-la a seu lado e, ainda, que fosse cavalheiro o bastante para negociar seu contrato!

— Que diabos, Toby! E quanto a nós? Quando vai ter tempo para marcar um casamento em sua agenda? — ele perguntou aos berros, embora já conhecesse a resposta.

— Mais tarde, Michael. Quando eu voltar a Nova York conversaremos sobre isso.

Rosie estava certa, Michael pensou. Toby jamais tivera a menor intenção de casar-se com ele. Apenas o usara para atingir seus objetivos, como a irmã o havia prevenido.

— Não vai haver casamento algum, não é? — ele perguntou num sussurro.

A pergunta não tinha nada de absurdo. Sentindo-se encurralada, Toby caminhou para ele e abraçou-o, usando de todas as artimanhas em que podia pensar na tentativa de acalmá-lo.

— Temos toda uma vida pela frente. Por que a pressa?

Enfurecido pela demonstração de afeto artificial, Michael pegou-a pelos cabelos num gesto cruel e forçou-a a encará-lo.

— Esses clichês baratos só convencem quando usados no palco. O que aconteceu com a mulher espontânea que conheci no Missouri?

Toby passou os braços em torno da cintura de Michael, mas ele estava decidido a não tomar parte naquela farsa.

— Acha que uns beijinhos vão me apaziguar? Pensa que pode me manter sob o seu domínio com estas artimanhas vulgares? Pois precisará de muito mais, mocinha!

Com gestos selvagens, beijou-a com violência. Sem pronunciar palavra, deitou-a sobre a mesa e começou a desabotoar-lhe o vestido, arrancando os botões em sua fúria.

— Há muito que você brinca comigo, me provoca. Pois bem, chegou a hora de pagar por isto, minha cara.

— Michael! — Toby gritou. — O que está fazendo? Pare com isso!

— Não me deseja? Não é esta a razão desta farsa, afinal? Apenas um recurso para apaziguar sua consciência?

— Está me assustando. O que deu em você? Não sabe que eu te amo? — ela falou com voz estrangulada.

Envergonhado pelo próprio comportamento, revoltado pelo ponto a que o relacionamento havia chegado, Michael recuperou o autocontrole.

— Ama? Você é igualzinha a todas as outras. Não faz ideia do que significa amar. Pelo menos eu não declaro um sentimento que não existe. Você quer que eu faça amor com você, não quer que eu a ame. Isto não passa de um arranjo para satisfazer as necessidades mútuas. E eu tentei legalizar a situação antes de me aproveitar de você.

Ouvindo-o, Toby foi tomada de profunda vergonha e calou-se. Mal podia acreditar que poucos meses antes não passava de uma mocinha ingênua e cheia de esperanças. Seria aquela a vida com que sonhara? Tudo o que conseguira fora magoar e enganar o homem que amava... e perder a própria dignidade no processo.

— Eu nunca quis magoar você. Acredite ou não, Michael, eu te amo.

— Se está falando a verdade, então case comigo agora.

— Não posso.

Ele a fitou com mágoa e raiva num olhar gelado que lhe provocou um arrepio.

— Você pode se livrar de mim, mas não vai escapar ao contrato que assinou comigo. Eu a possuo, Srta. Wells, e vai trabalhar para mim ou jamais conseguirá subir um palco novamente. Garanto que nenhum proprietário de teatro ou companhia musical vai sequer olhar para o seu trabalho se deixar o Pantheon.

— Faria isto?

— Da mesma forma que você me usou, agora eu vou usá-la. Tem de se apresentar na matinê de amanhã. Portanto, vá para a cama e trate de dormir. Está com uma aparência horrível e não quero meus fregueses desapontados por um manequim sem vida.

— Não se preocupe senhor — ela o imitou. — Não vou desapontá-lo, nem a seus fregueses. — Tirou o anel de noivado do dedo e estendeu-o para ele. — Pegue, é seu.

— Guarde com você — ele falou com um toque de crueldade. — Considere como pagamento por serviços prestados.

## CAPITULO XIII

— Vá para o inferno! — Toby amaldiçoou-o, depositando o anel sobre a pia da cozinha com toda força. Pelo canto do olho, viu a faca para cortar carne e apanhou-a. — Veja o que penso de você e seus presentes! — Bateu com a faca no anel como se quisesse destruí-lo até não sobrar nem um caquinho. — Teremos neve em julho, antes que eu me case com você!

— Julho, setembro, fevereiro, quem se importa? — ele berrou em resposta.

— Pensei que você se importasse — Toby murmurou, tendo a raiva instantaneamente transformada em pânico diante da frieza na voz de Michael.

— Não costumo sair por aí dizendo o que não sinto. Mas, se está interessada, podemos ir para a sua cama agora mesmo. Assim poderá fazer por merecer o diamante que lhe dei.

Michael não estava em condições de perceber o quanto feria Toby com aquelas palavras. O orgulho ferido havia tomado conta de seu raciocínio e lançou mão do primeiro insulto que lhe veio à cabeça.

Transtornada, Toby voltou a atacar o anel, desta vez com intensidade redobrada. A lâmina atingiu o diamante em cheio, embora não lhe causasse qualquer dano. Cada vez mais irritada pelo sentimento de impotência diante do comportamento repulsivo de Michael, reforçado pela resistência do diamante, ela golpeou o anel repetidas vezes, até o ouro partir-se. Mesmo depois do ataque desvairado, a pedra continuou intata.

Michael cruzou os braços e assistiu à cena com olhos cheios de rancor e mágoa.

-- Está bancando a tola, Toby. Pode cortar o dedo fora, mas não vai conseguir me ferir ao destruir algo que eu tenha lhe dado. A confiança que depus em você, muito mais importante que qualquer presente comprado, já foi desfeita em mil pedaços.

Ela brandiu a faca com ar ameaçador.

— Talvez você tenha razão, mas não posso deixar de sentir prazer em destruir o símbolo da farsa que vivemos.

Os belos olhos azuis, que antes fascinavam Michael, faiscavam. Toby adiantou-se na direção de Michael, e ele deu um passo para trás, receoso de que ela fosse atacá-lo. Entretanto, ela não tinha essa intenção. Passou por ele como se não houvesse ninguém ali, e encaminhou-se para a sala.

— Pode levar este piano de volta para onde estava antes — ela falou com voz trêmula, as lágrimas rolando por suas faces —, em pedaços. — Ergueu a faca, determinada a golpear o piano como fizera com o anel.

— Não! — Michael gritou ao mesmo tempo em que corria para ela e segurava-a por trás, prendendo-lhe os braços contra o peito. — Não faça isso.

— Solte-me! — Toby ordenou, embora Michael a segurasse com mais força, chegando e erguê-la do chão. — Ponha-me no chão, ou então...

— Ou então, o quê?

— Quebrarei suas pernas! — Ela não só ameaçou como realmente chutou a canela de

Michael com o salto do sapato, machucando-o sem piedade.

— Ai! — Ele respirou fundo, tentando conter o impulso de agredi-la. — Se eu não fosse um cavaleiro, deitaria você nesse sofá agora mesmo e a surraria com força e vontade!

Debatendo-se como louca nos braços dele, lutando para escapar, Toby gritou de volta:

— Cavaleiro? Ha! Que tipo de cavaleiro fica pulando de uma mulher para outra? Está frustrado porque não fui tão cooperativa quanto Emily Lucas, que correu para a cama com você, sem impor qualquer resistência.

— Toby? Michael? — Rosie interrompeu a batalha. Tinha Ansel a seu lado e ambos estavam paralisados na porta de entrada. — Ansel, segure-o! Michael está atacando minha irmã! — Correu para Toby e começou a golpear Michael na cabeça com sua bolsa. — Largue-a!

— Chega, Rosie — Ansel disse e puxou-a para longe de Michael. — Me parece que Michael é quem corre perigo. Sua irmã tem uma faca.

Michael soltou Toby e tomou-lhe a faca.

— Deixem-nos a sós — ordenou para Rosie e Ansel.

— Toby? — Rosie dirigiu-se a Toby, à espera de uma confirmação sobre o que fazer.

— Não dê um passo. Toby falou, ajeitando os cabelos que haviam se soltado durante a luta com Michael. — O Sr. Sedaine já está de saída e não temos mais nada a conversar.

— Está bem — Michael concordou. — Continue fazendo o que fez toda a sua vida: use sua família como escudo.

— O que quer dizer com isso?

— Pobre Toby — ele falou com sarcasmo —, a mártir. Tanto choramingou sobre como foi difícil criar os irmãos e quanto desejava ter sua própria vida. No entanto, quando se viu obrigada a enfrentar o mundo como adulta, cercou-se de familiares de novo!

— Ao menos, posso contar com o amor de minha família — Toby contra-atacou, abraçando Rosie a fim de provar suas palavras.

— Isso é bom, pois tenho certeza de que este será o único tipo de amor que conseguirá em sua vida miserável.

Ansel deu uma risadinha nervosa.

— Acalmem-se — pediu sem jeito. — Se continuarem assim, nunca chegarão ao altar.

— Nós não precisávamos ter ido tão longe — Michael falou com amargura. — O maior erro que cometi em toda a minha vida foi me apaixonar pelo seu número *A Doce Garotinha de Saint Louis*. — Enfatizando os sentimentos que o consumiam, ele enterrou a faca no batente da porta e deixou o sobrado sem olhar para trás.

Ansel, Rosie e Toby ficaram parados olhando a faca que oscilava. Retirando-a da madeira, Ansel falou sombrio:

— Nunca vi Michael tão descontrolado. — Então, estudou Toby, como se a visse pela primeira vez, antes de continuar: — Seja o que quer que tenha feito a ele, foi grave. Nem a morte de Lillian provocou-lhe reação tão forte. Vou atrás dele.

Sentindo-se miserável, Toby sentou-se no banquinho do piano, cruzando os braços apertados sobre o ventre, como se não pudesse suportar a dor que lhe queimava o estômago. Entretanto, o que mais doía era seus corações. Perder Michael, mesmo que ela o tivesse mandado embora, provocava-lhe uma sensação mais devastadora do que havia imaginado. Como podiam ter dito palavras tão horríveis um para o outro quando, ainda na noite anterior, haviam trocado elogios e promessas apaixonadas?

— Suponho que o noivado esteja desfeito — Rosie falou com simplicidade.

— Obrigada pela informação, Rosie. Ainda não tinha percebido.

— Anime-se, irmãzinha — Rosie sugeriu, fazendo um gesto com a mão como se pudesse afastar a depressão num piscar de olhos. — Agora pode começar a virar esta cidade de cabeça para baixo com todos admiradores que rondam os camarins. Até agora, fiquei com todos para mim, mas não me importo em dividi-los com você.

Toby suspirou e sacudiu a cabeça desanimada.

— Rosie, querida, eu te amo. Tenho de amar, uma vez que é minha irmã, mas não gosto do seu jeito, seus clichês ou valores vulgares,

Tentar insultar Rosie produzia o mesmo efeito que tentar afogar um peixe. Ela deu de ombros com indiferença.

— Está abalada, mas isto vai passar. Amanhã, terá esquecido Michael. Afinal, ele serviu para a sua finalidade.

A acusação de Rosie fez com que Toby levantasse de um pulo.

— É a segunda vez que me acusa de usá-lo!

— Talvez seja verdade. Lembra-se de que previ que você terminaria o noivado? Cheguei a dizer isso a Michael.

— Você o quê?

— Eu o avisei que você jamais se casaria com ele. Não havia motivos para deixar o coitado iludir-se ainda mais.

Toby atravessou a sala como um furacão, agarrou Rosie pelos ombros e sacudiu-a como se fosse uma boneca de trapos.

— Como se atreve a interferir em minha vida e encher a cabeça de Michael com mentiras?

— A santa Toby jamais admitirá que não é melhor que eu, não é meu bem? — Rosie zombou. — Quem armou aquela cena ridícula aqui, esta noite? Aposto cada centavo que tenho como não foi Michael!

Derrotada, Toby afastou-se de Rosie.

— Não, não foi Michael.

— Foi despedida? Se foi, tenho certeza de que encontrará outro teatro sem demora — Rosie afirmou em tom prático.

Chantelle havia entrado na sala sem ser notada e ouviu apenas o último comentário de Rosie. Então, olhando a faca sobre o piano e as duas irmãs fitando-se com ar não muito amigável, ficou apreensiva.

— Quem foi despedida? O que esta faca está fazendo aqui?

— Toby pode lhe contar tudo em detalhes. Estou muito cansada, e vou para o meu quarto dormir — Rosie respondeu com indiferença e subiu a escada lentamente.

— Muito bem? — Chantelle inquiriu como uma mãe autoritária. Toby nem sequer reagiu ao tom acusatório na voz da amiga. Desde o início da noite, fora interrogada um sem-número de vezes. Estava exausta.

— Não fui despedida e não quero falar a respeito. Boa noite.

Como fosse deixada sozinha no meio da sala, Chantelle apagou as luzes e foi para a cozinha. Lá encontrou o anel semidestruído de Toby sobre a pia. Segurando-o entre os dedos, falou consigo mesma:

— Pobre querida, seus demônios voltaram a atacar.



Michael nem percebeu que o inverno se tornava mais intenso a cada dia. Sentia-se gelado por dentro desde a noite em que se separara de Toby. Durante todo o mês de outubro evitara qualquer contato prolongado com ela, esperando que, quanto menos a visse, menos sofreria.

Levantando a gola de pele para proteger-se do vento frio e forte que soprava do rio East, ele estremeceu. Tentar negar o vazio que a ausência de Toby provocava seria o mesmo que negar que estava chovendo. E Michael tinha tanto poder para alterar o clima quanto para mudar seus sentimentos por ela.

Em meio à garoa grossa, divisou a fachada do Pantheon, e diminuiu o passo. Uma longa fila de espectadores aguardava a vez pacientemente, batendo os guarda-chuvas uns nos outros, enquanto se moviam lentamente em direção à bilheteria. Nem mesmo o mau tempo ameaçava o sucesso do teatro. Michael, porém, estava indiferente à casa lotada, às críticas favoráveis ou à gorda conta bancária. Nada disso tinha graça sem Toby a seu lado para partilhar o sabor da vitória.

Toby. O simples fato de pensar em silêncio no nome dela já lhe provocava uma dor intensa; vê-la tornara-se uma tarefa impossível. Aos poucos, Michael foi transferindo a administração do teatro a Caleb e Chantelle, permitindo que eles resolvessem qualquer questão com Toby. Caleb tinha um jeito especial de lidar com os integrantes do elenco, e Chantelle provara ser cem por cento eficiente nos bastidores. E, também, havia Toby que cuidava da contabilidade. A sincronia perfeita do trabalho dos três estava deixando Joel Greenpasture enlouquecido e cheio de úlceras. Para Michael, o fator mais importante desse arranjo era que, uma vez distribuídas as funções, ficava cada vez mais fácil manter-se longe de Toby.

Não estaria ali naquela noite se Chantelle não tivesse solicitado sua presença. Entrando pela porta dos fundos, tentou encontrá-la e resolver de uma vez os assuntos pendentes, antes que deparasse com Toby.

— Oi, Michael — Ansel cumprimentou, dando-lhe um tapinha nas costas. — Por onde andou?

— Tenho estado em meu escritório. A Musical Sedaine ainda é meu primeiro amor — Michael respondeu.

— Estranho. Pensei que *Cachinhos De Ouro* — fez um gesto indicando o camarim de Toby —, fosse a dona desse posto.

— Muito engraçado, mas não estou com disposição para piadinhas. Diga-me, como está ela? — Não pretendia perguntar sobre Toby, mas não resistiu à tentação e, imediatamente, amaldiçoou-se pela fraqueza.

— Vá até lá e descubra por si mesmo, meu velho — Ansel enfatizou a palavra "velho", como se Michael estivesse decrépito.

— Deixe para lá. Sabe onde posso encontrar Chantelle? — Michael estava ficando irritado com as brincadeiras sem graça do cunhado.

Ansel apontou para o escritório e Michael começou a encaminhar-se para lá, mas o outro o segurou pelo braço.

— Tem visto Toby ultimamente? Se soprar na direção dela, tenho certeza de que sairá voando. Não me parece que esteja se alimentando, nem dormindo muito bem.

— E daí? — Michael perguntou com voz mais áspera do que pretendia.

— Acho que ela está trabalhando demais.

— É o que ela quer.

— Crianças costumam querer comer todos os doces de uma confeitaria, mas os pais amam os filhos demais para permitir que se empanturrem.

— O que faz o dia todo, Ansel? Fica inventando piadas e tiradas sem graça? Não sou pai de Toby e, no que me diz respeito, ela pode comer toda a fama e fortuna que desejar. — Sem esperar pela resposta de Ansel, dirigiu-se para o escritório.

— Olá — Chantelle cumprimentou-o com um sorriso assim que ele entrou. — Anime-se. Os papéis chegaram hoje. — Ela acenou com o termo de divórcio como se fosse uma bandeira.

— Meus parabéns! — Michael deu a volta na mesa e beijou-a no rosto. — Já marcaram a data?

— Será na próxima sexta-feira, se estiver bem para você.

— Estão impacientes, não? — Michael brincou, sabendo que Caleb e Chantelle haviam esperado anos para poderem casar.

— Caleb queria que casássemos hoje!

— E por que não?

Chantelle levantou-se, foi até o corredor e pediu a um dançarino que fosse chamar Caleb. Deixando a porta entreaberta, apoiou-se na parede.

— Queremos que você e Toby sejam os padrinhos, mas precisamos saber se você se dispõe a aceitar.

Caleb entrou e, ao deparar com o cenho franzido de Michael, falou:

— Pelo que estou vendo, não ficou muito satisfeito com a ideia de ser meu padrinho.

— De onde tirou isso? — Michael forçou um sorriso. — Estou muito mais que satisfeito!

— Então, não se importa que Toby seja minha madrinha? — Chantelle perguntou.

— Claro que não. O que ela acha? — Odiou-se por viver perguntando a todos sobre Toby, o que ela achava, o que estava fazendo, como passava...

— Ela adorou o convite.

— É mesmo? — a resposta de Chantelle soou pouco convincente. — Neste caso, ela representa melhor do que você mente.

Caleb pigarreou e deu um de seus sorrisos irresistíveis.

— Digamos que você não iria querer que Toby escrevesse seu epitáfio.

A brincadeira aproximava-se mais da verdade do que Caleb imaginava. Michael sentia-se morto, sem vida. Seu único interesse naquele momento era não deixar que sua infelicidade atrapalhasse o casamento de Caleb e Chantelle.

— Digam onde e quando devo me apresentar. Estarei lá de casaca e cartola! — Tentou parecer o mais alegre possível.

— Terno e gravata serão suficientes — Chantelle corrigiu.

— Sexta-feira, às dez horas, na prefeitura — Caleb instruiu. — Mas, é só isso o que queremos de você. Lembra-se de que nos prometeu alguns dias de folga?

— Claro.

— Bem, este navio precisa de um capitão — Caleb referiu-se ao teatro —, e você foi eleito para o posto.

Não se tratava de um pedido, mas de uma ordem. O poder que Michael delegara a Caleb voltava-se contra ele agora. O amigo dava-lhe ordens agora, insistindo que ele reassumisse a direção do teatro por alguns dias — uma exigência bastante justa. Mesmo assim, a incumbência o preocupava. Ter de trabalhar perto de Toby fazia desabar sua determinação de tirá-la da cabeça. Vê-la todos os dias seria uma verdadeira tortura, mas

não havia alternativa.

— Fiquem descansados e divirtam-se.

Chantelle e Caleb observaram Michael sair e permaneceram em silêncio durante alguns instantes. Sacudindo a cabeça, Chantelle buscou a mão de seu amado, querendo sentir seu calor depois da frieza com que Michael havia reagido a tudo.

— Gostaria de poder ajudá-los — falou com tristeza.

— Mas não pode — Caleb abraçou-a. — Eles têm de encontrar seu próprio caminho.

— Não aguento mais ouvir Toby chorar todas as noites — Chantelle enterrou o rosto no peito de Caleb, tentando afastar a infelicidade da amiga do pensamento.

Toby ficou furiosa ao ver Ansel chegar na prefeitura sozinho. Concluiu que Michael decidira quebrar a promessa feita a Caleb e Chantelle.

— Não diga — ela dirigiu a irritação para Ansel —, que o Sr. Sedaine teve um imprevisto e não poderá comparecer à cerimônia.

Ansel mostrou-se confuso.

— Michael ainda não chegou? Deixei-o há mais ou menos uma hora, e ele disse que passaria no escritório para apanhar alguns papéis e viria direto para cá.

— Papéis? Será que ele não tem o menor senso de prioridade? Que papéis não poderiam esperar uma hora?

— Mas ele nunca se atrasa — Chantelle defendeu o amigo prontamente.

— Caleb sempre acerta o relógio pela pontualidade de Michael.

— Ah, meu Deus — Rosie falou alto, em tom dramático -, espero que nada de mau tenha lhe acontecido. — O trabalho no teatro de revista havia exacerbado sua tendência à afetação.

— Por que a preocupação súbita? — Toby perguntou em tom de zombaria, embora não conseguisse esconder a pontada de ciúmes.

— Você pode não se importar com Michael, mas nós nos importamos. — Rosie justificou-se.

Não se importava? Lágrimas embaçaram-lhe a visão e Toby teve de fingir que olhava o movimento da rua através da janela a fim de recuperar o controle que vinha mantendo a custo nas últimas sete semanas. Não era fácil fingir que não se preocupava com Michael, que não se importava se ele havia reatado seu relacionamento com Emily Lucas, que não queria saber se Paul e Suzanne estavam gostando da nova escola. Passar dias sem ver o rosto de Michael, sem saber se ele estava bem, drenava-lhe as energias, deixando-a vulnerável.

Observando a rua movimentada, Toby admitiu para si mesma o quanto se sentia indefesa sem ter Michael a seu lado. Até a noite em que haviam se separado, ela não havia se dado conta de que dependia do apoio dele, da força que ele lhe emprestava, e que sentiria a falta de sua presença confortadora vinte e quatro horas por dia.

A lembrança dos momentos raros e preciosos que haviam partilhado no curto período de felicidade que viveram juntos atormentavam-na, tornando-a fria e insegura. Seria capaz de sentir por outro homem o que Michael lhe despertara?

Havia se preparado para enfrentar a saudade do que considerava inevitável: o sorriso de Michael, seu beijo, sua voz. Entretanto, os detalhes ínfimos sabotaram seu autocontrole. O aroma de balas de limão trazia-lhe lágrimas aos olhos. A visão de um homem sem paletó e de mangas arregaçadas provocava-lhe tremor, pois fazia com que se lembrasse dos dias inteiros que haviam trabalhado juntos na Musical Sedaine. Quando

passava por crianças brincando na rua era tomada de profunda melancolia, revivendo a tarde em que ela e Suzanne haviam saído vitoriosas contra os meninos no jogo de taco.

Decidiu que, ficar especulando sobre como seria sua vida se ainda tivesse Michael a seu lado não a levaria a lugar nenhum. Recolocando a máscara da indiferença, virou-se para Chantelle e sorriu.

— Você está maravilhosa.

Chantelle não permitira que ninguém visse seu vestido até o momento da cerimônia, alegando que se tratava de um traje especial.

— Tentei criar um modelo que fosse funcional e original ao mesmo tempo. Acha que consegui?

— Madame Vanderbilt morreria de inveja se a visse! — Toby assegurou, apreciando o saíote cor de vinho, coberto pela saia, poucos centímetros mais curta, feita de um tecido cor-de-rosa transparente, ornado de um fino bordado na bainha.

— Ora, mas madame Vanderbilt deve aparecer a qualquer momento! — Chantelle zombou.

— Toby — Caleb chamou —, obrigado pelo presente. Três dias de hospedagem em um hotel de luxo em Cape May será maravilhoso.

— Vocês merecem mais que isso. Seu plano de hospedarem-se em Nova York por um fim-de-semana não fazia sentido. Afinal, se podem tirar alguns dias para a lua-de-mel, por que ficar nesta cidade fria. Quero que conheçam tudo e me contem com detalhes. Ouvi dizer que Cape May é um lugarzinho muito bonito e romântico.

Ansel entrou na conversa.

— Já estive lá. É fantástico! Tenho certeza de que vão adorar. É o lugar perfeito para se passar a lua-de-mel.

— Ora, e como você sabe disso? — Rosie zombou.

— Você é a garota mais maldosa que já tive o prazer de conhecer, Rosie! — Ansel não escondeu o desagrado pela atitude de Rosie, sempre tentando diminuir a importância do que tinha valor para os outros.

Toby não conteve um sorriso de prazer ao constatar que Ansel tornava-se cada dia menos vulnerável a Rosie, aceitando cada vez menos os abusos da moça.

Quando o escrivão avisou Caleb que o juiz estava à espera dele e de Chantelle, ainda não havia o menor sinal de Michael.

— Não deveríamos começar sem ele? — Rosie sugeriu. Caleb dirigiu-se ao escrivão:

— Podemos esperar apenas mais alguns minutos?

— Não mais que cinco. O juiz é um homem ocupado.

A ausência de Michael começava a preocupar a todos. Toby oscilava entre o alívio por não ter de encará-lo e o medo de que algo de ruim pudesse ter-lhe acontecido.

Ansel decidiu telefonar para Laura e para a Sedaine Musical, a fim de tentar descobrir o que o estava atrasando. Quando já começava a se afastar, um Michael sujo e amarrotado entrou pela grande porta principal.

— Desculpem o atraso — ele murmurou, passando o lenço sobre um corte na testa. Quando dobrou o braço, deixou aparente um rasgão no paletó, na altura do cotovelo.

— Você veio — Toby deixou escapar, aliviada por vê-lo são e salvo e, ao mesmo tempo, assustada por sua aparência horrível.

— Desapontada? Preferia que eu tivesse morrido naquela maldita carruagem, em vez de ter apenas me atrasado e me arranhado?

Toda a preocupação com as próprias condições desapareceu quando Michael olhou Toby com mais atenção. Ansel não havia exagerado ao dizer que ela era apenas uma sombra do que fora antes. Estava bonita como sempre, mas o vestido pendia frouxo sobre o corpo magro e os olhos pareciam exageradamente grandes e fundos no rosto abatido.

— Claro que não! O que aconteceu? — Toby desejou ardentemente ajeitar-lhe os cabelos despenteados, afastando-os do machucado na testa. Parecia que Michael fora atacado por um animal selvagem e, sabendo como ele era meticoloso em sua apresentação, concluiu que ele deveria estar embaraçado.

— Tive de passar pelo escritório para apanhar isto. — Ignorando Toby, estendeu um maço de papéis para Caleb. — É seu presente de casamento.

Caleb pegou os papéis sem olhar. Estava mais preocupado com o aspecto de Michael do que com os presentes.

— Diga logo o que aconteceu com você!

— Uma carroça de entregas que ia pela Rua Broadway perdeu seu carregamento ao passar por um buraco em velocidade um pouco avançada. A carruagem que vinha logo atrás era a minha. A carga caiu sobre nós. — Michael não mencionou o fato de seu cocheiro ter sido seriamente ferido ou que escapara por pouco de ser esmagado pelas caixas.

— Rua maldita! — Ansel praguejou. — Sempre digo ao meu cocheiro para fazer outro caminho. Esse tipo de acidente é bastante comum ali.

— Pobrezinho — Rosie falou com afetação, arrastando Michael para um banco e limpando a poeira de sua roupa. — Estava tão preocupada com você. Não sei como todos nós viveríamos sem você!

Irritado, Michael desvencilhou-se das atenções sufocantes de Rosie. No momento em que viu o carregamento rolar sobre sua carruagem, e acreditou que morreria, foi o rosto de Toby que surgiu diante de seus olhos, não o de Rosie, Emily, nem mesmo de seus filhos. Queria os carinhos de Toby, e vê-la distante aumentava ainda mais sua amargura.

— Dê uma olhada em seu presente — dirigiu-se a Caleb, apontando para os papéis.

Chantelle inclinou-se sobre o ombro de Caleb, e os dois leram juntos. Foi ela que ergueu os olhos primeiro, mostrando surpresa.

— Michael, você só pode estar brincando!

— Não, ele não está brincando — Caleb falou em tom sombrio, fitando os olhos tristes do amigo. — Se Toby concordar, nós assinaremos. Mas terá de ser um acordo justo. Você mantém o contrato, e lhe pagaremos mensalmente.

Estendeu os papéis para Toby, que leu rapidamente. Quando levantou a cabeça, seu rosto estava inexpressivo.

— O que é isso — Rosie perguntou, tentando espiar.

— Estou transferindo a propriedade do Pantheon para Toby, Caleb e Chantelle. Quando os dois voltarem da lua-de-mel, não quero ter mais nada a ver com aquela casa de loucos.

Toby tomou o comentário como pessoal. Entendeu que Michael não queria ter mais nada a ver com ela, e que todos os presentes conheciam a verdade. Corou até a raiz dos cabelos.

— Os termos deste contrato não estão muito claros. Devemos pagar-lhe uma quantia como entrada.

— Este é o seu presente de casamento — Michael explicou.

— Mas eu não estou me casando hoje — Toby protestou. — Insisto em pagar pela minha parte se você está mesmo decidido a desistir de uma mina de ouro.

— Mina de ouro para você, miséria para mim — ele respondeu sem olhar para ela. — Não preciso do seu dinheiro.

— E eu não quero a sua generosidade.

Caleb pegou os dois pelo braço e levou-os para um canto da sala.

— Será que vocês poderiam guardar a animosidade para outra hora? Hoje é o dia do meu casamento e não vou permitir que ninguém estrague a felicidade de Chantelle. Portanto, tratem de sorrir e fazer a melhor representação de suas vidas!

Quando os três retornaram para perto dos demais, Chantelle falou:

— Michael, vai ser difícil retribuir sua generosidade quando tivermos de dar o seu presente de casamento.

Michael dirigiu-lhe um meio sorriso, daqueles que as pessoas educadas usam quando não acham graça em uma brincadeira que deveria ser hilariante.

— Este será um problema que você nunca vai ter de enfrentar. — Olhando de soslaio para Toby a fim de enfatizar suas palavras, acrescentou: — Nunca.



## CAPITULO XIV

O dia fora horrível e Toby perguntou-se como conseguiria suportar as horas que faltavam para que a noite terminasse. Ao despedir-se de Caleb e Chantelle na estação considerou voltar para casa e dormir um pouco antes de sua apresentação. Logo desistiu da ideia, uma vez que vinha encontrando dificuldade em pegar no sono. Sua garganta doía, não sabia se por causa das apresentações intermináveis ou pelas lágrimas que estava sufocando a duras penas. Ter visto Michael tão perto e ao mesmo tempo inatingível para ela havia abalado o autocontrole que vinha lutando em manter.

Não era do seu feitio meter-se debaixo de um cobertor quando sentia vontade de se esconder do mundo. Assim, forçou-se a ir para o teatro. Tinha feito algumas alterações em sua música e precisava consultar o maestro Saul. Não haveria problema em apresentar mudanças de última hora, uma vez que Saul estava habituado a isto e sempre chegava cedo ao Pantheon.

Saul deu uma olhada em sua partitura.

— Venho admirando seu trabalho há meses — ele disse. — Sabe que está desperdiçando seu talento no teatro de revista?

— O público discordaria de você — Toby respondeu na defensiva. — Eles adoram meu número.

— Fiz um elogio, não um insulto. Devia se dedicar a composições sérias.

Toby calculou que Michael havia convencido Saul a tecer tais comentários.

— Foi o Sr. Sedaine quem sugeriu que me dissesse isto? Estou consciente de que ele gostaria que eu parasse de trabalhar aqui.

— Não o consulte a respeito — Saul falou com sarcasmo —, mas tenho certeza de que concordaria comigo. O Sr. Sedaine é famoso por reconhecer grandes talentos, e estou certo de que não deixou de reconhecer o seu.

Toby bufou, indignada.

— Ele teve a chance de comprar alguns de meus trabalhos e os rejeitou.

— Anton Rubinstein também rejeitou a Primeira Sinfonia de Tchaikovsky. Imagina o que teria acontecido se Tchaikovsky tivesse desistido e se tornado artista de circo?

Toby empinou o queixo.

— É isso o que sou? Uma artista de circo?

— É.

— E você, então? O palhaço principal?

— Sou um profissional de capacidade limitada, satisfeito por ter com que sustentar esposa e filhos.

Chocada pela honestidade de Saul, e sem vontade de procurar justificativas para seus atos, Toby baixou os olhos e falou:

— Cuide das alterações, por favor. — Em seguida, dirigiu-se apressada para o camarim.

Em seu caminho, quase deu de encontro com Rosie, que passou sem vê-la, os braços carregados de perucas. Na ausência de Chantelle, as responsabilidades da menina haviam dobrado e Toby sentiu-se satisfeita de ver como a irmã estava desempenhando com eficiência seu papel. Cansava-se só de observar Rosie correr de um lado para outro, o tempo todo. Fechou-se em seu camarim e sentou-se na poltrona estofada para fazer alguns reparos em seus trajes do show.

Sentando-se sobre as pernas dobradas, ela se envolveu em uma manta e começou a costurar. Era reconfortante sentir-se aquecida, e rezou para que seus músculos doloridos relaxassem. A tensão exagerada provocada pela luta para ignorar Michael durante toda a manhã era a única explicação para os nós em suas costas, braços e pernas.

Lembrou-se da cerimônia de casamento que, embora tivesse achado bonita, havia lhe provocado um profundo sentimento de melancolia. A alegria que sentiu pelos amigos queridos fora obscurecida pela própria infelicidade. Como foi que Michael havia se referido a sua vida? Miserável. Sim, era exatamente como se sentia. Seu único consolo era ainda ser importante para Caleb, Chantelle, Rosie e para o Pantheon. Michael podia descartá-la da vida dele, como se ela fosse um pedaço de lixo, se quisesse, oferecer o teatro como uma doação à caridade, mas os outros ainda precisavam dela.

Enquanto trabalhava nos pontos minúsculos, a monotonia da tarefa levou-a a cair no sono. Despercebida do burburinho do lado de fora da porta, sonhou que estava de novo na praia com Michael. Podia ouvir o riso de Paul e Suzanne brincando nas proximidades. Sentiu o sol quente queimar-lhe a pele e, sem perceber, jogou a manta para o chão.

Michael percebeu que Toby não respondeu ao aviso de quinze minutos antes de sua apresentação, e foi a sua procura. Bateu na porta do camarim e, como não houvesse resposta, entrou. Ela estava encolhida na poltrona parecendo uma criança adormecida, com o cabelo solto espalhado sobre o rosto. Suas faces estavam coradas, levando Michael a lembrar-se do rubor que ela exibia toda vez que ele a beijava. Sentia a necessidade urgente de tocá-la para recuperar o calor que o havia abandonado juntamente com Toby.

Observando-a dormir tão pacificamente, Michael ponderou se o teatro realmente precisava do número apresentado por ela. Mas não se atreveria a dispensá-la justamente quando Caleb estava ausente, e seu substituto era um desconhecido em Nova York. Era impossível prever a reação da platéia a um novo músico. Além do mais, o Pantheon não era mais sua propriedade, para que pudesse jogar com o futuro, e eles precisavam do sucesso garantido de Toby.

Atravessou o camarim na ponta dos pés, e não resistiu ao desejo de tocá-la. Com cuidado, tomou um de seus cachos dourados entre os dedos, sentindo-se, mais uma vez, fascinado pela capacidade de uma mulher com aparência tão angelical possuir gênio tão terrível. Perguntou-se se a amaria da mesma forma se ela fizesse o tipo passiva e tranquila, ou se o temperamento apimentado fazia parte de seu charme. Relutante, Michael admitiu que admirava-lhe a coragem, embora sua vida pudesse ser muito mais fácil se ela fosse um pouco menos obstinada.

Sentiu o coração amolecer e tratou de colocar um freio em seus sentimentos. Toby era dura com ele, nunca lhe dando uma chance, e ele a trataria da mesma forma.

— Toby — chamou, simulando frieza e sacudindo-a pelo ombro —, está atrasada. Vista-se depressa.

Ela abriu os olhos e viu Michael inclinando-se sobre ela. Um sorriso iluminou-lhe as

feições.

— Michael — ela falou com alegria.

A facilidade com que ela mudava de atitude em relação a ele deixou-o furioso.

— Levante-se, Srta. Wells. Ponha seu vestido e trate de maquiarse. Só tem dez minutos.

Toby pulou da cadeira. Michael havia deixado claro que não se importava com o que ela fazia, sentia ou pensava, e não estava disposta a dar-lhe a oportunidade, ou o prazer, de passar-lhe um sermão.

— Estarei pronta em cinco minutos — garantiu com voz rouca.

— O que há de errado com sua voz?

Ela tentou limpar a garganta, mas teve a sensação de que garras afiadas a atacavam cada vez que falava.

— Não é nada. Ainda não acordei completamente.

— Tome — Michael apanhou um atomizador do aparador e estendeu para ela. — Use isto. Não pode cantar como um sapo!

Toby apanhou o frasco irritada.

— Sua solicitude me emociona.

— Estou apenas protegendo os empregados.

— Empregados? — ela teria gritado, caso não estivesse rouca. — Cada dia que passa você se parece mais com sua mãe.

— Pelo menos minha mãe teve coragem suficiente para casar-se. Sem esperar resposta, ele saiu, batendo a porta atrás de si. Tremendo, Toby trocou de roupa e olhou-se no espelho. Michael tinha razão: ela era covarde. Quando menina, sonhara em apaixonar-se, acreditando que isso preencheria o vazio em sua vida. Ninguém a havia alertado dos perigos de amar um homem. Em suas fantasias, o amor sempre fora idealístico, divorciado da realidade e da responsabilidade de amar. Por que Michael não podia se contentar com a relação que ela havia proposto — um noivado longo e tranquilo? Por que tinha de arruinar tudo, na tentativa de levá-la à mesma vida que vivera nos últimos dez anos?

Michael Sedaine jamais compreenderia o que ela havia enfrentado, uma vez que crescera protegido, no seio de uma família que podia lhe dar atenção, carinho, suprimindo toda e qualquer necessidade que ele tivesse. Toby tinha uma vaga noção de que estava sendo injusta, mas sentia-se muito mal, e o sentimento de auto-piedade ameaçava-lhe a resistência.

— Apresse-se, Toby. Michael está uma fera — Rosie avisou ao colocar a cabeça no vão da porta.

Toby suspirou impaciente e gritou em resposta:

— Diga ao abutre que já estou indo.

Rosie, que já se retirava para o corredor, voltou e olhou-a espantada.

— Abutre?

— Verme, cão imundo, rato...

— O que acha de porco, jacaré? — Rosie sugeriu, achando graça no jogo.

Toby riu da falta de boas maneiras das duas.

— É seu pai o responsável pelo nosso linguajar pouco delicado?

— Deve ser culpa de Charlie, ou melhor, acho que devemos culpar os homens em geral!

— Boa ideia! — Toby concordou e acabou de arrumar-se para a apresentação.

O dia seguinte foi ainda pior, e Toby tinha a impressão de que caminhava às cegas em meio à neblina cerrada. Ficou na cama até a hora do show, esperando que o descanso curasse o que quer que a estivesse consumindo. Enganou-se. Não conseguia controlar os espasmos e tremores repentinos que a atacavam, nem a dor que já se espalhava por todo o corpo, envolvendo até os ossos.

Não se lembrava com clareza como chegara ao teatro. Ao passar pelos demais integrantes do elenco, a caminho de seu camarim, teve dificuldade em distinguir rostos e feições, não reconhecendo a maioria das pessoas que se encontravam nos bastidores.

— Srta. Wells — alguém chamou.

Ela não sabia quem era, mas tinha certeza de a pessoa se encontrava a quilômetros de distância. Não conseguia concentrar-se em uma palavra sequer, quanto mais, em uma frase inteira.

— Toby? — Rosie chamou e correu para ela, envolvendo-a pela cintura a fim de ampará-la. — Está doente! Por que não me avisou antes que eu saísse de casa?

— Estou bem — Toby tentou falar, mas não conseguiu emitir mais qualquer som. Tentou pela segunda vez, em vão. O esforço consumiu a última gota de energia que lhe restava e ela desabou no chão.

— Ansel! — Rosie gritou assustada, e ele veio correndo. — Leve-a para o camarim. Vou procurar Michael.

Encontrou-o empoleirado nas armações do palco, consertando os puxadores das cortinas. Colocando as mãos em concha em torno da boca, Rosie chamou-o:

— Michael! Toby está passando mal e precisa de você! Ele se inclinou para baixo e respondeu no mesmo tom:

— Prepare uma xícara de chá e ela logo estará melhor! — Supôs que Rosie estava se comportando como todos os outros no teatro, buscando desculpas para aproximá-lo de Toby.

— É sério, Michael. Ela desmaiou e Ansel teve de carregá-la para o camarim.

Michael desceu num piscar de olhos e correu para encontrar Toby. No camarim, viu-a estendida no divã, de olhos fechados. Estava pálida como um fantasma, a respiração bastante acelerada.

— Chamem o médico — ele ordenou e cobriu-a com seu paletó. Ansel atendeu prontamente a ordem de Michael, enquanto Rosie esfregava os pulsos da irmã.

— Ela perdeu a hora esta manhã, mas achei que estava apenas cansada e não quis incomodá-la — ela explicou.

— E não foi se certificar de que ela estava bem? — Michael perguntou em tom de acusação.

— Não, ela não tem permitido que ninguém se aproxime! — Rosie defendeu-se.

Michael sentiu-se culpado. Devia ter percebido, na véspera, que Toby estava doente. Em vez disso, preocupara-se apenas em agredi-la e forçá-la ao trabalho. Agora, tentava transferir a culpa para Rosie para diminuir a agonia que lhe apertava o peito.

— Michael — Rosie chamou —, sem Toby, teremos uma grande falha no show.

Ele não estava em condições de pensar em negócios e trabalho. Assim, desincumbiu-se da questão com uma solução absurda:

— Pergunte ao mágico se ele pode acrescentar alguns truques em seu número.

— Eu posso fazê-lo.

— O quê? Truques de mágica?

— Não. O número de Toby. Os vestidos me servem, sei as canções de cor, conheço a sequência da apresentação e você já me ouviu cantar. Sabe que posso fazê-lo.

Michael estudou-a desconfiado. Estaria Rosie tirando vantagem da doença da irmã? Não, estava mesmo querendo ajudar.

— Vista-se — ele finalmente falou —, e faça a platéia berrar!

O médico chegou e examinou Toby. Enquanto ele lhe tomava a pulsação, ela despertou e tentou responder suas perguntas. Entretanto, sua garganta parecia estar pegando fogo, e ela ainda não podia falar.

— Laringite? — Michael perguntou esperançoso. Não queria que houvesse nada realmente sério.

— Junto com anemia, creio, e uma forte gripe. Esta senhorita — o médico falou, sacudindo a cabeça com ar de reprovação —, está perto de se tornar um esqueleto. O que mais ela tem feito além de trabalhar demais e não comer?

— Ela vai ficar bem? — Michael inquiriu, segurando a mão de Toby.

— Só se manter repouso absoluto, seguindo uma dieta reforçada. Do contrário, pode contrair pneumonia.

— Assumirei a responsabilidade e cuidarei pessoalmente de que sua orientação seja cumprida, doutor — Michael assegurou.

— Bom — o médico mostrou-se aliviado e entregou um envelope a Michael. — Dê-lhe uma colher de chá deste pó a cada duas horas. Mande me chamar se surgir qualquer problema, e mantenha a moça longe de pessoas idosas e crianças. Esta gripe é especialmente perigosa para elas.

Ao pegar o pacote, Michael perguntou:

— O que é isto?

— Composto salicílico, um excelente medicamento novo para febre. Os alemães chamam-no aspirina.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer por ela?

— Obrigue-a a comer alimentos ricos, como sopas, peixe e fígado cru, para a anemia.

Embora tivesse visto Toby comer de tudo, sempre com apetite voraz, Michael teve a certeza de que fígado cru seria o primeiro item que a veria recusar.

— Alguma alternativa para o fígado?

— Sim, meio copo de vinho pode ajudar bastante.

Uma hora depois, Toby encontrava-se em sua própria cama, semiconsciente, porém satisfeita de que Michael a tivesse carregado até ali e continuasse a cuidar dela como se fosse uma criança.

— Vamos lá, pequena — ele a encorajou a cooperar enquanto a despia. Não encontrou dificuldade em tirar-lhe a saia e a blusa, embora não conseguisse soltar os ganchos do espartilho.

— Droga, Toby! — reclamou. — Já está magra como um palito, e ainda se amarra dentro desta armadura! Ela começava a tremer de novo, e Michael deu uma olhada pelo quarto, à procura de uma solução. Encontrou uma tesoura e cortou os cordões do espartilho, livrando-a da última peça de roupa.

Quando a deitou de costas, viu a longa corrente que lhe pendia do pescoço, com o anel de noivado, bastante avariado, pendurado entre os seios. Michael tomou o diamante entre os dedos e sentiu um nó na garganta. Mesmo depois daquela briga terrível, em que

havam dito as piores ofensas um para o outro, ela ainda o mantinha perto de seu coração.

Reprimindo as lágrimas, censurou-se por ter se esquecido que Toby geralmente falava uma coisa e fazia, ou sentia, outra. O fato de usar o anel de noivado era um exemplo perfeito do quanto ela se empenhava em esconder a verdade.

— Desculpe Michael, por eu ser tão ruim — ela murmurou com esforço.

Michael ergueu-a para ajeitá-la debaixo das cobertas, mas ela não cooperou, descansando a cabeça no peito dele, parecendo satisfeita em poder ficar assim. Ele estava lutando para enfiar-lhe a camisola, mas como ela se agarrasse a ele, a tarefa tornava-se impossível. Finalmente desistiu e abraçou-a, sentindo-lhe a suavidade da nudez.

Beijando-a na testa, tentou persuadi-la a soltá-lo.

— Vai congelar se não me deixar vestir-lhe a camisola.

— Mas estou me sentindo aquecida, e é bom — ela choramingou.

— Eu sei. Não se esforce para falar.

Ele tentou afastar-se, mas ela o segurou com mais força.

— Prometo que não vou sair daqui — ele garantiu, e ela deixou, afinal, que ele a pusesse debaixo das cobertas. Mas a camisola continuou jogada ao pé da cama.

Horas depois, Rosie e Ansel espiaram da porta do quarto.

— Como está ela? — Rosie perguntou.

— Dormindo como um bebê — Michael bocejou. Não querendo incomodar Toby, levantou-se e levou os dois para o corredor.

— Como foi o show?

Foi Ansel quem respondeu, cheio de entusiasmo: — Rosie esteve inacreditável! Não errou nem uma linha, e o público adorou sua atuação. Por quatro vezes, teve de voltar e agradecer os aplausos!

Michael sorriu e se dirigiu a Rosie:

— Está pronta para repetir a dose amanhã? Rosie não hesitou.

— Quantas vezes forem necessárias! — garantiu confiante. — Mas não vou dar conta do trabalho de Toby, mais o de Chantelle. Como vamos nos arranjar nos próximos dias?

— Temos de sobreviver — Michael deu de ombros. — Ansel, talvez eu me atrase amanhã, dependendo do estado de Toby. Comunique ao elenco de que cada um será responsável pelo próprio guarda-roupa até Chantelle voltar.

— Mais alguma coisa? Não se preocupe em correr para o teatro. Posso cuidar de tudo para você, caso precise ficar por aqui.

— Obrigado — Michael agradeceu, emocionado pela consideração demonstrada por Ansel. O cunhado, antes infantil e egocêntrico, estava finalmente se transformando em um adulto confiável. — Peça a Reginald que lhe dê os recibos necessários e faça o depósito do movimento desta noite. — Poucos meses antes, Michael não se atreveria a confiar a Ansel uma tarefa de responsabilidade, como cuidar de todo o dinheiro ganho em uma noite no teatro.

Ansel apertou-lhe a mão com vigor.

— Certo — declarou em voz baixa e grave, tentando parecer sério como sua nova função exigia. Sem pronunciar outra palavra, virou-se e desceu a escada.

Rosie observou-o partir, então virou-se para Michael:

— Por que ele está com tanta pressa? Toda noite, sou obrigada a lhe pedir que vá



embora!

— Você foi substituída.

— Como?

— Pelo poder. Ansel acaba de descobrir uma força mais irresistível do que uma mulher sedutora. — Michael experimentou um prazer especial em alfinetar Rosie.

Deixou-a sozinha no corredor, boquiaberta, e voltou para o quarto. Massageando os músculos enrijecidos das costas, olhou para a cadeira onde estivera cochilando antes de Rosie e Ansel aparecerem, e não sentiu a menor vontade de passar a noite inteira sentado ali. Sentiu-se tentado a despir-se, meter-se debaixo das cobertas e moldar seu corpo ao de Toby. Isto estava fora de questão, tanto quanto deixá-la sozinha para ir dormir em outro quarto. Depois de pensar alguns segundos sobre o que fazer, tirou os sapatos e o paletó, apanhou um cobertor no armário e deitou-se por sobre as cobertas.

Por volta de meia-noite, Toby começou a se debater à medida que a febre aumentou. Michael lhe deu mais uma dose do pó recomendado pelo médico e, buscando uma toalha limpa, molhou-a na água fria e esfregou-a gentilmente na testa, nos braços e nas pernas de Toby, como vira sua mãe fazer com Paul e Suzanne, até que ela voltou a acalmar-se e pôde dormir em paz novamente.

A tensão e o cansaço do dia esgotaram a capacidade de Michael em resistir a Toby, e ele não se afastou quando ela o envolveu com o braço, repousando a cabeça em seu peito. Satisfeito em constatar que ela respirava com regularidade, passou o braço em torno das costas dela, ajeitando-a contra seu corpo. Um sentimento de alívio reconfortante tomou conta dele, quando ela murmurou com voz fraca: — Eu te amo.

Os longos anos de luta contra o legado maldito de Lillian e o medo de ser incapaz de amar uma mulher desvaneceram-se num sopro, e Michael sentou-se na cama, sobressaltado. Receoso de ter acordado Toby, ficou imóvel por alguns instantes, os ouvidos apurados. Constatou que ela continuava a dormir profundamente. Levantou-se com cuidado, foi até a janela e abriu a cortina. O vento carregava as folhas secas caídas das árvores, sem encontrar barreiras como cascos de cavalos, rodas de carruagens ou pedestres. Entretanto, Michael não enxergou a rua deserta. Só conseguia pensar na descoberta maravilhosa que acabara de fazer. Amava Toby e sabia, sem sombra de dúvida, que a amaria até que seu coração parasse de bater. Em silêncio, Michael amaldiçoou-se por ter sido tão idiota. O que dissera a Toby acerca da escolha lógica de uma esposa, de suas qualificações serem adequadas ao posto, não passavam de um grande absurdo.

Assim que ela melhorasse, ele confessaria seu erro e os dois poderiam resolver a questão. Tinha feito tudo o que estava ao seu alcance para convencer Toby de que estava sendo sincero e que suas razões eram sólidas. No entanto, ela estivera certa em insistir no que acreditava verdadeiro. Com tudo o que tinha para dar ao homem com quem se casasse, ela merecia ser amada, ser dona de cada minuto de sua devoção. Agora estava claro por que ela o havia mantido à distância. Michael cometera um terrível engano ao interpretar os adiamentos que Toby insistia em fazer, como algo mais que seu desejo de ser amada pelo futuro marido. Fora o culpado por tudo que acontecera de errado entre eles. Observando Toby adormecida, ajoelhou-se ao lado da cama, dizendo:

— Toby, desculpe-me por não ter dado ouvidos a você. Eu te amo. Fui muito teimoso e ignorante para reconhecer a verdade. Assim que se recuperar, começaremos tudo de novo.

Quando Caleb e Chantelle retornaram da lua-de-mel, Michael deparou-se com uma situação delicada sobre a qual não havia pensado. O sobrado era o lugar perfeito para os recém-casados iniciarem sua vida em comum, mas esta condição deixaria Toby e Rosie sem terem onde morar.

— Não me importo de morar em uma pensão — Rosie declarou. — Mas o que faremos a respeito de Toby? Ela ainda precisa de cuidados, e estamos todos muito ocupados.

— Ela pode ficar no quarto de hóspedes do apartamento de minha mãe — Michael solucionou o problema, sem consultar Toby ou Laura.

Rosie e Caleb aceitaram a ideia com certo alívio, mas Chantelle franziu o cenho.

— Acha que está tomando a decisão acertada? Sua mãe pode estar ocupada, também, e Toby se tornaria um peso para ela.

— Temos muitos criados, sei que não vão se importar. Mamãe também não fará qualquer objeção — Michael afirmou com segurança, ignorando a advertência implícita de Chantelle de que nem Toby nem Laura apreciariam sua decisão.

Toby, porém, teve menos cuidado com as palavras quando Michael explicou seu plano:

— De jeito nenhum. Sua mãe me odeia e não morro de amores por ela.

— Em primeiro lugar, ela não a odeia — Michael insistiu. — Em segundo lugar, a situação não vai criar incômodo algum, na medida em que os criados tomarão todas as providências necessárias. E, mais importante, que escolha você tem? Não há lugar para onde possa ir e receber os cuidados necessários.

Toby afundou-se nos travesseiros e puxou as cobertas sobre o rosto com um suspiro profundo. O médico fora claro quando a avisou de que teria de ficar na cama por, no mínimo, duas semanas mais. Por outro lado, a simples ideia de passar uma noite sequer na casa de Laura Sedaine era mais do que ela podia suportar.

— Já conversou com sua mãe a esse respeito? — Toby perguntou esperançosa de que Laura pudesse vetar os planos do filho.

— Ela adorou a ideia — ele mentiu.

Michael tivera de ameaçar Laura de mudar-se, juntamente com os filhos, para sua própria casa, a fim de convencê-la a aceitar Toby como hóspede. Suzanne ficara radiante com a notícia e até ofereceu sua boneca favorita para fazer companhia a Toby. Paul, entretanto, não se manifestou a respeito.

No dia seguinte, enquanto Michael e Caleb ajudavam Rosie a transferir seus pertences para uma pensão, Chantelle cuidou das malas de Toby. As duas estavam sozinhas na casa e Chantelle aproveitou a oportunidade para conversar com a amiga.

— Vou sentir sua falta — disse, enquanto dobrava algumas peças de roupa.

— Vamos nos ver todos os dias no teatro — Toby tranquilizou-a. — Não se esqueça de que, agora, somos sócias.

— O teatro é seu, Toby. Caleb e eu convencemos Michael a passar os documentos só para o seu nome, e precisa assiná-los assim que se sentir em condições de visitar o advogado. Toby ficou estarrecida.

— Por que fizeram isso? Era o seu presente de casamento.

— Não. Foi a maneira que Michael encontrou de se afastar de você, amiga.

— Bem — Toby insistiu, sentando-se na cama —, acho que está enganada. Michael sabia muito bem o que estava fazendo quando decidiu transferir a propriedade para nós três.

— Acredito que ele pensou que sabia quando, na verdade, estava apenas fugindo da

tristeza e da infelicidade. Queria dar uma coisa que ama a uma pessoa que ama. Admitiu a derrota perante uma mulher obstinada e inflexível. Além do mais, se o teatro passasse a ser oficialmente meu e de Caleb, logo chegaríamos ao fracasso. A sociedade nova-iorquina, com todos os seus preconceitos, jamais aceitaria que negros pudessem prosperar em qualquer tipo de negócio. Todo o esforço que fizemos até agora seria jogado no lixo quando fôssemos à falência.

— Não faça isso comigo, Chantelle — Toby pediu com voz trêmula. — Não sou capaz de administrar tudo aquilo sozinha.

— Toby, acha mesmo que sou tão mesquinha?

— O que está querendo dizer? — Toby perguntou, enxugando as lágrimas.

— Amo meu trabalho tanto quanto Caleb. Temos tudo com o que sempre sonhamos. E, mesmo que detestássemos o Pantheon, não seríamos capazes de abandoná-la. Desde nosso primeiro encontro, em Saint Louis, você e Michael nos abriram os braços, oferecendo-nos sua amizade sincera, sem nunca questionar nossos passados ou nossas vidas. No mundo, existem poucas pessoas como Toby Wells e Michael Sedaine.

Toby voltou a chorar, mas dessa vez de felicidade.

— Você coloca as coisas de um jeito, que fica impossível discutir. Esse foi o melhor elogio que já ouvi em toda a minha vida.

— Está enganada. O maior elogio que recebeu foi o pedido de casamento de Michael. Ele é um bom homem, Toby, acredite.

— Estou tão confusa — Toby confessou, as lágrimas banhando-lhe as faces.

Sentia-se embaraçada por mostrar-se descontrolada e desfazer-se em prantos a cada nuance da conversa, mas parecia ter perdido completamente o domínio sobre as emoções, reprimidas por tanto tempo.

— Isto porque você fala o tempo todo, mas raramente diz o que se passa, de verdade, em sua cabeça — Chantelle atacou, decidindo que já era tempo de pressionar a amiga a explicar por que continuava a usar o anel de noivado em segredo, ao mesmo tempo em que agia como se Michael fosse insuportável.

— O que está querendo dizer com isso? — Toby desafiou indignada, cruzando os braços sobre o peito e franzindo o cenho.

— Exatamente o que disse — Chantelle respondeu, sentando-se na cama ao lado de Toby. Com as pontas dos dedos, puxou a corrente que a outra trazia ao pescoço, até o anel ficar exposto. — Suas atitudes não fazem o menor sentido.

Nunca passara pela cabeça de Toby que alguém soubesse que carregava o anel consigo o tempo todo. E, a desculpa que teria para isto soaria como o que realmente era: uma desculpa. Chantelle jamais acreditaria que mantinha a jóia em segurança, por causa de seu valor monetário.

— Aquela conversa de trabalhar para Greenpasture não passou de um blefe, não foi? — Chantelle mais afirmou do que perguntou. — Está escondendo alguma coisa de Michael, talvez até de si mesma. Sei que o ama tanto quanto ele a ama.

— E você está exagerando as coisas — Toby retrucou. — Michael só está dizendo que me ama porque se sente culpado. Desmaiei no teatro porque estava estafada, e ele entrou em pânico.

Chantelle levou as mãos à cintura e falou com ironia:

— Com quem pensa que está falando? Tenho certeza de que não é com Chantelle MacRae, pois duvido que fosse capaz de insultar minha inteligência, esperando que eu

acreditasse no que está dizendo!

— É a ver...

— Agora, Srta. Wells — Chantelle interrompeu, num tom grave e sério —, feche essa boca e mantenha-a assim. Não quero ouvir nem mais uma palavra. Ouça e pense, mas não diga nada, pois estou tentada a dar uma sacudida, e o médico não iria gostar se eu abusasse de uma inválida! Você deu alegria, amor, lágrimas e felicidade a Michael. Agora tem de confiar neste homem o bastante para acreditar no que ele diz, e contar-lhe a verdade.

Toby tentou falar, mas Chantelle a impediu.

— Não diga nada. Pense com cuidado no que acabo de dizer. Quando tiver resolvido seu próprio mistério, tenho certeza de que tomará a decisão certa.

As palavras de Chantelle eram todas válidas, Toby pensou. Como teria se sentido se Michael a excluísse de sua vida sem sequer uma explicação plausível? Traída, exatamente como ele se sentira.

Chantelle secou-lhe as lágrimas.

— Algumas pessoas definem o amor apenas em termos de felicidade, querida. Isso é um erro. Amar é conciliar qualidades e defeitos, e você não se deu conta de que o amor de Michael não é condicional, como sempre imaginou. Ele apenas precisou de um tempo maior para se convencer de que merece o seu amor e uma segunda chance de ser feliz. Se existem duas pessoas no mundo, que nasceram uma para a outra, para se casarem e encherem a casa de filhos, estas pessoas são vocês dois. Michael presenteou-me com a libertação de Dominic, mas não tem o poder de exorcizar os seus fantasmas. Você é a única capaz de fazê-lo.

Toby observou Chantelle sair do quarto, e fechou os olhos, desejando possuir a mesma sabedoria da amiga e a orientação que somente sua própria consciência poderia lhe dar. Sabia que, se tomasse o caminho errado, jamais se perdoaria, assim como tinha a certeza de que nunca amaria outro homem como amava Michael.

A compreensão do que Michael fizera ao lhe dar o Pantheon abalou-a. Ele a presenteara com um dilema e a forçava a uma escolha. Dera-lhe a oportunidade de ser uma das mulheres mais importantes no mundo musical, ou escolher ser sua esposa. Mas ela não seria mais uma parte do teatro e, se ela optasse pela realização profissional e artística, perderia Michael. Independente do que decidisse, sofreria uma perda, e não estava certa de ter estrutura para enfrentar as consequências de sua escolha.

## CAPÍTULO XV

— Se precisar de alguma coisa, basta tocar este sininho — Laura explicou. — Um dos criados virá atendê-la.

Toby forçou um sorriso.

— Obrigada, Sra. Sedaine. Farei o possível para não incomodar ninguém. — Naquele mesmo instante, jurou que morreria antes de tocar o pequeno sino de prata.

Tateou debaixo das cobertas, até localizar o caderninho escondido. Desde que adoecera, não fizera qualquer anotação em seu precioso diário. Muita coisa havia acontecido entre ela e Michael e estava ansiosa para registrar seus sentimentos no papel.

Alguns minutos depois, ouviu uma leve batida na porta.

— Entre, Suzanne. Estou sozinha.

— Como sabia que era eu? — a menina perguntou intrigada.

— Reconheci a batida. Pessoas especiais produzem um som especial quando batem na porta.

— Verdade?

— Claro. — Toby sorriu e bateu com a mão na cama. — Sente-se aqui e me conte como foi seu dia na escola.

— Vovó disse que eu não podia ficar muito tempo aqui porque você está doente. O que você tem? — Depois de ouvir a explicação de Toby sobre seu problema de saúde, Suzanne pegou uma boneca de porcelana vestida em veludo azul e colocou-a ao lado de Toby. — Gosta de Margaret? — perguntou.

— Ela é muito simpática — Toby respondeu séria. — Esteve me contando todos os seus segredos.

Suzanne começou a rir.

— Bonecas não falam.

— Margaret? Uma boneca? — Toby fingiu surpresa. — Pensei que era uma de suas amiguinhas, que estava em meu quarto apenas esperando você chegar da escola.

Toby sorriu quando Suzanne cruzou os braços sobre a barriga e dobrou-se num acesso de gargalhadas.

— Só meninas podem entrar? — Michael perguntou da porta. — Qual foi a piada?

— Papai, a Toby é boba.

— E linda — ele acrescentou. — O que acha de tomar o chá no quarto de Toby, hoje?

— Já falou com a vovó?

— Ela saiu para fazer compras. — Baixando a voz para um tom de conspiração, continuou: — Simplesmente, não contaremos a ela.

Toby foi invadida por uma onda de alegria e ternura vendo pai e filha planejarem um crime hediondo, como tomar chá em seu quarto. Sabia que se tratava de um momento raro, e Suzanne parecia deleitar-se com o humor divertido de Michael. Os dois deixaram o quarto cochichando para ir buscar a bandeja.

Pouco depois, quando Toby ainda estava sozinha, Paul apareceu com ar solene, sob o

pretexto de estar à procura do pai. Na primeira oportunidade, perguntou à queima-roupa:

— Por quanto tempo vai ficar conosco?

— Pouco tempo, Paul. Só até o médico dizer que já não preciso ficar na cama.

— Vai se casar com Michael?

O menino tinha o hábito de entrar diretamente nos assuntos de seu interesse, sem perder tempo com amenidades. Toby costumava gostar da atitude em pessoas adultas, considerando o comportamento como mostra de honestidade. Mas quando se tratava de uma criança, achava simplesmente irritante. Tentou esconder o desagrado perguntando:

— Já perguntou a seu pai?

— Claro que não. Michael não confia nos filhos, mas eu sei que ficaram noivos. Ele disse que você seria nossa nova mãe. Ainda vai se casar com ele? Não estou vendo nenhum anel em seu dedo.

— Vou fazer um trato com você. Quando eu puder responder esta pergunta com absoluta certeza, você e Suzanne serão os primeiros, depois de seu pai, a saber, a resposta. Acha justo?

— Seria melhor que respondesse "não" de uma vez, mas acho que não tenho escolha.

Embora a animosidade de Paul não a surpreendesse, Toby estava determinada a conquistá-lo, antes de ter de recorrer às mesmas táticas usadas por ele.

— Sente muita falta de sua mãe, não é? Posso entender, pois ainda sinto muita falta da minha.

— Sua mãe também morreu em um acidente de trem?

Era a primeira vez que Paul usava um tom de voz civilizado para se dirigir a Toby, e ela percebeu o garotinho assustado escondido atrás do jovem inconveniente. De boa vontade, contou a história da morte da mãe, e como ainda se sentia solitária, às vezes.

— Seu pai o ama, Paul.

— Eu sei. Ele sempre me traz um presente quando volta de viagem.

— Como os soldadinhos para seus jogos de guerra?

Paul levantou-se de um pulo e assumiu uma postura rígida, fitando Toby com fúria.

— Não são jogos, Srta. Wells. São representações de batalhas reais. Eu pesquiso os detalhes e, cuidadosamente, posiciono meus soldados e armamentos na ordem correta.

— Paul, Paul, vamos tomar o chá no quarto de Toby — Suzanne invadiu o quarto e interrompeu a conversa. — Venha ajudar o papai com a bandeja.

— Não vamos espalhar farelos na cama? — ele questionou. — Não acho conveniente incomodarmos a Srta. Wells.

— Papai disse que podemos comer aqui — Suzanne explicou. — E ele disse que vai estar em casa todos os dias quando chegarmos da escola. Ande Paul, venha!

A expressão de surpresa no rosto de Paul era a mesma que Toby vira em Suzanne poucos minutos antes. Ficou satisfeita em vê-lo correr atrás da irmã. Quem sabe, haveria salvação para os comportadíssimos Sedaine, afinal!

Enquanto faziam a refeição leve, cada um teve sua vez no entretenimento da tarde. Toby cantou algumas canções, Michael contou histórias, Suzanne apresentou uma dança e Paul foi coagido a recitar um poema. Tiveram alguns acessos de riso injustificados, abraços espontâneos e uma travessa de biscoitos consumida no período em que ficaram os quatro, empoleirados na cama de Toby.

Faltava pouco para as cinco horas, quando Michael perguntou:

— Quem vai me ajudar a arrumar esta bagunça?



As duas crianças pularam da cama imediatamente, e puseram-se a recolher pratos e xícaras. Fazia tempo que Toby não se divertia tanto, embora se sentisse cansada e agradecesse a oportunidade de descansar um pouco.

Depois de tirar os farelos dos lençóis, Suzanne estendeu as cobertas da melhor maneira que seu tamanho permitia.

— Posso visitar você amanhã? Não quero que se sinta sozinha.

— Ficarei esperando ansiosa — Toby assegurou.

Paul absteve-se de qualquer comentário, embora Toby pudesse notar que a expressão de concentração intensa, sempre presente em seu olhar, havia sido substituída por pura alegria infantil. Ela seria capaz de apostar todo o seu dinheiro, que Paul voltaria para outro chá em seu quarto, desde que Laura não interferisse.

No dia seguinte, Paul foi o primeiro a bater em sua porta, e Toby preparou-se para não se deixar levar pelas aparências. O pior que poderia fazer à amizade que começava a nascer entre eles seria pressionar o menino.

— Aprendeu algo de novo, hoje? — Toby perguntou.

— Nada de importante. Minha professora quer que tenhamos um diário, que devemos entregar no final de cada semana. Ela dá nota pela ortografia, gramática e caligrafia.

— Acho uma boa ideia — Toby falou, mostrando seu próprio diário a Paul. — Anoto meus pensamentos desde que tinha mais ou menos a sua idade. É engraçado ler o que escrevemos há muito tempo e ver quanto crescemos, e como mudamos.

— Se eu fizesse isso, a professora me poria de castigo. Escrevo apenas o que ela quer ouvir.

Toby perguntou-se o que Paul escreveria se tivesse plena liberdade para registrar seus pensamentos, sem correr o risco de ser castigado.

Sem que ninguém planejasse, uma nova rotina se estabeleceu. Ao final da semana, Michael e as crianças apareciam todos os dias para tomar chá com Toby em seu quarto, sem questionar o assunto. Toby apreciava aquela trégua na monotonia dos longos dias na cama, embora estivesse curiosa dos motivos de Laura para sair às compras todas as tardes. Na verdade, pouco via a dona da casa. Uma vez por dia, Laura entreabria a porta e, sem entrar, perguntava se Toby estava precisando de alguma coisa. Obtendo sempre uma resposta negativa e um agradecimento, saía o mais rápido possível. Em vez de preocupar-se com a ausência da Sra. Sedaine, Toby decidiu encarar o fato como uma dádiva dos céus.

A dieta nutritiva, os cuidados excelentes e a companhia alegre tornaram a convalescença de Toby bem mais fácil do que teria sido se tivesse ficado sozinha em um quarto de pensão, recebendo apenas auxílio ocasional. Concluiu que Michael agira acertadamente ao insistir que ela aceitasse a hospitalidade dos Sedaine. Entretanto, agora que já estava em condições de deixar o leito, achou que deveria procurar outro lugar para morar.

No dia em que o médico autorizou Toby a sair de casa, Michael voltou mais cedo do trabalho para levá-la a um passeio.

— Onde gostaria de ir?

— Ao sobrado — ela respondeu sem hesitação. — Estou morrendo de saudade, e Caleb e Chantelle estão a nossa espera. Falei com ela por telefone esta manhã.

Toby sentiu-se estranha parada diante da porta, esperando que Chantelle viesse abrir, em vez de usar sua própria chave. Era a confirmação de que não tinha um lugar que

pudesse chamar de lar.

Depois dos cumprimentos e abraços, Chantelle convidou:

— Venha comigo. Quero lhe mostrar o que fiz de seu antigo quarto.

Os dois homens as seguiram com o olhar, até que desapareceram no topo da escada. Então Caleb deu um tapinha no ombro de Michael e falou:

— Isto foi combinado. Queria conversar com você em particular. Michael notou-lhe a expressão grave.

— Algum problema?

— Talvez. Venha até a cozinha para pegarmos uma cerveja. Caleb pegou a garrafa no refrigerador, tirou a tampa, serviu dois copos e permaneceu calado.

Sentindo a ansiedade crescer, Michael pressionou:

— Seja o que for, é melhor falar logo. Qual o problema?

— Rosie.

Desde que Toby adoecera Michael não fora nem uma vez ao Pantheon, e não fazia ideia do que se passava por lá. Na verdade, Rosie visitara Toby apenas duas vezes, e Michael soubera através de Ansel, que ela raramente era encontrada na pensão. Entrava e saía rapidamente para apanhar alguns pertences, ou simplesmente para dormir e sumir outra vez.

— O que foi que a pestinha fez? — Michael perguntou desconfiado.

— Nada de errado. Ela é um sucesso com o público, este é o problema. O movimento dobrou desde que ela subiu no palco.

— Ai, meu Deus!

— Foi exatamente o que eu disse quando descobri — Caleb falou. — Toby vai ficar arrasada quando souber da popularidade de Rosie. A rivalidade entre as duas já é bastante acirrada.

— Ansel disse que ela havia enlouquecido a platéia, mas pensei que ele estava exagerando.

Caleb tomou um gole de cerveja antes de continuar.

— Ao contrário. Ansel não fez jus ao que aconteceu de verdade. Toby é boa, mas Rosie é muito melhor.

Contrariado com a injustiça, Michael defendeu Toby com irritação:

— Foi Toby quem compôs as canções!

— Sim — Caleb respondeu com voz calma. — Toby as compôs e são maravilhosas. Acontece que Rosie faz com que adquiram vida. As duas são igualmente talentosas, só que em áreas diferentes.

— Tem razão — Michael admitiu. — O que vamos fazer?

— Não faço ideia — Caleb sacudiu a cabeça preocupado. — Toby é a dona do teatro, e receio que não consiga perceber o quanto Rosie é boa no que faz. Acha que ela seria capaz de dividir o sucesso com a irmã? Sei que a competição entre elas é muito forte, mas qualquer outra saída iria contra os interesses do Pantheon.

— Bem, não posso tomar a decisão por Toby. Nem vou tentar dissuadi-la de voltar ao palco. Esta questão não é da minha alçada, seja no plano legal ou moral.

— Se for o caso, posso deixar que Rosie siga seu caminho. Greenpasture a contrataria de imediato — Caleb sugeriu.

— Nem pense nisso, camarada. Toby jamais permitiria que você arriscasse o futuro do Pantheon para satisfazer o orgulho dela.

— Estaria disposto a aceitar de volta a minha parte no teatro? Vejo chuvas e tempestades se aproximando.

Michael riu da sugestão do amigo.

— Nem por um momento eu me arrependi da decisão que tomei. O Pantheon nasceu do meu desejo de promover a sua carreira e a de Toby. Agora, Sr. MacRae, está pagando o preço do talento e do sucesso.

— Nesse caso, passo-lhe a incumbência de dar a Toby a notícia do sucesso de Rosie, de maneira que o choque não seja muito grande.

— Não acha que está pedindo muito? — Michael perguntou desanimado.

De repente a cerveja adquiriu um gosto amargo, e Michael despejou-a na pia. Colocou uma bala de limão no boca e apoiou-se na mesa. Rosie. Ela podia ser inconveniente, mas teriam de dar-lhe um crédito. Afinal, não fora visitar Toby com a notícia de que suas apresentações provocavam furor maior que as da irmã, como seria de se esperar. A garota tinha alguma sensibilidade, embora a escondesse durante a maior parte do tempo.

No antigo quarto de Toby, Chantelle perguntou:

— Gosta? Posso espalhar todos os tecidos, tesouras e agulhas, fazer uma enorme bagunça e, antes de sair, tudo o que tenho de fazer é fechar a porta. Caleb gostou da ideia de que eu trabalhe em casa parte do tempo.

Toby já havia se dado conta de que não tinha mais um lar. Entretanto, ao ver seu quarto despojado de qualquer sinal de que um dia vivera ali, sentiu um aperto na garganta.

— Você precisava de um lugar como este — falou, forçando um sorriso.

Por quanto tempo mais teria de viver na casa de Laura Sedaine? Não acreditava que pudesse encontrar outro lugar tão perfeito quanto o sobrado. Embora não se ressentisse da felicidade de Caleb e Chantelle, não se sentia exatamente feliz por se encontrar na posição em que estava.

— Toby, você me parece ótima — Chantelle elogiou, percebendo os pensamentos sombrios que iam pela cabeça da amiga. — Há poucas semanas, estava com um aspecto horrível; agora já está quase completamente recuperada.

— As histórias sobre a minha morte iminente foram um pouquinho exageradas.

— Então, por que ainda me sinto preocupada com você? Quer um conselho?

— Não, obrigada — Toby falou e levantou-se. — Já sei o que devo fazer e por quê. Você tinha suas razões para não se casar com Caleb, mesmo amando-o, e eu tenho as minhas para não me casar com Michael. Toby estava arredia. Temia que Chantelle derrubasse tudo o que construía como justificativa lógica, e não queria deixar a amiga expor sua opinião com franqueza.

— Prometo ser breve — Chantelle garantiu. — E, só vou dizer o que penso, porque quero ajudá-la a resolver o que eu tive de resolver sozinha.

— Sei que quer me ajudar — Toby falou, abrandando a voz —, mas não aguento mais você e Caleb me passando sermões sobre que homem maravilhoso é Michael. Isso eu já sei.

— Não é sobre Michael que quero falar, é sobre você e as tempestades que devastam sua cabecinha. Quando eu era criança, os furacões assolavam o Haiti. As árvores mais resistentes, como o mogno, eram arrancadas com raiz e tudo, pois não vergavam ao vento. Entretanto, as palmeiras, longas e flexíveis, recuperavam sua forma original depois da tempestade.

— Agradeço seu conselho, e não sou inflexível — Toby assegurou, sentindo todos os músculos tensos.

Chantelle desarmou suas defesas com uma gargalhada.

— Nem teimosa, não é? Lembro-me muito bem do dia da audição, em Saint Louis. Todos os candidatos rejeitados desapareciam como vento, enquanto que você ficou por perto até o final. E também ouvi você durante todas as noites em que passou em claro a fim de terminar uma composição, para depois ir trabalhar sem dormir.

— Está confundindo dedicação com teimosia.

— Chama-se dedicação quando usada por uma boa causa, e obstinação quando interfere em sua felicidade.

— Você parece ter memória curta! — Toby desafiou. — Não foi você a senhorita que manteve Caleb na espera durante seis longos anos?

— Não tente se enganar — Chantelle advertiu. — Se eu pudesse me casar com Caleb, teria feito isso há muito tempo. Nada me deteria.

— Então, venha conversar comigo a esse respeito daqui a seis anos. Hoje, tenho um pedido a fazer, um teste da sua amizade.

— Qualquer coisa, querida.

— Seja minha amiga, trabalhe comigo, mas não puxe a conversa sobre Michael toda vez que nos encontrarmos.

— Nem mais uma palavra — disse Chantelle. — Vamos descer e convencer os dois a nos levarem para um passeio antes do jantar. — O tom frio em sua voz deixava claro que a conversa séria havia terminado.

— Vamos dançar esta noite — Toby sugeriu antes de saírem do restaurante. Faria qualquer coisa para prolongar a noite agradável.

Michael observou sua magreza e palidez, e falou em tom de provocação:

— Não vai a lugar algum que não seja a sua cama. Se fosse um cavalo, teríamos de lhe dar um tiro.

— Ora, obrigada, Michael — ela respondeu. — Escreve poesias nas horas vagas? Afinal, tem sempre uma porção de elogios delicados e românticos, esperando para serem usados no momento adequando.

— E você está exausta, mesmo que não queira admitir — ele falou com suavidade. — Despeça-se de nossos amigos como uma boa menina.

— Deixe-me ao menos voltar ao sobrado. Sua carruagem está lá, e sinto-me perfeitamente capaz de caminhar cinco quarteirões.

— Michael, pare de discutir, senão ela vai fazer você ficar parado na esquina, até convencê-lo. — Caleb passou para o lado de Toby. — Lembre-se de que agora sou um homem casado. Sei muito bem o que estou dizendo.

— Tem razão — Michael concordou.

Toby tomou o braço de Michael, e os quatro dirigiram-se para o sobrado. Enquanto caminhavam, ela apreciou o contato inocente dos quadris se tocando, e invejou a liberdade que o casamento dera a Caleb e Chantelle. Essa inveja acentuou ainda mais a consciência do desejo que sentia por Michael, a agonia de saber que ele dormia a poucos metros de sua cama.

— Por que ficou quieta de repente? — Michael perguntou, apertando sua mão.

Diminuindo ainda mais o espaço entre eles, Toby apertou-lhe o braço com força.

— Estava pensando que precisamos conversar sobre meu problema de moradia. Não

posso ficar morando com sua mãe por muito tempo.

— Lá é impossível ficarmos cinco minutos a sós — Michael falou, compreendendo mal as razões de Toby.

— Amanhã devo voltar ao trabalho, mesmo que seja por umas poucas horas — ela disse para corrigir a conclusão de Michael. Tinham passado uma noite maravilhosa, e ela não queria estragar tudo ao dizer-lhe que não conseguia se sentir à vontade na casa de Laura, que estava se apegando demais a Paul e Suzanne e que sua permanência lá só tornaria as coisas mais difíceis. Se não se mudasse logo, acabaria não tendo a coragem de abandonar as crianças.

## CAPÍTULO XVI

Quando chegaram ao sobrado, Toby ficou surpresa de encontrar Rosie em uma carruagem, esperando por Chantelle. E mal pôde acreditar no magnífico casaco de pele que ela vestia.

— É pele de coelho? — perguntou, embora soubesse tratar-se de algo mais sofisticado e caro.

— Não, querida, é raposa — Rosie sussurrou e sorriu, antes de correr apressada para dentro.

Querida? A afetação renovada de Rosie irritou Toby, porém ela decidiu não morder a isca. Depois de tanto tempo convivendo com a irmã aprendera que parte do prazer de Rosie consistia em provocar as pessoas a troco de nada. Dirigindo-se para dentro do sobrado, perguntou:

— Como pôde pagar por um casaco como este?

— Não gastei um tostão. Ganhei de presente.

— De quem?

Rosie virou-se para ela com um sorriso maroto.

— Um de meus admiradores.

— Com licença — Chantelle interrompeu —, deve ter um motivo para estar me esperando na porta a uma hora dessas, Rosie.

— Poderia consertar isto para mim? — Rosie estendeu-lhe um dos trajes de Toby. — Rasguei-o esta noite, e acho que vou acabar de arruiná-lo se tentar costurar eu mesma.

— Vamos ter de apertar este vestido um pouquinho, quando eu voltar a trabalhar — Toby comentou, pegando o traje e inspecionando o rasgão. — Pelo menos, temporariamente.

— Antes de fazer qualquer alteração, Toby — Rosie avisou —, converse com Caleb.

— Desde quando Caleb cuida do guarda-roupa?

Impaciente, Michael abriu a cortina da janela da sala e, com um gesto apontando a carruagem estacionada na porta, falou:

— Não devia deixar o cavalheiro esperando tanto tempo, Rosie. Ele parece nervoso. — Na verdade, Michael só queria ver Rosie longe dali, antes que falasse demais.

— Adoro homens temperamentais. Tornam a vida mais emocionante.

— É aquele o seu admirador? — Toby perguntou curiosa, espiando pela janela o rapaz que andava de um lado para o outro, na calçada logo em frente.

— Um deles — Rosie respondeu com a mesma naturalidade que o faria se estivesse contando seus vestidos. — Bem, tenho de me apressar. William vai me levar para jantar antes do show. Ah, Toby, acho que vai adorar o novo número. Por que não vem assisti-lo amanhã?

— Está bem — Toby respondeu, imaginando o que Rosie queria dizer com "novo".

— Ótimo! Já ia esquecendo. Aqui está uma carta de Charlie, cheia de notícias interessantes.



Sem mais uma palavra, Rosie deu um beijo rápido em Toby e, acenando com afetação para os outros, saiu correndo.

Uma vez na carruagem, sentada junto de Michael, Toby tocou o rosto onde Rosie a havia beijado e sorriu.

— Nem me lembro da última vez em que Rosie me beijou de livre e espontânea vontade. Michael acho que ela está feliz. Não aprovo tudo o que ela faz, mas fico satisfeita em saber que está bem.

— Não está desconfiada do por que ela está sendo tão amável? — Michael perguntou e abraçou-a.

Toby deixou-se levar e relaxou nos braços dele.

— Um pouco, mas estou contente por vê-la feliz.

— Não se incomoda de saber que, por estar fazendo o seu papel, ela está recebendo todas as atenções? — O que Michael queria dizer, na verdade, era que Rosie alcançara o sucesso à custa da irmã.

— Para ser honesta, não havia pensado nesses termos. — Toby afastou-se um pouco, a fim de poder encará-lo. — Não, não me importo. Rosie está apreciando sua breve passagem pelo palco.

— Com você não aconteceu o mesmo? — Michael perguntou, cheio de esperança de ouvir uma resposta tranquilizadora.

— Claro que sim, mas existe uma grande diferença. Eu adorava apresentar meu trabalho ao público, mas nunca me interessei pelos benefícios extras.

— Só porque sempre teve todos os benefícios extras bem aqui — Michael disse, apertando-lhe a mão.

Embora se sentisse tentado a fazer muito mais do que segurar-lhe a mão, Michael viu-se obrigado a se conter. Por um lado, se desse vazão ao desejo de tocá-la, seria difícil parar; por outro, Toby ainda não havia se dado conta do real significado do sucesso de Rosie e restava pouquíssimo tempo para explicar-lhe.

— E se a presença de Rosie no show não for tão breve? — ele persistiu no assunto.

Toby percebeu que Michael não estava falando de maneira casual.

— Está tentando me dizer alguma coisa. Seja claro — pediu.

— Você encontrou uma forte concorrente. Rosie dobrou o movimento. Toby estremeceu. Se Michael falava a verdade, a indispensável garota do Missouri fora chutada para fora do palco. Havia sido facilmente substituída, e isso doía mais do que a rejeição do público. Largando a carta de Charlie no colo, ela estremeceu mais uma vez.

— Está com frio — Michael falou, abraçando-a. — Quando chegarmos em casa, acenderei a lareira. Recebi uma encomenda de lenha ontem.

— O Pantheon não precisa de dois números similares, sendo um inferior ao outro — Toby afirmou, sem se deixar desviar do assunto.

— O que aconteceu com a insolente Srta. Wells? Onde está sua coragem?

— O que espera que eu faça? Que peça a Caleb para demitir Rosie? Isto seria uma atitude egoísta, além de uma decisão desastrosa para os negócios.

— Acha que pode ser melhor do que ela no palco? Para Toby, foi fácil responder.

— Não. Dei tudo de mim naquele espetáculo, enquanto ela obteve maior sucesso sem o menor esforço.

— Por que você realizou metade do trabalho para ela, ora! Você compôs aquelas canções e não está recebendo os devidos créditos!

— Estou cansada. — Ela suspirou e esfregou as têmporas. — No momento, não consigo raciocinar com clareza. Toda vez que decido fazer o que quero, seja sair de casa, tornar-me compositora, trabalhar para você ou administrar o teatro, sou empurrada para outro lado.

— Os últimos meses foram muito confusos — ele tentou confortá-la, massageando-lhe os ombros para que ela relaxasse.

— É estranho, mas a coisa mais importante que me aconteceu foi exatamente o que eu não queria. Apaixonei-me por você.

— Isto quer dizer que vai se casar comigo? Finalmente colocou nessa cabecinha dura que é possível sermos felizes juntos? — Michael mal podia acreditar que Toby havia desistido de lutar contra os sentimentos que os uniam.

— Tenho certeza de que seríamos felizes, Michael, mas não vou me casar com você.

— O quê? — Ele tinha vontade de sacudi-la e forçá-la a encarar a verdade. Entretanto, manteve-se calmo. — Por favor, pára de falar através de enigmas.

— Você acabaria me odiando, da mesma forma que odiou Lillian. Acho que a única maneira de resolvermos isto é usufruirmos da companhia um do outro, até que um dos dois tenha de partir. A porta estará sempre aberta. — Embora notasse o olhar estarecido de Michael, continuou: — Não posso reestruturar minha vida só para agradá-lo. Você está me pressionando a desistir de minha carreira, casar com você e ter filhos. Estou me sentindo acuada em um beco sem saída.

— Não quis dizer que deveríamos ter filhos já — Michael explicou. — Pensei que isto poderia esperar.

— Nunca terei filhos, Michael.

Michael não podia acreditar no que acabara de ouvir. O que mais o abalou, não foram as palavras que ela usou, mas o tom de sua voz. Toby falava com calma, firmeza e uma precisão assustadoras. Ele repetira o mesmo maldito erro! Dera seu amor a uma mulher incapaz de retribuí-lo de maneira permanente.

— Não permitirei que me abandone — ele declarou com determinação.

— Eu te amo, Michael, mas não posso me casar com você.

— Não pode ou não vai casar?

— É mera questão de semântica — ela murmurou, percebendo o brilho ameaçador nos olhos dele.

— Então, vou lhe mostrar uma questão anatômica.

Antes que Toby pudesse pronunciar uma palavra de protesto, Michael puxou-a para si e colou os lábios nos dela. Até então, sempre fora cauteloso ao tocá-la, temendo feri-la ou assustá-la. Entretanto, dessa vez, queria machucá-la, levá-la à loucura, fazer com que implorasse que lhe fizesse amor. Então ele lhe negaria a satisfação dos desejos mais desesperados. Queria seduzir-lhe a razão com a paixão, de modo que, mesmo que o deixasse, que tivesse um milhão de homens, haveria de comparar cada beijo, cada toque, com o que havia partilhado com ele.

— Sou o primeiro homem que você amou — ele falou com voz rouca, deslizando a mão pela coxa e retirando-lhe a meia. — Mesmo que não seja o último, você jamais vai se esquecer de mim, pois serei sempre o melhor.

Sendo um homem de palavra, Michael torturou-a com carícias ousadas e beijos apaixonados. Logo sentiu a reação de Toby, que respirava com dificuldade, gemendo de prazer à medida que as mãos dele operavam milagres em seu corpo. E cada vez que ela

tentava falar, ele a fazia calar com seus lábios.

Michael era firme, agressivo e discreto em suas carícias, não deixando que o cocheiro percebesse, nem por um momento, o que se passava atrás dele. No entanto, Toby desejou que estivessem sozinhos na cama. Em seus devaneios, experimentara o prazer de ter o corpo de Michael sobre o seu. Suspirou impaciente a fim de afastar a imagem que a excitava ainda mais, e agarrou-se a Michael, num pedido silencioso para que continuasse, e fosse até o fim.

Antes que ela pudesse convencê-lo a, sequer, desabotoar a camisa, os cavalos suspenderam a marcha, e Michael se recompôs.

— Chegamos — ele falou com voz aveludada, estendendo-lhe a mão para ajudá-la a sair da carruagem.

Levou-a diretamente à porta de seu quarto onde, depois de beijá-la e acariciá-la mais um pouco, despediu-se:

— Tenha bons sonhos, Olhos de Anjo.

Sem mais uma palavra, ele se afastou, deixando-a frustrada e abandonada, justamente quando estava prestes a convidá-lo para a sua cama. Toby sabia que era perigoso, mas estava disposta a correr o risco, só para realizar o sonho de sentir o peso do corpo de Michael, de conhecer o êxtase de entregar-se a ele por inteiro, sem reservas, obedecendo aos mandos da paixão.

Atirou-se na cama e esmurrando o travesseiro, murmurou um grito contido:

— Michael Sedaine, odeio você!

Sozinho em seu quarto, Michael tirou os sapatos e estendeu-se na cama. Colocou uma bala de limão na boca e cruzou as mãos sob a cabeça. Toby provaria um pouco de seu próprio veneno, e ele pretendia divertir-se enquanto a ensinava o real significado de querer um homem. Se não podia convencê-la com palavras de que ela não poderia viver sem ele, então se entregaria ao prazer de mostrar-lhe que precisava dele desesperadamente.

A carta de Charlie, que Toby só pegou para ler na manhã seguinte, aumentou ainda mais a confusão que a mantivera acordada a noite toda. Ele contava uma porção de fofocas familiares e, entre elas, a que mais abalou Toby, foi a insinuação de que seu pai pretendia se casar.

A viúva Simpson, de acordo com Charlie, estava "engordando" seu pai com suas tortas de maçã. "Ele me disse", Charlie escreveu, "que vai acompanhá-la ao próximo baile da igreja, e você sabe o que isso representa em nossa pequena cidade. Será o mesmo que admitir publicamente que estão comprometidos."

Toby largou a carta no colo. Jamais imaginara que seu pai pudesse se casar novamente. Durante todos aqueles anos ele usara o luto por Irina como escudo para proteger-se do mundo; agora parecia ter se libertado. Somente Toby se agarrava ao passado, recusando-se a encerrar o episódio da morte da mãe e caminhar em direção ao futuro.

Estavam no escritório e Michael trabalhava enquanto Toby lia a carta. Ele a viu dobrar o papel e enfiá-lo de volta no envelope. Sem uma palavra sobre a família, ela atravessou o aposento e foi até a janela. Depois, aproximou-se de Michael e pousou a mão no ombro dele.

Michael estava acostumado com as demonstrações físicas do afeto de Toby. Naquele dia, porém, ela não o tocava casualmente, como de hábito. Parecia querer colar-se a ele

para nunca mais se afastar.

— Onde estão as crianças — ela finalmente perguntou.

— Na escola.

— O apartamento fica quieto demais quando não estão aqui.

— Quer me contar o que Charlie escreveu que a deixou tão estranha?

— Nada de mais — ela suspirou. — Charlie acha que papai vai propor casamento a uma mulher chamada Ruth Simpson.

Michael sentiu a mão dela apertar-se em seu braço e segurou-a.

— Você não gosta dela?

— Imagino que seja uma boa mulher, mas não a conheço. Nem sabia que meu pai andava saindo com alguém.

Michael levantou-se e passou o braço em torno dos ombros de Toby.

— Seu tom de voz sugere ironia, mais ou menos como Paul, quando menciona seu nome.

— Ah, não — ela se apressou em corrigir —, quero que papai seja feliz. Só estou surpresa, pois nunca imaginei que ele se casaria de novo.

— Por que não? Afinal, ele viveu sozinho por dez anos, Toby.

— Não quero discutir este assunto.

Rapidamente, Toby passou a uma questão que a estava incomodando. — Sabe por que sua mãe me convidou para almoçar com ela, hoje?

— Acho que quer conhecê-la melhor. Embora estejam vivendo sob o mesmo teto, vocês não têm muitas oportunidades de conversar. Dê-lhe uma chance, Toby. Vai ver que ela, na verdade, não é um dragão.

— Preferia que você me acompanhasse. Afagando-lhe os cabelos, ele respondeu:

— Infelizmente, não posso. Tenho deixado Reginald sozinho no escritório por tempo demais. Preciso acompanhar os negócios mais de perto.

— Nos encontramos no teatro? — ela perguntou, repousando a cabeça no peito de Michael.

— Estarei lá. Está se sentindo disposta para tantas atividades em um só dia? — Michael ficou preocupado com a súbita demonstração de dependência, tão rara em Toby.

— Estou bem — ela afirmou sem saber como comunicar-lhe sua decisão. Falou de repente: — Vou para Saint Louis amanhã.

— Mais uma tentativa de fugir de mim? — Michael esperava uma atitude como aquela, e não se surpreendeu com a notícia.

— Não. Preciso conversar com papai.

— Sobre o casamento dele? Quer que eu vá com você?

— Não desta vez. Devo resolver isto sozinha. Vai estar aqui quando eu voltar?

Michael percebeu o temor em sua voz e assegurou:

— Sim, estarei aqui. Quanto tempo vai demorar?

— Não sei. O tempo necessário.

— Tenho de partir em outra viagem para caçar novos artistas. Farei isso enquanto estiver fora. Encontro você aqui antes do Natal.

— Obrigada por compreender minhas razões.

— Para dizer a verdade, não a compreendo muito bem, mas quero que saiba que, seja qual for sua decisão, eu a acatarei e apoiarei. Agora — ele disse, consultando o relógio —, devemos nos apressar ou chegaremos atrasados a nossos compromissos.

Toby foi até o quarto para apanhar a bolsa e o casaco. Ficou pensando na calma com que Michael recebera a notícia de sua partida. Havia se preparado com uma lista de argumentos para convencê-lo de sua necessidade de ir para casa. No entanto, ele lhe derrubara as defesas, antes mesmo que ela pudesse armá-las.

Olhou-se no espelho antes de sair para encontrar Michael no saguão do edifício. Sim, sua aparência tornava-se cada dia melhor. Logo voltaria a ser a velha Toby, cheia de vida e energia.

Antes de saírem para a rua, Michael verificou se ela estava bem agasalhada, como teria feito com Suzanne. Ela riu e comentou em seguida:

— Não sei o que dizer a sua mãe, Michael. É difícil estabelecer uma conversa casual com alguém que gostaria que eu fosse atropelada por um bonde.

— Você só teve de aturá-la por uns poucos meses — Michael sorriu. — Como acha que eu me sinto, depois de conviver com ela durante toda a minha vida?

O restaurante onde Michael deixou Toby estava excessivamente quente. Ela tirou o casaco assim que entrou. O garçom levou-a por entre uma verdadeira selva de plantas exóticas até a mesa de Laura.

— Você parece cansada — Laura comentou depois dos cumprimentos iniciais. — O fato de ter saído com Michael ontem à noite deve ter lhe drenado a energia. Afinal, ainda não está totalmente recuperada. Devia ter mais cuidado.

A crítica velada de Laura deixou Toby apreensiva.

— Sinto-me forte como um touro do Missouri — falou para arrepender-se no instante seguinte. Não costumava usar expressões como aquela em Nova York, a menos que estivesse nervosa. Mudando de posição na cadeira, tentou novamente: - Estou bem. Apenas sinto o ambiente um pouco abafado aqui dentro.

— Eu havia me esquecido que eles mantêm este lugar como a uma estufa, por causa das plantas tropicais - Laura desculpou-se.

Durante as entradas, Laura fez comentários triviais a respeito de Paul e Suzanne, sem bisbilhotar a relação deles com Toby nem uma vez. Toby tinha a sensação de que uma abelha caminhava sobre sua pele e, mais cedo ou mais tarde, acabaria sendo picada. Só não sabia onde a dor se manifestaria.

— Sra. Sedaine — Toby a interrompeu, sem conseguir tolerar o suspense —, por que pediu que eu viesse encontrá-la aqui?

— Porque gostaria que pudéssemos declarar uma trégua.

— Não estamos em guerra — Toby assegurou. — A senhora me hospedou em sua casa quando eu não tinha para onde ir, e sempre serei grata por sua generosidade.

— Fui generosa o bastante para deixá-la sozinha com as crianças todas as tardes.

Toby ergueu os olhos e estudou Laura com atenção.

— Saía de propósito, não é mesmo? Achei estranho que tivesse tantas compras a fazer.

— Michael acreditou. Foi a única desculpa que pude inventar.

— Por que não se juntou a nós? — Toby observou Laura torcer nervosamente o guardanapo. — Sua companhia seria bem-vinda.

— Seria? Quantas vezes viu Suzanne rir quando estou presente? Com que frequência Paul sorri quando fala comigo?

Toby não podia responder. Não havia o que pudesse dizer sem condenar Laura.

— Não sou tola, Toby. Fiquei ouvindo atrás da porta do seu quarto naquele primeiro

dia, e escutei as crianças adverti-la para que não me contasse que haviam tomado chá e comido biscoitos em um quarto.

— Eles só queriam evitar que ficasse aborrecida — Toby explicou.

— Adoro os meus netos e não quero perdê-los. Tenho pensado no modo como vêm sendo educados, e cheguei à conclusão que não tenho agido corretamente.

— Talvez, se fosse um pouco menos rígida...

— Sabia que eu tentei afastá-la por medo de perder o amor de meus netos?

A ideia de que ela poderia representar uma ameaça a Laura era cômica. Toby via-se tão ameaçadora quanto a galinha que o garçom havia colocado em seu prato. No entanto, Laura Sedaine estava verdadeiramente apavorada.

— Eu jamais poderia fazer uma coisa dessas. Paul e Suzanne a amam demais.

— Será? Às vezes acho que fui muito inflexível, sempre por medo de não educá-los da melhor maneira. Talvez eu os tenha impedido de viver a infância como gostariam.

— Deve ter sido um fardo criar duas crianças pequenas. Conheço bem o trabalho que as crianças podem dar. .

— Sim, estou cansada — Laura concordou —, mas tive medo de que, se eu não desse conta de cuidar deles, Michael os mandaria para os parentes de Lílian, na Bélgica. Michael, Paul e Suzanne são tudo o que tenho.

Toby pousou a mão sobre a de Laura.

— Michael seria incapaz de separar-se dos filhos.

— Agora acredito que não, mas há algum tempo, chegamos a discutir as vantagens que Paul e Suzanne teriam se fossem criados dentro de uma família grande, com outras crianças para brincar com eles. Eles têm catorze primos na Europa. Você sabe que, em Nova York, eles só têm o pai, a avó e um tio flutuante.

— Não importa quantos parentes tenham, nem se os primos moram na Europa. Paul e Suzanne precisam do pai.

— E precisam de uma mãe, também. Estou velha demais para isso, e venho me recusando a admiti-lo, até para mim mesma.

Toby tinha problemas demais no momento e não sentia a menor disposição para assumir os de Laura.

— Se relaxasse um pouco suas preocupações com a educação de Paul e Suzanne, tudo seria mais fácil.

— Eu sei — Laura concordou. — Eu tentei, mas Paul é um teste a minha paciência. Sei o quanto gosta dele, por isso sinto-me à vontade para lhe fazer uma confissão. Mas se contar a alguém, vou negar terminantemente. Acho estranha a obsessão de Paul por seus soldados e jogos de guerra.

O garçom retirou os pratos, dando a Toby algum tempo para formular uma resposta. Uma vez recuperada a privacidade, ela falou:

— Paul tem uma imaginação bastante ativa e sente-se revoltado pelo fato de ter sido abandonado pela mãe.

Toby havia se perguntado se Paul a desagradava porque ela via nele muito de si mesma. Entretanto, não tinha energia suficiente para resolver todos os seus problemas com Paul. Aliás, não estava certa de que sua energia seria suficiente para que sobrevivesse até o dia seguinte.

— Laura, sinto muito, mas não posso resolver os problemas de Paul — ela desabafou.

— Não consigo nem mesmo encontrar respostas para os meus dilemas.



— Como, por exemplo, se vai se casar com meu filho? Toby apenas assentiu.

Laura continuou, considerando o silêncio de Toby uma resposta.

— Quando conheci você, eu me vi há trinta anos. Pode não acreditar, mas também já fui tão natural e espontânea quanto você.

— Acredito — Toby falou, embora achasse difícil imaginar que Laura pudesse ser qualquer coisa, senão uma dama sofisticada.

Laura franziu o rosto num sorriso.

— Agora posso ver por que Michael se apaixonou por você. Sabe mentir com muita graça! Como eu dizia, espero não ter criado em você um preconceito contra todos os Sedaine. Não somos tão ruins. Às vezes, é difícil e doloroso conhecer e compreender nossa natureza. Só isso.

Era a primeira vez que Toby assistia a uma expressão bem-humorada de Laura, e começou a rir.

— Prometo não contar seu segredo a ninguém.

— Obrigada, Toby. Metade dos nova-iorquinos morrem de medo de mim, e sinto um prazer especial em vê-los tremer quando chego.

Laura pagou a conta e, quando deixaram o restaurante, tomou o braço de Toby.

— Você não é só bonita, diplomática e simpática, é também muito mais esperta que a mãe de Michael. O gosto de meu filho para as mulheres melhorou com a idade.

A caminho do teatro, Toby arrastava-se sob o peso do cansaço. Cada pessoa com quem conversava tentava convencê-la a casar-se com Michael, cada uma por razões diferentes. Michael queria que ela abandonasse o palco e Rosie, provavelmente, não lhe deixara outra alternativa. Entretanto, ainda possuía um terço do teatro, e não deixaria de administrá-lo.

Michael também queria uma mãe para seus filhos, de maneira que não precisasse mais se preocupar com eles. Por outro lado, era obrigada a admitir que ele a amava, ou pensava que amava. Seria o bastante? O amor poderia substituir tudo o que ela teria de sacrificar por aquele casamento?

Agora, Laura Sedaine tentava passar suas responsabilidades para Toby. Por que todos estavam convencidos de que ela havia nascido com a palavra "mamãe" escrita na testa? Parecia que não possuía outro talento, senão o de criar os filhos de outras mulheres!

Quando chegou ao teatro, estava cansada de pensar e desejosa de entregar-se a um pouco de atividade. O movimento agitado dos bastidores logo a envolveu, fazendo com que saísse do estado letárgico em que se encontrava. Deu-se conta do quanto sentira falta da convivência com pessoas dinâmicas e criativas, e sentiu uma vontade enorme de participar. Assim, saiu à procura de Chantelle.

— Olá — cumprimentou a amiga assim que entrou na sala onde guardavam os trajes do show.

— Oi! — Chantelle respondeu enquanto erguia do chão uma pequena mesinha de armar. — Gostaria de ter tempo para conversar, mas o novo número está me consumindo por inteiro. — Dito isso, saiu às carreiras, deixando Toby com a sensação de ser uma estranha.

Os demais integrantes da equipe agiram com a mesma distração. Saul, o maestro, ensaiava as músicas com a orquestra, e Rosie praticava novos passos de dança para o próximo show. Todos com quem tentava conversar estavam ocupados demais e mal tinham tempo de ser educados.

— Toby — Caleb chamou, vendo que ela andava a esmo pelos bastidores. — Reservei poltronas na primeira fila para você e Michael. Por que não espera por ele no saguão?

Toby sorriu, embora sentisse um nó apertar-lhe a garganta. Caleb não fora intencionalmente cruel, mas deixara claro que sua presença não era necessária daquele lado da cortina. Esperando por Michael no saguão, Toby perguntou-se se pertencia a algum lugar, afinal.

## CAPÍTULO XVII

Toby nunca havia tido o prazer de assistir ao show do começo ao fim, sentada na platéia. Sua experiência até então fora de fragmentos de números assistidos dos bastidores, ou segmentos de apresentações durante os ensaios. Ficou surpresa ao descobrir quantos números Caleb havia substituído por novos. Aquele não era o espetáculo que ela e Michael haviam lançado, mas viu-se obrigada a admitir que era melhor, e que o Pantheon prosperava.

— Eu jamais teria contratado este comediante, mas fico contente de que Caleb tenha apostado em seu sucesso. Ouça as gargalhadas do público.

Toby mal podia ouvir o que Michael dizia. Simplesmente assentiu enquanto espiava as pessoas sentadas ao lado, que enxugavam lágrimas provocadas pelo riso excessivo. Minutos antes, quando se dirigiam para seus lugares, ela ficara espantada ao perceber que a casa estava lotada, acontecimento raro em uma noite de sexta-feira.

Por mais que estivesse se divertindo e sentindo-se orgulhosa pela maneira como Caleb e Chantelle haviam administrado o teatro durante o período em que estivera doente, não podia reprimir a ansiedade crescente. Rosie apresentaria o próximo número. Embora seu lado imparcial desejasse que Rosie fizesse o maior sucesso, a irmã ciumenta rezava para que a outra cometesse um erro, ao menos. Uma nota desafinada ou um passo errado na coreografia a deixaria satisfeita e salvaria seu orgulho ferido. Quando os aplausos ao comediante cessaram, Michael tomou-lhe a mão e perguntou:

— É difícil para você?

— O que escolheria se estivesse com dor nas costas: um colchão de penas ou uma cama de pregos?

Michael riu alto da brincadeira e sentiu diversos olhos pousarem sobre ele, o que só o divertiu ainda mais.

— Devem pensar que sou um desses idiotas que só conseguem entender a piada bem depois que terminou — falou, lutando para reprimir o riso.

— Ou um louco — Toby acrescentou, rindo também.

— Sou louco por você.

— Então, não passa de um idiota!

Michael conseguira dissipar-lhe a tensão e, quando a cortina se abriu, Toby recostou-se na poltrona para verificar o que Rosie fizera com o número que ela havia criado. Poucos instantes depois, Toby empertigava-se; a interpretação de Rosie era soberba. Esqueceu-se que era a irmã quem cantava, entregando-se à magia na qual realidade e rivalidade ficavam obscurecidas.

Antes da apresentação terminar, a esperança de Toby em voltar ao palco do Pantheon havia morrido. Fora tola em acreditar-se talentosa. Aquilo não passara de uma doce ilusão, que Rosie acabava de destruir com sua atuação fantástica.

Toby pensava estar preparada para enfrentar aquela prova, porém estava enganada.

Parecia injusto que, depois de todo o empenho que havia dedicado ao trabalho, Rosie colhesse os louros da vitória. Reprimindo a mágoa, levantou-se juntamente com os demais espectadores e aplaudiu de pé, mas era a única que chorava enquanto batia palmas.

Michael e Toby deixaram o teatro assim que a cortina fechou. Quando entraram na carruagem, Michael declarou.

— Quando voltar de Saint Louis, não quero que se case comigo por se achar um fracasso e pensar que sou sua última opção.

— Acredita que eu seria capaz de usá-lo dessa maneira? — ela perguntou surpresa pelo que acabara de ouvir.

— Não acho que o fizesse de propósito, mas sei que está magoada e duvidando de si mesma. Não o faça. Você tem mais talento no dedo mindinho do que Rosie no corpo inteiro.

— Ha! — Toby zombou com ironia. — Não acredito nisso e, ao que parece, Caleb também não.

— Subir em um palco e cantar é ridículo quando alguém nasce com o talento que você tem. Dedique-se à composição, venda-me suas canções, deixe que Rosie as cante e transforme-as em músicas populares. Pode fazer tudo isso, e ainda ter tempo para cuidar de suas tarefas na administração do Pantheon. Você acha que Ibsen atua em suas peças, ou que Strauss ainda perde tempo tocando seu violino?

— Compreendo — Toby falou com sarcasmo. — Sou criativa demais para desperdiçar meu talento no teatro de revista.

— Exatamente. Venho lhe dizendo isso a meses, mas você enfiou nesta cabecinha — Michael deu-lhe um tapinha na testa —, que o teatro de revista era o começo e o fim. Todos a sua volta sabíamos que estava errada. Saul, Caleb, Chantelle e eu não concordávamos com a sua escolha.

Toby virou-se para ele, furiosa.

— Toda a minha vida, as pessoas determinaram o que eu devia ou não devia fazer. Amanhã vou para casa, tentar descobrir o que *eu* quero.

Ele a fitou com firmeza e disse com um sorriso:

— Aleluia! Já era tempo de você assumir o controle sobre a sua vida. Livre-se dos fantasmas, culpas e inseguranças que a impedem de ser feliz.

Achando graça na confiança de Michael, ela provocou:

— E se eu decidir que não o quero Sr. Sedaine?

— Acho difícil. Pode não me querer, mas não é capaz de resistir a isto.

Devagar, ele cobriu seu rosto de beijos suaves, descendo até o pescoço. Toby tentou resistir ao ataque, mas sentiu-se amolecer sob as carícias ternas e apaixonadas. Contorceu-se de prazer, procurando colar os lábios aos dele. Ao senti-la reagir com ousadia, Michael deslizou a mão por baixo de seu casaco.

— Se isto é rejeição, adoro o fracasso — murmurou com voz rouca.

— Ah, meu querido Michael — Toby suspirou —, você sempre faz o fracasso parecer vitória.

— Gostaria que estivéssemos indo para a nossa casa, para comemorar nossas tragédias — ele sugeriu, acariciando-lhe os seios.

— Um dia — Toby falou.

— Promete?

Toby abraçou-o e desejou poder dizer "sim", mas tudo o que disse foi:

— Talvez.

Quando o trem se aproximou da estação de Saint Louis, Toby deu-se conta de que passara a viagem inteira, desde Nova York, sonhando com Michael. Sete meses antes, não teria acreditado na possibilidade de, um dia, tornar-se obcecada por um homem. Porém Michael se apossara de seu mundo, colocando-o em órbita. Antes de conhecê-lo, seu universo sentimental limitava-se ao pai e aos irmãos, e sua vida consistia em cuidar deles e de suas composições. Uma vida simples, porém organizada. Agora, tudo era diferente.

Possuía um teatro, mas não tinha um lugar que pudesse chamar de lar, fizera sucesso no palco, mas não passara de um meteoro, e estava apaixonada por um homem dinâmico e elegante, a criatura mais frustrante que ela tivera o prazer de conhecer. Michael lhe mostrava, pelo menos, uma dúzia de vezes, todos os dias, que a amava, mas não era capaz de aceitá-la se não fosse como sua esposa.

Antes que pusesse os pés na plataforma da estação de Saint Louis, Charlie e os gêmeos acenavam, gritando seu nome:

— Toby, estamos aqui!

Quando avistou Cléo e Mo, ficou surpresa de ver quanto tinham crescido. Já não eram mais as criancinhas que mimara, mas púberes prontos a entrar na adolescência. Cléo estava mais alta que Mo, e Toby lembrou-se que o mesmo havia acontecido com ela e Charlie. Durante algum tempo pareciam gêmeos, então Toby cresceu mais depressa. Depois, quando Charlie entrou em franco desenvolvimento, passou a parecer mais velho que ela, sempre muito maior.

— Onde está Gwen? — Toby perguntou.

— Trabalhando — Charlie respondeu enquanto a tomava nos braços. — Nossa irmãzinha arranjou um emprego em uma loja de armários.

— Estão todos crescendo depressa. — Toby adiantou-se para beijar Cléo e Mo, e divertir-se com o sorriso maroto do menino. — Está muito crescido para beijinhos?

Mo limpou o rosto na manga do casaco e resmungou:

— Mulheres! Por que têm de ser sempre tão melosas?

— Espere alguns anos e voltará a gostar de mulheres! Cléo provocou o irmão.

— A Srta. Cavanaugh disse que ele enfia as trancas de Sarah Jean no tinteiro porque gosta dela.

— Não gosto — ele protestou. — Sarah Jean é uma chata. Toby riu. Algumas coisas permaneciam inalteradas e ela sentiu-se feliz por estar em casa. Abraçando Charlie, perguntou:

— E você, o que anda fazendo? Enfiando trancas no tinteiro, também?

— Todas que consigo agarrar — ele respondeu com uma piscadela. — Vamos pegar logo a sua bagagem. Papai está ansioso para vê-la.

— Mal posso esperar para estar com ele — Toby declarou, ao mesmo tempo temerosa e ansiosa para conversar com ele,

Ao chegarem em casa, Alex informou-os que o pai ainda não havia chegado, de forma que a reunião de Toby com ele teve de ser adiada.

— Onde está Mary? — ela perguntou. — Não a vejo desde o casamento.

— Na cozinha. Está trabalhando desde cedo em um jantar de boas-vindas para você.

Nesse instante, Mary com sua barriga protuberante, entrou na sala.

— Olá Toby! — Abraçou e beijou a cunhada. — Alimentar esta família é uma tarefa e tanto. Não sei como consegui fazer isso por tantos anos.

— Acho que não fiz um trabalho tão bom quanto o seu. Todos cresceram pelo menos dez centímetros desde que parti. Quer dizer, nem todos cresceram, alguns engordaram. — Toby brincou com a gravidez de Mary. — Para quando é o bebê? Perdi as contas.

— Para daqui a dois meses. Ou estou carregando um acrobata ou Cléo e Mo não serão os únicos gêmeos na família.

— O que o médico acha?

— Ele disse que, se um dia alguém for capaz de dizer a uma mulher quantos bebês ela carrega, ou se é menino ou menina, não haverá mais mistério na criação de uma família.

Alguns mistérios eram gloriosos, Toby pensou, e outros, assustadores. Esperava, um dia, poder ser tão otimista quanto Mary em relação ao futuro.

— Papai costuma chegar atrasado? — ela perguntou a Alex, lembrando-se que o pai sempre chegava em casa antes do jantar ser servido.

— De uns tempos para cá, sim — Alex respondeu com um sorriso irônico.

— Charlie insinuou que ele está saindo com a Sra. Simpson.

— Cortejando seria a palavra mais adequada. Ele pretendia ir buscar você na estação, mas um de seus fiéis está muito doente, e ele foi visitar a família. A Sra. Simpson foi com ele, a fim de levar uma cesta com comidas.

— Ele, finalmente, tirou o nariz dos livros e está colocando em prática o que sempre pregou! — Durante anos os sermões de Robert Wells haviam sido puramente teóricos.

— Graças a Sra. Simpson — Alex explicou. — Espero que papai se case com ela. Nunca vai encontrar companheira melhor.

Gwen, Robert e Ruth chegaram ao mesmo tempo. Toby entregou-se aos abraços e beijos, percebendo que sentira mais falta de seu pai do que havia imaginado. Ele estava exuberante, e parecia ter esquecido o aborrecimento causado pela partida das filhas.

— Dê um passo para trás, quero olhar você — Robert ordenou de bom humor.

Toby obedeceu e deu uma voltinha, exibindo o vestido nova-iorquino.

— Gosta?

— Gosto da mulher que o está usando — o pai falou. — Está tão bonita quanto sua mãe foi na sua idade.

Gwen começou a tagarelar sobre o tipo de chapéu que poderia fazer para Toby usar com o vestido.

— Tem de ser de aba virada, com plumas.

Cléo tateou a textura da lã grossa da saia de Toby e perguntou:

— Quando eu crescer posso usar as suas roupas?

— Mandarei um lindo vestido desta mesma lã, assim que voltar a Nova York — Toby prometeu.

Ruth Simpson afagou os cabelos de Cléo e garantiu:

— Vai ficar tão elegante quanto Toby.

— Quando eu usar meu vestido novo pode prender meus cabelos como fez no domingo passado, Ruth? — a menina pediu.

Observando Cléo e Ruth, Toby percebeu que as duas tinham desenvolvido uma grande amizade. Seu pai encontrara uma boa mulher para lhe fazer companhia. E Ruth havia dado a Cléo o que Toby jamais conseguira: a atenção de mãe. Por mais que se esforçasse, Toby nunca deixara de ser a irmã mais velha, e ela se perguntou se as coisas



havam sido assim por que não podiam ser diferentes, ou por que ela não soubera fazer melhor.

— Já que ninguém nos apresentou — Ruth falou, estendendo a mão —, farei eu mesma as honras. Sou Ruth Simpson, e já sei que você é Toby. Ouvi histórias incríveis a seu respeito e, um dia desses, precisamos sentar e comparar anotações. Desconfio que os narradores exageraram um pouquinho.

Charlie entrou na conversa:

— Nem tanto. Vai descobrir que nem lhe contamos tudo!

— Não acredito — disse Ruth, sorrindo para Toby. — Esta senhorita sofisticada não tem jeito de quem serve sanduíches de papel para os irmãos.

Toby cobriu o rosto com as mãos.

— É verdade! — admitiu.

— Era primeiro de abril, dia dos bobos — Robert explicou. — Ela se levantou mais cedo para preparar os pratos.

Mo deu sua contribuição:

— Fiquei mordendo o sanduíche até ficar com a boca cheia de papel.

— Sempre foi tão inventiva? — Ruth perguntou.

— Sempre — Robert respondeu pela filha.

Observando a família toda reunida, Toby sentiu vontade de chorar. Tinha sentido muita falta de todos e estava feliz por constatar que estavam indo tão bem: crescendo, se apaixonando, constituindo família e caminhando em direção ao futuro. Durante os dias em que estivera doente, ela havia questionado, várias vezes, sua decisão de deixá-los.

— O jantar está servido - Mary anunciou.

— Vou ajudá-la — Toby ofereceu-se e começou a se dirigir para a cozinha.

— Nada disso — Ruth impediu-a. — Você é a convidada de honra. Deixe que eu ajude Mary.

Durante o jantar, Toby desejou que Michael estivesse a seu lado. Ele teria gostado da mesa repleta de pratos suculentos, da alegria que enchia a cozinha, e da maneira como todos se inclinavam, uns sobre os outros, a fim de contar histórias intermináveis.

Depois do jantar, foram todos para a sala, mas Robert puxou Toby de lado.

— Como vai a minha pequena Rosamunda?

— Muito bem, papai. Precisa vê-la no palco. Vá à Nova York e reservarei poltronas na primeira fila. Vai ficar orgulhoso.

— Que bom que falou nisso — Robert falou, cocando o queixo. — Ruth e eu estamos mesmo pensando em fazer uma pequena viagem.

— De lua-de-mel? — Toby sussurrou.

— Tem alguma objeção?

Toby nunca ouvira o pai falar com nervosismo, mas desta vez ele lhe deu essa impressão.

— Não, papai. Ruth me parece uma mulher maravilhosa. Estou muito feliz por vocês.

— Está mesmo? — Ele a fitou nos olhos. — Sua aprovação não me pareceu muito animada.

— Desculpe papai. Estou apenas exausta da viagem.

— Então, descanse. Conversaremos mais tarde.

Toby não teve outra oportunidade de conversar com o pai pelo resto da noite. Enquanto se inteirava da vida de cada um, tocava algumas canções ao piano e saboreava

a deliciosa torta de nozes que Mary preparara, as horas passaram sem que ela o percebesse. Quando se retirou para seu antigo quarto, agora domínio de Gwen, descobriu estar mais cansada do que imaginara. Sentiu-se grata pela chance de deixar seus questionamentos para o dia seguinte.

Entretanto, dois dias se passaram antes que Toby conseguisse se fechar com o pai em seu estúdio. O homem que antes vivia trancado em casa, com um livro diante dos olhos, agora passava o dia andando pela cidade, ajudando os fiéis de sua igreja.

— Papai, tem alguns minutos? — ela perguntou receosa de que a agenda dele pudesse estar cheia demais para que ela pudesse expor-lhe suas dúvidas.

— É importante?

— Sim.

— Nesse caso — ele disse, sentando atrás da mesa —, o orçamento da igreja pode esperar.

— Obrigada, papai. — Toby sentou-se na cadeira de balanço em frente à mesa, a mesma cadeira onde Irina costumava embalar Gwen. — Nunca compreendi por que você manteve a cadeira de mamãe aqui, quando destoa de toda a mobília por ser muito feminina — ela falou, tocando os entalhes delicados do braço da cadeira.

— Gosto de tê-la aí. Faz-me sentir como se ela estivesse por perto — ele explicou com ternura. — Durante anos fingi que Irina se sentava exatamente onde você está agora, e eu lia meus sermões em voz alta, como fazia quando nos casamos.

A imagem dos pais, jovens, partilhando suas vidas, dando apoio e incentivo um ao outro era tocante. Ruth havia, miraculosamente, preenchido o vazio na vida de Robert, e ele merecia toda a felicidade que ela pudesse lhe dar. Toby se arrependeu de ter falado na mãe, pois isso trouxera de volta a antiga tristeza aos olhos do pai. E censurou-se por ter considerado a ideia de sobrecarregar o pai com seus problemas. Afinal, era uma mulher e deveria saber lidar com suas questões. Mas suas dúvidas eram tantas que não sabia por onde começar. Quem sabe, se passasse algum tempo junto à família, as respostas viriam.

Obrigada, papai. Eu só precisava saber se você está mesmo tão feliz quanto parece. Acho que também precisava me certificar de que não se esqueceu de mamãe.

— Você se preocupa demais, minha filha. Sorria mais, abrace a vida, pois ela passa depressa.

Toby riu quando o pai a enxotou do estúdio. Era bom estar em casa, embora também fosse perturbador. Ela era uma hóspede ali, não pertencia mais àquele lar.

No dia seguinte, Toby decidiu resolver uma questão que a estava deixando louca. A solução era tão simples que Toby não compreendeu por que não havia pensado nisso antes. O Dr. Harris, o médico que assistira sua mãe em todos os seus partos, poderia lhe dar uma explicação exata dos motivos que levaram Irina à morte. Ela estivera lendo todos os livros que pudera encontrar a respeito do assunto, mas não conseguia juntar as informações de maneira a chegar à causa da morte de sua mãe. Seria alguma coisa que Rosie, Gwen e Cléo deveriam saber para ter cuidado? Tinha a obrigação de contar a verdade às irmãs, se fosse o caso.

— Mary - Toby chamou a cunhada —, dei uma forte pancada no joelho, antes de sair de Nova York, e voltou a doer esta manhã. Sabe se o doutor Harris ainda atende pacientes?

— Atende, sim. Ele se mudou para o outro lado da cidade, mas Robert tem o endereço.

Vou perguntar a ele.

Toby duvidou que seu pai acreditasse em sua história sobre o joelho machucado com a mesma facilidade que Mary a aceitara. Assim, tentou sair de casa depressa, mas não tinha chegado na metade do corredor quando Robert apareceu.

— Espere um instante, menina - ele chamou da porta do escritório.

— Sim, papai.

Ele fez um sinal para que ela fosse até onde ele estava.

— Não acredito que tenha qualquer problema no joelho. Portanto, é melhor entrar aqui agora e contar o verdadeiro problema — ele ordenou.

Robert não era um pai autoritário. Pelo menos, não costumava ser no passado. Assim, Toby viu-se sem alternativa, senão obedecê-lo.

— A experiência no teatro não melhorou em nada a sua atuação nas mentiras. Não ouvi você se queixar do joelho desde que chegou em casa. Que conversa é essa de visitar o Dr. Harris?

— Nada, papai. Apenas não tenho me sentido muito bem.

— Está se esquecendo, Toby, que eu sei quando um filho meu está doente. Sei que estive de cama em Nova York, mas está me parecendo bastante saudável, exceto pelo fato de passar o dia pelos cantos, com cara de cão sem dono. Suas cartas sempre estiveram cheias de Michael isso, Michael aquilo. Entretanto, não a ouvi mencionar Michael desde que pôs os pés nesta casa.

Inconscientemente, Robert estava lhe dando abertura para colocar os dois assuntos que mais a incomodavam.

— Eu estava esperando o momento certo para contar-lhe que Michael me pediu em casamento.

Robert sacudiu a cabeça, tentando afastar a confusão.

— Então, por que está tão deprimida? Você não o ama?

— Claro que o amo! — Toby confirmou contente que o pai aprovasse o relacionamento. — Michael é o homem mais maravilhoso do mundo, depois de você. — Beijou o pai no rosto, tentando distraí-lo da próxima notícia que tinha para lhe dar. — Ele me deu um teatro de revista. — Cruzou os dedos e cerrou os olhos, esperando pela explosão do pai.

— Desculpe, Toby. Acho que não ouvi bem o que disse. Pareceu "Michael me deu um teatro de revista".

— Os documentos estão em meu nome mas, na verdade, tenho dois sócios: um casal maravilhoso, Caleb e Chantelle MacRae.

Toby viu o pai consultar o relógio de bolso e então chamar a nora:

— Mary, por favor. Vá até a casa de Ruth e peça-lhe para cancelar meus compromissos para esta tarde. Diga-lhe que tenho assuntos importantes a discutir com Toby.

Mary olhou para Toby e ergueu as sobrancelhas numa interrogação, mas Toby apenas deu de ombros, como se não soubesse do que se tratava. Assim que Mary saiu, Robert dirigiu-se a Toby.

— Sugiro que me conte a história do começo, e não pense que qualquer detalhe seja tão banal que eu não esteja interessado em ouvir. Quero saber a história inteira.

Toby ajeitou-se confortavelmente na cadeira e tentou, exceto por detalhes íntimos que não vinham ao caso, manter seu relato o mais próximo possível da verdade. Quando

terminou, Robert perguntou-lhe:

— E acha que é uma carreira apropriada? Ser dona de um teatro de revista?

— Sim, papai, acho. Michael aprova, e a mãe dele também. As pessoas em Nova York pensam de maneira diferente das daqui.

— Bem, precisarei de algum tempo para digerir tudo isso — Robert admitiu. — E onde está Michael, afinal? Ele, agora, deveria estar parado na minha frente, torcendo a aba do chapéu e tentando me convencer que é o marido ideal para a minha filha!

— Acontece que eu ainda não aceitei a proposta. Além do mais, não acha isso um pouco antiquado?

— Pode ser, mas é minha prerrogativa — ele insistiu. — Mande-lhe um telegrama, convidando-o para vir a Saint Louis. Diga-lhe para trazer Paul e Suzanne, também. Se vou ser avô, tenho o direito de conhecer meus netos.

— É tão teimoso quanto Michael. E se eu decidir não me casar com ele? Se quiser ficar solteira pelo resto da vida? Posso muito bem resolver ficar sozinha, cuidando do teatro, sem ter de me dedicar a uma casa e filhos.

— É mesmo? Se acredita no que está dizendo, então está mentindo para si mesma. Mande o telegrama, e deixe Michael vir até aqui.

Robert levantou-se, caminhou até Toby e afagou-lhe os cabelos.

— Se tiver mais alguma coisa que gostaria de conversar, estarei sempre aqui.

Toby ergueu-se e abraçou-o.

— Gostaria que mamãe estivesse viva — murmurou. — Tenho tantas dúvidas.

Robert afastou-se, embora continuasse a segurar a filha pelos ombros.

— Sei que não posso substituir sua mãe, mas acho que posso responder suas perguntas da maneira que ela o faria.

Toby inspirou profundamente e, então, perguntou:

— Acha que mamãe teria feito as mesmas escolhas, se soubesse que sua vida terminaria tão cedo?

— O que quer dizer? Qual a relação entre as escolhas de Irina e sua morte precoce?

Ela havia esperado tanto tempo para formular esta pergunta que as palavras saíram de sua boca, antes que Toby soubesse que as tinha pronunciado.

— Acha que ela teria todos os filhos que teve?

— Claro! Sua mãe amava cada um de vocês, sem restrições.

— Mas... mas... — Toby não conseguiu pronunciar a questão final. Tinha certeza de que seu pai a entenderia como uma acusação.

O pai segurou-lhe o queixo, forçando-a a encará-lo.

— Peço desculpas por muitas coisas. Se Irina estivesse aqui, se desculparia também. A morte dela forçou você a tornar-se adulta muito depressa, e eu me tornei exageradamente dependente de você.

— Ah papai — Toby baixou os olhos —, seria mais fácil se me dissesse o que fazer.

— Tenha coragem para obedecer seu coração. A felicidade tem um preço sempre muito alto, Toby.

## CAPITULO XVIII

Michael amassou o telegrama de Toby e jogou-o no cesto de lixo. Não conseguia ler nada na curta mensagem, além do óbvio. Ele, Paul e Suzanne haviam sido convidados para uma visita. Ou estaria sendo chamado por alguma outra razão?

O diário de Toby estava fechado, embora continuasse sobre a mesa, no mesmo lugar onde Michael havia passado a maior parte da noite lendo seu conteúdo. Quando a empregada trouxe os pertences que Toby havia deixado para trás, chamou-lhe a atenção para o caderninho de capa vermelha.

— Estava debaixo da cama. Sei que é da Srta. Toby porque ela tinha vários desses. Deve escrever todos os dias para preencher tantos.

Ele não invadiu a privacidade de Toby, até receber o telegrama. Embora as três linhas frias e impessoais não dissessem nada, ao mesmo tempo gritavam que havia muito mais naquele convite do que ela se atrevera a dizer. Bem, ele não viajaria até o Missouri sem ter ao menos uma ideia do que o esperava. Entretanto, Michael jamais poderia imaginar a seriedade das dúvidas e do verdadeiro pavor de Toby em casar-se, se não tivesse lido suas confissões secretas.

Agora podia compreender os motivos de Toby adiar tanto a decisão sobre o casamento. Se era verdade que sua mãe havia morrido por complicações no parto, e esta deficiência podia ser hereditária, ela tinha toda razão para ter medo.

Relendo parte das anotações, ele se deu conta de que havia sido egoísta e insensível. Estivera todo o tempo preocupado com o próprio passado, esquecendo-se de que Toby também tinha uma história. Mas tinha certeza de que não era tarde demais para corrigir seu erro. Ou, ao menos, era nisso que queria acreditar.

— Amo você, Toby Wells — disse em voz alta, deslizando a mão sobre as páginas do diário.

Toby possuía grande senso de justiça e capacidade de perdoar, e Michael estava contando com estas qualidades para se redimir. Se seu plano desse certo, e se ela o amasse tanto quanto ele a amava voltaria para Nova York com sua noiva.

Fechou o diário e fez uma lista das providências a tomar antes de partir. A primeira coisa a fazer era responder ao telegrama de Toby. Então, cuidaria do resto.

Escreveu a mensagem a tinta: "Também te amo. Preciso um ou dois dias negócios. Suzanne e Paul possivelmente irão. Michael."

Toby apertou o telegrama entre os dedos, desejando que fosse Michael que estivesse segurando. Pelo menos, poderia manter-se ocupada até sua chegada, liberando Mary dos afazeres domésticos para que ela e Alex pudessem sair à procura de uma casa. Havia economizado o bastante para a compra de um cantinho só seu, e queriam instalar-se antes do nascimento do bebê.

Na medida em que assumiu as responsabilidades sempre, sentiu-se mais tranquila. Ser a filha devotada, a irmã compreensiva e a mãe dedicada era muito mais fácil do que lidar com a vida que estabelecera em Nova York.

Entregou-se de corpo e alma às tarefas que desempenhara durante toda a sua vida, e

a recompensa não tardou a chegar com o reconhecimento de cada um dos familiares, que haviam sentido sua falta e saudades de tudo o que fazia para eles. E Nova York foi se tornando uma lembrança apagada, se comparada ao quadro colorido que Saint Louis representava para ela agora.

Na noite anterior à chegada de Michael, Toby puxou o assunto à mesa do jantar.

— Papai, você se importaria se eu não voltasse à Nova York? Acho que prefiro ficar aqui.

Seu pai abandonara o hábito de ler durante as refeições, e se transformara em um participante ativo na conversa que não parava nunca. Entretanto, o falatório morreu em silêncio mortal quando Toby anunciou seu pedido.

— Sempre terá seu lugar em minha casa, Toby — Robert respondeu —, assim como todos os meus filhos.

— Mas por quê? — Charlie inquiriu. — Vai abandonar o trabalho no teatro, do qual tanto se orgulha, para voltar a Saint Louis?

— Bem colocado — Robert concordou.

— Quer dizer que terei de dividir o quarto com Gwen, de novo? — Cléo perguntou num gemido cheio de agonia.

— Eu falei — Mo sussurrou. — Falei para você que Toby tinha vindo para ficar.

As perguntas e comentários eram atirados contra ela com tamanha rapidez, que ela não podia responder a nenhum.

— Seria ótimo se falassem um de cada vez.

— Quem vai falar é seu pai, depois do jantar, em seu estúdio — Robert anunciou, pondo um fim na conversa.

Quando pensara no assunto pela primeira vez, Toby encarara a possibilidade de ficar em Saint Louis, apenas como uma entre tantas outras. Mas, na medida em que refletiu mais e mais sobre suas dúvidas, chegou à conclusão de que seria a decisão mais acertada. Michael queria que ela se casasse com ele e cuidasse de uma família, quando ela já tinha uma família que precisava de seus cuidados. E, ao mesmo tempo que tinha plena consciência dos defeitos e particularidades dos Wells, os Sedaine ainda podiam trazer muitas surpresas e obstáculos inesperados. Ela seria capaz de enfrentar e resolver essas questões? Talvez. Estava disposta a tentar? Não.

— Meninos — Robert se dirigiu a Cléo e Mo —, tirem a mesa para Toby e Mary, enquanto resolvo alguns assuntos. — Pegou Toby pela mão e levou-a para o estúdio.

Depois de entrar e fechar a porta atrás de si, ele se virou para Toby.

— Pode me explicar que tipo de absurdos andou metendo nesta sua cabecinha?

— Papai, não precisa falar comigo desse jeito! — ela protestou.

— Por que não? Você age como Cléo, com a diferença que ela tem o direito de ser infantil, uma vez que só tem dez anos. Primeiro, muda-se para Nova York a fim de se tornar uma compositora famosa. Em seguida, sobe num palco para cantar, e eu recebo cartas dizendo o quanto você está feliz com sua nova carreira. Poucas semanas depois, é a dona do teatro, mas não se apresenta mais no show. Ah, mas minha filha está apaixonada e vai se casar com Michael Sedaine. Não devo ficar contente por ela? Então, ela joga tudo para o alto, e volta para Saint Louis, onde tudo começou, onde eu lhe disse que deveria ficar desde o início. Percebe que *sua* vida não faz o menor sentido, minha filha?

— Nunca falou assim comigo, antes. O que há com você?



— Talvez você nunca tenha me dado motivo para falar assim, ou então, devo ter me descuidado dos deveres de pai, deixando que você fizesse as suas confusões, sem interferir.

— Papai — Toby procurou defender-se, magoada pela insinuação do pai —, sempre fui a filha perfeita, e fiz tudo o que você queria!

Viu Robert cruzar as mãos, girando os polegares, e reconheceu a postura de sermão.

— Dedicada? Sim. Carinhosa? Também. Responsável, até agora? Sem dúvida. Mas, perfeita, não. Ninguém é perfeito, Toby.

— Então, por que não me diz o que fazer? Robert pousou as mãos nos ombros da filha.

— Deve parar de tratar sua vida como se fosse uma loja de roupas. Você prova um vestido atrás do outro, e vai jogando cada um de lado, como se tivesse sujado ou rasgado. Um tecido pode ser lavado ou remendado, mas a vida exige cuidados maiores. Às vezes, precisamos mesmo suportá-la, em seus momentos mais difíceis. Nunca podemos deixá-la de lado, ao acaso. Se tiver cuidado, Toby vai acabar com um guarda-roupa vazio.

— Será que não compreende que não consigo tomar uma decisão? — Ela estava à beira das lágrimas. — Amo Michael e quero me casar com ele, mas tenho medo!

— Medo de quê?

Toby sabia exatamente quais eram seus medos, mas não encontrava palavras para expressá-los.

— Não sei.

— Não sabe ou não quer admitir? De um modo ou de outro, esconder-se em Saint Louis não trará qualquer esclarecimento para as suas dúvidas. Passei dez anos me escondendo do mundo e precisei que minha filha mais velha fosse embora de casa para perceber que estava errado.

— Talvez, o joguinho de esconde-esconde seja uma tradição de família.

— Espero que não. Peço que reflita sobre as decisões que pretende tomar. Não quero que viva em minha casa só porque é mais seguro e não lhe oferece desafios. Não viemos ao mundo para trilhar o caminho mais fácil. E é pecado desperdiçar nossas vidas. O maior de todos os pecados.

— Será que amar um homem é sempre assim tão complicado? — ela perguntou, como uma criança que expõe as dúvidas mais elementares.

— Tanto quanto amar uma linda mulher — Robert respondeu e deixou o estúdio.

— Toby, você tem visitas! — Mary avisou da varanda, onde estava regando as plantas.

Toby correu da cozinha, enxugando as mãos no avental. Teve vontade de atirar-se nos braços de Michael, mas não o fez.

— Senti saudades — murmurou e deu-lhe um abraço rápido. Entretanto, ao ver Suzanne, ergueu-a do chão, cumprimentando-a com entusiasmo. — Como foi a viagem? Longa e aborrecida?

— Fiquei acordada até bem depois de minha hora de ir dormir, e vi as luzes indo embora, sem parar. Quando crescer, quero dirigir um trem — Suzanne anunciou.

— Meninas não dirigem trens. Só meninos podem fazer isso — Paul objetou.

— Se ela for a dona da estrada de ferro, poderá fazer o que quiser — Toby esclareceu. — E como vai você? — dirigiu-se a Paul. Michael olhou feio para o filho, e o menino se redimiou pela falta de educação.

— Olá, Toby. Obrigado pelo convite. Vovó mandou este presente para você — informou, estendendo-lhe uma caixa cuidadosamente embrulhada.

— Obrigada, Paul. Fico contente que tenha mudado de ideia e tenha vindo com seu pai.

— Vovó o obrigou — Suzanne delatou. — Ele até chorou depois de levar umas palmadas.

Examinando a expressão no rosto de Michael, Toby pôde perceber que Suzanne dizia a verdade.

— Cléo e Mo não demoram a voltar da escola. Enquanto isso, o que acham de um sanduíche e um pedaço de torta? — Toby sugeriu, empurrando-os para a cozinha.

— Quanto tempo poderá ficar? — perguntou a Michael, assim que ficaram sozinhos.

— Apenas uns poucos dias. Paul e Suzanne não podem perder muitas aulas, e eu preciso parar de deixar os negócios nas mãos de Reginald, antes que ele reclame o direito de propriedade da Musical Sedaine.

— Então, aproveitaremos o tempo da melhor maneira possível.

Michael não sabia o que dizer. Toby soava vaga e distante. As suspeitas sobre os verdadeiros motivos para o convite não explicado pareciam mais consistentes a cada minuto que passava. Michael não fora chamado para uma visita social, mas para ouvir a recusa a seu pedido.

— O que está se passando? — ele perguntou ansioso demais para esperar o que Toby considerasse o momento adequado para conversarem. — Estou me sentindo como um homem doente, à espera de que o médico anuncie quanto tempo ainda tenho de vida.

— Não é nada disso — Toby respondeu com um sorriso radiante. — Vamos nos divertir bastante.

— Assim espero — Michael falou, embora estivesse preocupado. Toby tinha algo em mente, e ele não estava gostando do fato de ela tentar fingir que tudo era um mar de rosas.

Quando o resto da família chegou, Toby apresentou-os a Paul e Suzanne. Logo, Cléo ensinava Suzanne a segurar um coelho, e Mo levava Paul para a privacidade de sua casa na árvore. Sentada à mesa da cozinha, tomando uma xícara de café, Toby assistia às crianças brincarem no quintal. Paul e Suzanne, excessivamente agasalhados contra o frio do inverno hesitavam diante do que Cléo e Mo entendiam como parte integrante de suas vidas. Considerou que não quisera ver o que havia estado bem debaixo de seu nariz, durante toda a sua vida. Perguntou-se se, dali a algumas semanas, sentiria falta de Nova York, da vida agitada e corrida, dos aplausos da platéia.

— Olhe só para Paul, Michael — ela chamou. — Ele está rindo a valer, e sua camisa está toda suja. Deixe-o aqui por um mês e garanto que desistirá de uma vez dos soldadinhos de guerra.

Michael foi até a janela e observou o filho rolar no chão, enquanto brincava com o cachorro.

— Ele gosta mesmo de animais, mas não vejo nada de errado com o hobby de Paul.

— Hobby ou obsessão?

— Será que vim até aqui para discutir com você sobre os soldadinhos de chumbo de Paul? Está parecendo minha mãe!

Toby sacudiu a cabeça e mudou de assunto:

— Como vai o Pantheon? Caleb e Chantelle continuam mantendo a casa cheia?

— Segundo me consta, vai tudo muito bem. Não tenho mais motivos para me interessar pelo movimento diário.

— Eles têm competência bastante para fazer o teatro prosperar indefinidamente. Só precisavam do meu nome como fachada.

— O que quer dizer com isso?

— Apenas o que disse. Venha. Ouvi papai chegando, e ele está louco para vê-lo. — Toby puxou Michael da cadeira. — Ele não acredita em mim quando digo que Rosie não está causando problemas em Nova York.

O resto do dia constituiu-se de uma série de conversas fragmentadas, apresentações e confusão, impossibilitando Michael de raciocinar sobre o que estava por vir. Depois do jantar, Cléo e Mo insistiram em jogar quadro vivo e, quando Michael pensou que poderia chamar Toby de lado para esclarecer algumas questões, já era hora de levar Paul e Suzanne para o hotel.

— Vejo você pela manhã? — ele perguntou, apertando-lhe a mão.

— Venham tomar o café da manhã conosco — Toby convidou e deu-lhe um leve beijo no rosto.

— Minha filha me beija com mais paixão que você — Michael protestou.

— Boa noite, Michael.

Michael tinha certeza de que havia algo de errado. Toby costumava ser a mulher mais carinhosa que já conhecera e, no entanto, ela o estava tratando como se fosse um leproso. Ele não poderia tecer a menor crítica a suas atitudes ou palavras, uma vez que ela agira com delicadeza e hospitalidade, mas tudo o que dissera ao longo do dia carecia de emoção. No dia seguinte, prometeu-se, daria um jeito de ficar a sós com ela e lhe arrancaria a verdade, nem que tivesse de forçá-la.

Toby embrulhava o almoço dos gêmeos, quando Michael bateu na porta, trazendo Paul e Suzanne.

— Pensei que vocês dormiriam até mais tarde esta manhã — ela falou e bateu a porta contra o vento frio.

— Ah, não. Vamos ajudar a Sra. Simpson a pegar um cachorrinho na fazenda da amiga dela. O cachorro dela morreu, e ela está muito sozinha.

Embora Michael exibisse um sorriso inocente, Toby tinha certeza de que ele tivera grande participação nos arranjos.

— Ora, Michael, deve ter se levantado muito cedo para já ter planejado um dia tão ocupado — ela comentou com um sorriso.

— Não vou com Paul e Suzanne. Você e eu precisamos ter uma reunião para tratar de negócios, e deveremos ficar ocupados o dia todo.

— Ah, eu não sabia. Onde será a reunião?

— No escritório de um advogado. Tenho de assinar um contrato e gostaria de sua opinião sobre algumas cláusulas.

— E o rei do Sião virá para o jantar? — ela zombou.

— Verdade? — Suzanne perguntou de olhos arregalados.

— Não — Paul respondeu, sacudindo a cabeça, impaciente pela ingenuidade da irmã. — Acredita em tudo o que as pessoas dizem?

— Claro — Suzanne falou com naturalidade e encaminhou-se para a cozinha, como se tivesse vivido naquela casa desde que havia nascido.

Toby não teve tempo de especular sobre os planos de Michael, pois os gêmeos

puseram-se a protestar por terem de ir para a escola, enquanto Paul e Suzanne tinham aventuras tentadoras planejadas para o dia. Enquanto discutia com Mo, ela serviu os três Sedaine.

— Um dia desses, vocês podem nos fazer uma visita em Nova York. Então, iremos à Estátua da Liberdade, enquanto Paul e Suzanne estiverem na escola — Michael sugeriu.

— Promete? — Mo perguntou.

— Prometo.

— Não escolheremos o nome do cachorrinho, enquanto vocês não voltarem — Suzanne garantiu.

— Garotas são tão bobas — Mo resmungou, e saiu batendo a porta.

— Prefiro ser boba a cheirar mal — Cléo gritou e correu para acompanhar o irmão.

Michael e Toby riram dos insultos trocados pelos gêmeos, até Paul perguntar com ar preocupado:

— Michael, o que faremos se meus sapatos ficarem sujos de lama na fazenda?

— Lavaremos em água limpa — Michael respondeu distraído.

— Mas, assim, podemos estragar o couro.

— Não se preocupe, filho. Se estragarmos seus sapatos, compraremos um novo par.

Nesse meio tempo, Suzanne dividia sua comida com o gato de Gwen, dando uma colherada para o bichano e uma para si, preocupada com uma divisão justa.

Reprimindo o riso, Toby sugeriu:

— Por que não dá seu prato ao Tigre? Posso preparar outro para você.

— Está bem. Ele parece morto de fome!

Quando Toby acabava de lavar a louça, com Michael ajudando a secá-la, Ruth chegou para pegar Paul e Suzanne.

— Tenham um bom dia no escritório do advogado — Ruth falou como se contasse a mais engraçada das piadas. — Tenham muito cuidado com o que assinarem.

— Lerei com cuidado, mas Michael é um bom empresário — Toby assegurou, embora olhasse com o canto do olho para Michael.

— Bem — Ruth continuou, depois de dar um beijo no rosto de Toby —, estou contando com você para representar o nome dos Wells da melhor maneira.

— Do que está falando? — Toby perguntou desconfiada.

— Pergunte ao Michael. *É ele* o dono das respostas. — Virando-se para Michael, Ruth acrescentou: — Boa sorte, filho.

No instante em que a porta se fechou, Toby dirigiu-se a Michael:

— Muito bem, Sr. Sedaine, exijo uma explicação.

— Pegue seu chapéu e o casaco. Por enquanto, isso é tudo o que posso dizer.

— Não porei os pés fora desta casa se não me explicar o que está acontecendo!

— Está muito frio lá fora, mas você vai sair comigo, mesmo que eu tenha de carregá-la no ombro.

— Agradeço a consideração de me dar uma alternativa.

— Muito inteligente de sua parte perceber que não tem nenhuma. Toby tirou o avental e foi até o quarto, onde vestiu o casaco e o novo chapéu que Gwen lhe dera de presente.

— Está linda — Michael elogiou quando ela desceu a escada. — Não vamos perder mais tempo. Temos muito o que fazer em um dia.

— Quando foi que planejou tudo isso?

— Ontem à noite. Sé não chegarmos a tempo para o jantar, Ruth estará aqui para

ajudar Mary.

Michael segurou-a pela mão e puxou-a para fora. Uma carruagem alugada estava estacionada diante do portão, esperando pelos dois. As suspeitas de Toby cresceram, mas não houve meios de fazer Michael falar qualquer coisa a respeito do que iam fazer. Ele se limitou a comentar a paisagem durante todo o trajeto.

— O que estamos fazendo aqui? — Toby perguntou, quando a carruagem parou em frente à estação de trem.

— Preciso cuidar de alguns negócios.

— Então, prefiro esperar aqui.

— Mas, *eu* prefiro que me acompanhe — Michael falou com suavidade, ao passo que lhe segurava o braço com força.

— Nada disso faz o menor sentido!

Estavam no meio da plataforma, caminhando em direção a uma locomotiva que soltava rolos de fumaça, quando Toby teve uma ideia do que poderia estar acontecendo.

Sem pronunciar palavra, ela tirou a mão de Michael e virou-se para correr, — Nem pense nisso — Michael advertiu, tomando-a nos braços.

— Ponha-me no chão imediatamente, Michael Sedaine.

— Não.

— Se não o fizer, vou começar a gritar e dizer às pessoas que um criminoso perigoso está me raptando!

— E eu direi que minha esposa não recuperou o equilíbrio mental desde o acidente e que estou levando-a para Nova York, para tratamento.

— Não seria capaz...

— Ah, seria, sim!

— Mas, e Paul e Suzanne? — ela perguntou aflita, contorcendo-se sem parar.

— Ruth os levará para casa dentro de poucos dias.

— Não tenho minhas roupas.

— Seu pai despachou nossas malas esta manhã, assim que Gwen acabou de fazer a sua.

Toby ficou estarrecida com a conspiração dos familiares. De súbito, parou de lutar.

— Por que está fazendo isso?

— Entre no trem sem escândalo. Quando estivermos lá dentro, explicarei tudo com detalhes.

Michael abriu a porta do último vagão e Toby entrou no vagão Pullman mais estranho que já vira. Em vez de fileiras de poltronas, o lugar estava mobiliado com sofás, poltronas de veludo, uma grande mesa de jantar, com um belo vaso de flores no centro e, além da primeira porta, uma enorme cama de casal dominava um perfeito quarto de dormir.

— Como conseguiu... — Toby não pôde terminar a pergunta. Entrou no quarto e viu sua camisola estendida na cama, bem como seus objetos de uso pessoal cuidadosamente dispostos sobre o aparador. — Michael! Isto deve ter custado uma fortuna!

— Quase, mas foi um preço justo para ficar a sós com você.

— Para onde vamos?

— Para casa.

Com delicadeza, ele desabotoou-lhe o casaco, tirou-o e jogou-o sobre uma poltrona.

— Foi a única maneira que encontrei de ter você para mim, sem correr o risco de que

fugisse nem estar sujeito a interrupções. Temos a viagem inteira para planejarmos o futuro.

Toby estava mais que confusa.

— Não acredito que meu pai tenha concordado com isto.

— Expliquei-lhe meus motivos ontem à noite, na casa de Ruth, depois que deixei Paul e Suzanne dormindo no hotel.

— Foi por isso que ele demorou tanto para voltar para casa...

— Exato — Michael confirmou e serviu duas taças de champanhe, estendendo uma para Toby. — Beba um pouco.

Ela apanhou a taça e bebeu de uma vez.

— Posso, afinal, receber uma explicação? — perguntou.

Michael sentou-se em frente a ela e começou a falar:

— Já faz algum tempo que tomei consciência de que você me ama, e que não tenho mais dúvidas de que amo você. Sei que vou te amar até o fim de minha vida.

— Mas existem problemas que você desconhece. Riscos que não pode compreender.

— Como o seu receio de nunca vir a amar Paul da maneira que acha que deveria? Como o seu pavor em ter um bebê?

Toby emudeceu. Jamais falara a ninguém sobre aquelas coisas e, no entanto, Michael sabia. Como era possível?

— Li o seu diário — Michael admitiu. — Você o esqueceu quando deixou Nova York.

Levantando-se de um pulo, Toby correu para porta.

— Diga ao condutor para parar o trem. Quero sair daqui. Michael também se levantou e segurou-a em seus braços.

— Ouça. Não fiz isso para bisbilhotar. A empregada o encontrou debaixo da cama e me entregou.

— Não precisava ter lido.

— Precisava, sim. Eu teria desrespeitado todas as leis para descobrir o motivo pelo qual você não queria se casar comigo. Se tivesse sido honesta e me contado, poderíamos conversar a respeito, mas limitou-se a me dar desculpas esfarrapadas! Você me subestimou.

— Você é um verme desprezível! Se me amasse de verdade, teria respeitado minha intimidade!

Ignorando os insultos, Michael deu-lhe um beijo.

— Se eu a puser no chão vai me ouvir? — perguntou num sussurro.

— Ouvir o quê? Desculpas para a sua falta de consideração? Toby surpreendeu-se com a prontidão com que Michael a colocou no chão.

— Posso ter os meus defeitos — ele falou irritado —, mas, pelo menos, não escondo meus sentimentos, nem minto. Sempre fui honesto com você, mesmo quando sabia que a verdade poderia magoá-la. Será que não conhece o significado da palavra honestidade?

— Se é assim, por que me ama? Por que não me deixou em Saint Louis, onde eu estava feliz?

— Seu pai fez a mesma pergunta, e não fui capaz de lhe dar uma resposta. Então, isto é amar? Importar-se com uma mulher, mesmo que não se tenha uma explicação lógica para os sentimentos que ela desperta? Acordar de manhã com uma terrível dor de cabeça por ter passado a noite inteira preocupado com ela? Não conseguir dormir, comer ou raciocinar com clareza? — depois de uma pausa, continuou: — Se é esta a perspectiva



para uma vida ao seu lado, então também não sinto qualquer entusiasmo em estar apaixonado por você, Srta. Wells.

## CAPÍTULO XIX

Toby sentou-se no sofá e cruzou os braços em atitude de desafio.

— E quem lhe pediu para me amar? Não quero homem nenhum atrapalhando minha vida.

— Tem de ser a mulher mais irritante do Missouri?

— Creio que já saímos do Missouri. Devemos estar no estado de Illinois.

— Grato pela correção, Srta. Wells. — Michael lutou contra a raiva, para não saltar do trem, ele mesmo. — Toby, você me ama?

— Infelizmente, sim.

— E eu amo você, mas precisa crescer de uma vez por todas. Seu tom de voz era frio e Toby não tinha certeza de ter ouvido direito.

— Crescer?

— Uma palavra simples. Quer que a solete? Quero casar com uma mulher, não com uma menininha, capaz de fugir no primeiro dia que não se parecer com uma festa de Natal. Quero uma mulher que enfrente seus problemas na medida em que surgirem. Eu não quero uma companheira covarde, que se esconda da verdade, porque pode ser dura. Uma esposa assim pode me abandonar, um dia, por não ter coragem de conversar comigo com franqueza.

— Eu jamais faria isso, Michael — Toby assegurou, estendendo-lhe a mão.

Ele se afastou.

— Não faça isso.

Toby estremeceu diante da frieza e da distância impostas por Michael. Sentiu-se magoada pelo retrato feio de si mesma que acabara de ouvi-lo descrever — uma criança amarga e petulante, uma mulher não confiável e, possivelmente, vingativa. Durante os anos em que representara seu papel de mãe substituta, havia se considerado uma heroína generosa e disposta ao auto-sacrifício. No entanto, Michael exigia que fosse real e igual a ele. Teria de acreditar que ele seria capaz de compreender seus temores e, juntos, tentarem encontrar as soluções. Do contrário, jamais poria os olhos em Michael novamente, depois que chegassem a Nova York.

Olhou para ele, e falou em voz baixa.

— Me dá sua palavra que jamais dirá a ninguém o que vou lhe contar?

Michael olhou para o teto e agradeceu:

— Obrigado, meu Deus! Finalmente! — Sentando-se ao lado de Toby, prometeu: — Não direi uma palavra, mas gostaria de lhe fazer uma pergunta. Percebe o quanto é teimosa?

— Como uma mula! — Ela sorriu sem jeito.

— Foi a palavra que seu pai usou para descrever sua mãe.

— Ele falou sobre mamãe? O que disse?

— Que você se parece com ela em tudo, muito mais do que qualquer de seus irmãos.

A raiva contida durante dez anos explodiu.

— Como ele permitiu que ela tivesse tantos filhos? Por que insistir em que ela se sacrificasse por nós?

— Seu diário está cheio de palavras como estas. Foi por isso que procurei seu pai. Conversamos durante a maior parte da noite. Ele nunca soube como você se sentia. Você espera que as pessoas leiam seus pensamentos, Toby, mas não podemos. Somos seres humanos, iguaizinhos a você.

— Minha mãe foi uma mártir. Os filhos foram sua vida e sua morte. Michael afagou-lhe os cabelos e massageou-lhe os ombros, esperando que o conforto físico tornasse o que tinha a dizer menos doloroso.

— Não é o que seu pai diz. Cléo e Mo foram a razão pela qual sua mãe viveu alguns meses além do previsto. Ela lutou contra a morte para dar à luz aos gêmeos.

— Mas eu ouvi o Dr. Harris dizer que ela não deveria ter mais filhos.

— Porque ele achava que ela não teria forças para levar a gravidez até o fim, devido à doença que a consumia.

— Doença? O que mamãe tinha? Papai nunca me falou nada a respeito. — Toby estava furiosa pelos anos de segredo e mal-entendidos.

— Ela tinha um tumor no seio.

— Por que ele não me contou? Michael hesitou antes de responder.

— Sua mãe acreditava que, se negasse a doença, não seria dominada por ela.

— E, por que não falou depois que ela morreu?

— Ele pensou que você soubesse. Você se mostrava tão madura, tão sábia, jamais lhe ocorreu que não tivesse compreendido o que havia acontecido.

— Sempre pensei que mamãe morreu porque estava muito fraca depois de tantos partos — Toby falou entre lágrimas. — E tinha medo que o mesmo pudesse acontecer comigo.

Michael abraçou-a, dando-lhe a oportunidade de chorar todas as lágrimas que ela reprimira durante tantos anos.

— Robert não sabia. A dor dele foi tão grande que ele nem percebeu que outras pessoas sofriam. Se lhe serve de consolo, ele me pediu para dizer-lhe que lamenta estar fazendo você sofrer tanto. Toby lutou contra os soluços.

— E... eu fui... uma es... estúpida!

— Nada disso. Foi uma menina que ouviu pedacinhos de informações e juntou-as da maneira errada.

A revelação foi demais para Toby, esgotando-lhe toda a força e resistência. Ela chorou até não ter mais lágrimas.

— E não quero que se preocupe com Paul — Michael continuou. — Ele desistirá de seus soldados quando estiver pronto para isso, e se sentir mais seguro. Sei que ele a incomoda, mas, acredite, ele pode se transformar em um bom menino.

— Não tenho nada contra ele — Toby explicou. — Apenas receio não poder ajudá-lo. Ele é tão mal-humorado.

— Pode culpá-lo? Paul perdeu a mãe, e o pai praticamente o abandonou. Agora que superei meus obstáculos, tenho certeza de que os problemas de Paul podem ser resolvidos com tempo, paciência e muito amor. Tive uma longa conversa com mamãe a esse respeito, e ela concorda comigo. Paul e Suzanne não só precisam de você. Eles a amam.

— Acha que serei capaz de dar o que precisam?

— Você só precisa passar algumas horas por semana no teatro, e sempre à noite. Contrataremos uma empregada e uma cozinheira. Com a minha ajuda, não será difícil.

Toby fitou-o com intensidade.

— Quer dizer que não terei de abandonar meu trabalho?

— Claro que não. Se fui me apaixonar por uma mulher atrevida, insolente e arrojada, como podia esperar que ela agisse de forma diferente? Gosto de você exatamente como é Toby.

— Acha mesmo que serei uma boa mãe para Paul e Suzanne?

— Eles te amam, Toby. Nenhum dos dois falou uma palavra a respeito do meu plano, hoje, e os dois sabiam de tudo.

— Paul também? Ele estava tão... tão...

— Tão igual ao que sempre é? Você não ficaria desconfiada se ele entrasse correndo na cozinha e se atirasse em seus braços?

— Claro. — Toby riu.

— É tão bom ouvir sua risada de novo. Trata-se de sua melhor composição.

Toby recostou a cabeça no peito de Michael e saboreou o prazer de estar de volta aos braços dele. Como podia ter imaginado que seria capaz de viver sem ele? Fora mesmo uma tola! Qualquer outro homem teria deixado que partisse, desistindo de lutar por seu amor. Michael, entretanto, fora contra seus princípios para descobrir a verdade.

Tentou lembrar o que tinha escrito em seu diário desde que conhecera Michael e, ao recordar as frases, corou até a raiz dos cabelos. Sentiu-se envergonhada e, ao mesmo tempo, tranquilizada. Agora Michael sabia do melhor e do pior, sabia o que a agradava e o que lhe metia medo. Ainda assim, ele a amava o bastante para ir até Saint Louis e arquitetar um plano ousado como aquele.

— Por que mudou de ideia quanto a ter enterrado seu coração com Lillian? — perguntou, com medo da reação dele, mas determinada a saber a verdade.

Michael franziu o cenho.

— Desculpe, mas não estou entendendo a pergunta.

— Ansel diz que ouviu isso de você depois da morte de Lillian.

— Ah — Michael falou, demonstrando compreensão. — Ansel entendeu que eu estava sofrendo por causa da morte da irmã, e que não seria capaz de amar outra mulher. A verdade é que ele não podia admitir que Lillian e eu não nos suportássemos havia muito tempo. Achei que não valeria a pena forçá-lo a encarar a verdade.

— Mas, todas as vezes que falou de Lillian, pensei que ainda estivesse apaixonado por ela.

— Nesse caso, tem uma memória bastante seletiva. Expliquei meus sentimentos, mas você preferiu guardar o que Ansel havia dito em sua cabecinha complicada.

— Prometo que, daqui por diante, ouvirei cada palavra que disser com a máxima atenção. E quero começar ouvindo você dizer que me ama.

— Eu te amo, Olhos de Anjo. Amo cada centímetro de seu corpo lindo, irresistível, ardente...

— Nesse caso, não acha que já perdemos tempo demais? — ela falou com ar atrevido, voltando os olhos para o quarto num gesto sugestivo.

Inspirando profunda e lentamente, como se precisasse conter-se para não estragar a magia do momento com a ansiedade e o desejo reprimidos, Michael tomou-a nos braços e levou-a até a cama.

A camisola, bem como os lençóis, foram esquecidos no chão. Depois da longa espera, tumultuada pelas batalhas interiores de cada um, não precisavam fingir nem criar o clima artificial esperado em uma noite de núpcias. Simplesmente entregaram-se um ao outro, confiantes de que o amor que sentiam os protegeria contra todos os perigos e ameaças.

Ao longo de toda a tarde, Michael e Toby exploraram os limites de seu desejo.

— Mais café? — Toby ofereceu, sorrindo para Michael por sobre a mesa.

Não haviam comido o dia todo e estavam famintos. Michael havia pedido que lhes servissem uma refeição suntuosa no vagão.

— Isto é maravilhoso — Toby falou, olhando em volta. — Somos o único casal que conheço que teve a noite de núpcias antes do casamento.

Michael esperava que ela se sentisse culpada e, assim, havia reservado uma surpresa.

— Seu pai mandou-lhe um presente de casamento adiantado.

Estendeu-lhe uma aliança de ouro, que ela pegou e leu as inscrições:

"ILC & RGW Unidos em 12/01/77"

— Mas é o anel de minha mãe! Como...

— Seu pai me deu o anel, juntamente com sua bênção. Para ele, no momento em que você o puser no dedo, estaremos casados. O dia do casamento será apenas uma questão legal.

— Então, pode fazer o favor? — ela perguntou, estendendo-lhe o anel para que ele o pusesse em seu dedo.

Ficaram ali, fitando-se com ternura e paixão por um longo momento, até Toby quebrar o silêncio.

— Importa-se de comemorar o nosso casamento? — perguntou ao mesmo tempo em que puxava a tira que prendia o robe de Michael.

— É sempre tão insolente Srta. Wells?

— Sou, Sr. Sedaine.

**FIM**